

Leandra Batista Antunes

*O papel da prosódia na expressão
de atitudes do locutor em questões*

*Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor Lingüística.*

Área de Concentração: Lingüística

*Linha de Pesquisa: Organização Sonora da Comunicação
Humana*

Orientador: Prof. Dr. César Reis

Belo Horizonte

Faculdade de Letras / UFMG

Dezembro de 2007



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos

Tese intitulada “*O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões*”, defendida por Leandra Batista Antunes e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. César Reis – FALE/UFMG (Orientador)

Profa. Dra. Sandra Madureira – PUC-SP

Prof. Dr. João Antônio de Moraes – UFRJ

Prof. Dr. José Olímpio de Magalhães – FALE/UFMG

Prof. Dr. Tommaso Raso – FALE/UFMG

Suplentes:

Profa. Dra. Adriana Silvia Marusso – UFOP

Profa. Dra. Bernadette von Atzingen Cardoso - UFMG

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2007.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. César Reis, pela orientação desta tese. E por tantas conversas, sobre prosódia ou não, que muito contribuíram para meu percurso acadêmico. Agradeço ainda pelos 12 anos de convivência e pesquisa no Laboratório de Fonética.

Ao Prof. Dr. Daniel Hirst, que me recebeu na Université de Provence, para um estágio de doutorado, agradeço pelas importantes sugestões e ensinamentos.

Ao convênio CAPES/COFECUB, pela oportunidade do estágio de doutorado realizado em Aix-en-Provence. À CAPES, que permitiu, financeiramente, a realização deste.

A Deus, a quem sempre agradeço pela vida e pela oportunidade de chegar até aqui.

À minha família, pela convivência, carinho e compreensão em todas as horas.

Aos amigos, que compartilharam momentos “tese” e “não-tese”. Em especial ao Léo, por ter dividido comigo tantos momentos. Pela convivência em Aix, não posso deixar de mencionar Jussara e Dora.

Aos amigos/companheiros de pesquisa do Laboratório de Fonética da UFMG, por terem tornado esse local não somente um espaço de pesquisa, mas também espaço de convivência e amizade. Ao Leandro pelas dicas na estatística. À Ceriz pela ajuda com o abstract.

Aos amigos que também são colegas de trabalho, pelas conversas, convivência, e tantas experiências no ir e vir de Belo Horizonte e de Brumadinho.

Aos alunos do Curso de Letras da Faculdade Asa de Brumadinho, que participaram voluntariamente dos testes de percepção desta pesquisa.

A todos os outros que direta ou indiretamente contribuíram para que esta tese pudesse ser finalizada.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir o papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões. Mais especificamente, o papel da prosódia foi estudado nas atitudes *neutra, crítica, dúvida, incredulidade, indução, interesse e provocação*, em questões realizadas em programas de debate e entrevista televisionados por três redes de TV de Belo Horizonte.

No âmbito teórico, foi discutido o papel da prosódia na expressão da modalidade interrogativa e na expressão das atitudes do locutor. Também foi feita a discussão a respeito das questões, principalmente do ponto de vista da Teoria dos Atos de Fala, buscando caracterizar tais atos na interação verbal. Além disso, procurou-se demonstrar como as atitudes do locutor e a prosódia se relacionam às questões.

Para verificar os objetivos, foram gravadas e analisadas aproximadamente novecentas questões de debates e entrevistas televisionados. Através do software Praat[®], medidas de frequência fundamental e duração foram feitas para as questões neutras, críticas, com dúvida, incrédulas, indutivas, com interesse e com provocação. Após tratamento estatístico dos dados, as características prosódicas das questões atitudinais estudadas foram descritas.

Foi possível concluir que a prosódia exerce um papel importante na expressão das atitudes nas questões analisadas. A frequência fundamental e a duração apresentam valores diferentes (muitas vezes significativamente diferentes) nas diversas atitudes estudadas. Apesar de o movimento melódico característico da interrogatividade ter permanecido o mesmo nas questões analisadas, mudanças melódicas locais, em conjunto com medidas de duração, apresentaram-se importantes na caracterização e distinção das atitudes estudadas.

PALAVRAS-CHAVE: atitudes do locutor em questões; prosódia de questões atitudinais; função atitudinal (expressiva) da prosódia.

RÉSUMÉ

Le but de ce travail est de montrer le rôle de la prosodie dans l'expression des attitudes du locuteur dans les questions. Plus spécifiquement, on a étudié le rôle de la prosodie dans les attitudes *neutre*, *critique*, de *doute*, d'*incrédulité*, d'*induction*, d'*intérêt* et de *provocation* dans des questions qu'on a relevés dans des débats ou interviews télévisés sur trois chaînes locales de Belo Horizonte.

Sur le plan théorique, on a discuté le rôle de la prosodie dans l'expression de la modalité interrogative et dans les attitudes du locuteur. On a aussi discuté les questions, notamment dans le cadre de la théorie des Actes de Parole, en cherchant les caractéristiques de ces actes dans l'interaction verbale. Ensuite on a essayé de montrer le rapport existant entre les attitudes du locuteur, la prosodie et les questions.

Afin d'atteindre le but du travail, on a enregistré et analysé 900 questions environ. À travers le logiciel Praat[®], on a mesuré la fréquence fondamentale et la durée des énoncés étudiés avec les attitudes *neutre*, *critique*, de *doute*, d'*incrédulité*, d'*induction*, d'*intérêt* et de *provocation*. Après des calculs statistiques des données, les caractéristiques prosodiques de ces questions attitudinales ont été décrites.

On a pu conclure que la prosodie a un rôle important dans l'expression des attitudes étudiées dans les questions. La fréquence fondamentale et la durée ont présenté, souvent, un comportement différent dans les attitudes analysées. Bien que le mouvement mélodique caractéristique de questions soit le même dans toutes les questions étudiées, quelques changements mélodiques locaux, associés aux mesures de durée, se sont montrés importants dans la caractérisation et distinction des attitudes étudiées.

MOTS-CLÉS: attitudes du locuteur dans les questions; prosodie des questions attitudinales; fonction attitudinale (expressive) de la prosodie.

ABSTRACT

The aim of this thesis is to discuss the prosodic role in expressing speaker attitudes in questions. More specifically, the prosodic role was studied in *neutral*, *critical*, *doubt*, *inductive*, *incredulous*, *interested* and *provocative* attitudes in questions, all of them used in interview and debate TV programs, of three channels of Belo Horizonte.

Theoretically, the prosodic role expressing interrogative modality and speaker attitudes was discussed. The questions were also discussed, mainly according to Speech Acts Theory, to characterize such acts in the verbal interaction. Moreover, it was intended to demonstrate how the speaker attitudes and the prosody are related to the questions.

To verify the prosodic role in expressing speaker attitudes in questions, almost 900 questions were recorded and analyzed. Through Praat[®] software, fundamental frequency and duration measures were made in *neutral*, *critical*, *doubt*, *inductive*, *incredulous*, *interested* and *provocative* questions. After statistical analysis, the prosodic characteristics of attitudinal questions were described.

It was possible to conclude that prosody has an important role in expressing speaker attitudes in questions. Fundamental frequency and duration have different values (sometimes significantly different values) at the diverse speaker attitudes studied here. Despite the same F_0 movement (that characterizes interrogation) was found in all of studied questions, local pitch changes, together with duration measures, were showed important to characterize and discriminate the studied speaker attitudes.

KEY-WORDS: speaker attitudes in questions; attitudinal questions prosody, attitudinal (expressive) prosodic function.

Lista de Ilustrações

Figura 1- Esquema para definição de prosódia	35
Figura 2- Esquema das funções da prosódia	40
Figura 3- Distinção de modalidades das frases baseadas na melodia	49
Figura 4- Frase com diferentes significados, devido, segundo Bolinger, à variação da entonação nos pontos finais	49
Figura 5- Exemplo de questão total com final descendente	53
Figura 6- Relação entre entonação e modalidades	54
Figura 7- Esquema dos padrões entonativos do português brasileiro para diversos tipos de enunciado	63
Figura 8- Contornos variados utilizados na sílaba tônica final da frase interrogativa	65
Figura 9- Especificação tonal para a interrogativa total (padrão ascendente) na fala de crianças de 03 a 05 anos	67
Figura 10- Especificação tonal para a interrogativa total (padrão descendente) na fala de crianças de 03 a 05 anos	67
Figura 11- Esquema das funções da prosódia	80
Figura 12- Escala para julgamento de contornos sintetizados	94
Figura 13- Relações entre tons e significados	97
Figura 14- Contorno melódico da frase “Fecha a porta”	102
Figura 15- Esquema das medidas melódicas feitas por Mozziconacci	102
Figura 16- Questões implicativas em francês	113
Figura 17- Questão simples e implicativa em francês	114
Figura 18- Exemplos de contornos melódicos de questões totais	117
Figura 19- Esquema da questão e da ordem como demandas	132
Figura 20- Esquema do contínuo entre asserção e questão	133
Figura 21- Relação entre questões e papéis discursivos do locutor e do entrevistador	146
Figura 22- Esquema de separação das questões segundo aspectos morfofossintáticos	169
Figura 23- Esquema de separação das questões segundo suas funções comunicativas	169

Figura 24- Esquema do contínuo interrogativo	176
Figura 25- Exemplo de segmentação e análise	188
Figura 26- Questão alternativa com atitude de dúvida	210
Figura 27- Questão alternativa com atitude de interesse	211
Figura 28- Questão alternativa com atitude neutra	211
Figura 29- Questão parcial com atitude de crítica	233
Figura 30- Questão parcial com atitude de dúvida	234
Figura 31- Questão parcial com atitude de interesse	234
Figura 32- Questão parcial com atitude neutra	235
Figura 33- Questão parcial com atitude de provocação	235
Figura 34- Questão total- pedido de confirmação- com indução	273
Figura 35- Questão total- pedido de confirmação- com dúvida	273
Figura 36- Questão total- pedido de confirmação- com incredulidade	274
Figura 37- Questão total- pedido de confirmação- com interesse	274
Figura 38- Questão total verdadeira com atitude de crítica	276
Figura 39- Questão total verdadeira com atitude de dúvida	276
Figura 40- Questão total verdadeira com atitude de incredulidade	277
Figura 41- Questão total verdadeira com atitude de interesse	277
Figura 42- Questão total verdadeira com atitude neutra	278
Figura 43- Questão total verdadeira com atitude de provocação	278
Quadro 1- Correspondência entre os parâmetros entonativos em diversos níveis	36
Quadro 2- Níveis de análise da prosódia	36
Quadro 3- Distinção entre função expressiva e gramatical da entonação	39
Quadro 4- Tipos de modalidade	46
Quadro 5- Parâmetros para distinção dos tipos de sentença em alemão	50
Quadro 6- Quadro comparativo das funções expressiva e atitudinal da entonação	83
Quadro 7- Estudos afetivos do falante e suas características	86
Quadro 8- Dimensões de personalidade e exemplos	87
Quadro 9- Sistematização dos conceitos apresentados para emoções e	

atitudes ao longo da literatura prosódica	89
Quadro 10- Conclusões de Uldall (1964) para significado expressivo de diversos contornos entonativos	95
Quadro 11- Diferenças prosódicas nos gêneros conversacionais	98
Quadro 12- Relações entre parâmetros prosódicos e expressão de atitudes	103
Quadro 13- Parâmetros prosódicos para expressão de atitudes	110
Quadro 14- Características da entonação de declarativas e interrogativas, neutras, polidas ou determinadas, em sueco	116
Quadro 15- Matriz de trações pragmática para questões	130
Quadro 16- Níveis de análise dos atos de fala	136
Quadro 17- Esquema das 15 restrições na construção e interação verbal	137
Gráfico 1- Atitudes nas questões alternativas verdadeiras	279
Gráfico 2- Atitudes nas questões parciais retóricas	280
Gráfico 3- Atitudes nas questões parciais verdadeiras	281
Gráfico 4- Atitudes nas questões totais retóricas	282
Gráfico 5- Atitudes nas questões totais pedidos de confirmação	283
Gráfico 6- Atitudes nas questões totais verdadeiras	284

Lista de Tabelas

Tabela 1- Características entonativas de questões do inglês	119
Tabela 2- Atitudes e contornos prosódicos em questões	123
Tabela 3- Interpretação das frases no primeiro Teste de Percepção	175
Tabela 4- Resultados do segundo Teste de Percepção	177
Tabela 5- Resultados para Teste 1 – Alunos	181
Tabela 6- Resultados para Teste 1 – Pesquisadores	181
Tabela 7- Resultados para Teste 2 – Alunos	182
Tabela 8- Resultados para Teste 2 – Pesquisadores	182
Tabela 9- Resultados para Teste 2 – Demais alunos	182
Tabela 10- Resultados para Teste 3 – Alunos	183
Tabela 11- Resultados para Teste 3 – Pesquisadores	183
Tabela 12- Resultados para Teste 3 – Demais alunos	183
Tabela 13- Resultados para Teste 4 – Alunos	183
Tabela 14- Resultados para Teste 4 – Pesquisadores	183
Tabela 15- Resultados para Teste 4 – Demais alunos	184
Tabela 16- Resultados para Teste 5 – Alunos	184
Tabela 17- Resultados para Teste 5 – Pesquisadores	184
Tabela 18- Resultados para Teste 5 – Demais alunos	184
Tabela 19- Resultados para Teste 6 – Alunos	185
Tabela 20- Resultados para Teste 6 – Pesquisadores	185
Tabela 21- Resultados para Teste 6 – Demais alunos	185
Tabela 22- Resultados para Teste 7 – Alunos	186
Tabela 23- Resultados para Teste 7 – Pesquisadores	186
Tabela 24- Resultados para Teste 7 – Demais alunos	186
Tabela 25 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	202
Tabela 26 – valores de p para pontos de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	202
Tabela 27 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	203

Tabela 28 – valores de <i>p</i> para movimento ascendente de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	203
Tabela 29 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	204
Tabela 30 – valores de <i>p</i> para movimento descendente de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	204
Tabela 31 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	205
Tabela 32 – valores de <i>p</i> para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, por locutor	205
Tabela 33 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, para o conjunto de todos locutores	206
Tabela 34 – valores de <i>p</i> para pontos de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores	206
Tabela 35 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores	207
Tabela 36 – valores de <i>p</i> movimento ascendente de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores	207
Tabela 37 – média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores	208
Tabela 38 – valores de <i>p</i> movimento descendente de F ₀ , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores	208
Tabela 39 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, para o conjunto de locutores	209
Tabela 40 – valores de <i>p</i> para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores	209
Tabela 41 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F ₀ , nas questões parciais retóricas, por locutor	212

Tabela 42 – valores de p para pontos de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor	212
Tabela 43 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor	213
Tabela 44 – valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor	214
Tabela 45 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões parciais retóricas, por locutor	214
Tabela 46 – valores de p para valores de duração, nas questões parciais retóricas, por locutor	215
Tabela 47 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões parciais retóricas, para conjunto de locutores	215
Tabela 48 – valores de p para pontos de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor	215
Tabela 49 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões parciais retóricas, para conjunto de locutores	216
Tabela 50 – valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões parciais retóricas, para conjunto de locutores	216
Tabela 51 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões parciais retóricas, para o conjunto dos locutores	217
Tabela 52 – valores de p para médias de duração, nas questões parciais retóricas, para o conjunto dos locutores	217
Tabela 53 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor	218
Tabela 54 – valores de p para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor	219
Tabela 55 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor	222
Tabela 56 – valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor	223

Tabela 57 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões parciais verdadeiras, por locutor	226
Tabela 58 – valores de <i>p</i> para valores de duração, nas questões parciais verdadeiras, por locutor	227
Tabela 59 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores	229
Tabela 60 – valores de <i>p</i> para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores	230
Tabela 61 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores	230
Tabela 62 – valores de <i>p</i> para movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores	231
Tabela 63 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas parciais totais verdadeiras, para conjunto de locutores	231
Tabela 64 – valores de <i>p</i> para valores de duração, nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores	232
Tabela 65 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor	236
Tabela 66 – valores de <i>p</i> para pontos de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor	236
Tabela 67 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais retóricas por locutor	237
Tabela 68 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor	237
Tabela 69 – valores de <i>p</i> para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor	238
Tabela 70 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais retóricas, por locutor	238
Tabela 71 – valores de <i>p</i> para valores de duração, nas questões totais retóricas, por locutor	238

Tabela 72 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores	239
Tabela 73 – valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores	239
Tabela 74 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores	240
Tabela 75 – valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores	240
Tabela 76 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjuntode locutores	240
Tabela 77 – valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores	241
Tabela 78 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores	241
Tabela 79 – valores de p para valores de duração, nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores	242
Tabela 80 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	242
Tabela 81 – valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	243
Tabela 82 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	244
Tabela 83 – valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	244
Tabela 84 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	245
Tabela 85 – valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	246
Tabela 86 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de	

duração, nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	247
Tabela 87 – valores de <i>p</i> para valores de duração, nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor	247
Tabela 88 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais pedido de confirmação, para conjunto de locutores	248
Tabela 89 – valores de <i>p</i> para pontos de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores	248
Tabela 90 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores	249
Tabela 91 – valores de <i>p</i> para movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores	249
Tabela 92 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores	250
Tabela 93 – valores de <i>p</i> para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores	250
Tabela 94 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores	251
Tabela 95 – valores de <i>p</i> para valores de duração, nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores	251
Tabela 96 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor	252
Tabela 97 – valores de <i>p</i> para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor	253
Tabela 98 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor	256
Tabela 99 – valores de <i>p</i> para movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor	257
Tabela 100 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores	

relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor	260
Tabela 101 – valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor	261
Tabela 102 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, por locutor	264
Tabela 103 – valores de p para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, por locutor	265
Tabela 104 – média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	267
Tabela 105 – valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	267
Tabela 106 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	268
Tabela 107 – valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	268
Tabela 108 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	269
Tabela 109 – valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	270
Tabela 110 – média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	271
Tabela 111 – valores de p para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores	271

Lista de Abreviaturas e Siglas

- ΔF_0** – Variação de Frequência Fundamental
- Δt** – Variação de Tempo
- Anova MGL** – Análise de Variância – Modelo Linear Generalizado
- APT** – Átona Pretônica (sílabas)
- Cri** – Crítica (atitude de)
- dB** – decibel ou decibéis
- Duv** – Dúvida (atitude de)
- F_0** – Frequência Fundamental
- H ou A** – Alto (tom)
- Hz** – Hertz (ciclos por segundo)
- Hz/s** – Hertz por Segundo
- IC** – Intervalo de Confiança
- Inc** – Incredulidade (atitude de)
- Ind** – Indução (atitude de)
- Int** – Interesse (atitude de)
- IPO** – Instituto de Pesquisa da Percepção
- L ou B** – Baixo (tom)
- loc** - locutor
- ms** – Milissegundos
- n** – Número de Dados
- Neu** – Neutra (atitude)
- PB** – Português brasileiro
- PC** – Pedido de Confirmação
- Pro** – Provocação (atitude de)
- QA** – Questões Alternativas
- QP** – Questões Parciais
- QT** – Questões Totais
- qtr** – Quartos de Tom Relativos
- R** – Retóricas (Questões)
- s** – Segundo(s)
- TAF** – Teoria dos Atos de Fala
- TN** – Tônica Nuclear (sílabas)
- V** – Verdadeira(s) (relativo a questões, também chamadas de propriamente ditas)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
Objetivos	27
Justificativa	27
Hipóteses	28
Limites	29
Plano	30
CAPÍTULO 1- PROSÓDIA – QUESTÕES	32
1- Introdução	33
1.1- Funções da prosódia	37
1.1.1- Função modal X função atitudinal	37
2- A função modal da prosódia	42
2.1- Definição	42
2.2- Conceitos de modo, modalidade, modalização	43
2.3- Modalidade interrogativa	46
2.4- Prosódia das questões/ sentenças interrogativas	47
2.4.1- Autores que admitem uma entonação específica da frase interrogativa (ou das questões)	47
2.4.2- Autores que não admitem uma entonação especificamente interrogativa	50
2.4.3- Sentenças interrogativas e questões neste trabalho	56
2.5- Prosódia das questões do português do Brasil	57
2.5.1- Trabalhos com base em Halliday	57
2.5.2- Trabalhos com base instrumental	58
2.5.3- Principais características da entonação das questões do português do Brasil	69
CAPÍTULO 2- PROSÓDIA – ATITUDES	70
1- A função atitudinal da entonação	71
1.1- Definição	71
1.2- Conceito de atitudes do locutor	72

1.2.1- Conceitos assistemáticos (ou pouco sistemáticos) encontrados na literatura	73
1.2.2- Necessidade de organização dos conceitos	76
1.2.3- Conceitos de atitude e emoção que aparecem de forma mais sistematizada	78
1.2.4- Conceito utilizado neste trabalho	88
2- Prosódia e atitudes	91
2.1- Oposição ao neutro	91
2.2- Entonação expressiva	92
2.3- Prosódia e atitudes em questões	110
2.3.1- Prosódia e atitudes em questões do português	122
CAPÍTULO 3- QUESTÕES	126
1- Definição	127
1.1- Definição das questões/ enunciados interrogativos nos dicionários de lingüística	127
1.2- Definições utilizadas nos trabalhos prosódicos	128
1.3- Definições encontradas em outras áreas	131
1.4- A oposição asserção X questão	133
1.5- A oposição questão X interrogação	134
2- Níveis de análise	136
2.1- Classificação das questões levando-se em consideração os diversos níveis de análise	138
2.2- Aspectos lexicais das questões	140
2.3- Aspectos morfossintáticos das questões	141
2.4- Aspectos semânticos das questões	142
2.5- Aspectos pragmático-discursivos das questões	143
3- Teoria a análise: questões e atitudes	149
3.1- Atitudes e léxico nas questões	149
3.2- Atitudes e morfossintaxe nas questões	149
3.3- Semântica, pragmática, discurso e questões	150
4- Teoria e uso: o uso das questões em programas de entrevista e debate	152

4.1- Os programas gravados	152
4.1.1- Caleidoscópio	152
4.1.2- Cenários	153
4.1.3- Data Vênia	153
4.1.4- Direito em Debate	153
4.1.5- Ecologia e Cidadania	154
4.1.6- Estação	154
4.1.7- Horizonte Debate	155
4.1.8- Inconfidências Mineiras	155
4.1.9- Letras em Curso	156
4.1.10- A Notícia Como Ela É	156
4.2- Questões obtidas nos programas	156
CAPÍTULO 4- PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	159
1- Coleta de dados	160
1.1- Espontâneo X atuado	160
1.2- Alternativas	161
1.3- Problemas	164
1.4- Soluções	165
1.5- Dados coletados	166
2- Análise dos dados	168
2.1- Separação das questões em grupos e identificação de fatores intervenientes	168
2.1.1- Separação das questões em grupo	168
2.1.2- Identificação dos fatores intervenientes	169
2.2- Atribuição de rótulos para as atitudes	170
2.2.1- Testes de percepção	174
2.2.1.1- Teste 1 – Interrogatividade	174
2.2.1.1.1- Resultados	175
2.2.1.2- Teste 2 – Atitudes	176
2.2.1.2.1- Resultados	177
2.2.1.3- Novo teste de percepção para atitudes	179
TESTE 1- Questões alternativas	181

TESTE 2- Questões parciais, 1º grupo	182
TESTE 3- Questões parciais, 2º grupo	182
TESTE 4- Questões totais pedidos de confirmação, 1º grupo	183
TESTE 5- Questões totais pedidos de confirmação, 2º grupo	184
TESTE 6- Questões totais verdadeiras, 1º grupo	185
TESTE 7- Questões totais verdadeiras, 2º grupo	185
2.2.1.3.1- Conclusões sobre o novo teste	186
2.3- Análise acústica	187
2.3.1- Medidas de frequência fundamental	188
2.3.2- Medidas de intensidade	191
2.3.3- Medidas de duração	192
2.3.3.1- Duração de sílabas	192
2.3.3.2- Pausas	192
2.3.3.3- Média de duração das sílabas	192
2.3.3.4- Duração dos movimentos melódicos	193
2.4- Análise estatística	193
CAPÍTULO 5- RESULTADOS	199
1- Questões alternativas	201
1.1- Medidas de F_0 por locutor	201
1.1.1- Pontos de F_0	202
1.1.2- Movimentos de F_0	203
1.2- Medidas de duração por locutor	205
1.3- Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores	206
1.3.1- Pontos de F_0	206
1.3.2- Movimentos de F_0	207
1.4- Medidas de duração para o conjunto de locutores	209
1.5- Síntese dos resultados para questões alternativas	209
2- Questões parciais	212
2.1- Questões parciais retóricas	212
2.1.1- Medidas de F_0 por locutor	212
2.1.1.1- Pontos de F_0	212
2.1.1.2- Movimento de F_0	213

2.1.2-	Medidas de duração por locutor	214
2.1.3-	Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores	215
2.1.3.1-	Pontos de F_0	215
2.1.3.2-	Movimento de F_0	216
2.1.4-	Medidas de duração para o conjunto de locutores	217
2.2-	Questões parciais verdadeiras	218
2.2.1-	Medidas de F_0 por locutor	218
2.2.1.1-	Pontos de F_0	218
2.2.1.2-	Movimento de F_0	222
2.2.2-	Medidas de duração por locutor	226
2.2.3-	Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores	229
2.2.3.1-	Pontos de F_0	229
2.2.3.2-	Movimento de F_0	230
2.2.4-	Medidas de duração para o conjunto de locutores	231
2.3-	Síntese dos resultados para questões parciais	232
3-	Questões totais	236
3.1-	Questões totais retóricas	236
3.1.1-	Medidas de F_0 por locutor	236
3.1.1.1-	Pontos de F_0	236
3.1.1.2-	Movimentos de F_0	237
3.1.2-	Medidas de duração por locutor	238
3.1.3-	Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores	239
3.1.3.1-	Pontos de F_0	239
3.1.3.2-	Movimentos de F_0	240
3.1.4-	Medidas de duração para o conjunto de locutores	241
3.2-	Questões totais pedidos de confirmação	242
3.2.1-	Medidas de F_0 por locutor	242
3.2.1.1-	Pontos de F_0	242
3.2.1.2-	Movimentos de F_0	244
3.2.2-	Medidas de duração por locutor	247
3.2.3-	Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores	248
3.2.3.1-	Pontos de F_0	248
3.2.3.2-	Movimentos de F_0	249

3.2.4- Medidas de duração para o conjunto de locutores	251
3.3- Questões totais verdadeiras	252
3.3.1- Medidas de F_0 por locutor	252
3.3.1.1- Pontos de F_0	252
3.3.1.2- Movimentos de F_0	256
3.3.2- Medidas de duração por locutor	264
3.3.3- Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores	267
3.3.3.1- Pontos de F_0	267
3.3.3.2- Movimentos de F_0	268
3.3.4- Medidas de duração para o conjunto de locutores	271
3.4- Síntese dos resultados para questões totais	272
3.4.1- Questões totais pedidos de confirmação	272
3.4.2- Questões totais retóricas e verdadeiras	275
4- Síntese dos resultados	279
4.1- Questões alternativas verdadeiras	279
4.2- Questões parciais retóricas	280
4.3- Questões parciais verdadeiras	281
4.4- Questões totais retóricas	282
4.5- Questões totais pedidos de confirmação	283
4.6- Questões totais verdadeiras	284
5- Discussão	285
CONCLUSÕES	286
1- O papel geral da prosódia na expressão das atitudes	287
2- O papel da prosódia na expressão de cada uma das atitudes estudadas	288
2.1- Neutro	288
2.2- Crítica	288
2.3- Condutividade	289
2.4- Dúvida	289
2.5- Incredulidade	290
2.6- Interesse	290
2.7- Provocação	290
3- Estudos a desenvolver posteriormente	291

REFERÊNCIAS	292
APÊNDICE	306

INTRODUÇÃO

“Quem pintou a bandeira brasileira que tinha tanto lápis de cor?

Me diz, me diz, me responde por favor:

– Pra onde vai o meu amor? Quando o amor acabar...

[...]

Diz: quem foi que inventou o analfabeto e ensinou o alfabeto ao professor?

[...]

Vê se tem no almanaque, essa menina, como é que termina um grande amor? (me diz, me diz, me diz)

*Se adianta tomar uma aspirina ou se bate na quina aquela dor?
(me diz, me diz, me diz, aquela dor)*

Se é chover o ano inteiro chuva fina ou se é como cair do elevador?

Me responde por favor:

– Pra que tudo começou? Quando tudo acabar...”

Almanaque, Chico Buarque de Holanda (2000)

Desde as questões retóricas¹, até aquelas mais próximas à função primordial do ato lingüístico de fazer uma pergunta (pedir ao interlocutor uma informação de que não dispomos), as questões são atos de fala² bastante presentes e comuns em vários tipos de conversação. Questões são consideradas, por vários autores, como um dos três atos de fala primários, ao lado da declaração e da ordem (KERBRAT-ORECHIONNI, 1991). Daí sua grande importância na construção da interação verbal e a importância de um estudo que contemple, através de uma perspectiva múltipla, o papel da prosódia na expressão de aspectos que contribuem para o significado da questão no discurso.

A partir do momento em que dois (ou mais) falantes utilizam questões em uma interação verbal, muitas são as implicações envolvidas na análise dos atos aí presentes: não só o fato de a pergunta ser feita com o objetivo de receber uma resposta (ou não), mas também diversos outros fatores que se estabelecem nesse ato comunicativo, podendo ser fatores de ordem lingüística ou não, devem ser levados em consideração. É possível citar, entre os fatores que contribuem para a significação construída em questões (ou mesmo em outros atos de fala), o léxico, a sintaxe, a semântica, a pragmática, a prosódia, além de elementos discursivos como o papel social dos falantes envolvidos na produção e recepção de tais atos, o tipo de interação realizado, o local onde se dá tal interação, etc. Muitos desses aspectos já foram estudados para que se possa demonstrar como a significação é construída, mas raras vezes estuda-se a complexa interação entre tais fatores na construção do sentido, a fim de demonstrar qual o papel de cada um deles dentro da estrutura discursiva.

Podemos citar alguns trabalhos que tenham estudado a prosódia das questões, ou seus tipos sintáticos, ou ainda seu papel dentro da estrutura dialógica, entre outros estudos feitos em relação a esse tipo de enunciado. Não conhecemos, entretanto, um estudo que fale da interação entre a prosódia, a pragmática, o léxico, a sintaxe, etc, no estudo de questões. Como nos fala Hirst (2005), geralmente os pesquisadores de um domínio não conhecem o outro e vice-versa (ver, por exemplo, BAPTISTA, 2001), o que talvez tenha atrasado a aparição de

¹ Questões formuladas pelo simples ato de perguntar, pois não esperam resposta do alocutário, seja por não terem resposta, seja pelo locutor já saber o que será respondido. Nota-se que o texto de *Almanaque*, de Chico Buarque, foi construído a partir desse tipo de questões, e que, como se fosse possível, o “locutor” insiste com o “interlocutor” por uma resposta “*Me diz, me responde por favor*”.

² O conceito do ato de fala *questão*, advindo da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, [1962] e SEARLE, [1969]) aparecerá e será discutido no capítulo 3 desta tese.

estudos que trabalhem com a interação desses fatores na construção do significado das questões. É partindo do pressuposto de que diversos fatores lingüísticos e não-lingüísticos estão envolvidos na interação verbal que apresentamos a proposta de um estudo prosódico das atitudes do locutor em questões, levando em consideração, sempre que possível, aspectos lexicais, morfossintáticos, semântico-pragmático-discursivos que interagem na constituição de tais atos de fala.

Objetivos

Dentro do quadro acima apresentado, este trabalho tem por objetivo estudar o papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor no ato de fala questão, levando em consideração, sempre que possível, o conjunto de fatores que contribuem para a construção do significado de tais atos.

Como objetivos específicos, pretendemos, neste trabalho, fazer um estudo prosódico das atitudes expressas em questões que aparecem em programas de entrevistas televisionados. Passando por observações lingüísticas (que busquem mostrar como tais sentenças se encaixam em um contexto, qual sua estrutura morfossintática, sua função comunicativa e seu papel discursivo) e por um estudo prosódico/acústico aprofundado³ (que descreva as características de frequência fundamental e tempo dos enunciados), esperamos caracterizar a expressão prosódica das atitudes: *neutra, interesse, dúvida, crítica, incredulidade, provocação e indução*, nas questões.

Justificativa

No fim da apresentação de seu estudo sobre a entonação do português do Brasil (doravante PB), Moraes (1998) aponta a ausência de trabalhos que tratem da prosódia expressiva do PB.

³ Não queremos dizer, com essa separação, que a prosódia não faz parte do sistema lingüístico. Apresentamos os dois tipos de estudo separadamente por duas razões: a primeira é porque o estudo prosódico, sendo o ponto central deste trabalho, será focado mais aprofundadamente; a segunda é porque o estudo prosódico, sendo feito através de análise acústica, tem suas particularidades, como estudo instrumental.

É sabido que os estudos prosódicos foram, por muito tempo, deixados em segundo plano, ou outras vezes foram apontados como relevantes sem, no entanto, serem desenvolvidos. Há mais ou menos 50 anos a prosódia vem ganhando um espaço maior nos estudos lingüísticos, mas se pensarmos em todas as funções que a prosódia pode desempenhar na comunicação, veremos que mais estudos poderiam ser desenvolvidos nesta área. Principalmente no que tange à função expressiva da prosódia, há uma ausência de estudos no PB, que pode ser vista através da ausência de publicações que encontramos nesse campo de estudo. Mesmo para outras línguas, os estudos relacionando a prosódia à expressão de emoções/ atitudes do locutor tiveram força no início dos anos 60 do século passado (com trabalhos como os de LIBERMAN & MICHAEL, 1962; STANKIEWICZ, 1964; ULDALL, 1964) e depois foram abandonados por um período longo, tendo vindo à tona recentemente, principalmente depois do ano 2000, o que pode ser visto pelo aumento de publicações nessa área nos últimos anos. (Conferir seções 2.2 e 2.3 do capítulo 2 desta tese).

Se por um lado os prosodistas não se preocuparam em relacionar a prosódia à expressão de atitudes, por outro lado semanticistas, pragmaticistas e analistas do discurso comentam a importância da prosódia na construção do significado, aí compreendida a função expressiva da prosódia, sem, no entanto, realizar estudos sobre isto. Conforme observa Hirst (2005), tais estudos tornam-se fragmentados por pesquisadores de um domínio não adentrarem outro(s).

Conforme observado por Reis (2001, p. 221), “*os estudos entonativos carecem de um aprofundamento da interação entre a entonação e elementos da situação de fala, no processo de enunciação*”.

Justificamos, pois, este trabalho a partir do momento em que pode contribuir tanto com a área da prosódia, mostrando como ela atua expressivamente, quanto com a área pragmático-discursiva, mostrando o papel da prosódia na construção do significado na interação verbal.

Hipóteses

Nossa primeira hipótese é de que, através da prosódia, podemos caracterizar a expressão de atitudes do falante nas questões. Desse modo, a prosódia de uma questão neutra se

apresentaria diferente da prosódia de uma questão incrédula, ou de uma questão com dúvida, ou ainda de uma questão com interesse, por exemplo.

Nossa segunda hipótese é de que tais diferenças prosódicas responsáveis pela expressão de atitudes distintas não aparecem de forma global, mas de forma local, ou seja, a configuração total do contorno de F_0 , como as características gerais de tempo do enunciado, permanecem as mesmas em todas as atitudes, uma vez que a características prosódicas gerais estarão relacionadas à modalidade do enunciado e, sendo todos os enunciados analisados questões interrogativas⁴, as características prosódicas globais serão as mesmas, expressando interrogatividade; os parâmetros que mudam, para expressão das atitudes, são locais (por exemplo, um movimento final ascendente de F_0 na questão total permanecerá ascendente, independente da atitude presente na questão, seja ela *neutra*, *incrédula*, *com dúvida*, etc; mas a amplitude da subida, ou a taxa de variação melódica, ou ainda o tempo de tal movimento deve variar em cada uma das atitudes estudadas).

Limites

Este trabalho apresenta alguns limites. De início, limita-se por apresentar um estudo que se concentra em *questões*, em detrimento de outros atos de fala. Dentro da grande variedade de questões propostas, nos mais diversos tipos de interação verbal, escolhemos apenas as questões propostas em debates e entrevistas televisionados. Isso pode restringir o aparecimento de diversos tipos de questão. Dentre as questões do *corpus* coletado, desprezamos, ainda, alguns tipos, por exemplo, os atos de fala indiretos, como as questões propostas para convidar, cumprimentar ou pedir algo.

Nosso trabalho limita-se também a um dialeto (PB falado em Belo Horizonte, Minas Gerais) e a um grupo social escolarizado (os entrevistadores e controladores de debates, que geralmente propõem as questões aqui estudadas, são jornalistas, portanto possuem nível de escolaridade superior).

⁴ Para distinção dos rótulos questão e interrogativa, ver seção 1 do capítulo 3.

Não temos, portanto, o objetivo de generalizar, sobremaneira, os estudos aqui apresentados. Os dados analisados neste trabalho podem demonstrar uma tendência do papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões, mas, sendo limitados, não podem ser tomados como regra para demais situações não abordadas aqui.

Plano

No primeiro capítulo, faremos uma discussão sobre a prosódia, apresentando o conceito desta que utilizamos no trabalho, quais os fatores prosódicos que serão estudados; falaremos das funções da prosódia, em especial da função modal, delimitando o papel da prosódia na expressão de questões. Apresentaremos também uma revisão de literatura dos estudos já feitos sobre questões, em outras línguas e no PB, apontando ao final um resumo das principais características prosódicas das questões no PB.

No segundo capítulo, a função atitudinal da prosódia (inicialmente contida na função expressiva da prosódia, que depois será desmembrada) será abordada, sendo discutido o conceito que será utilizado neste trabalho para atitudes do locutor. Serão apresentados os estudos já feitos sobre o papel da prosódia na expressão de emoções e atitudes, em outras línguas e no português (devido à carência de estudos do PB, optou-se por apresentar também os estudos de outras línguas). Concluindo tal revisão, apresentaremos um quadro com os parâmetros prosódicos citados como principais na expressão das atitudes. Mostraremos, depois, estudos que trabalham com a expressividade prosódica em questões; através deles buscaremos relevar os parâmetros prosódicos importantes na expressão de atitudes em tais enunciados.

No terceiro capítulo, será discutido o ato de fala questão, principalmente dentro da pragmática. Será apresentado e debatido o conceito de questões; depois falaremos sobre a influência de aspectos lexicais nas questões (e em seu significado), a influência de aspectos morfosintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos na análise de tais atos. Discutimos ainda, neste capítulo, como as atitudes do locutor podem ser enquadradas dentro das características do enunciado questão. Apresentamos, por último, uma reflexão sobre a

realização das questões em programas de entrevista, procurando mostrar como os aspectos anteriormente mencionados se relacionam ao uso de tais atos na interação verbal.

No quarto capítulo da tese apresentaremos os pressupostos metodológicos que subjazem a esse trabalho, tanto na coleta quanto na análise dos dados. Buscaremos debater as opções de coletar dados de que dispúnhamos e porque escolhemos gravar programas de debate e entrevista televisionados. Do ponto de vista da análise dos dados, serão descritas a separação dos dados de acordo com aspectos lingüísticos⁵, a análise acústica feita e os procedimentos estatísticos utilizados para chegar aos resultados finais.

No quinto capítulo serão apresentados e discutidos os resultados da análise feita para descrever as atitudes dos locutores nas questões. Na primeira seção falaremos sobre a questão alternativa, na segunda sobre a questão parcial e na terceira sobre a questão total. Na quarta seção apresentamos um sumário dos resultados e, na quinta e última, uma discussão dos mesmos.

No último capítulo, concluiremos o trabalho, retomando os principais aspectos prosódicos utilizados na expressão das atitudes dos falantes em questões.

⁵ Ver nota 4.

CAPÍTULO 1

PROSÓDIA – QUESTÕES

“If you change the intonation of a sentence you change its meaning.”

Halliday (1970)

1- Introdução (conceito de prosódia/ entonação)

Ao iniciar um estudo sobre o papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões, pensamos ser necessário, primeiramente, definir o que tomamos, neste trabalho, por prosódia. Se formos retomar as definições de prosódia que se encontram nos trabalhos concernentes a esse tema, serão encontradas quase tantas definições quantos trabalhos forem retomados. A fim de evitar uma lista desnecessária com as diversas definições dadas ao termo, retomaremos os autores que resumem o que se definiu como prosódia na literatura da área.

Segundo Couper-Kuhlen (1986), o termo prosódia vem sendo associado, numa perspectiva histórica, com os traços melódicos da língua falada. (A autora retoma mesmo a origem grega da palavra para mostrar isso: “Προσ ᾠδήματα” = canto da palavra.).

Na obra que publicaram em 1998, Hirst & Di Cristo, ao proporem um estudo orientado sobre a entonação de vinte línguas, comentam, na introdução, o conceito de entonação, termo que pode ser ambíguo de duas formas diferentes. A primeira ambigüidade apontada pelos autores é que a entonação pode ser entendida num sentido amplo ou num sentido restrito. No sentido amplo, o termo seria usado como sinônimo de prosódia, pois englobaria, além de características supra-segmentais (ou supralexicais, pós-lexicais ou simplesmente não-lexicais), características lexicais, como o acento, os tons (em línguas tonais) e a quantidade. No sentido estrito, a entonação estaria ligada apenas à melodia. Como sentido amplo, muitos estudos utilizam, então, o termo prosódia como sinônimo do supra-segmental, ou seja, tudo que encontra-se além do nível do segmento; mas, como nos lembra Couper-Kuhlen (1986), é preciso cautela nessa associação, pois há alguns fenômenos supra-segmentais que não são considerados prosódicos, como a coarticulação, a assimilação, a nasalização progressiva ou regressiva, etc. É necessário então fazer uma definição mais apurada do que seria a prosódia e/ ou a entonação.

Os conceitos amplo e restrito, resumidos em Hirst & Di Cristo (1998) podem ser verificados na literatura prosódica. O conceito restrito de prosódia (sustentado, por exemplo, por Lehiste, 1970; Bolinger, 1985; e por 't Hart, Collier & Cohen, 1990) define a prosódia como sinônimo de entonação. Nas palavras de Bolinger (1985, p. 11): “*Though strictly speaking the term*

INTONATION includes the mere fact of there being one or more accents, it is generally used to refer to the overall landscape”. Dentro desse conceito entenderíamos então a prosódia como a melodia das frases, sem pensar em outros fenômenos.

Essa opção pelo conceito restrito, entretanto, nem sempre se dá de forma tão limitada. Moraes (1984) lembra o fato de que o que alguns desses autores entendem por melodia (*pitch*) engloba outras características além da frequência fundamental, estendendo o conceito então para outros parâmetros que o aproximariam do conceito de prosódia.

O conceito amplo (CRYSTAL, 1969; CRUTTENDEN, 1986 e LADD, 1995, entre outros; e usado em trabalhos do português por MORAES, 1984; REIS, 1995; ANTUNES, 2000; NASCIMENTO, 2000; LOPES, 2001; entre outros) já trabalharia com outros fenômenos supra-segmentais, tratando a prosódia não como restrita à melodia das frases, mas também estendida quanto à sua organização temporal (ritmo, tempo de sílabas/segmentos e tempo/localização de pausas), a organização melódica (movimentos melódicos, tessitura, registro) e também a intensidade.

Neste trabalho optamos pelo sentido amplo de prosódia, ou seja, não a tomaremos apenas como sinônimo de melodia da fala, ligada somente ao parâmetro físico da frequência fundamental, mas englobando outros aspectos, tais como, duração de sílabas e pausas, além da interação entre a frequência fundamental e a duração. O parâmetro intensidade não pôde ser levado em consideração.

Retomamos novamente a obra de Hirst & Di Cristo (1998), para discutir a segunda ambigüidade ligada ao termo entonação, que, para os autores, está relacionada ao nível de análise que teríamos: são geralmente tratados como diferentes o nível físico (acústico) ou o nível cognitivo (lingüístico), pois em cada um deles a entonação seria interpretada de formas diferentes. Para Hirst & Di Cristo, esses níveis não podem ser totalmente independentes, mas não se pode afirmar que a correspondência entre eles seja direta. A fim de ilustrar um pouco o que chamam de entonação, os autores apresentam o esquema abaixo:

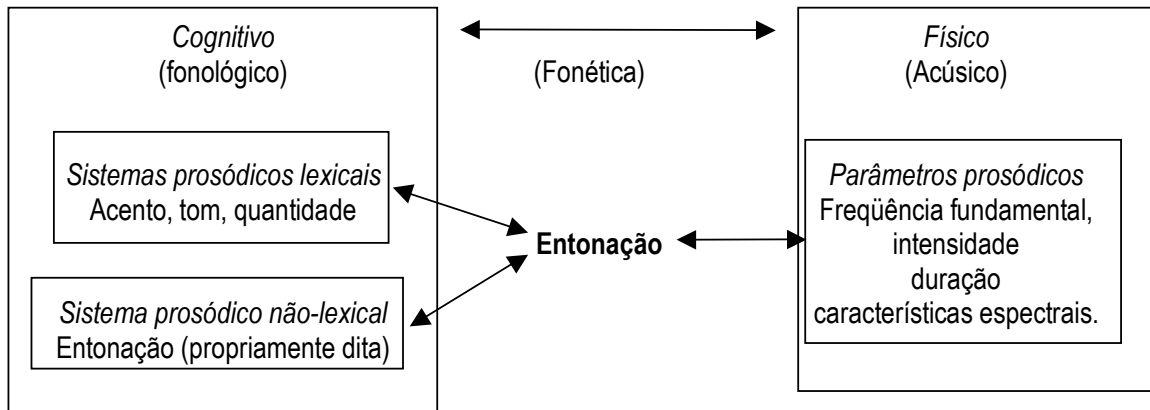


Figura 1- Esquema para definição de prosódia. Fonte: HIRST & DI CRISTO (1998: 7)

Ao observarmos tal esquema, percebemos que os autores, além de mostrarem a prosódia como um fenômeno mais amplo (não somente relacionado à entonação, mas também a outros fatores), mostram as (cor)relações entre os níveis cognitivo e físico (acústico) e assim podemos entender prosódia cobrindo o sistema cognitivo e os parâmetros físicos nos quais esse sistema é mapeado. Vemos ainda que o termo entonação tem dois sentidos: a parte não-lexical do sistema prosódico (cognitivo) e também as características fonéticas específicas das sentenças, atuando como interface entre sistemas prosódicos e parâmetros acústicos.

É necessário observar que a relação entre produção, percepção e medidas acústicas não é totalmente unívoca. Diversos estudos (entre os quais mencionamos Hirst, 1983; 't Hart, Collier & Cohen, 1990) mostram isso. Entretanto, nem sempre é possível estudar a prosódia nesses três níveis. Na maioria das vezes, a prosódia é estudada através de seus correlatos acústicos, embora ultimamente tenha havido um aumento nos estudos que levam em conta a percepção (destacamos dentre eles os trabalhos sobre atitudes/emoções do falante, que aplicam testes de percepção para verificação de rótulos atitudinais, tais como trabalhos desenvolvidos em centros de estudos que tomam a percepção como fundamental no estudo da prosódia, por exemplo o IPO.). Este estudo buscará fazer uma descrição do nível acústico, incluindo também na pesquisa alguns fatores perceptivos, através de testes de percepção para reconhecimento de atitudes.

Moraes (1984) aponta a correspondência dos diversos parâmetros entonativos em diferentes níveis de análise:

Nível Fisiológico	Nível Acústico	Nível Perceptivo	Nível Lingüístico
Tensão nos músculos laríngeos	freqüência fundamental (Hz)	altura	entonação
pressão sub-glótica	intensidade (dB)	força (<i>sonie</i>)	acento
tempo de articulação	duração (<i>durée</i>) (ms)	alongamento (<i>longueur</i>)	quantidade
articulação	estrutura formântica	timbre	fonemática

Quadro 01- Correspondência entre os parâmetros entonativos em diferentes níveis. Obs.: as flechas contínuas indicam relações primárias e as pontilhadas, relações secundárias. Fonte: MORAES, 1984: 12.⁶

Quadro parecido é mostrado em Couper-Kuhlen (1986), esquematizando as três dimensões prosódicas; reproduzimos tal quadro abaixo:

Articulatório	Acústico	Perceptivo
Vibração das cordas vocais	freqüência fundamental (F_0)	melodia
Esforço físico	intensidade (amplitude)	altura, volume (<i>loudness</i>)
tempo (<i>timing</i>) dos movimentos articulatórios	tempo	duração

Quadro 02 – Níveis de análise da prosódia: articulatório, acústico e perceptivo. Fonte: COUPER-KUHLEN, 1986. p. 7.

Dos três parâmetros acústicos disponíveis para realização deste estudo, a F_0 e a duração serão medidas, descritas e sofrerão tratamento estatístico; e também será analisada a interação destes parâmetros em alguns aspectos. A F_0 , como na maior parte dos trabalhos já feitos, receberá maior atenção, uma vez que é provavelmente o parâmetro através do qual mais percebemos a expressão de atitudes (e, em português, nas questões totais, como não há marcas morfossintáticas de modalidade, é o parâmetro usado para se definir a interrogatividade).

Resta-nos observar, também, que, como mostram os estudos de Hirst, Di Cristo & Espesser (2000); Hirst (2005), não é tão simples aplicar os valores acústicos que obtemos (forma) para determinar categorias ou mudanças fonológicas da entonação (função). Dos valores acústicos,

⁶ Nas figuras, tabelas, quadros e esquemas reproduzidos, apresentaremos um tradução para o português sempre que possível, e as palavras que apresentem maiores possibilidades de interpretação virão na língua original entre parênteses logo após a tradução colocada.

Hirst sugere que se passe por dois níveis (um de descrição fonética, outro de estrutura fonológica de superfície) até chegarmos à descrição fonológica (subjacente). Não seria possível dizer como a prosódia contribui para o significado (nível lingüístico, cognitivo) somente a partir do nível acústico. Só através de processamentos intermediários, passando por análise e abstração, pode-se ir de um nível a outro. É o que tentaremos fazer neste trabalho.

1.1 – Funções da prosódia

Demarcar as unidades discursivas, segmentar a mensagem em partes, atrair a atenção do ouvinte para um ponto específico da mensagem, mostrar qual o tipo gramatical do enunciado proferido, retirar a ambigüidade de sentenças com dois (ou mais) sentidos, distinguir asserções de questões (entre outros atos de fala), preparar o que trará a frase seguinte, expressar a atitude, a emoção e/ou a intenção do locutor, bem como auxiliar na identificação de quem fala e contribuir para o reconhecimento de gêneros discursivos diferentes; estas são algumas das funções da prosódia, apresentadas e discutidas dentre as 15 funções que Fónagy (2003) reuniu no artigo “*Des fonctions de l’intonation: un essai de synthèse*”. Nota-se, através desse artigo, que as funções da prosódia são muitas; há algumas que se mostram mais claramente, outras nem tanto, mas a prosódia sem dúvida participa em todas elas (não necessariamente sendo o único fator de desencadeamento/ reconhecimento dessas funções, pois em algumas ela só atua periférica ou indiretamente). Alguns autores discutem a validade de algumas dessas funções, outras delas são mais aceitas pelos pesquisadores da área.

1.1.1- Função modal X Função atitudinal

Vemos, em alguns trabalhos da área, uma dicotomia entre duas funções prosódicas, a gramatical (também chamada de modal, lingüística) e a expressiva (também conhecida com os nomes de emocional, atitudinal, afetiva - essas denominações são diferenciadas por alguns autores através de pequenas nuances, outros autores as entendem como idênticas). Devido a essa separação dicotômica, dois problemas podem ser apontados de início: i) há uma grande discussão que gira em torno da função gramatical (como veremos adiante, muitos autores não admitem sua existência); ii) por que tais funções seriam dicotômicas? Por que a prosódia

expressaria ora o gramatical, ora o expressivo? Através de algumas revisões tentaremos responder a tais questões.

Moraes, em 1984, retoma as funções múltiplas da entonação, e revê alguns autores, que dividem as funções em dois grupos, um lingüístico, (central, gramatical) e outro expressivo, marginal (que corresponde à exteriorização de emoções do falante assim como de suas atitudes). Segundo o autor a tomada de consciência de tal oposição aparece no início dos estudos entonativos e, apesar de vasta e diferente nomenclatura, a concepção de tal oposição é a mesma (MORAES, 1984, p. 13).

Alguns autores, no entanto, não vêem essas diferentes funções como opostas, mas sim como ligadas, compartilhadas, encadeadas. Tal é o caso de Bolinger (1985, p. 34): “*the affective, attitudinal, emotive side of intonation is inextricably intertwined with the grammatical side*”.

Após retomar as discussões sobre funções prosódicas feitas por outros autores, Moraes (1984), em seu trabalho, propõe uma organização para as diversas funções da prosódia em três planos, o sintático, o semântico e o pragmático. Mesmo estabelecendo domínios diferentes para as funções que se encontram em planos diferentes, o autor admite que:

Naturellement, il s’agit pour les trois plans définis ci-dessus d’une abstraction. Car, ils s’enchaînent les uns aux autres, et dans nombreux cas une fonction n’est guère que la conséquence d’une autre d’un plan différent, que l’on peut alors considérer comme la fonction ‘primaire’. (MORAES 1984, p. 24)

Para resumir o que disse, Moraes (1984) estabelece um quadro com distinções entre as funções expressiva e gramatical da entonação, mas conforme observado na citação acima, isso não quer dizer que haja oposição entre tais funções, pois muitas vezes elas se sobrepõem. Para Moraes, na verdade, a entonação gramatical e a entonação expressiva constituem sistemas distintos (haja vista, por exemplo, o caráter arbitrário da entonação gramatical e o caráter natural da entonação expressiva, principalmente no que se refere às emoções; ou o caráter contínuo da entonação expressiva nas emoções e discreto da entonação gramatical), que se superpõem na fala, mas que não se confundem. O quadro apresentado por Moraes como resumo do dito é o seguinte:

Entonação Expressiva		Entonação Gramatical
Emoções	Atitudes	Modalidades lingüísticas
Signo natural	—	Signo convencional motivado
Unidades contínuas	Unidades discretas	Unidades discretas

Quadro 03 - Distinções entre função expressiva e gramatical da entonação. Fonte: MORAES, 1984, p. 45.

Essa sobreposição das funções prosódicas também pode ser percebida no trabalho de Tench (1990, p. 24):

That this [communicative] role is distinct from the first one [attitudinal role] is easily demonstrated by the observation that a statement (a communicative function) can be overlaid with overtones of attitudes but cannot be overlaid with another communicative function. Similarly, we can express an attitude of friendliness, or disappointment, whether we are communicating in statements, or questions, or whatever. However, at times it is very difficult to draw a line between the two; for instance, when is a friendly command not a request?

Dentro das macro-funções comunicativas (modalidades de frase: declarativa, interrogativa, entre outras) teríamos as micro-funções, mais ligadas ao expressivo, conforme mostrado por exemplo por Munby (1978, citado por Tench, 1990, p. 307):

- 1- Escala de certeza: afirmação, certeza, probabilidade, possibilidade;
- 2- Escala de comprometimento: intenção, obrigação;
- 3- Julgamento e avaliação: avaliação, verdade, aprovação, desaprovação;
- 4- Convencimento: indução, compulsão, predição, tolerância
- 5- Argumento: informação, concordância, discordância, concessão;
- 6- Questionamento racional e exposição;
- 7- Comunicação formulaica.

Isso nos faz pensar que simplesmente separar essas funções não leva a uma realidade do uso lingüístico, em que tudo isso se sobrepõe. Como vemos na citação acima, é possível ter uma asserção (no nível macro) que tenha uma escala de certeza maior ou menor, que demonstre uma ou outra intenção do locutor, que seja avaliada por este locutor de modo mais positivo ou negativo, que seja composta por argumentos com os quais o locutor concorde ou discorde... ou seja, há uma possibilidade imensa de combinações de coexistência dessas macro e micro-funções. Então pensar nessa dicotomia, como se as funções gramatical e expressiva se excluíssem, não faz sentido.

O próprio Tench (1990, p. 366) fala, dentro de suas diversas funções comunicativas, de uma que ele chama de persuasão (*suasion*), a função de convencer (influenciar) o outro e afetar seu comportamento. Nesse ponto, é possível refletir se esta seria uma das macro-funções ou uma das micro-funções, pois ela poderia ocorrer conjuntamente com outras modalidades. Os exemplos dados pelo autor para essa função são sugestões, pedidos, convites, conselhos, advertências, instruções e direções. Mas é bem verdade que poderíamos ter questões em que se aconselha, em que se tenta persuadir, recomendar (fato que será discutido no próximo capítulo), mas também questões com ameaças, concordância, tolerância... o que já faria parte do domínio expressivo.

Morlec, Bailly & Aubergé (1997) também abordam a questão das múltiplas funções da prosódia, mostrando que há uma superposição entre o atitudinal e o lingüístico na entonação:

In our theoretical framework prosody can be described as the superposition of independent multiparametric prosodic contours belonging to diverse linguistic levels: sentence, clause, subgroup... These prototypical movements are progressively stored in a prosodic lexicon and dynamically used by the speaker to mark (segmentation...), enlight (salience) and enrich (attitudes...) the linguistic structuration of his discourse. (MORLEC, BAILLY & AUBERGÉ, 1997, p. 219)

Um outro trabalho que apresenta um esquema interessante dessas sobreposições e relações entre o expressivo e o gramatical é o de Aubergé (2002a):

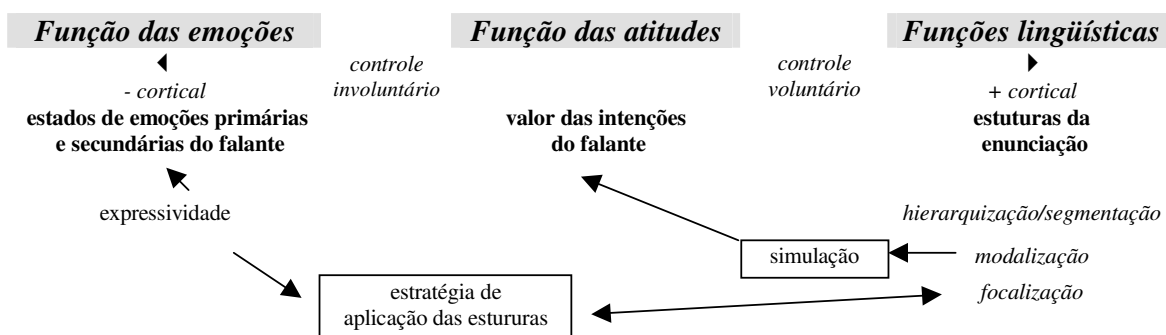


Figura 2- Esquema de funções da Prosódia. Fonte: AUBERGÉ, 2002a: 152.

Esse esquema proposto por Aubergé mostra que a autora pensa haver, entre as funções expressivas e gramaticais, um contínuo, e não uma oposição, conforme observamos no uso dos sinais mais e menos para a característica cortical (junto das flechas, indicando continuidade) e que há relações entre uma função e outras, vista através das setas que

relacionam os níveis, mostrando que na modalização podemos incluir intenções do falante, nas estratégias de aplicação das estruturas temos tanto o lingüístico quanto o expressivo sendo aplicados.

Madureira (2005) também argumenta a favor da sobreposição das funções modal e expressiva, bem como de outras muitas funções prosódicas. Como exemplo, a autora diz que uma resposta qualquer (“Sim”, por exemplo, num contexto em que alguém pergunta “Você gostou do filme?”) pode ser dada de diversas maneiras, como evasivamente, ou categoricamente, ou ainda com entusiasmo, sem deixar de ter a função comunicativa de responder à pergunta.

Grandjean & Scherer (2006) comentam que a voz humana expressa emoções e entonações pragmaticamente diferentes (distinção entre declarativa e interrogativa), ambas contidas na linguagem. Os autores dizem que tais funções se sobrepõem na expressão, pois ambos os processos influenciam na produção prosódica.

Retomando os problemas iniciais apontados entre função modal X função atitudinal, podemos dizer que a prosódia é responsável pela distinção de modalidades de frases (às vezes em conjunto com outros parâmetros, tal como contexto); portanto, parece-nos estranho negar tal função. Mais uma coisa que podemos afirmar é que ambas as funções (modal e atitudinal) podem ser expressas via prosódia e sobre um mesmo material segmental, em uma mesma sentença. Como visto acima, é perfeitamente possível fazer uma questão com dúvida, uma questão com surpresa ou ainda uma questão com queixa, assim como é possível encontrar uma asserção com dúvida, com surpresa ou queixa. Isso mostra que essas funções não se excluem, mas sim interagem, e a prosódia pode ser utilizada para expressá-las num nível mais ou menos codificado sem que uma função seja oposta à outra.

2- A função modal da prosódia

2.1- Definição

A função modal (lingüística ou gramatical) da prosódia pode ser entendida de dois pontos de vista diferentes: i) a entonação é responsável pela distinção de diferentes tipos de sentença (privilegiando assim a sintaxe das sentenças, baseando-se na oposição declarativa *versus* interrogativa); ii) a entonação é responsável pela distinção de diferentes atos de fala (privilegiando a análise pragmática, o ponto de vista comunicativo dos enunciados, tratando da oposição entre asserções e questões)⁷.

Segundo Fónagy (2003), muitos autores não admitem a existência de uma função gramatical para a entonação. Para exemplificar, ele retoma Pike (1945) que diz que a entonação distingue atitudes de enunciação (questão e asserção seriam atitudes em relação à enunciação – apresentar um fato ou questioná-lo) e não tipos gramaticais de enunciado. Fónagy retoma também Crystal (1969) que admite que toda entonação é atitudinal; para o autor não existiria o “puramente” gramatical, em oposição ao atitudinal.

É inegável, entretanto, que em algumas línguas, como é o caso do Português, somente pelo uso da entonação é possível distinguir uma asserção de uma questão. O próprio Fónagy fala sobre isso: “*Elle [l’intonation] permet, toutefois, l’identification des modes d’énoncés (des modalités) sans l’aide d’autres indices (morphèmes ou inversion de l’ordre sujet/verbe) et hors contexte*”. (FÓNAGY, 2003, p. 8)

Como afirma Tench (1990), a função comunicativa (perguntar, declarar, etc) seria exercida pelos modos verbais, mas a entonação tem aí um papel mais importante. Nas palavras do autor: “*The communicative function is expressed by other components of language notably the mood system; but it is remarkable how intonation “overrides” the mood system.*” (TENCH, 1990, p. 19.)

⁷ A discussão entre as oposições interrogativa e declarativa, asserção e questão será apresentada no capítulo 3 desta tese.

O problema que se coloca então não é com o fato de a entonação ser responsável por tal distinção, mas sim com o que se entende por modo, ou por distinção gramatical, e por isso os autores discutem se existe ou não uma função gramatical para a entonação, se isso equivale a dizer que existe uma função modal para a entonação, e em que isso seria diferente da função atitudinal da entonação (em torno da qual, como veremos mais adiante, não há tantas discussões, pois os autores admitem sua existência sem maiores questionamentos).

2.2- Conceitos de modo, modalidade, modalização

Para entender o que é a função modal da entonação, é necessário pensarmos nos conceitos de modo, modalidade e modalização, uma vez que muitas vezes tais termos não têm sido definidos na literatura prosódica, mas somente tomados de outras áreas da lingüística (principalmente da área dos estudos discursivos), sem dizer o que se entende por eles. Alguns autores entendem o modo apenas como referente ao modo verbal (indicativo – o modo da certeza; subjuntivo – o modo da dúvida; imperativo – o modo da ordem); outros estendem o conceito de modo ao modo das sentenças (declarativo em oposição ao interrogativo e ao imperativo); há ainda outros que pensam que tipos de sentença são modalidades e assim falam de uma modalidade declarativa, em oposição a uma modalidade interrogativa. Muitos autores não concordam que tipos de sentenças sejam modalidades, pois para eles as modalidades são expressas através de verbos modais que significam a possibilidade, a necessidade, entre outras nuances.

O que vemos de início é que mesmo na área do discurso tais termos (principalmente modalidade e modalização) têm sido utilizados sem muita sistematicidade. Conforme Véronique (2000, p. 113), “*Il faut relever d’ailleurs un certain flottement terminologique qui voit les termes de “modalisation” et de “modalité” recevoir souvent des descriptions identiques.*” Caubet (1991, p. 10) diz, por exemplo, que no centro da discussão da modalização é colocado o problema da distinção entre modalidade e modalização, que podem ser tomadas como sinônimos ou não.

Segundo Bailly (1991), o termo modalização tem sido entendido de maneira bastante ampla, uma vez que ele tem coberto tudo que, de maneira verbal ou não-verbal, permite ao locutor ou

ao alocutário exprimir um ponto de vista, uma tomada de posição sobre o conteúdo da mensagem, numa relação direta de interação verbal. Isso faz com que o termo tenha sido usado de maneira indiscriminada, porque diversas coisas podem ser chamadas de modalização segundo tal definição.

Ainda nessa linha, Ducrot (1993, p. 111) afirma que *“une foule d’elements linguistiques ont été, un jour ou l’autre, qualifiés de modalités.”*

No trabalho de Von Stutterheim (1993), encontramos diversas questões que giram em torno do tema modalidade, algumas concernentes à sua (não) definição. Por exemplo, a autora diz que na pesquisa sobre modalidade é necessário saber o que se entende por modalidade, e quais são as noções gerais que subjazem a esse domínio conceitual. Para a autora, além de definir o que se entende por modalidade, é também necessário pensar qual o papel das sentenças modalizadas na comunicação, se a força ilocucionária de tais sentenças é a mesma de sentenças não modalizadas, por exemplo.

Por que então não se tem um domínio claro do que cobrem esses termos? Talvez a maior parte da confusão se deva à não exploração dos conceitos, e também à não referência aos mesmos domínios da conversação (interação). Apresentamos, pois, a discussão a respeito do que alguns autores entendem por modalizadores.

Para vários autores (VÉRONIQUE, 2000; CAUBET, 1991; APFELBAUM et alii, 1991; ROULET, 1993) o conceito de modalização gira em torno da intenção do locutor em mostrar ao interlocutor que o enunciado não deve ser interpretado literalmente, mas que existem nuances (de significado) que devem ser levadas em conta. Por exemplo, se o locutor diz “É possível que chova”, não quer dizer que o interlocutor deve interpretar o enunciado “Vai chover” como verdade, pois a expressão modal “É possível” atenua o dito, transformando-o em possibilidade.

Dentro dessa definição, tanto as modalidades quanto os modos verbais e também os modalizadores seriam elementos utilizados na interação verbal para modalizar um enunciado. Conforme Roulet (1993), os modalizadores de proposições têm diversas formas, sentidos e

empregos, e não há uma correspondência unívoca entre essas três dimensões. O que há em comum é que todas elas marcam o ponto de vista do locutor.

Tomando por base essa definição mais ampla, diversas coisas podem ser entendidas como modalizadores, incluindo aí os **tipos de frase** (declarativa e interrogativa seriam pontos de vista do locutor sobre o enunciado), **modos verbais** (o subjuntivo, indicando possibilidade, seria um ponto de vista diferente do indicativo, indicando o “real”), **tempos verbais** (o futuro do pretérito, por exemplo, pode ser considerado o tempo condicional em português, dando assim um ponto de vista do interlocutor “Eu *iria* se...”), **verbos modais** (a necessidade, a possibilidade, a vontade, a capacidade, entre outras idéias expressas por verbos modais, tais como *poder*, *querer*, *dever*, seriam pontos de vista do locutor), **advérbios modais** (infelizmente, possivelmente, exprimiriam pontos de vista do locutor), **recursos menos gramaticalizados** (como os citados por Apfelbaum et alii, 1991: risos, mímicas, pausas); **atitudes/ emoções do locutor** (expressas lexicalmente ou não); e até mesmo a **entonação** (explicitamente citada como modalizador por Roulet, 1993).

Isso faz com que esses conceitos sejam bastante mesclados na literatura, e que por isso se torne difícil pensar o que seria a função modal da entonação (porque ela seria capaz de diferenciar tipos de sentença, possibilidade/ certeza, vontade, expressividade, entre outros fatores).

Entre tudo o que é considerado modalizador, o conceito de modalidade também aparece bastante difuso, muitos são os tipos de modalidades apresentados pelos autores:

Tipos de modalidade	Autores que os defendem
Tipos de sentença (asserção X questão X injunção)	CAUBET, 1991; VION, 1991; DUCROT, 1993;
Epistêmica (possibilidade e probabilidade)	VÉRONIQUE, 2000; CAUBET, 1991; VION, 1991; DUCROT, 1993; HAZAEL-MASSIEUX, 1991; APFELBAUM, 1991; VON STUTTERHEIM, 1993 BAILLY, 1991
Deôntica (restrição ou obrigação)	BAILLY, 1991; CAUBET, 1991; VÉRONIQUE, 2000; APFELBAUM, 1991, DUCROT, 1993
Volitiva (grau de vontade do locutor)	VÉRONIQUE, 2000; HAZAEL-MASSIEUX, 1991; VION, 1991; APFELBAUM, 1991; BAILLY, 1991; CAUBET, 1991
Comissiva (capacidade de ação)	BAILLY, 1991; CAUBET, 1991; VÉRONIQUE, 2000; APFELBAUM, 1991; VION, 1991
Expressiva (sentimentos e atitudes do falante em relação à proposição)	VÉRONIQUE, 2000; APFELBAUM, 1991; CAUBET, 1991; VION, 1991; DUCROT, 1993.
Apreciativa (qualificação do enunciado)	CAUBET, 1991; HAZAEL-MASSIEUX, 1991
Implicativa (aproximação ou distanciamento da proposição)	VION, 1991

Quadro 04- Tipos de modalidade.

Com tudo isso, seria praticamente impossível estudar o papel da prosódia na função modal, uma vez que seus papéis seriam vários, sobrepostos, entremeados, sem possibilidade de definir onde um acabaria e onde começariam os outros.

Neste trabalho, restringimos o estudo de função modal da entonação como a capacidade da entonação de distinguir modalidades (tipos de sentença), da forma como se vê na grande maioria dos trabalhos prosódicos; também sendo os tipos de sentença um tipo de modalidade nos trabalhos discursivos (como podemos ver no quadro acima). Interessa-nos aqui a interrogatividade, pensada como a modalidade das sentenças interrogativas; portanto, a função modal da prosódia não será aqui estudada contrastivamente (diferenciando interrogação de declaração), mas sim na expressão de sentenças interrogativas.

2.3- Modalidade interrogativa

Antes de passarmos à descrição prosódica das frases interrogativas, mostrando como a prosódia desempenha seu papel modal, algumas observações se fazem necessárias: i) a definição de questão será apresentada no capítulo 3 desta tese, em que tanto será discutido o conceito de tal ato de fala quanto serão feitas observações acerca de aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos relativos a tal ato, que corresponde parcialmente à modalidade interrogativa. Para a revisão da função modal da prosódia e sua função modal não faremos distinções a esse respeito, ii) a revisão dos estudos da entonação das interrogativas do

português encontra-se em seção à parte, mas optamos por apresentar, antes, uma revisão sintetizada dos estudos de interrogativas em outras línguas, a fim de tornar a referência mais completa; iii) neste capítulo não trataremos de modo específico da função expressiva da prosódia, uma vez que tal discussão é apresentada no próximo capítulo. Mencionaremos, entretanto, nos estudos revisados, as diferenças entre interrogativas neutras e expressivas sempre que tal distinção aparecer nos estudos revisados, apesar de a maioria deles concentrar-se em interrogativas neutras.

2.4- Prosódia das questões / sentenças interrogativas

Muito se discutiu (ou se discute) na literatura prosódica sobre a existência de um contorno melódico que seja próprio de interrogativas/questões, opondo-as às declarativas/asserções e a outros enunciados/atos de fala. Revisando alguns trabalhos, procuraremos mostrar os autores que argumentam a favor de uma entonação típica de questões, os que dizem que tal entonação típica não existe, e o que podemos concluir a respeito de como a modalidade interrogativa tem sido descrita na literatura.⁸

2.4.1-Autores que admitem uma entonação específica da frase interrogativa (ou das questões):

O Connor & Arnold (1961) ligam a entonação da interrogativa a um movimento nuclear ascendente (quando a questão é geral - sim/não) e a um movimento melódico descendente (quando há pronome interrogativo). Não restringem, entretanto, o uso apenas destes contornos melódicos para as sentenças interrogativas, listando outras possibilidades, que trarão, para os autores, significados complementares.

Halliday (1967, 1970) fez estudos da entonação do inglês britânico relacionando melodia a aspectos gramaticais e a significados. Em seu livro de 1967, coloca que não é possível definir uma forma pela fonologia, isto é, uma entonação não define um tipo qualquer de sentença, mas é possível associar uma coisa a outra, dizendo que uma sentença de um determinado tipo

⁸ Observa-se que muitas descrições concernem apenas às questões totais (aquelas cuja resposta é sim ou não). Uma possibilidade de explicação para isso é o fato de que são esses enunciados os que geralmente apresentam uma entonação diferente da entonação das asserções, por não apresentarem marcas formais de questões, e por isso foram mais abordados na literatura prosódica.

tem (quase sempre) uma entonação específica. Halliday apresenta, em seu estudo, a associação de formas entonativas (contornos ascendentes, descendentes, etc) a tipos de sentenças que se realizam (quase sempre) com essas mesmas formas (p. e., para Halliday, a declarativa se realiza com um contorno melódico descendente, exceto quando há algum outro fator novo que faz com que esse padrão se diferencie).

Halliday estabeleceu, para o inglês, cinco tons primários simples e dois tons primários compostos. São eles denominados por números (tom 1, tom 2, tom 3, tom 4, tom 5, tom 13 e tom 53). Cada um deles possui uma configuração neutra (aquela que é utilizada normalmente, a menos que haja uma boa razão para utilizar outra) que foi descrita por ele.

Para as **interrogativas totais** neutras⁹, Halliday atribui o **tom 2**. Esse tom é ascendente - a tônica do enunciado (tônica proeminente) tem um movimento melódico ascendente.

Para as **interrogativas parciais** neutras (aquelas com pronome interrogativo), Halliday aponta o tom 1 que, ao contrário do tom 2, é descendente.

Para as **questões afirmativas** (*statement-questions*, na denominação de Halliday), o neutro seria o tom 1, descendente. Se houver no final dessas questões a fórmula “*tag*” (Peter isn’t here yet, **is he?**), a parte *tag* será ascendente, portadora, portanto, do tom 2.

Por fim, para as **questões múltiplas** (alternativas), o autor propõe o tom 2 até o primeiro elemento (ascendente) e o tom 1 (descendente) no segundo elemento (após a partícula disjuntiva *ou*).

Em trabalho de 1985, Bolinger discute aspectos da entonação (ligada à melodia) do inglês falado. O objetivo do livro é dizer como a entonação é sistematicamente utilizada para expressar significado. Um dos exemplos dados por Bolinger para tal uso da entonação é o fato de que a melodia ajuda a diferenciar uma asserção de uma questão, como é possível observar nos exemplos abaixo:

⁹ Halliday apresenta um contorno entonativo para as sentenças neutras e algumas outras possibilidades caso a sentença apresente alguma atitude do locutor. Como nessa seção estamos discutindo a função modal da entonação, apresentamos apenas os contornos neutros propostos por Halliday para os diferentes tipos de sentenças interrogativas.



Figura 03- Distinção de modalidades das frases baseada na melodia.
A frase *a* é uma asserção e a frase *b* é uma questão. Fonte: Bolinger, 1985: 09

Bolinger discute também o fato de que são os pontos finais da melodia (designados por ele de *terminals*) a parte mais importante para a distinção gramatical das sentenças, uma vez que tais pontos podem ser o único índice para diferenciar o tipo gramatical de sentenças como as que vemos abaixo:



Figura 04- Frases com diferentes significados, devido, segundo Bolinger, à variação da entonação nos pontos finais. Fonte: Bolinger: 1985, p. 25.

É importante observar que o fato de Bolinger mostrar distinções que a entonação pode fazer entre sentenças interrogativas e declarativas não significa que ele aponte uma única forma entonativa para as questões, mas sim que ele acredite que a entonação pode distinguir tipos de sentença. Cabe lembrar que o autor também acredita em uma entonação expressiva, carregando atitudes e expressões do falante.

Brinckmann & Benz Müller (1999) procuraram demonstrar quais são os parâmetros necessários para diferenciar os tipos de sentença em alemão (questão total, questão declarativa, questão parcial e declaração). Os autores concluem que tessitura, tom nuclear e tom de fronteira, inclinação da linha de topo (*topline*) e da linha de base (*bottomline*) seriam suficientes para distinção; e dentre estes os mais importantes seriam tessitura, tom de fronteira e inclinação da linha de topo. Os resultados encontrados são resumidos no quadro que se segue:

	declarativa	questão parcial	questão sim/ não	questão declarativa
tom de fronteira final	baixo	baixo	alto	alto
acento melódico nuclear	(L) H*	(L) H*	L* (H)	L* (H)
fim de F ₀	menor	baixo	alto	alto
início de F ₀	alto	alto	alto	baixo
variação de F ₀	pequena	grande	pequena	grande
inclinação da linha topo	amena	brusca	brusca	brusca
inclinação da linha base	brusca	brusca	amena	amena
inclinação do registro	convergente	divergente	divergente	convergente

Quadro 05- Parâmetros de distinção dos tipos de sentença em alemão.

Fonte: BRINCKMANN & BENZMÜLLER, 1999, p. 24.

2.4.2- Autores que não admitem uma entonação especificamente interrogativa

Em seu trabalho de 1945, Pike não admite uma função gramatical para a entonação, e não acredita haver um contorno melódico específico para sentenças interrogativas:

*Popular non-linguistic tradition would seem to claim that there is a question pitch as distinct from a statement pitch; all questions are presumed to use first of these two, and, as a corollary, the question pitch would not occur on statements. The evidence fails to support the assumption. There are many more contours than one for question and one for statement. (...) In other words, **there appeared to be no question pitch as such.** (PIKE, 1945: 24. Grifo meu.)*

Fries (1964) analisou um *corpus* de 2561 **questões totais**, retiradas de diálogos espontâneos em um jogo de adivinhação de programas de rádio e televisão. Como resultado, o autor encontrou 1580 questões com padrão descendente, ou seja, 61,7% do *corpus*. Somente 981 questões analisadas (38,3% do total) tinham padrão ascendente. Para os autores que colocavam que o padrão melódico da questão total é ascendente, encontrar um padrão descendente para esse tipo de enunciado é sempre sinal de uma entonação marcada, que possui um significado em particular. Fries procurou mostrar, entretanto, que não é muito adequado falar em um padrão descendente nas questões totais como marcado, uma vez que esse padrão é mais recorrente que o ascendente. A conclusão a que o autor chega é de que não há um contorno típico para a entonação, pois se tomarmos várias questões totais, teremos uma razão de 3 para 2 de contornos descendentes.

Crystal (1969) não descreve uma única entonação possível para enunciados interrogativos. Segundo ele, a situação (contexto) ou a atitude do falante podem modificar por completo a

entonação utilizada para uma frase. Assim, postular simplesmente que a entonação ascendente é utilizada para interrogativas restringe de forma irreal as possibilidades de entonação dessas sentenças. Os dados desse autor mostram que é possível utilizar entonação ascendente e descendente em vários tipos de enunciados, mesmo aqueles anteriormente caracterizados com uma entonação única. Crystal exemplifica isso mostrando uma **questão parcial** (anteriormente descrita com um contorno melódico descendente) com duas possibilidades de melodia: uma ascendente e uma descendente; e faz o mesmo para a **questão total** (anteriormente caracterizada por um contorno melódico ascendente), que é mostrada no exemplo com duas possibilidades de contornos melódicos: um ascendente e um descendente. É importante lembrar que para Crystal não há sentenças neutras, só há um contínuo que vai do menos ao mais atitudinal, e, portanto, todas as sentenças apresentam algum tipo de atitude. Dessa forma, seria impossível associar uma forma gramatical a uma forma entonativa, uma vez que as diferentes atitudes apresentadas provocariam contornos prosódicos distintos.

No estudo que realizou sobre **questões** do francês, Grundstrom (1973) encontrou seis padrões de F_0 para a última sílaba das questões totais (sílaba na qual concentrou seus estudos):

ascendente: /
 ascendente-descendente: /
 queda alta: — \
 queda baixa: — \
 alto estático — —
 baixo-estático — —

Para o autor, não há uma curva melódica que signifique exclusivamente *interrogatividade*, mas os resultados mostram que a maioria das questões apresentam entonação ascendente (apesar desta ser usada em enunciados não interrogativos ou quase-interrogativos também). O autor especifica qual padrão ascendente é mais utilizado e diz que há uma hierarquia de fatores que determinam a interrogatividade, sendo o mais importante a altura da subida (independente de onde, nas questões há uma subida até um nível mais alto), o segundo as formas das curvas (algumas são mais usadas que outras) e o terceiro a intensidade.

Lee, em um artigo publicado em 1980, retoma a discussão da existência de uma marca prosódica específica de interrogatividade, e diz que há quase um consenso geral de que as **questões totais** não têm necessariamente uma entonação ascendente em inglês.

O autor retoma justificativas apresentadas para o uso do ascendente ou do descendente e conclui que ainda não está claro por que a escolha por um ou outro padrão entonativo é feita. Lee retoma Crystal (1969), que acredita que a diferença esteja na atitude envolvida, sendo o uso da entonação ascendente mais amigável e interessado que o uso do descendente e também retoma Uldall (1964), que tem idéias parecidas. De acordo com estudo anterior do autor o final descendente tende a ser mais firme e insistente, enquanto o ascendente sugere simpatia e polidez. Mas o autor questiona se a dependência da escolha está condicionada somente às atitudes do falante.

Para verificar suas hipótese, o autor fez gravações de dois programas de rádio: um que tinha muitas questões totais (A) e outra que tinha poucas (B). A maior parte (58%) das questões em A foram ascendentes, sendo o restante descendente. Em B as questões descendentes foram quase a metade (20 das 45 estudadas).

O autor diz que esperava mais variação na entonação dos enunciados interrogativos que foram estudados, e ficou surpreso ao ver a maioria ascendente. Segundo ele, são necessários estudos mais profundos para verificar se há mesmo uma predominância da entonação ascendente nas questões totais.

Em 1980, Rando fez um estudo que procurou caracterizar os usos semânticos e funcionais de padrões entonativos como o ascendente e o descendente em **questões totais**. A autora observa diversas coisas, como por exemplo: declarativas geralmente terminam com final descendente; algumas sentenças com forma sintática de declarativas que terminam com entonação ascendente são questões das quais se espera uma resposta positiva; questões totais geralmente terminam com padrão ascendente; em casos especiais, pode haver questões totais com final descendente. A autora dá um exemplo de questão total com final descendente:

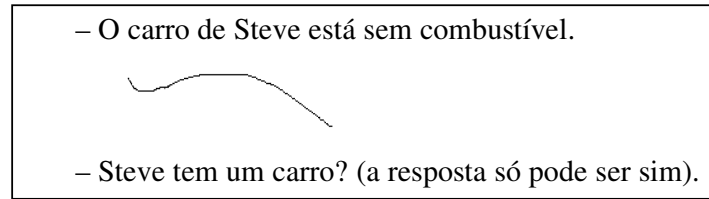


Figura 5- Exemplo de questão total com final descendente. Fonte: RANDO, 1980.

As discussões feitas no artigo, entretanto, não avançam muito. A visão apresentada está de acordo com a visão “tradicional” da entonação de questões e declarações, e deixa de abordar as questões discursivas (que foram anunciadas no artigo, mas não foram investigadas). O máximo que se vê de discurso no artigo é a inclusão das frases analisadas em pequenos diálogos, não necessariamente dando a deles as características discursivas (quem fala, pra quem fala, como fala, em que contexto, etc).

Em 1986, Cruttenden discute, em seu *Intonation*, os tipos de tons nucleares do inglês e a associação desses tons nucleares a diversos tipos de sentença. Ao falar das **interrogativas totais**, Cruttenden diz que:

Notice that all four nuclear tones are quite possible on yes/no questions: there is no such a thing as ‘question intonation’ although some tones may be more common on questions than others. The high-falling and low-falling tones both have rater ‘serious’ overtones, the higher tone being more ‘involved’, and the lower tone more ‘business like’; whereas the rising tones are altogether ‘lighter’ tones, the high-rising tone being the most ‘casual’. (CRUTTENDEN, 1986, p. 59)

Em seu trabalho de 1990, Tench descreve o **pedido de informação** (a **questão**) dizendo que as funções comunicativas que pedem informação e pesquisam sobre graus de realidade e crenças são acompanhadas por tom ascendente, exceto no caso de começadas por palavras interrogativas (QU-), quando são descendentes. Mas é possível ter uma questão parcial com ascendente, se a atitude do locutor for diferente de neutra (ex: interesse, simpatia).

Há uma diferença, apontada pelo autor, entre o *autoritário* e o *aberto*. O autoritário está ligado ao falante (ele decide) e apresenta tom descendente. O aberto está ligado ao ouvinte (ele decide) e apresenta tom ascendente. Através disso seria possível deduzir que em uma pergunta real (o locutor deixa a resposta livre para o interlocutor) o tom é ascendente,

enquanto num pedido de confirmação (o locutor já tem uma idéia da resposta, o interlocutor não deve responder contradizendo-o) o tom seria descendente.

Bartels, em 1999, faz um trabalho de comparação entre os enunciados declarativos e interrogativos numa perspectiva funcional, a fim de relacionar tais formas e suas diversas funções aos contornos entonativos que elas apresentam.

Bartels afirma que *“there is no direct correlation in questions between syntactic subtype and intonation, and further, that in empirical descriptions, there is no little use for the simplistic notion of a uniform ‘question intonation’.”* (BARTELS, 1999, p. 8)

Para a autora, o trabalho com questões é interessante, uma vez que a entonação desses enunciados é bastante flexível e mostra que a entonação não está relacionada apenas com tipos de sentença (nem com atos de fala, pois como é possível atribuir mais de uma entonação a um determinado ato de fala, deve haver outros fatores que influenciam nessa escolha da entonação). Nas figuras abaixo, encontram-se exemplos, retirados de Bartels, de que a entonação pode distinguir modalidade (frases 1-a e 1-b), mas essa não é a única função dela pois, como é possível ver no segundo exemplo (frases 2-a e 2-b), uma questão total pode ter uma entonação ascendente ou descendente.

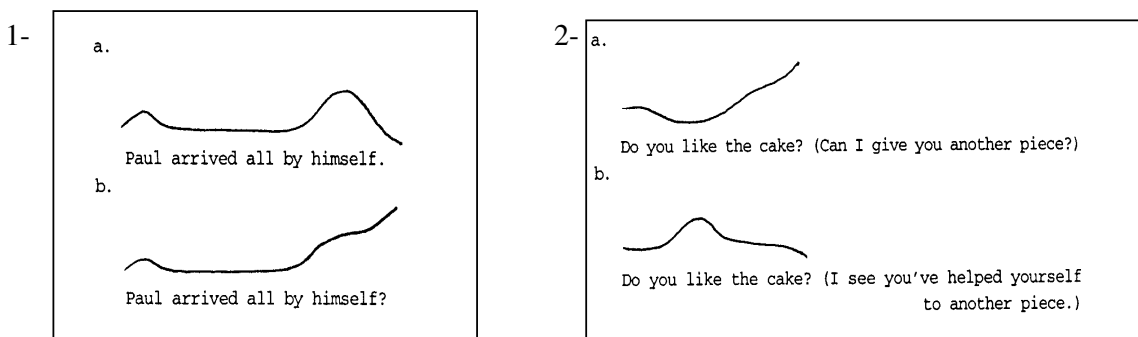


Figura 6- Entonação entonação/modalidades. Em 1a e 1b, distinção entre asserção e questão. Em 2a e 2b, uma questão total, com entonação e significados diferentes.. Fonte: BARTELS, 1999: 6-7.

Bartels descreve a entonação das **questões alternativas** como uma entonação que termina pela seqüência de tons H* - L (L%), obrigatoriamente. Caso outro tom de fronteira ocorra (um H% por exemplo) a questão deixa de ser alternativa e passa a ser um convite, em que se espera a resposta sim. Assim, Bartels, ao discutir o significado da entonação em tais questões,

diz que a parte final desses enunciados não conta muito para a interpretação, mas sim os acentos não finais, a relação entre estes acentos e a presença ou ausência de fronteiras internas (incluindo ou não pausas). Nuances de significado são dadas, portanto, quando se usa, por exemplo, um número maior ou menor de fronteiras internas. Se há fronteira, a interpretação tende mais à alternativa; se não há, parece direcionar a resposta do interlocutor para um item específico.

Para as **questões totais**, Bartels comenta que a pragmática de tais atos de fala, especialmente em seus aspectos atitudinais, é um tópico complexo; por isso a autora não discute a assimetria entre questões positivas e negativas, nem a relação variada entre conteúdo proposicional e expectativa do falante. Ao analisar as questões totais, Bartels distingue dois grupos: o primeiro é o grupo das questões que têm padrão descendente (que ela chama de *whether-questions*), que, como as questões alternativas, instruem o destinatário através de seu acento de frase L^- para submeter-se publicamente a uma proposição alternativa (sim/não); que são questões que apresentam uma pressuposição em seu conteúdo; e o segundo grupo, o das interrogativas com padrão melódico ascendente (chamadas por ela de *if-questions*), que não possuem o acento de frase L^- e não representam uma tentativa de asserção de qualquer proposição, mas meramente colocam sua proposição de superfície em questão. O padrão de tons desse último tipo de questão total (*if-questions*) é $L^* H - H\%$, também usado em questões não interrogativas como as **questões eco** ou enunciados que exprimem surpresa ou incredulidade. Se antes do acento final o início for alto, para os ouvintes americanos a questão sugere *insistência* ou *impaciência*.

Bartels descreve ainda as **questões parciais** (com palavras interrogativas), que podem ter uma entonação final ascendente ou descendente. O mais comum é que essas questões apresentem, no final do enunciado, a seqüência tonal $H^* L - L\%$. Para a autora, essas questões apresentam também um conteúdo pressuposto, daí o tom de frase baixo. Caso essas questões apresentem um tom não final baixo antes do alto final, elas serão marcadas e darão a idéia de *surpresa* ou *redundância*. As questões com o final alto apresentam um foco diferente daquelas cujo movimento final é baixo. Podem ainda ser questões eco (repetidas).

2.4.3- Sentenças interrogativas e questões neste trabalho

Pensar na entonação ascendente como marca de interrogatividade parece contraditório depois de revisar tantos estudos que dizem haver questões com diversos padrões diferentes de entonação. Citando Geluykens (1988), “*intonation is a virtually irrelevant as a question cue and lexical pragmatic indicators are more important for determining the question status of an utterance*” [apud ŠAFÁŘOVÁ & SWERTS, 2004, p. 313].

Discute-se muito se o padrão interrogativo existe, se a função modal da entonação existe, mas o problema não parece residir nestes fatos. O que não se leva em consideração, na maior parte das vezes, é que os mesmos autores que falam de uma entonação responsável pela interrogatividade estão argumentando em favor de uma entonação que expressa uma distinção entre as modalidades das sentenças; por outro lado, os que falam de várias entonações como marcas da interrogatividade estão levando em consideração a expressividade (os diferentes estados afetivos do locutor marcados por diferenças prosódicas) e não a modalidade. Por isso o quadro de revisão aparece confuso – se todos os autores fizessem uma separação entre uma entonação específica para frases do tipo interrogativo, provavelmente todos eles encontrariam um tipo de contorno melódico mais apropriado às questões. A partir do momento em que a expressividade é levada em consideração, o contorno melódico acumula funções e significações, o que leva os autores a encontrarem muitas diferenças na prosódia das interrogativas e a dizer que não existe uma entonação própria de tais sentenças, mas muitas.

Caberia então aqui a reflexão: se levarmos em consideração a expressividade e os diversos significados que uma sentença pode ter, não chegaremos a um padrão para as interrogativas, mas a vários. Entretanto é interessante lembrar que, mesmo com diversos padrões, os interlocutores interpretam um enunciado como interrogativo e fornecem uma resposta para ele. Isso se faz somente baseado no contexto ou existe realmente algo na forma entonativa que direciona o falante ao reconhecimento da modalidade? Acreditamos que a prosódia seja um bom índice para identificação da modalidade interrogativa em PB; assim, mesmo que haja diferenças, alguns parâmetros prosódicos são os mesmos nas questões a fim de que sejam reconhecidas como tal. Através dessas questões levantadas na revisão de literatura procuraremos nortear a pesquisa do papel da prosódia na expressão das questões (incluindo as atitudinais) em português.

2.5- Prosódia das questões do português do Brasil

É possível separar os trabalhos sobre a entonação de questões/ sentenças interrogativas do português do Brasil em dois grupos: um constituído de estudos feitos com base no trabalho de Halliday e outro constituído de trabalhos com base instrumental.

2.5.1 – Trabalhos com base em Halliday

Os primeiros trabalhos sobre a entonação do português buscam aplicar o sistema entonativo proposto por Halliday (1967, 1970) ao português, relacionando tipos de sentença (ou atos de fala) a padrões entonativos. Dentre tais trabalhos, citamos principalmente o de Gebara (1976), o de Rizzo (1981) e os de Cagliari (1980 e 1981).

Há uma concordância entre os tons propostos para os tipos de sentenças nos trabalhos dos três autores, mas cada um deles acrescenta diferentes detalhes sobre significado das sentenças, atitudes do falante, entre outros.

Para caracterizar as **questões totais**, os três autores utilizam o tom 2 do modelo de Halliday (um tom ascendente). O significado das questões com esse tom seria o “pergunta querendo saber realmente se” (CAGLIARI, 1981; RIZZO, 1981). Há ainda outra possibilidade, de uso do tom 1, descendente, para as questões marcadas (RIZZO, 1981).

Já a entonação das **questões parciais** é descrita com o tom 1 (descendente) em todos os trabalhos. Rizzo acrescenta o tom 2 (ascendente) para questões marcadas, ou com atitude de *surpresa*, *incredulidade*. Gebara diz que o uso do tom 2 nas questões parciais pode estar ligado a um estilo informal de fala, ou à *surpresa*, ou ainda ao uso de um elemento novo.

Cagliari descreve a **interrogativa pedido de confirmação** com o uso do tom 3 (que apresenta pré-tônicas descendentes, e tônica nivelada com altura média). Para o autor, se tais questões aparecem com marcador de confirmação (do tipo *não é, é isso*, etc), a entonação será uma seqüência de tom 1 (na frase) mais tom 2 (no marcador de confirmação).

Para as **interrogativas múltiplas** (conhecidas também como **questões alternativas**), os autores apontam uma seqüência do tom 2 e do tom 1, se o significado for realmente a opção por um dos itens enumerados (exclusão, disjunção).

Por fim a **questão eco** é descrita pelos três autores como marcada por um ascendente enfático (tom 2, ou 2+). Para Cagliari, a diferença entre situações de comunicação é que leva à atribuição de um ou outro tom nesses enunciados.

2.5.2 – Trabalhos com base instrumental

Fernandes (1976), em sua dissertação de mestrado, fez um estudo (através de análise instrumental) sobre a acentuação e a entonação do português do Brasil. Seu estudo se baseia na unidade que ela intitula de grupo fônico, constituído por elementos estreitamente ligados pelo sentido e que não estejam separados por uma pausa.

Para as **questões totais** neutras, sem morfema interrogativo, há dois contornos listados:

O primeiro, mais comum, é caracterizado por uma queda alta (3/2) na última sílaba acentuada. O segundo, menos freqüente, é marcado por uma subida alta (2/3) na mesma sílaba. (FERNANDES, 1976: 117.)

A autora diferencia ainda as questões totais neutras das **enfáticas**, às quais ela atribui uma maior variação melódica que aquela apresentada nas questões neutras. Para as **questões repetitivas**, Fernandes aponta um ascendente enfático.

As **questões parciais** são descritas por Fernandes com um movimento melódico descendente, se neutras ou enfáticas, sendo que as enfáticas apresentam maior tessitura que as neutras. Para as questões parciais repetitivas a autora aponta um padrão descendente-ascendente.

As **questões alternativas** são caracterizadas por Fernandes com um movimento melódico ascendente até o primeiro item da opção e descendente no segundo item.

Hochgreb (1983) desenvolveu um estudo sobre a entonação da frase interrogativa em português com o objetivo de descrever a entonação dessa frase no nível referencial. Para

tanto, analisou frases interrogativas em uma perspectiva acústico-perceptiva e examinou as correlações entre a entonação e a modalidade interrogativa e as correlações entre entonação e a organização sintático-enunciativa desse tipo de frase.

Para a **questão total neutra**, Hochgreb aponta um padrão melódico que começa no nível médio, cai até o grave (na sílaba anterior à tônica nuclear do enunciado) e sobe até o nível infra-agudo ou agudo (na tônica do enunciado), havendo queda posterior (caso haja sílaba(s) pós-tônica(s) no final). A autora observa ainda que, caso haja ênfase em alguma palavra no interior do enunciado, haverá um movimento melódico ascendente-descendente na tônica da palavra enfática (no exemplo citado, temos o advérbio muito), além do padrão melódico já descrito. Nesse caso, o ascendente final tende a subir até o nível médio ou infra-agudo, e o enfático, até o infra-agudo ou agudo, sendo, portanto, mais alto que o ascendente final.

Quanto à **questão total enfática** (expressiva), Hochgreb associa tais enunciados a um padrão melódico parecido com o das interrogativas totais neutras, com a diferença de que, nas enfáticas, a subida final é mais ampla, chegando, pois, ao nível agudo ou super agudo.

Para as **questões alternativas**, o padrão proposto por Hochgreb é ascendente no primeiro item da escolha (padrão semelhante ao das questões totais, em que há uma queda anterior à subida) e descendente no segundo, começando na conjunção **ou**. A autora observa ainda que o final ascendente do primeiro item pode se deslocar até a conjunção **ou**, nesse caso, o descendente do segundo item começa depois dessa conjunção.

As **questões repetitivas** analisadas por Hochgreb têm um padrão ascendente final semelhante ao das questões totais enfáticas, pois sobe, na tônica do enunciado, até o nível agudo ou supra-agudo. A diferença entre as questões repetitivas e as questões enfáticas para a autora se faz no parâmetro duração, pois as repetitivas têm a duração maior que as enfáticas.

Hochgreb atribui às **questões parciais neutras** um movimento melódico descendente, que começa no nível de supra-agudo a agudo e termina no nível grave. Uma variante apontada é um contorno descendente que, ao final, apresenta um pequeno movimento ascendente.

Nas **questões parciais enfáticas**, a autora também encontrou um movimento melódico descendente, que começa no nível supra-agudo e termina no nível de médio a grave, sendo, portanto, mais alto que o encontrado nas questões parciais neutras.

Moraes (1984), em sua tese de doutorado, fez um trabalho sobre a entonação modal brasileira procurando descrever, dos pontos de vista fonético e fonológico, os padrões entonativos brasileiros (variante do Rio de Janeiro), levando em consideração os diferentes tipos de frase e a manifestação de diferentes atos ilocutórios. O trabalho foi realizado em duas etapas: a primeira consistiu em analisar, acusticamente, vários tipos de enunciados (asserções, questões totais, ordens, etc) e a segunda em comparar essas entonações, a fim de destacar o que é pertinente nas oposições entonativas e a natureza delas.

Para a **interrogativa total**, Moraes aponta, como principais características da entonação, um ataque (início de F_0) variável, sendo mais alto ou muito mais alto que na asserção. A partir dessa sílaba, a curva apresenta, como para a asserção, variações relacionadas à organização sintática ou informacional (e não à modalidade). Sobre a última sílaba tônica observa-se uma subida importante, comportamento melódico que se opõe ao da asserção, o que distingue tais modalidades. Há uma outra queda de F_0 , na questão total, sobre a sílaba que precede a última tônica do enunciado, sendo essa sílaba, geralmente, o ponto mais baixo de F_0 do enunciado. As sílabas pós-tônicas finais são menos desvozeadas que aquelas da asserção.

A intensidade na interrogativa total é marcada, aumentando no final do enunciado. A última sílaba tônica não é, na maior parte dos casos, menos intensa que as outras tônicas.

Quanto à duração, há um alongamento da vogal tônica final (mais importante que na asserção).

A descrição que Moraes faz da **questão parcial com morfema interrogativo no início da frase** é: a questão tem um ataque no nível alto, claramente superior ao da asserção e da questão total, a primeira sílaba acentuada se situa no nível de 25 quartos de tom relativos (doravante qtr). É esse início alto a principal marca da oposição entre esse enunciado e a declarativa.

A partir dessa sílaba, na qual se encontra o valor mais alto de F_0 do enunciado, a curva descende gradualmente até atingir, sobre a última tônica do enunciado, um nível baixo, em geral 2 qtr. Se houver pós-tônicas, seus valores de F_0 permanecem num nível baixo.

A intensidade sobre a última sílaba tônica é mais próxima da asserção que da questão total, a última tônica é geralmente a menos intensa do enunciado, a mais intensa sendo a primeira sílaba acentuada.

Em relação à duração, o autor constatou um alongamento da última vogal acentuada, assim como observado na questão total.

A **interrogativa parcial com morfema interrogativo no final** é descrita com um contorno melódico que apresenta um ataque médio, como o da asserção e da questão total. Esse nível se mantém até a sílaba tônica que precede imediatamente à partícula interrogativa, onde é encontrada uma subida melódica, em média de 35 qtr. Esse nível melódico elevado marca a oposição entre essa modalidade e a asserção.

Quanto à intensidade, ela é reforçada perto do final do enunciado, ao contrário do que se passa com a questão parcial com morfema interrogativo no início.

Na duração foi encontrado um alongamento da vogal da última sílaba tônica.

Moraes analisa também a entonação do que ele chama de **pedidos de confirmação da questão precedente** (esse enunciado não é o pedido de confirmação que vemos na literatura, mas trata-se de uma questão que repete a questão precedente). Foram três os tipos de questão-eco: eco sobre a questão parcial com morfema interrogativo no início, eco sobre a questão parcial com morfema interrogativo no final e eco sobre a questão disjuntiva (alternativa). Para os três tipos, as características melódicas apresentadas são: ataque em nível médio, uma subida até um nível alto sobre a última tônica (22 qtr), o padrão sendo muito parecido com o da questão total.

O comportamento da intensidade é parecido com aquele já observado para as questões parciais.

Quanto à duração, observa-se um alongamento da vogal da última sílaba tônica, exceto para a questão eco da disjuntiva, na qual tal alongamento é bem menos importante.

Moraes dá como descrição entonativa das **questões repetidas** (ou o que na literatura vemos com o nome de insistentes, porque o locutor já perguntou uma vez, houve uma intervenção (resposta) do interlocutor, mas o locutor pergunta uma segunda vez a mesma coisa), uma entonação diferente, dependendo das características sintáticas dessas questões.

Para o autor, a **questão repetida parcial com morfema interrogativo final** caracteriza-se por uma frequência fundamental que, tendo um comportamento muito semelhante àquele da questão total na parte inicial, apresenta, no final do enunciado, uma subida mais importante sobre a última sílaba tônica ou acentuada, atingindo algumas vezes um nível muito elevado.

Na intensidade, encontramos um aumento significativo no fim do enunciado, a última sílaba tônica é geralmente aquela na qual se encontra o pico de intensidade.

A entonação da **questão disjuntiva (alternativa)** no trabalho de Moraes se caracteriza por uma subida até um nível alto sobre a sílaba tônica que precede imediatamente a partícula disjuntiva **ou** (nível que se mantém durante tal partícula), seguido de um movimento descendente sobre as sílabas seguintes até o nível baixo na tônica final. No caso de escolha com mais de dois itens, todas as sílabas tônicas correspondentes às escolhas oferecidas ao interlocutor atingem o nível alto, com exceção da última tônica.

Em relação à intensidade, há uma diminuição sobre a última sílaba tônica, e uma tendência de o pico se encontrar na tônica que precede a partícula disjuntiva **ou**.

O trabalho de Moraes apresenta ainda algumas conclusões importantes em relação a como diferenciar os tipos de modalidades (incluindo as diferentes questões por ele descritas):

- O valor de um padrão entonativo dado (modal) depende principalmente de três fatores, a saber: da entonação propriamente dita, do tipo de frase, do lugar que o enunciado ocupa no diálogo;

- poucos pontos na cadeia (em geral dois) são pertinentes para a codificação/ decodificação dos padrões entonativos em relação à modalidade da frase.
- esses pontos são determinados pelo tipo de frase (presença de certas partículas gramaticais) e pela posição dos acentos;
- entre os três parâmetros estudados (F_0 , intensidade e duração) a F_0 é de longe o mais importante para a entonação modal.
- nas modalidades estudadas, os níveis melódicos (alto, médio, baixo) sobre os pontos-chave do enunciado são o índice mais importante para estabelecer padrões entonativos.

Através de tais conclusões, o autor estabelece o seguinte quadro comparativo:

Modalidades Parâmetros	Asserção	Pedido de confirmação	Questão parcial	Questão repetida	Questão disjuntiva
Níveis	/B+B/	/B+A/	/A+B/	/A+A/	/A+B/
forma sobre a última sílabla tônica ou acentuada	\	/	\	/	\
intensidade final	-	+	-	+	-
duração final	-	+	+	-	+
contexto (existência de um contexto precedente)	+	+	-	-	-

Figura 7- Esquema dos padrões entonativos do português brasileiro para diversos tipos de enunciado.
Fonte: MORAES, 1984, p. 435.

Cabe lembrar que alguns fatores não foram levados em consideração no estudo de Moraes (conforme observado pelo próprio autor), a saber:

- interação entre acento de palavra, acento de frase e entonação
- manifestação prosódica da organização tema-rema
- estudo da manifestação entonativa de outros atos ilocucionários, como conselho, sugestão, etc, e de outras questões;
- relações entre entonação e organização sintática da frase;
- estudo das modificações expressivas (atitudes, emoções, estilos) dos padrões da entonação “gramatical”.

Em sua tese de doutorado Reis (1995) dedica um capítulo à descrição das questões totais em português. O objetivo da tese é comparar interação entre ritmo, entonação e acento e, após fazê-lo nas sentenças declarativas, o autor se pergunta se essa interação seria diferente se a

entonação mudasse; por isso faz um estudo das questões. Reis utilizou questões totais, pronunciadas por estudantes universitários, para tal estudo. Conforme revisão de literatura apresentada na tese, o autor esperava um contorno melódico ascendente na última sílaba acentuada da frase, descrito anteriormente por Hochgreb, 1983 e Moraes, 1984, na maioria das questões analisadas. O autor fala também sobre a questão total com contorno descendente, apontada por Moraes (um ascendente com parte final descendente, presente somente em 10% das questões analisadas) e por Hochgreb, (um ascendente seguido normalmente de queda final, mesmo na sílaba acentuada quando o locutor hesita em pedir uma informação ou uma confirmação).

Reis encontrou seis tipos de movimentos melódicos diferentes sobre a sílaba acentuada final das interrogativas totais, e o autor sugere que tais mudanças podem estar ligadas à atitude do locutor. São os contornos encontrados:

- a) um movimento claramente ascendente (28%)
- b) um ascendente terminado por uma inclinação descendente de importância variável (aparece geralmente com átonas seguintes baixas) (26%)
- c) um contorno que sobe, estabiliza e desce (6%)
- d) um contorno que sobe um pouco, estabiliza e desce até o fim (10%)
- e) um movimento mais ou menos nivelado (3%)
- f) um movimento descendente (19%)

Uma visualização de tais contornos pode ser vista na figura abaixo:

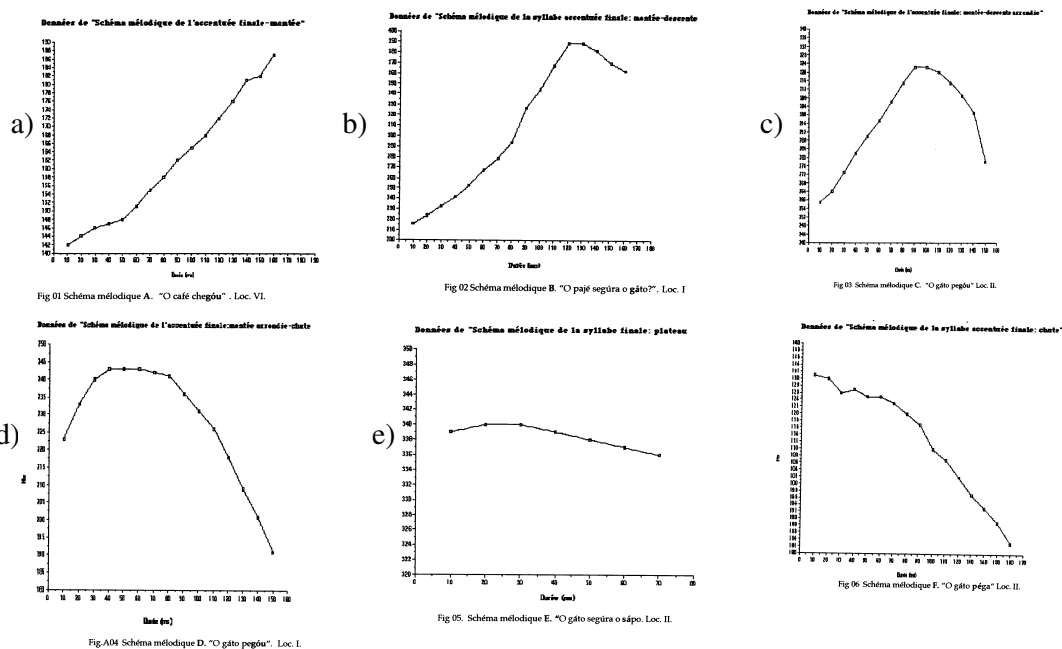


Figura 8- Contornos variados utilizados na sílaba tônica final da frase interrogativa.
Fonte: REIS, 1995: 352-357

A explicação dada por Reis para os movimentos melódicos distintos encontrados está relacionada à função atitudinal da entonação:

Au moins pour les contours extrêmes il n'est pas difficile de montrer que ces contours – ascendant et descendant – remettent à des situations différentes. Ainsi, dans la phrase suivante "o téléphone tocú" ["le téléphone a sonné"] le premier contour mélodique – le contour A – lui associe l'idée que le locuteur ne s'attendait pas à cela, tandis que cette phrase associée au contour descendant – le contour F – est plutôt une demande de confirmation. On utilise ce dernier contour quand, par exemple, on croit entendre la sonnerie du téléphone ou bien quand le locuteur ou l'interlocuteur attendai un appel téléphonique. (REIS, 1995, p. 265).

Para Reis, a principal característica da questão (que a faz diferente da asserção) é a diferença de F_0 intersilábica (entre a tônica final e a pré-tônica final): na questão o intervalo é positivo (a tônica final é mais alta que a pré-tônica) e na asserção é negativo (a tônica final é mais baixa que a pré-tônica). Outras diferenças apontadas são que a questão apresenta tendência de movimentos maiores na tônica final que a asserção; a asserção geralmente tem variação de F_0 na tônica inicial, a questão nem sempre. A sílaba acentuada inicial da questão tem valor de F_0 maior que a da asserção e a sílaba acentuada final da questão tende a ter valor de F_0 três vezes maior que o da asserção.

Quanto à intensidade, Reis afirma que seus valores não diminuem, na questão, desde o início da frase, como acontece na asserção. O autor mostra, ainda, que não há uma relação direta entre a F_0 e a intensidade. Sobre a duração o autor afirma que a da asserção é geralmente mais longa do que a da questão.

Num estudo sobre a fala de crianças de três a cinco anos, Antunes (2000) analisou 150 sentenças declarativas e 150 sentenças interrogativas totais de fala espontânea a fim de determinar as características prosódicas modais de base (seguindo a hipótese de Hirst, 1987, segundo quem a entonação de base deve ser aquela aprendida primeiramente pelos falantes de uma língua) do português falado em Belo Horizonte.

A partir desse estudo, a autora concluiu que a interrogativa apresenta dois padrões melódicos, um ascendente e um descendente. O ascendente é descrito como tendo uma frequência fundamental média no início, havendo um movimento ascendente da sílaba que antecede à primeira tônica da sentença até a primeira tônica, um movimento descendente da primeira tônica do enunciado até a anterior à tônica nuclear (tônica do enunciado, nas palavras de Antunes) e um movimento final (da sílaba anterior à tônica do enunciado até a tônica do enunciado) ascendente, que se prolonga até o final da frase. Esse padrão ascendente foi encontrado em somente 3,3% das questões analisadas.

O padrão interrogativo descendente, encontrado em 96,7% das sentenças do *corpus* analisado, coincide com o padrão ascendente até a tônica do enunciado, mas esta, em vez de apresentar um movimento final ascendente até o final da frase, apresenta um movimento final descendente.

Utilizando a teoria auto-segmental e métrica, e a proposta de transcrição da entonação de Pierrehumbert (1980), a autora atribui os seguintes padrões tonais para os enunciados analisados:

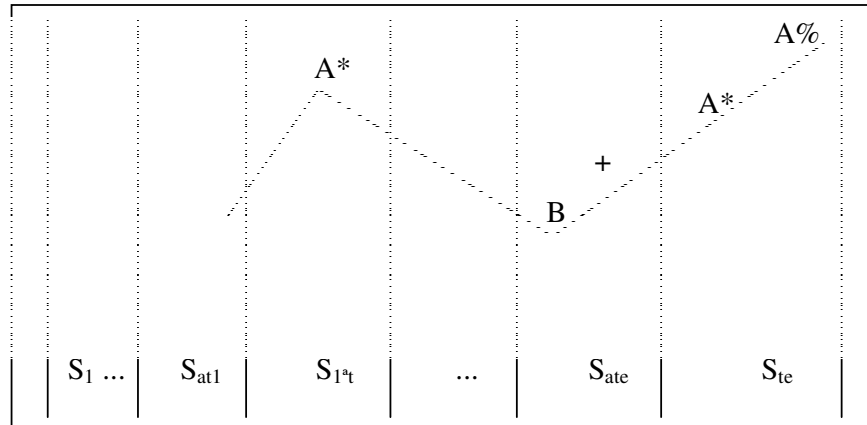


Figura 09- Especificação tonal para a interrogativa total (padrão ascendente) na fala de crianças de 03 a 05 anos. Fonte: ANTUNES, 2000, p. 117.

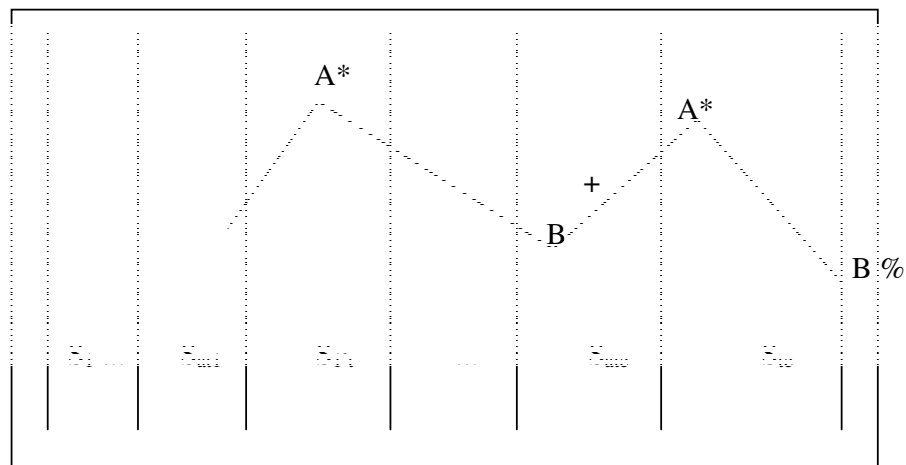


Figura 10- Especificação tonal para a interrogativa total (padrão descendente) na fala de crianças de 03 a 05 anos. Fonte: ANTUNES, 2000, p. 116.

Quanto à duração, a autora notou um prolongamento da tônica do enunciado nas sentenças interrogativas, conforme já havia sido notado por outros autores (Hochgreb, 1983; Moraes, 1984).

Sobre os dois padrões encontrados, o comentário feito é:

A partir do número de ocorrências, é possível caracterizar o primeiro padrão (descendente) como o não-marcado e o segundo (ascendente) como

aquele que deve ser utilizado com alguma intenção específica. (ANTUNES, 2000, p. 109. Grifo meu).

Miranda (2001) faz um estudo da fala dos idosos e, através da análise instrumental de dados gravados com idosos e um grupo controle de jovens, descreve a entonação de sentenças declarativas e interrogativas. Para as sentenças **interrogativas totais** (resposta sim/não) a autora coloca como característica um movimento ascendente na tônica do enunciado, tanto para os falantes jovens quanto para os idosos, residindo a diferença entre os dois grupos no nível dos valores encontrados (maior variação melódica para os jovens que para os idosos).

Para as **interrogativas parciais** (com pronome interrogativo) a autora encontrou um movimento melódico descendente que começa com o ponto mais alto no pronome interrogativo e termina com o ponto mínimo no final da sentença. Esse movimento acontece nas interrogativas parciais tanto nos falantes jovens quanto nos idosos, residindo a diferença entre estes novamente no nível de variação melódica, maior para os jovens.

Para as **interrogativas alternativas**, temos um movimento ascendente até a partícula disjuntiva **ou** e um movimento descendente no restante da frase, para jovens e idosos, sendo a variação melódica destes menor.

Em termos de duração de segmentos e pausas, a autora se concentrou na diferença entre a fala de idosos e de jovens (grupo controle) e não no que poderia definir a duração nas frases interrogativas, por isso não apresentamos aqui os resultados por ela encontrados.

Lopes (2001) fez um estudo da frase alternativa na fala de crianças. Após uma discussão entre a diferença da partícula **ou** inclusiva ou exclusiva, o autor estudou frases alternativas disjuntivas, nas quais a partícula **ou** funcionava como escolha de um dos dois itens.

O padrão entonativo encontrado por Lopes para as **interrogativas alternativas** é um movimento que começa descendente do início da frase até o início do primeiro item da escolha, no qual começa um movimento ascendente que pode ir até o final do primeiro item a escolher ou até a conjunção **ou**. A partir desse ponto, a entonação apresenta um movimento melódico descendente até o final do enunciado (cabe lembrar que o autor trabalhou com frases em que a escolha era feita somente entre 2 itens) .

2.5.3 – Principais características da entonação das questões do português brasileiro

Para os trabalhos com base em Halliday, parece haver apenas uma transposição de tons, tal como Halliday já havia apontado para o inglês: o movimento melódico ascendente (tom 2) foi associado às questões totais e o tom descendente (tom 1) às questões parciais. Nas questões alternativas há uma seqüência de tons, 2 para o primeiro item e 1 para o segundo (Gebara, 1976; Rizzo, 1987; Cagliari, 1981). A questão parcial vem caracterizada com a seqüência de movimentos ascendente-descendente.

Nos trabalhos com base instrumental, vemos que os estudos do português confirmam algumas características já descritas para outras línguas sobre questões. A questão parcial é descrita com um movimento melódico descendente, devido à presença do pronome interrogativo inicial, mas difere da declaração por começar em um ponto de F_0 alto. (Moraes, 1983; Hochgreb, 1983).

Para a questão total, há uma controvérsia a respeito da principal característica entonativa desse enunciado: alguns autores apontam um movimento melódico ascendente na tônica nuclear do enunciado, outros apresentam um movimento melódico ascendente entre a pré-tônica nuclear e a tônica nuclear do enunciado. Trabalhos como o de Reis (1995) e Antunes (2000) debatem tal controvérsia; como conclusão podemos considerar o valor alto de F_0 na tônica nuclear do enunciado, seja este no início dessa sílaba, seguido de um movimento descendente, seja este no final dessa sílaba, provocando sobre ela um movimento melódico ascendente. (FERNANDES, 1976; MORAES, 1983; HOCHGREB, 1983; REIS, 1995; ANTUNES, 2000, MIRANDA, 2001).

Para as questões alternativas, as características mais importantes são o padrão ascendente até o primeiro item disjuntivo ou até a conjunção *ou* e descendente até o final do enunciado. (FERNANDES, 1976; HOCHGREB, 1983; MORAES, 1983; LOPES, 2001).

CAPÍTULO 2

PROSÓDIA – ATITUDES

“One of the most important yet elusive functions of intonation is its so-called 'attitudinal' function. There seems to be no dispute over the fact that we are able, simply by how we say something (in everyday terms, our 'tone of voice') to convey meanings in conversation which are different from, or go beyond, what we say.”

Anne Wichmann (2000)

1- A função atitudinal da entonação¹⁰

A discussão apresentada nesse tópico deveria figurar apenas em torno da função atitudinal da entonação (papel da entonação na expressão das atitudes do falante), mas tal tarefa é bastante complexa, uma vez que muitos autores falam de uma função expressiva da entonação, que mistura todo o tipo de “estados afetivos do falante” (“*speaker states*” ou “*affective states*”, nas palavras de Scherer, 2003). Diante desse estado da arte da literatura prosódica, optamos por apresentar uma revisão de todos os estados afetivos/expressivos do falante apresentados na literatura, a fim de conceituar atitudes e função atitudinal, conceitos que nortearão este trabalho.

Entre os estados do falante encontrados na literatura, podemos destacar emoções, atitudes, humor (*mood*), intenção, postura em relação ao interlocutor e até mesmo traços de personalidade do locutor. Passamos então à revisão de como tais estados aparecem na literatura.

1.1- Definição

A função expressiva que a prosódia exerce no discurso (às vezes conhecida com outros nomes, tais como função emotiva, afetiva ou atitudinal), preconiza que a prosódia é um vetor responsável pela transmissão de informações a respeito das emoções e atitudes do falante dentro do discurso. Em outras palavras, através dos traços prosódicos presentes na fala, é possível perceber se o locutor está triste ou feliz, interessado ou desinteressado, se ele apóia ou critica seu interlocutor, etc. Muitas são as controvérsias que giram em torno da existência e manifestação de outras funções prosódicas, mas Fónagy argumenta que isso não ocorre em relação à função expressiva:

¹⁰ Algumas discussões presentes nessa seção foram publicadas no artigo: ANTUNES, Leandra Batista. O conceito de atitudes no estudo prosódico. In: *Revista Asa Palavra*, Brumadinho, ano III, n. 5, jun/2006. p. 107-125.

On a beaucoup discuté sur la fonction représentative, la fonction distinctive ou la fonction grammaticale, mais jamais personne n'a pensé à mettre en question la fonction expressive de l'intonation. (FÓNAGY, 2003, p. 15)

Autores de trabalhos nessa área citam a função expressiva da prosódia e procuram mostrar, em seus estudos, como a prosódia (via correlatos acústicos/ auditivos) pode expressar essa afetividade no discurso. Pode-se encontrar discussões sobre a prosódia expressiva em trabalhos desde meados do século passado e nestes a incipiente pesquisa (muitas vezes ainda impressionística) de como a prosódia é utilizada para veicular tais significados. Mais detalhes sobre esses estudos iniciais podem ser vistos na próxima seção deste capítulo.

A discussão sobre a função expressiva da entonação não gira, então, em torno de sua existência, aceita por consenso geral, mas sim em torno de quais atitudes ou emoções podem ser expressas via prosódia, e como isso se faz. Nas palavras de Fónagy:

Les discussions étaient et restent centrées sur le nombre des émotions et des attitudes émotives que les moyens prosodiques permettent de distinguer, sur les moyens dont on se sert pour les exprimer, et sur les ressemblances et les différences qui caractérisent l'expression des mêmes contenus émotifs dans les diverses langues apparentées et non apparentées. (FÓNAGY, 2003, p. 15)

Mas para entender a função expressiva da prosódia, é necessário entender o que são os estados afetivos do falante, ou seja, o que são humor, atitudes, emoções, intenções, postura em relação ao interlocutor e até mesmo traços de personalidade do locutor, que seriam os fenômenos que a prosódia expressa através dessa função (ou ainda através de várias micro-funções derivadas de uma macro-função expressiva).

1.2- Conceito de atitudes do locutor

Nessa seção procuraremos discutir, através de uma revisão de literatura, os rótulos dos estados afetivos do falante, observando como eles têm sido conceituados. Daremos uma atenção especial às atitudes do falante (objeto de estudo deste trabalho) e também às emoções (uma vez que, dentre os estados afetivos/expressivos do falante, as emoções são os rótulos mais confundidos com as atitudes). Cabe lembrar que a revisão aqui feita não tem a pretensão

de ser exaustiva, mas sim de mostrar um pouco do quadro que vem se desenhando em torno desses conceitos e de optar por um conceito de atitude que norteie este trabalho.

1.2.1- Conceitos assistemáticos (ou pouco sistemáticos) encontrados na literatura

As primeiras aparições da expressividade em trabalhos prosódicos se deram através de autores que procuravam demonstrar que, mudando-se a entonação de determinada frase, geralmente o significado se alterava, muitas vezes em termos da expressão da atitude ou da emoção do falante. Muitos trabalhos não apresentaram conceitos para o que chamaram de estados afetivos do falante (fossem quais fossem, mas a maior concentração é em atitudes/ emoções do falante) e vários deram listas de atitudes/ emoções presentes na fala, sem dizer o que entendiam por esses termos. Nessa seção serão apresentados alguns destes trabalhos.

Pike (1945), em sua descrição da entonação do inglês americano, atribui a diferentes contornos melódicos diferentes significados. Por exemplo, quando fala de melodia descendente, diz que geralmente ela vai do nível 2 ao nível 4 (leve-se em consideração que para Pike os níveis melódicos são: 1 – muito alto; 2 – alto, 3 – médio e 4 – baixo). O autor diz que se a melodia descendente ocorre com níveis melódicos diferentes, veicula alguns significados, tais como *incompletude* (que aparece se a melodia não desce até o nível mais baixo do registro do locutor, ou seja, se desce até 3 e não até 4) e *surpresa*, ou *insistência* (se a queda começa de muito alto, em vez de alto, ou seja, inicia-se 1 em vez de 2). Mas esses significados, mostrando a expressividade da prosódia, não são colocados em um quadro que tenha a pretensão de categorizar atitudes ou emoções do locutor; são apenas observações feitas pelo autor, sem sistematização.

O'Connor & Arnold (1961), em seu estudo sobre a entonação do inglês, mostram que nuances no tom de voz ou modificações no contorno melódico podem mudar o significado da frase, tornando-a *ríspida*, *amável*, etc. Os autores falam de atitudes do falante (chegam a listar 500 rótulos do que chamam de atitudes), mas não as definem.

Lieberman & Michael [1962]¹¹ fazem um estudo sobre aspectos da frequência fundamental e da amplitude que refletem conteúdo emocional da fala. Estes autores não definem o que chamam de “modos emocionais”, mas incluem entre tais modos rótulos como *questão*, *declaração objetiva*, *sentença temerosa*, *sentença feliz*, etc. Nota-se que há uma mistura de tipos de sentença com rótulos que com certeza estão em outros níveis (feliz, por exemplo).

Uldall [1964]¹¹ escreve um artigo sobre as dimensões do significado da entonação. A autora diz que a entonação é responsável por expressar atitudes, mas não define atitudes no estudo apresentado. Para desenvolver este trabalho, foi feita a síntese de frases com diversos contornos entonativos diferentes e depois ouvintes julgaram tais frases conforme uma escala de significados, baseada na semântica diferencial, na qual havia rótulos que deviam ser marcados caso se aplicassem a cada sentença. Entre estes rótulos encontravam-se *interessado* ou *entediado*, *polido* ou *rude*, *tímido* ou *confiante*, *aprovação* ou *desaprovação*, *paciente* ou *impaciente*, *enfático* ou *não-enfático*, *verdadeiro* ou *fingido (pretended)*, entre outros.

O que é possível observar, neste trabalho, além do fato de não haver uma definição de tais atitudes, é que a autora coloca na escala rótulos que parecem estar em níveis diferentes. Por exemplo, o fato de ser enfático pode advir de um realce no nível informacional, que não necessariamente está no mesmo nível de uma aprovação ou polidez, que parecem estar mais relacionados ao comportamento ora do falante (aprovar) ora do que o ouvinte julga ser o falante (polido).

Halliday (1970), ao falar sobre contornos melódicos das sentenças, dá diferentes tons para a mesma frase e diz que a diferença entre o sentido das duas é a *atitude* do falante. Algumas das frases apresentadas pelo autor são, por exemplo, o par: i) //1Where are you/going// , ii) //2Where are you/going// . Ressalve-se que o tom 1 para Halliday é descendente, enquanto o tom 2 é ascendente. Para o autor, a primeira seria uma questão neutra (sem atitude) e a segunda seria uma questão acompanhada do pedido (implícito): “posso saber?” Halliday diz ainda, a respeito das atitudes, que não é possível traçar uma linha explícita pra separar a expressão do significado de um lado e a expressão das atitudes e emoções do outro. Pode-se concluir, então, que o autor fala nessas atitudes e emoções como nuances de significado da

¹¹ Preferiu-se, aqui, adotar a data da primeira publicação, apesar do acesso ter sido à segunda, porque entre as duas publicações há dez anos de diferença, tempo que pode ser relevante para a publicação de outros estudos dentro de um assunto ou área de conhecimento.

sentença que podem ser atribuídas pela entonação, sem dar uma definição de atitudes e/ ou emoções. Alguns rótulos “atitudinais” citados por Halliday incluem: *surpresa, indignação, sarcasmo, contraste, não-previsibilidade*.

Pierrehumbert & Hirschberg (1990), em um artigo sobre o significado dos contornos entonacionais na interpretação do discurso, apesar de não definirem o que chamam de atitude e o que chamam de emoção, tratam atitudes/ emoções e atos de fala como coisas distintas, uma vez que dizem que tons podem ser interpretados como convenção de atitudes (polidez, deferência, surpresa), como expressão de emoções (tais como raiva e ódio) ou ainda como atos de fala (como declarações, pedidos), entre outros elementos, que são postos pelas autoras em níveis distintos.

Crystal (1995), conforme já observado por Wichmann (2002), mistura atitude e emoção, sem distingui-las. Podemos encontrar, em sua enciclopédia, a seguinte definição: “*Emotion: intonation’s most obvious role is to express attitudinal meaning – sarcasm, surprise, reserve, impatience, delight, shock, anger, interest, and thousands of other semantic nuances*” (1995: 249, *apud* Wichmann, 2000).

Piot & Lyaghat (2002) fazem um estudo sobre diferentes “atitudes”, não definidas no artigo apresentado, e misturam rótulos que parecem estar em níveis diferentes tais como advertência, aborrecimento e surpresa. Apresentam também etiquetas como assertiva neutra e assertiva restrita que parecem não estar relacionadas à atitude, mas sim à estrutura informacional do enunciado, uma vez que a assertiva restrita é conceituada como aquela que traz uma determinada informação destacada em relação às demais.

Mejvaldová & Horák (2002) apresentam um estudo sobre as funções lingüísticas e comunicativas da expressão prosódica das atitudes, trabalhando com dados do tcheco e do francês. Não se encontra neste artigo uma definição de atitudes, mas os autores dizem que além das informações sobre tipos de sentença que a prosódia fornece, e também além daquelas sobre a fisiologia do locutor (idade, sexo, estado físico e psíquico) que estão presentes na fala independente da vontade do locutor, que o próprio locutor pode voluntariamente codificar outras informações através da prosódia: sua **atitude** em relação ao que ele diz ou ao que percebe o interlocutor. Os autores falam ainda que as expressões

prosódicas das atitudes podem variar de universais (entendidas por pessoas de qualquer língua) até particulares (que dependem do sistema lingüístico específico e que por isso só seriam interpretadas por falantes nativos daquela língua). Nota-se, neste artigo, uma tentativa de organização, pelo menos no que tange ao voluntário/ involuntário, que está relacionado ao controle que o locutor tem da expressão de tais atitudes, controle este que o locutor não tem em relação a seus próprios estados psíquicos, segundo os autores. Um problema que aparece em tal artigo é que, das atitudes estudadas pelos autores, nem todas parecem ser voluntárias: alegria, surpresa, tristeza, raiva e medo parecem ser reações involuntárias, bem diferentes de outras citadas, como admiração ou chateação, que dão a impressão de poderem ser voluntariamente codificadas na fala.

Mozziconacci (2002) trabalha com atitudes/ emoções, sem fazer uma distinção destes tipos (mistura, por exemplo, medo e indignação, que estariam em níveis diferentes, uma vez que o medo é algo menos controlado e cognitivo, e a indignação estaria em um nível mais controlado pelo falante). Em outros artigos (Mozziconacci 2001, Mozziconacci & Hermes 1997, 1999, 2000) a autora segue a mesma metodologia, de não separar atitudes de emoções. A justificativa apresentada pela autora para não fazer tal distinção é de que não há, em trabalhos anteriores da área, uma definição aceita ou uma taxionomia para emoções. Para ela, diversos trabalhos mostram rótulos típicos, que incluem tristeza, alegria, raiva, medo, desgosto, surpresa, interesse, reprovação, dúvida, desapontamento, polidez, amizade, ironia, questão incrédula etc, mas na verdade o termo “emoção” vem cobrindo uma larga variedade de noções, tais como emoção, atitude, intenção, sentimentos e mesmo tipos de sentença. Essa observação da autora vem ao encontro do que é apresentado neste trabalho, e por isso uma tentativa de separação seria importante, para distinguir tais rótulos que cobrem coisas bastante diversas.

1.2.2 – Necessidade de organização dos conceitos

Diversos trabalhos sugerem a importância de uma separação entre atitudes e emoções, e/ou entre outros estados afetivos do falante, por serem coisas que se encontram em níveis diferentes. Apesar de nestes trabalhos nem sempre haver tal separação, a sugestão de que tal divisão seria importante justifica uma tentativa de fazê-la. Nesta seção serão citados alguns autores que argumentam sobre a necessidade de tal distinção.

Conforme já observado por Wichmann (2000),

While psychologists have been at pains to define precisely what they mean by emotion and attitude, linguists have paid little attention to the definition or categorization of ‘attitudinal’ or ‘affective’ labels. These have been used in an ad hoc way, arising mainly from individual examples used by different writers to illustrate how intonation can convey such meaning which goes beyond the text. (WICHMANN, 2000: 2).

É consenso que usar rótulos de um modo *ad hoc* não leva pesquisadores a conclusões importantes nem permite o diálogo entre pesquisas já efetuadas, o que tem complicado o estudo das atitudes na prosódia.

Scherer (1994), citado por Wichmann (2002), observa que alguns rótulos utilizados na literatura prosódica refletem componentes diferentes das emoções. Alguns (excitado, ansioso, calmo) refletem aspectos fisiológicos, enquanto outros mostram aspectos cognitivos (incrédulo, com desdém, convencido, desapontado), ou seja, os últimos rótulos representam mais a razão para um estado que o próprio estado. Isso mostra que seria importante diferenciar o que está relacionado ao fisiológico e o que está relacionado ao cognitivo, pois haveria coisas distintas agrupadas de forma não criteriosa nos trabalhos que não fazem tal distinção.

Mozziconacci (2002), apesar de não fazer distinção entre atitudes e emoções, argumenta, em seu artigo, sobre a importância de fazê-lo:

It seems desirable to distinguish between expression of physiologically conditioned states and the expression of more cognitively related attitudes while extending the field of investigation to all meaningful speech variability. (MOZZICONACCI, 2002)

Em alguns trabalhos (WICHMANN, 2000, AUBERGÉ, 2002b), argumenta-se sobre a importância da distinção entre atitudes e emoções porque há uma diferença entre atitudes e emoções do ponto de vista prosódico, o que justifica estudos separados desses itens: as emoções se manifestariam de maneira mais evidente na prosódia, enquanto as atitudes não:

para expressá-las há uma codificação, o que leva a um estudo que depende do sistema lingüístico e de uma teoria da entonação para ser realizado.

Un enjeu majeur est de montrer que la morphologie prosodique des attitudes est toujours calée sur des événements du discours, tandis que la prosodie des expressions est régie par les événements de l'écologie du locuteur qui induisent chez lui des changements de ses états émotionnels. (AUBERGÉ, 2002b: 270)

Assim, cada vez que o falante apresentasse algum tipo de emoção, mesmo sem querer ou ter intenção de fazê-lo, a prosódia das frases por ele produzidas seria mais visivelmente modificada devido à emoção sentida. Ao observar a prosódia de uma frase emotiva e de uma não-emotiva, as diferenças prosódicas entre elas seriam claras. No caso das atitudes, isso não se faria da mesma forma. Sendo codificadas, seu estudo exigiria uma análise mais complexa, incluída em um estudo que levasse em consideração o sistema lingüístico e uma teoria da entonação desse sistema a fim de verificar como a prosódia reflete a expressão das atitudes.

Nas palavras de Couper-Kuhlen (1986: 185): “*the major unresolved problem at the moment is lack of systematization in the field of emotion and attitude*”. Isso foi dito há vinte anos, mas continua sendo um problema para o estudo prosódico das atitudes.

1.2.3- Conceitos de atitude e emoção que aparecem de forma mais sistematizada

A despeito da desorganização de trabalhos prosódicos no que tange à definição de atitudes/emoções mostrada nas seções anteriores, alguns trabalhos, ao longo do tempo, têm procurado categorizar o conceito de atitudes e distingui-lo de emoções. Tais trabalhos serão revistos a fim de destacar pontos comuns e importantes na construção de um conceito de atitudes.

Uma das primeiras tentativas que conhecemos de categorização do conceito de atitudes, separando-o do conceito de emoções, é desenvolvida no trabalho de Couper-Kuhlen (1986). Para fazer tal distinção, a autora recupera trabalhos anteriores que tenham argumentado sobre as diferenças entre essas duas categorias. A primeira citação feita é do trabalho de Stankiewicz (1964: 240), que já dizia, nessa época, haver uma confusão entre “*the instinctive nature of ‘sound-gestures’ [and] what can properly be considered as the linguistic dimension of ‘expressiveness’ or of the emotive function*”. Outro trabalho citado pela autora é o de Faure

(1970: 98), que diz que “*inner states need not to be restricted exclusively to emotion which escape from the speaker uncontrollably, but that may also be subject to will, reflections and various different motivations without necessarily involving emotive agitation*”. Para finalizar sua revisão, Couper-Kuhlen cita ainda Scherer (1979: 524) que distingue: i) a expressão como um mecanismo de externalização fisiologicamente mediado de ii) a expressão como estrategicamente utilizada, um comportamento comunicativo na interação social.

A partir dessas citações, a autora constrói sua própria distinção de atitudes e emoções. Para ela, emoções seriam externalizações de estados emocionais não monitorados, determinadas puramente pela fisiologia, que são presumidamente universais; enquanto atitudes seriam expressões cognitivamente monitoradas, convencionadas e integradas ao código lingüístico, ou seja, sua expressão é dependente do sistema lingüístico no qual se manifesta.

O trabalho de Fónagy (1993) aponta o fato de que é difícil distinguir o que é atitude do que é emoção. O autor define *atitude* como um comportamento determinado, consciente, controlado pelo falante, opondo-se a *emoção*, definida como descarga espontânea de uma tensão psíquica, sendo assim não controlada pelo falante. O mesmo critério foi adotado por outros pesquisadores (REIS, 2001; ALVES, 2001).

Definições distintas para atitudes e emoções também podem ser encontradas nos trabalhos do grupo de síntese da fala do ICP (*Institute de la Communication Parlée*) da Universidade Stendhal, em Grenoble. Isso pode ser visto em alguns trabalhos desse grupo (MORLEC, BAILLY & AUBERGÉ, 1997; AUBERGÉ, 2002a e 2002b).

Em Morlec, Bailly & Aubergé (1997) os autores dizem que distinguem atitudes de outras expressões comunicativas mais ligadas ao estado fisiológico, e definem atitudes como provavelmente adquiridas, ou seja, aprendidas. Por isso, as atitudes, para eles, variam de cultura pra cultura e até de indivíduo para indivíduo. Em um eixo que ordena os estados expressivos do não-intencional ao intencional, os autores colocam as atitudes do lado intencional da escala.

Moraes & Stein (2006) trabalham com atitudes e as diferenciam de emoções dizendo que as emoções são cruas, impensadas e que as atitudes são mais estilizadas, socialmente determinadas.

Aubergé (2002b), numa distinção entre atitudes e emoções, trabalha com a idéia de que a expressividade é uma função indireta das emoções, como se o falante as sentisse e, indiretamente, as expressasse (o que pode ser traduzido como involuntário, não-controlado). No caso das atitudes, a autora aponta que se trata de uma função direta, pois o locutor informa o seu ponto de vista (o que pode ser tomado como voluntário, cognitivo).

Aubergé (2002a) faz uma organização ainda maior desta distinção através do esquema abaixo (já utilizado no capítulo 1 para comentar as diferenças entre função modal e atitudinal da entonação. Retomamos o esquema aqui para discutir o que ele apresenta a respeito da distinção entre atitude e emoção.)

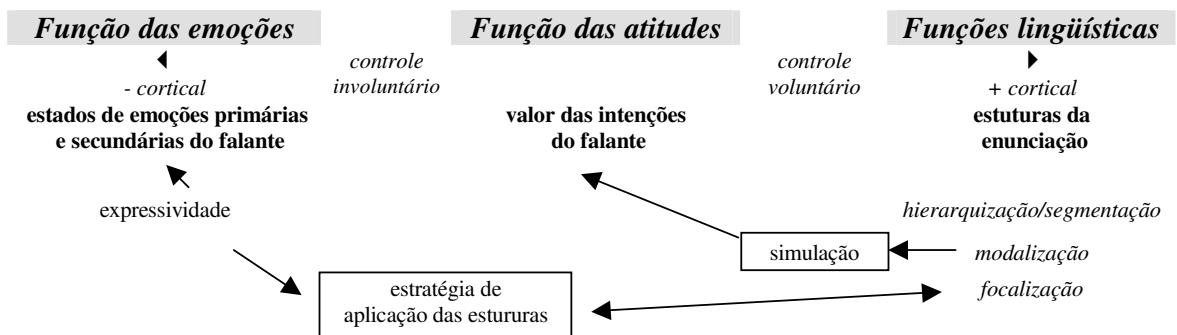


Figura 11- Esquema das funções da Prosódia. Fonte: AUBERGÉ, 2002a: 152.

O quadro de Aubergé, intitulado funções da prosódia, mostra o papel integrado da prosódia ao atuar na expressão de atitudes, emoções e funções lingüísticas; ao fazer isso, ele nos mostra que as atitudes são, diferentemente das emoções, mais próximas das funções lingüísticas. As atitudes são controladas pelo falante e caminham para o nível mais cortical, mais cognitivo da linguagem, ao contrário das emoções, que seriam menos corticais e menos controladas. Isso pode ser visto através das observações *controle voluntário* e *involuntário* do quadro, cada uma de um lado das *funções atitudinais* e também através do contínuo entre o mais e o menos cortical colocado pela autora logo abaixo dos títulos. Uma outra observação a ser feita é que a

autora diz que a função atitudinal acrescenta valores sobre a intenção do falante no conteúdo lingüístico codificado.

É importante lembrar também que a autora separa atitudes de emoções e de funções lingüísticas, mas coloca esses níveis num contínuo, porque certamente há transições e sobreposições entre tais funções. Assim, aquilo que for tipicamente mais lingüístico fica mais à direita, dentro das estruturas de enunciação. O que for expressão de atitudes, relacionado às intenções do falante, fica intermediário entre o sistema lingüístico e a expressão das emoções; e o que for tipicamente emotivo estará mais à esquerda do quadro.

Outra análise importante de se fazer a partir do quadro de Aubergé é o fato de que, por as funções atitudinais encontrarem-se entre as funções lingüísticas e as emotivas, podemos pensar que as atitudes são parcialmente aprendidas e dependentes de um sistema lingüístico específico (como outras funções lingüísticas, como perguntar, por exemplo, que entra na função da modalização apresentada no quadro), e parcialmente universais (como as emoções, a expressividade emotiva do discurso).

Portanto, distinguir tais funções é importante, uma vez que elas apresentam características diferentes, mas há que se levar em consideração que existem transições entre elas, além de haver influência de uma na(s) outra(s).

Todas as sistematizações apresentadas até agora são importantes na tarefa de distinguir emoções/ atitudes, mas os trabalhos que trazem a maior contribuição nessa tarefa talvez sejam os de Wichmann (2000, 2002), pelo fato de tal autora ter escrito os artigos com o objetivo de contribuir para um quadro teórico de estudo da entonação afetiva. Dessa forma, as distinções feitas nesses artigos são baseadas em diversos trabalhos e apresentam uma grande categorização do que seriam as atitudes e as emoções dentro da fala. No primeiro artigo (2000), a autora apresenta uma revisão do que se define como **atitude** na psicologia social e como esse termo vem sendo empregado pelos lingüistas, a fim de chegar a um consenso do que seriam atitudes. No segundo artigo (2002) Wichmann discute diversos rótulos empregados na literatura e busca separá-los, a fim de que seja desenvolvido um estudo da prosódia atitudinal, e não de outras coisas que estariam em outros níveis dentro da interação

verbal. Serão apresentados separadamente os pontos mais importantes de cada um destes artigos.

Wichmann (2000) argumenta que é necessário entender o que classificamos por atitudes, e rotular grupos com um esquema ordenado (classificado). Aponta como um problema metodológico a dificuldade em separar o que é função atitudinal do que é função emotiva na entonação.

Depois das considerações iniciais, a autora faz uma revisão do que se entende por atitude na psicologia social. Atitude, nessa área, é definida inicialmente como uma parte da construção de uma teoria do comportamento social. Nessa teoria, a atitude é uma forma de explicar por que as pessoas se comportam do modo como se comportam, ou seja, a atitude é entendida como uma disposição comportamental, uma tendência geral a favor ou contra certas ações sociais. Surge, posteriormente, ainda dentro da psicologia social, uma visão multidimensional no estudo da atitude, demonstrando que atitude é composta de afeto, cognição e vontade. Atitudes passam então a ser definidas como sistemas complexos que compreendem as crenças pessoais sobre um objeto, seus sentimentos com respeito a este objeto e suas tendências de ação em respeito a ele. Mas o fato de crenças, sentimentos e intenções poderem agir num modo complexo para determinar comportamento não pressupõe a necessidade de distinguir tais aspectos. Alguns autores restringem o uso de atitude para descrever o componente *cognitivo* deste modelo.

Na seção seguinte, Wichmann discute atitudes e emoções. No estudo clássico, emoções são definidas como positivas/ negativas ou como ativas/ passivas. Muitas emoções, entretanto, não estão no campo dessas duas dimensões, mas estão mais próximas de um contexto específico. Por exemplo, *suspeito*, *obediente* convencionam muito mais do que o que é passado pelas duas dimensões citadas acima. O problema é que, mesmo com as tentativas de psicólogos sociais de bem definir o que são atitudes e o que são emoções, exemplos dados nem sempre refletem o que os autores gostariam de dizer a respeito dessas categorias.

Após tal tentativa de recuperação dos conceitos de atitude e emoção, Wichmann passa a falar sobre as relações entre atitude e linguagem. Para ela, o significado afetivo não é convencionado somente pela entonação. Há uma série de nuances envolvidas na construção

deste. Há, como diz Ladd (1978, apud WICHMANN 2000), alguns fatores de tom de voz que são universais, e podem ser mostrados no sinal de fala. Outros fatores, no entanto, dependem crucialmente do sistema lingüístico que temos e, portanto, só podem ser estudados dentro de uma análise lingüística. Ao retomar essa primeira distinção de Ladd a autora já vislumbra uma separação necessária entre afetividade expressa através de universais e afetividade expressa dentro de um sistema lingüístico específico.

Wichmann apresenta a distinção feita por Couper-Kuhlen (1986), em que a emoção trabalha com um estado do falante (ele se sente alegre, triste, etc), enquanto atitude é um tipo de comportamento (ele está sendo condescendente, amigável, etc). Mas Wichmann vê nisso um problema: enquanto os psicólogos definem atitudes com um possível preditor do comportamento social, lingüistas definem a atitude como o próprio comportamento.

Um outro problema visto pela autora nesse modelo é que ele omite precisamente aquele tipo de atitude cognitiva que é central para o trabalhos dos psicólogos sociais, as atitudes que são funções de opiniões, crenças e conhecimento. Estas são chamadas de *atitudes proposicionais*, e são atitudes frente a proposições, uma atitude psicológica frente a um estado de coisas, expresso por um conteúdo proposicional. Para Wichmann, a atitude proposicional é afetivamente neutra, mas o tipo de rótulo que associamos a ela reflete emoções vindas de opiniões, crenças e conhecimento. Tais rótulos são muito ligados àqueles das emoções. Emoções e atitudes proposicionais podem ocorrer sem interação verbal, mas as atitudes, definidas como um comportamento do falante, pressupõem a interação. A autora apresenta a categorização disso no quadro abaixo:

Entonação expressiva	e	Entonação atitudinal
reflete...		reflete
emoção	atitude proposicional	comportamento do falante
	opinião, crença, conhecimento sobre uma pessoa ou coisa	pretendido e/ou percebido em um contexto
Ele está (sentindo-se).	Eu sou (ou estou)	Você está sendo
<i>feliz</i> <i>bravo</i> <i>triste...</i>	<i>crítico</i> <i>impressionado</i> <i>desaprovando...</i>	<i>condescendente</i> <i>amigável</i> <i>rude...</i>

Quadro 06- Quadro comparativo das funções expressiva e atitudinal da entonação.
Fonte: WICHMANN, 2000.

Quando Wichmann apresenta este quadro, a autora tenta separar, à esquerda, a entonação expressiva (que reflete emoções) da entonação atitudinal (que reflete o comportamento do falante). No meio delas Wichmann coloca a atitude proposicional, que a autora diz ser afetivamente neutra, mas que reflete atitudes frente à proposição, ao conteúdo lingüístico da frase dita. Para Wichmann, tanto a entonação expressiva quanto a atitude proposicional podem ser utilizadas fora do discurso, pois é possível estar triste ou feliz consigo mesmo, como é possível ser crítico consigo mesmo ou desaprovar a si mesmo; por outro lado, a entonação atitudinal só pode ser entendida dentro do discurso, pois está ligada à interação verbal, porque para ser condescendente, deve-se sê-lo com alguém, ou para ser rude também é necessário o outro com quem o ser.

Como resumo do que é apresentado no artigo de Wichmann, podemos dizer que a autora mostra alguns aspectos importantes para a distinção entre atitudes e emoções. A entonação expressiva é caracterizada como aquela que convencionou as emoções puras (estar se sentindo triste, feliz). A não-afetividade aparece nas emoções vindas de (ou bastante ligadas a) crenças, conhecimento, opiniões, que ela chama de atitudes proposicionais. Por outro lado, a entonação atitudinal significa qualquer pista entonativa que, junto com informações não-lingüísticas presentes na voz, reflete o comportamento do falante numa situação.

A autora faz, ainda, uma distinção entre atitude e emoção, dizendo que somente esta última se reflete de maneira evidente no sinal de fala, enquanto a atitude se reflete de forma menos clara (mais codificada), e só pode ser explicada e compreendida dentro de uma análise lingüística. O próprio termo atitude torna-se complexo, portanto, pois é utilizado com diferentes significados em diferentes áreas de conhecimento. Wichmann sugere que, apesar de haver grande contribuição dos sinais de fala na compreensão das atitudes, este significado percebido deve ser tratado como um envolvimento pragmático ou uma inferência pragmática. Isto significa que só pode ser entendido se forem tomados todos os traços contextuais em conjunto, como a relação entre falante e ouvinte e o texto por si mesmo.

No artigo de 2002, Wichmann faz uma discussão inicial sobre os rótulos usados no estudo da prosódia afetiva, dizendo que alguns rótulos não se referem à prosódia afetiva, mas sim a significados implicados ou inferidos de sentenças em contextos interacionais. Para a autora, rótulos que traduzem os “modos de dizer” (*ways of speaking*) podem ser enquadrados em

diversos níveis. Alguns termos citados são tentativas de descrição de características acústicas, tais como quieto (falar de modo quieto, baixo), alto (falar alto), tom alto, ou ainda (voz) gritada, rápida, dinâmica. Tais rótulos fazem com que esperemos encontrar correlatos acústicos diretamente ligados a eles.

Outros termos citados parecem descrever o estado emocional do falante, mas esses termos poderiam ser divididos em dois grupos: um de termos mais fisiológicos (como ansioso, excitado) e outro de termos mais cognitivos (como incrédulo, desapontado). A autora diz que os correlatos expressam mais evidentemente os rótulos do nível fisiológico que os do cognitivo.

Outros rótulos bastante distintos não se referem ao modo de dizer, mas a modos de comportamento do falante. Na literatura da entonação, esses rótulos são chamados de atitudes, e estão condicionados à interação. Entre eles estariam firme, simpático, arrogante, insistente.

Restam ainda outros rótulos que se referem ao comportamento discursivo, como abrupto, repentino e final. Estes últimos podem gerar no ouvinte percepção de atitudes, como, por exemplo: se o falante expressou finalidade quando o ouvinte queria continuar, o ouvinte pode perceber no ouvinte uma atitude de não-cooperação, ou ainda falta de atenção.

Esta quantidade de rótulos situados em níveis tão diferentes mostra que muitas vezes é necessário separar os componentes dos “modos de dizer”, senão não seria possível desenvolver um estudo da prosódia atitudinal, uma vez que estaríamos lidando com coisas extremamente diferentes. A partir disso, faz-se necessário, segundo Wichmann, que um estudo da prosódia atitudinal esteja atento a todos esses detalhes e trabalhe com uma interação entre falantes, prosódia, teorias sobre a prosódia do sistema lingüístico em questão, texto e contexto, para que as atitudes possam ser estudadas de modo mais preciso.

De uma discussão inicial que procurou separar atitudes de emoções, a fim de distinguir as características prosódicas de cada uma delas, e a fim de direcionar estudos diferentes para esses dois estados, outros trabalhos foram acrescentando outros estados afetivos do falante e passou-se, então, na literatura prosódica, a lidar com uma grande gama de rótulos não só para tais estados como também para os tipos nos quais eles poderiam ser incluídos.

Gobl & Ní Chasaide (2003) apresentam um artigo que trata das diferenças na qualidade de voz que contribuem para a identificação de *emoções*, *humor (mood)* e *atitudes*. Vemos, portanto, nesse artigo, a distinção entre atitudes e emoções e também a distinção entre estas e o humor. Esses autores distinguem, através de exemplos, essas três categorias, como podemos ver no excerto abaixo:

In this study we have tried to allow for as broad as possible a set of affective states, and therefore, the range of possible affective attributes for which responses were elicited, included not only emotions (e.g., afraid, happy, angry, sad) but also attributes that relate to speaker state and mood (e.g., relaxed, stressed, bored) or speaker attitude (e.g., formal, interested, friendly). (GOBL & NÍ CHASAIDE, 2003, p. 192.)

Scherer (2003) retoma os estados afetivos do falante e discute algumas características a eles relacionadas, a fim de distingui-los. Para tal, separa cinco tipos de estados afetivos do falante: emoções, humor (*mood*), postura em relação ao outro, atitudes e traços de personalidade. Segundo o autor, cada um desses tipos apresenta características prosódicas distintas dos demais. Os parâmetros de distinção são apresentados no quadro abaixo, com as características de cada um dos tipos de estados citados por Scherer:

Apresentação do quadro Tipo de estado afetivo: breve descrição (exemplos)	inten- sidade	duraçã o	sincro- nizaçã o	foco de evento	retomada para avaliação	veloci- dade de mudança	impacto compor- tamental
Emoção: episódio relativamente breve de resposta sincronizada de todos ou da maior parte dos subsistemas do organismo em resposta à avaliação de um evento externo ou interno de grande significância (raivoso, triste, alegre, medroso, tímido, orgulhoso, desesperado)	alta a muito alta	média	muito alta	muito alto	muito alta	muito alta	muito alto
Humor (mood): estado afetivo difuso, mais notado como uma mudança em um sentimento subjetivo, de baixa intensidade mas de duração relativamente longa, frequentemente sem causa aparente (animado, melancólico, colérico, indiferente, depressivo)	média a alta	alta	média	médio	média	alta	médio
Postura em relação ao outro (interpersonal stance): postura afetiva tomada em relação a uma pessoa numa interação específica, dando cor à troca interpessoal numa dada situação (distante, frio, próximo, apoiador, desdenhoso).	média a alta	média a alta	média	alto	média	muito alta	alto
Atitudes: relativamente tolerável, crenças, preferências e predisposições em relação a pessoas ou objetos coloridas de afetividade (simpático (liking), amável (loving), odiável (hating), avaliativo (valueing), desejável (desiring)).	baixa a alta	alta a muito alta	baixa	baixo	média	baixa - média	médio
Traços de personalidade: carregado emocionalmente, disposições estáveis de personalidade e tendências de comportamento, típicas de uma pessoa (nervoso, ansioso, moroso, hostil, ciumento, negligente, invejoso)	baixa a média	muito alta	baixa	baixo	baixa	baixa	médio

Quadro 07- Estados afetivos do falante e suas características. Fonte: SCHERER, 2003, p. 256.

Através do quadro vemos que os tipos de estados afetivos do falante propostos por Scherer (que serão retomados em trabalhos posteriores, cf. Scherer & Bazienger, 2004), são separados em características distintivas. No entanto, muitos desses tipos podem se confundir, tanto na definição dada (por exemplo, a definição de humor nos parece muito próxima da definição de traços de personalidade) como nos traços dados para cada um dos tipos de estado. Vemos, portanto, que a separação de tais estados, assim como sua definição, nem sempre se faz de forma clara. Isso nos conduz novamente ao raciocínio que temos feito, de um contínuo, em que tais estados se seguem, havendo pontos de interseção em que não seria possível definir se se trata de um ou outro estado.

Retomando, entretanto, somente as definições de emoções e atitudes em Scherer (2003) e Scherer & Banzieger (2004), podemos dizer que as emoções são mais fisiológicas (resposta do organismo avaliando algo externo ou interno como sendo de grande significância) e as atitudes mais ligadas ao cognitivo (crenças, preferências em relação a pessoas ou objetos). Ressalve-se que o artigo tem por objetivo fazer tal distinção do ponto de vista da psicologia e não necessariamente da lingüística.

Trouvain et alii (2006) falam apenas sobre os diversos traços de personalidade do falante. Ao tentar explicitar tais traços, os autores apresentam uma série de subdivisões, que funcionariam como rótulos desses traços, que poderiam ser usados em nível mais alto ou mais baixo, conforme podemos ver no quadro de exemplos abaixo:

Dimensões da personalidade	Nível alto (exemplos)	Nível baixo (exemplos)
Estado nervoso (<i>neuroticism</i>)	sensível, nervoso	seguro, confiante
Extroversão	decidido (<i>outgoing</i>), enérgico	tímido, afastado (<i>withdrawn</i>)
Abertura à experiência	inventivo, curioso	cuidadoso, conservador
Agradabilidade	amigável, compassivo	competitivo, franco
Consciência	eficiente, organizado	desligado (<i>easy-going</i>), descuidado

Quadro 08- Dimensões de personalidade e exemplos. Fonte: TROUVAIN et alii, 2006, p. 2.

É importante observar que tais rótulos, listados por Trouvain et alii como traços de personalidade, podem aparecer em outros textos classificados de outras formas, alguns como atitudes (amigável, seguro), outros como emoções (tímido, nervoso). Esse fato corrobora, mais uma vez, para nossa visão sobre a tentativa de separar completamente tais rótulos, que não funciona se não admitirmos características compartilhadas.

1.2.4- Conceito utilizado neste trabalho

Agrupando todas as características importantes vistas nos estudos acima, serão mostradas, no quadro abaixo, as principais características das emoções e das atitudes, numa tentativa de separá-las, a fim de construir um conceito parâmetro de atitudes do falante que possa ser utilizado em trabalhos vindouros.

Seria também interessante agrupar as características que distinguem atitudes de outros estados afetivos do falante, conforme visto em alguns dos trabalhos discutidos anteriormente. Entretanto, na maior parte da literatura prosódica (cf revisão acima), a confusão é apresentada entre rótulos de atitudes e de emoções. Por isso optamos por dar maior atenção a esses dois estados do falante e não pelos demais não serem importantes.

Autor (es), data	Conceito de emoção	Conceito de atitude	Autor(es), data
Aubergé, 2002a.	involuntária	voluntária	Meyvaldová & Horák, 2002.
Aubergé, 2002a.	menos cortical	mais cortical	Aubergé, 2002a.
Scherer, 1994; Mozziconacci, 2002; Couper-Kuhlen, 1986; Morlec, Bailly & Aubergé, 1999; Scherer, 2003.	fisiológica	cognitiva	Scherer, 1994; Mozziconacci, 2002; Wichmann, 2000; Scherer, 2003.
Wichmann, 2000; Aubergé, 2002b.	expressa diretamente via prosódia	expressa indiretamente via prosódia	Wichmann, 2000; Aubergé, 2002b.
Stankiewicz, 1964.	instintiva, inata	adquirida, aprendida	Morlec, Bailly & Aubergé, 1999.
Faure, 1970; Fónagy, 1993.	não-controlada	controlada	Meyvaldová & Horák, 2002; Fónagy, 1993.
-	-	motivada, refletida	Faure, 1970.
Couper-Kuhlen, 1986; Ladd, 1978.	universal	dependente do sistema lingüístico	Stankiewicz, 1964; Couper-Kuhlen, 1986; Morlec, Bailly & Aubergé, 1999; Ladd, 1978.
Couper-Kuhlen, 1986.	não-monitorada	(cognitivamente) monitorada	Couper-Kuhlen, 1986.
-	-	convencionada	Couper-Kuhlen, 1986.
Fónagy, 1993.	descarga espontânea de tensão psíquica	determinada conscientemente	Fónagy, 1993.
Morlec, Bailly & Aubergé, 1999.	não-intencional	intencional	Morlec, Bailly & Aubergé, 1999; Aubergé, 2002a.
Aubergé, 2002b.	não depende da vontade do locutor de expressar	locutor informa seu ponto de vista, por sua vontade	Aubergé, 2002b.
Aubergé, 2002b; Wichmann, 2000; Wichmann, 2002.	dependente do locutor	dependente dos eventos discursivos	Aubergé, 2002b; Wichmann, 2000; Wichmann, 2002.
Wichmann, 2000.	ativa/passiva positiva/negativa	-	-
Wichmann, 2000.	ligada a sentimentos, opiniões, crenças	comportamento do falante (pretendido por este ou percebido pelo ouvinte)	Wichmann, 2000.

Quadro 09- Sistematização dos conceitos apresentados para emoções e atitudes ao longo da literatura prosódica

Antes de apresentar o conceito de atitude, uma observação sobre o quadro acima deve ser feita: muitos conceitos utilizados por diferentes autores são sinônimos, mas fizemos questão de manter o rótulo utilizado pelos autores, para mostrar um apanhado geral do que se encontra na literatura prosódica, a fim de conceituar atitudes e de distingui-las de emoções.

Enfim, o conceito de atitudes que será utilizado neste trabalho é: **atitudes** são expressões controladas pelo falante (voluntárias, cognitivas, intencionais, motivadas, mais corticais), convencionadas (dependentes do sistema lingüístico, e por isso aprendidas) e que não teriam conseqüências tão evidentes na prosódia (falar com uma atitude qualquer não mudaria de forma geral a prosódia da frase; é necessário observar nuances prosódicas que dariam pistas sobre a atitude utilizada em um enunciado), através das quais o falante informa seu ponto de vista dentro da interação verbal, dando ao ouvinte pistas para que seu comportamento seja percebido ou inferido.

Isso nos leva a uma questão com a qual lidamos ao longo deste trabalho: se atitudes e emoções se sobrepõem, apesar de podermos separá-las através de algumas características, como garantir que todos os enunciados analisados neste trabalho são enunciados atitudinais? Como garantir que não haja emoções nos dados analisados? Essa discussão será desenvolvida no capítulo 4, quando falarmos sobre os dados coletados e sobre a rotulação das atitudes nesses dados.

2 – Prosódia e atitudes

2.1- Oposição ao neutro

Quando falamos no papel da prosódia em expressar as atitudes, admitimos que há frases em que as atitudes do locutor se manifestam e frases em que não há uma atitude específica, ou seja, frases neutras (sem atitude). A maioria dos autores que admitem o atitudinal o admitem em oposição a um neutro.

Uma das poucas exceções talvez seja o trabalho de Crystal (1969) que não admite uma sentença neutra, sem atitude. Para o autor teríamos um contínuo que vai do menos ao mais atitudinal, sem existir o não atitudinal. Crystal diz que em testes perceptivos, ouvintes às vezes classificam sentenças como “frias”, “sem sentimento”, mas não como “neutras”. Nesse caso teríamos sentenças com menor envolvimento do falante em relação ao que é dito, mas não sentenças neutras. Podemos dizer, no entanto, que rótulos como “frio” e “sem sentimento” denotam uma falta de envolvimento do locutor com o dito, e que isso pode ser chamado, dependendo do trabalho, de atitude neutra.

Para Halliday (1970), falar de um contorno entonativo neutro é falar do que usamos, via de regra, a menos que haja uma boa razão para usarmos outro contorno (o autor observa que o neutro é provavelmente o que usaríamos se estivéssemos lendo, fora de contexto). Halliday admite que há vários padrões de entonação possíveis para a mesma frase e eles carregam significados diferentes, atitudinais. Mas o autor os compara sempre ao neutro, o que seria usado sem qualquer razão especial.

Como exemplo, o autor aponta a diferença entre:

// 1 Where are you / going// X //2 Where are you / going//¹².

Essas frases apresentam uma diferença ligada à atitude do falante: a primeira frase é uma questão normal (neutra), a segunda é uma questão marcada, como se viesse implicitamente acompanhada pelo pedido “posso saber?”.

¹² Cabe lembrar aqui que o tom 1 para Halliday é descendente e o tom 2 é ascendente.

Tench, em 1990, faz um levantamento dos autores que consideram a existência de um neutro em oposição a um atitudinal. Conforme observado acima, parece haver uma sistematização: os autores que atribuem formas entonativas específicas para tipos de sentença admitem o neutro (ARMSTRONG & WARD, 1931; HALLIDAY, 1970) outros, que não atribuem formas entonativas específicas a tipos de sentença, não admitem uma entonação neutra (PIKE, 1945; CRYSTAL, 1969; CRUTTENDEN, 1986, entre outros). Assim, se o autor diz que a sentença declarativa tem, geralmente, a forma entonativa descendente, diz que isso ocorre na forma neutra da sentença; se uma sentença declarativa apresentar outra forma entonativa, ela deixa de ser neutra e passa a ter uma atitude (ou emoção) acrescida a ela e a seu significado.

Nos trabalhos prosódicos mais recentes (conforme veremos na seção seguinte) os autores estudam o expressivo (e suas características prosódicas) sempre em oposição ao neutro. Não importa aqui se o neutro é considerado uma atitude (neutra) ou ausência de atitude (nenhuma), mas vemos que o neutro aparece em contraste com os demais rótulos apresentados (cf., por exemplo, Moziconacci, 1998, 2000, 2001, 2002).

Aubergé, 2002a, considera o fato de o falante não querer atribuir nenhuma atitude ao enunciado uma atitude, que ela denomina “*no attitude*”. O neutro seria, então, essa não atribuição de atitude ao enunciado, e seria considerado uma atitude a partir do momento em que voluntariamente o locutor decide não atribuir outra atitude ao enunciado proferido.

Em 2006, Matte procura demonstrar o que seria um *corpus* de fala neutro (não emotivo ou atitudinal). Para isso, a autora utiliza leitura com comentários do próprio locutor: o locutor, ao efetuar a gravação, faz observações por escrito em todas as partes do texto que leu com algum estado afetivo. A partir do trabalho com o que não tinha anotações do locutor, Matte conseguiu determinar algumas maneiras de se obter um *corpus* neutro.

2.2- Entonação expressiva

O que será discutido nesse tópico tem por objetivo mostrar o estado da arte dos estudos da prosódia relacionada aos estados afetivos do falante (não se optou por falar somente da relação entre prosódia e atitudes porque os trabalhos que o fazem de modo separado são

muito poucos; falaremos, portanto, de emoções/atitudes para representar toda essa gama de estados afetivos), com o objetivo de nortear os pressupostos metodológicos deste trabalho. Duas coisas serão destacadas nessa revisão (que não pretende ser exaustiva): a metodologia utilizada para o estudo da prosódia na expressão dos estados do falante e os parâmetros acústicos destacados como responsáveis por essa expressão.

Cabe lembrar, quanto à metodologia, que duas correntes de estudo se destacam (conforme já observado por LADD, SCHERER & SILVERMAN, 1986): a primeira que trabalha com gravação de fala expressiva (geralmente atuada) e que estuda os parâmetros acústicos responsáveis pela expressividade nesse tipo de *corpus* e a segunda que sintetiza contornos entonativos diferentes para uma ou várias frases e, através de testes perceptivos, atribui rótulos expressivos a esses contornos. Ultimamente tem crescido o número de trabalhos que utilizam as duas metodologias simultaneamente, aliando produção e percepção: o trabalho começa com a gravação e análise de dados, os dados gravados são submetidos a julgamentos perceptivos para verificar atribuição de emoções/atitudes. Após a análise, alguns trabalhos ainda resintetizam as emoções/atitudes analisadas e as submetem novamente a julgamentos perceptivos a fim de ver se as características identificadas para emoções/atitudes estudadas são suficientes para um bom reconhecimento das mesmas (Cf., por exemplo, MOZICONACCI, 1998, MORAES & STEIN, 2006).

Os primeiros trabalhos específicos sobre o papel da prosódia na expressão das emoções/atitudes que conhecemos datam da década de sessenta do século passado. Depois disso, há uma lacuna até a retomada dessa discussão no final dos anos 1980, ficando mais numerosos os trabalhos sobre a função expressiva da prosódia a partir dos últimos anos do século passado e início deste. Apresentamos uma revisão em ordem cronológica para melhor visualização e percepção do desenvolvimento de metodologias e análise do estudo da função expressiva da prosódia.

Em 1962, Liberman & Michael publicam um dos primeiros trabalhos dedicados ao estudo das características prosódicas dos modos emocionais. São estudados pelos autores: questão, declaração objetiva, sentença temerosa, feliz, entediada, etc. Os autores dizem haver uma boa identificação dos ouvintes para tais tipos de sentenças. Como conclusão, dizem não haver um único correlato acústico responsável pela expressão dos modos emocionais. São observados

vários parâmetros, e os autores concluem que grandes mudanças na F_0 (que podemos traduzir por mudanças globais), na estrutura fina de F_0 (que podemos traduzir por mudanças locais), no envelope da amplitude, nesta ordem, contribuem para a transmissão de informações emotivas (a duração não foi verificada). Os autores também observam que parâmetros diferentes foram usados para transmitir as mesmas emoções.

Em 1964, Uldall faz um estudo sobre diversos estados afetivos, utilizando a metodologia de sintetizar diferentes contornos entonativos, submetendo-os a teste perceptivo para que os ouvintes atribuam rótulos emocionais/ atitudinais para tais contornos.

Para o teste perceptivo, Uldall baseou-se na escala de Osgood, utilizada na semântica diferencial, e os ouvintes, ao ouvirem um contorno diferente, marcavam o que tal contorno expressava, numa escala com rótulos à esquerda e à direita, entremeados de sete lacunas. Destas sete lacunas, a do meio significava neutralidade: nem um nem outro rótulo era aplicável à sentença. A partir do meio, para a esquerda ou para a direita, quanto mais próxima do rótulo a lacuna marcada, mais forte era a impressão de que o rótulo se aplicava à sentença ouvida. A escala apresentada por Uldall pode ser vista abaixo:

entediado	—	—	—	—	—	—	—	interessado
polido	—	—	—	—	—	—	—	rude
tímido	—	—	—	—	—	—	—	confiante
sincero	—	—	—	—	—	—	—	insincero
tenso	—	—	—	—	—	—	—	relaxado
desaprovação	—	—	—	—	—	—	—	aprovação
deferencial	—	—	—	—	—	—	—	arrogante
impaciente	—	—	—	—	—	—	—	paciente
enfático	—	—	—	—	—	—	—	não-enfático
agradável	—	—	—	—	—	—	—	desagradável
autoritário	—	—	—	—	—	—	—	submissivo
não aprazível	—	—	—	—	—	—	—	aprazível
verdadeiro	—	—	—	—	—	—	—	fingido
fraco	—	—	—	—	—	—	—	forte

Figura 12- Escala para julgamento dos falantes de contornos sintetizados. Fonte: ULDALL, 1964.

É interessante observar que alguns rótulos da mesma linha representam contrários (*agradável* ou *desagradável*, *fraco* ou *forte*, *enfático* ou *não-enfático*, por exemplo) e outros representam outro tipo de oposição (*interessado* e *entediado*, por exemplo, porque o rótulo *entediado* informa mais que *não interessado*).

A autora chegou às conclusões apresentadas no quadro seguinte (os contornos apresentados entre parênteses são menos importantes, com menor número de atribuições):

Significado atribuído	Características do(s) contorno(s) ligado(s) a tal significado
agradável	ascendentes com final alto; mudança de direção do contorno
desagradável	sílabas átonas aumentadas (em F_0) (sílabas átonas abaixadas em F_0) tessitura estreita
autoritário	tessitura ampla mudanças de direção ascendentes com final médio sílabas átonas aumentadas ou abaixadas (em F_0) (final descendente)
submissivo	(ascendentes com final alto)
forte (sentimento)	tessitura ampla mudança de direção sílabas fracas abaixadas (em F_0) (ascendentes com final médio)
fraco (sentimento)	(tessitura estréia) (sílabas fracas aumentadas – em F_0)

Quadro 10- conclusões de Uldall (1964) para significado expressivo de diversos contornos entonativos.

O trabalho de Williams & Stevens (1972) aponta como principais correlatos para veicular emoções (no artigo são estudados medo, raiva, tristeza, comparados à situação neutra): a mudança de F_0 – em média e na amplitude da variação melódica – (por exemplo, na raiva foi observado um aumento na média de F_0 utilizada em relação à situação neutra); o tempo de articulação (menor na tristeza que em situação neutra, por exemplo), a qualidade vocálica demonstrada no espectrograma (na situação neutra, o espectro está mais visível e bem definido que nas demais situações).

Pakosz (1982) mostra que os aspectos a serem observados para atribuir significado emotivo às sentenças são a tessitura, o tempo e o volume (*loudness*).

Wallbott & Scherer (1986) publicam um artigo sobre as pistas que participam no reconhecimento de emoções. Seis atores representaram quatro emoções: alegria, tristeza, raiva

e surpresa, gravadas em áudio e vídeo. Ouvintes nativos julgaram diferentes estímulos (só áudio, só vídeo, áudio-vídeo e áudio filtrado) para reconhecimento das emoções e assim foram analisadas as pistas mais importantes para caracterizar tais emoções.

Neste artigo os autores discutem um pouco a obtenção de dados expressivos. São levantados problemas como a atuação monológica, o fato de que atores interpretam instruções de forma diferente e expressam emoções de forma diferente; outros problemas como neutralidade lexical do *corpus* e o não uso de fala natural também são abordados. Como solução os autores optaram por gravar fala atuada com diálogos, cenário e contexto. Os diálogos eram improvisados pelos atores, girando em torno do cenário e contexto propostos, e em uma certa hora os atores deveriam pronunciar a frase-chave (a mesma a fim de que as emoções pudessem ser comparadas).

As perguntas feitas pelos autores, às quais a pesquisa deveria responder, eram: i) as emoções diferem com respeito ao comportamento codificado pelos atores? ii) quão fortes são as diferenças entre os atores em termos de suas habilidades de codificar ou decodificar emoções? iii) as diferenças resultam do sexo dos atores ou do tipo de emoção simulada? iv) essas diferenças são dependentes do canal de comunicação (áudio, vídeo, audiovisual)?

Após gravação das sentenças, foi feito um estudo perceptivo, no qual os juízes ouviam a sentença-chave “*I can’t believe it*”, junto com outras sentenças, em ordem aleatória na mesma fita. Os juízes julgaram os estímulos marcando uma das quatro emoções em uma folha com somente essas quatro opções. (Os autores também estudaram o vídeo, as expressões faciais e os movimentos de mãos e cabeças, mas vamos nos deter somente no que concerne à fala nessa revisão).

Como resultados das medidas feitas, os autores mostraram que é importante, pra diferenciar as emoções, a média de F_0 , diferente nas emoções estudadas. Na raiva, entretanto, o parâmetro para identificação não foi a média de F_0 diferente das demais, mas sim a melodia alta. Outras características contribuem na diferença das emoções: na tristeza fala-se devagar, com pouca intensidade. As diversas emoções estudadas tiveram diferentes resultados. A raiva e a tristeza foram mais bem reconhecidas que a alegria e a surpresa. Algumas pistas individuais auxiliam na identificação de cada emoção.

Em 1990, Tench apresenta a tentativa de construção de um léxico entonativo para as atitudes diversas. Mas há problemas com essa proposta: i) as atitudes não são bem definidas; ii) não há uma relação biunívoca entre forma e função da entonação.

Outra discussão apresentada por Tench é o fato de a forma entonativa interagir com diversos outros níveis, o que faria difícil a separação das formas ligadas às atitudes. Os fatores citados são paralingüísticos, estrutura da unidade de entonação, sintaxe, discurso, escolhas lexicais, fatores situacionais. Tench revê, mesmo com tais dificuldades, os léxicos entonativos de diversos autores. Depois o autor faz uma relação entre tons e possíveis significados, que reproduzimos a seguir:

<u>Neutral</u>	<u>Marked</u>	<u>Meaning</u>
A <u>Tones</u>		
fall \	high \	strong, intense
	low \	mild
	high rise-fall ^	stronger, more intense
	low rise-fall ^	intensified, plus emotional
rise /	high /	strong, intense
	low /	non-committal
fall-rise v	low v	strongly contrastive/ implicational
B <u>Heads/pre-heads</u>		
	pitch contrast	highlighting information
	high - (before low)	
	low - (before high)	
	descending (wide) \	warm/expectation of response; authority
	ascending (wide) /	warm/expectation of response; appeal
	stepping \ / /	emphatic
	glissando \ / /	forceful

Figura 13- Relações entre tons e significados. Fonte: TENCH, 1990, p. 475.

Tench acredita que não só a entonação é responsável pela expressão de atitudes, mas que outros fatores (como léxico e qualidade de voz) podem estar envolvidos. Nas palavras do autor:

We use intonation to express our attitudes towards objects, people, events and ideas and we recognize the implication of such uses of intonation in the speech of other in order to interpret their attitudes. (...) Intonation, voice quality and lexis can all express attitude either each by themselves or in various combinations with each other. (TENCH, 1990, p. 17)

É importante observar, conforme nos lembra Tench, que na conversação, algumas outras características podem influenciar na prosódia utilizada: duração da conversação, número de participantes, grau de seriedade (formalidade), tipos de conversação (face-a-face, telefônica, pública, em rádio, em TV, etc). Então isso deve ser observado num estudo das atitudes, porque mudanças prosódicas devido a tais características não são mudanças atitudinais. O autor aponta algumas diferenças prosódicas que ocorrem devido a diferentes gêneros discursivos estudados:

Características	Gêneros						
	Informal	Anekdotica	Leitura de notícias	Leitura bíblica	Reza individual	Reza em grupos	
divisão em parágrafos		+	+	+			
grupos de pontuação	n/a	n/a	+	+	n/a	+	
unidades menores	+			+	+	+	
tonicidade neutra	+	+	+	+	+	+	
variação tonal	+	+	+	+			
proporção alta de descendentes	+						
proporção alta de variação fonética			+	+			
melodia alta geral				+	+		
forte				+	+		
lento				+	+	+	
rítmico				+	+	+	
traços paralingüísticos	+	+		+	+		
hesitação	+	+	raro	raro	+		

Quadro 11- Diferenças prosódicas nos gêneros conversacionais. Fonte: TENCH, 1990, p. 511.
Observação: + indica característica presente e n/a indica que não se aplica.

Klasmeyer & Sendlmeier (1995) sugerem que a qualidade de voz (analisada pelos autores via *jitter* e *shimmer*) pode caracterizar emoções diferentes.

Laukkanen et alii, em 1995, fazem um estudo de como a prosódia é responsável por expressar as emoções: neutra, surpresa, tristeza, entusiasmo e raiva; gravadas através da produção de uma sentença sem sentido (*nonsense*). Foram apresentados os 200ms iniciais da sílaba portadora do acento nuclear para que os ouvintes rotulassem a emoção presente na sentença. Surpresa, tristeza e raiva foram bem identificadas, o que indica que os valores de F_0 , duração e intensidade dessas sílabas são importantes para caracterizar emoções.

Para Morton (1995) se queremos incluir a pragmática no estudo da entonação (para entender como são sistematizadas as alterações que convencionam intenções, crenças e atitudes dos

falantes) é necessário proceder a um estudo hierárquico, levando em consideração primeiramente o tom de voz global do enunciado e depois o tom de voz local. Para a autora, somente através dessa hierarquia é possível sistematizar o conjunto de crenças e intenções dos seres humanos como parte da língua falada (que são expressas geralmente por como a sentença é dita – entonação, e não pelas escolhas lexicais ou sintáticas).

Mozziconacci (1995) afirma que, através de variações de F_0 , falantes podem reconhecer atitudes/emoções diferentes, tais como alegria, tristeza, desinteresse, raiva, etc; mas a autora diz ser necessário usar também duração e qualidade de voz se se quiser atingir um nível melhor de reconhecimento de atitudes.

Nicole, Vincent & Laforest apresentam, em 1995, uma análise da surpresa no discurso oral espontâneo no francês. O objetivo do artigo é dar as características prosódicas que exprimem a surpresa fraca e a forte (espanto) no discurso de entrevistas.

Em entrevistas, os autores encontraram na fala do entrevistador várias expressões de surpresa diante da fala dos entrevistados. A expressão mais comum encontrada foi “*Ah, oui*”. Essas expressões foram estudadas acusticamente. num primeiro estudo, 15 dessas expressões foram estudadas, 5 com surpresa forte, 5 com surpresa fraca e 5 sem expressividade. Nestas expressões foram encontradas diferenças na duração e na F_0 . Depois foram estudados outras 75 expressões “*Ah, oui*”, sem que fossem previamente classificadas. Não foram encontradas correspondências entre os diversos tipos dessas expressões e suas características acústicas. Após uma separação por análise dos traços discursivos em que se encontravam essas expressões, foi estabelecida uma relação (não muito clara) entre os trechos estudados e suas características acústicas. Foram encontradas, dentro das “surpresas” estudadas, outras atitudes, como simples confirmação de recepção, estupefação, admiração, incredulidade, pedido de reformulação ou explicitação, etc.

Como conclusão, os autores dizem não há correspondência biunívoca entre forma entonativa e expressão da surpresa, apesar de terem visto diversas mudanças acústicas nas diferentes expressões estudadas.

Aubergé, Grépillat & Rilliard (1997) estudaram frases com atitudes diferentes (não se fez distinção entre atitude e modalidade, segundo os autores). Diversas frases com tamanhos diferentes foram apresentadas a ouvintes (cortando-se as sílabas finais das frases, apresentou-se aos ouvintes pedaços de frase compostos de duas sílabas, depois de três, e assim sucessivamente, até a apresentação de toda a frase, que tinha cinco sílabas).

Os resultados mostram que os ouvintes foram capazes de reconhecer as atitudes apresentadas (mais que ao acaso), e com isso conclui-se que há pistas em toda a frase de como a prosódia codifica tais atitudes.

Os autores observam ainda, no final do estudo, que para *ironia*, *suspeita* e *questão incrédula* são necessários mais estudos, ou uma melhor definição de tais atitudes, porque dentre o grupo de atitudes estudado estas foram as que menos foram reconhecidas pelos ouvintes.

Leinonen et alii (1997) lembram que a feição do falante afeta a fonação e a articulação, e que por isso tais traços devem ser levados em consideração na manifestação acústica do estado emocional/motivacional do falante.

Neste artigo os autores apresentam um estudo de emoções, que foi feito através da gravação de uma palavra (*Saara*) com diversas emoções: raiva, terror, comando, súplica, pedido, contente, neutro, surpresa, depreciativo, admirável e triste. Várias foram as diferenças acústicas encontradas para as emoções. Em termos de tessitura, podem ser determinados quatro níveis: um para nomear (o neutro, no estudo, visto que a frase estudada era composta apenas por um nome próprio), surpresa, admiração, prazer, contente, depreciativo; um mais baixo para tristeza; um mais alto para comando e outro ainda mais alto para raiva e terror.

Os autores observam que a raiva e o terror geralmente são bem identificados pelo grande registro (valores altos de F_0); a surpresa é às vezes confundida com o interesse devido à maior variação de F_0 . O medo e súplica, se comparados com neutro, têm uma duração silábica menor, uma intensidade menor e uma queda na F_0 . Contente e admiração – apesar de não serem bem distintas auditivamente, são mais longas se comparadas ao neutro. Na admiração a qualidade vocálica geralmente chega ao sussurro. A atitude de depreciação tem uma queda

maior de F_0 (até voz crepitante). É possível, por esses parâmetros, distinguir todas as emoções estudadas.

Mozziconacci, em alguns trabalhos (2001, 2002) e Mozziconacci & Hermes (1997, 1999), afirmam que o estudo de F_0 , para mostrar características de emoções/atitudes do falante, deve ser feito dentro de uma teoria de entonação. Os autores afirmam também que é necessário, em tais estudos, trabalhar conjuntamente com a produção e a percepção. Algumas pistas importantes para a verificação destes fatores são, para Mozziconacci (2001) e Mozziconacci & Hermes (1997, 1999) intensidade, altura melódica, velocidade de fala, ritmo e qualidade de voz.

Em Mozziconacci & Hermes (1997, 1999), nota-se que um mesmo padrão entonativo pode ser utilizado na expressão de todas as atitudes/emoções estudadas (a saber, neutra, alegria, aborrecimento, raiva, tristeza, medo e indignação), mas que alguns padrões específicos parecem estar ligados a algumas emoções e não a outras. O padrão 1&A (gramática entonativa do IPO¹³) pode ser usado para todas as situações estudadas, inclusive para a neutra, mas não quer dizer que este padrão seja melhor para expressão de todas as emoções estudadas. Há casos específicos em que há associação única, (por exemplo, sentenças que terminam com o padrão tipo 2 sempre demonstram indignação).

Mozziconacci & Hermes (2000) observam, também, que as variações temporais são fundamentais, no nível de toda a frase, para marcar emoções, principalmente para marcar algumas emoções particulares, como o tédio.

A observação de diferentes atitudes em uma mesma frase é apresentada numa parte do artigo de Moraes (1998). A frase “*Fecha a porta*” é observada como uma ordem, um pedido e uma sugestão. A atitude do falante de submissão (pedido) ou dominação (ordem) se diferenciaria nas frases por diferentes contornos de F_0 , como pode ser visto na figura abaixo:

¹³ Sistematizada por HART, COLLIER & COHEN, 1990.

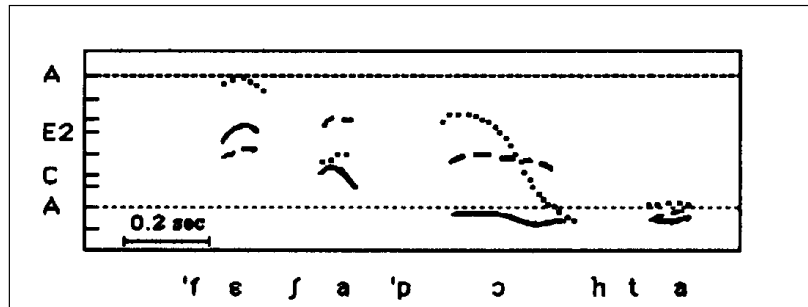


Figura 14- Contorno melódico da frase “Fecha a porta”. Fonte: MORAES, 1998: 188.
(A linha contínua indica a ordem, a tracejada indica a sugestão e a pontilhada indica o pedido).

Em 1998, Mozziconacci estuda, em sua tese de doutorado, como os parâmetros prosódicos codificam emoções/ atitudes na fala. As emoções/ atitudes estudadas foram neutra, alegria, aborrecimento, raiva, tristeza, medo e indignação.

A partir de fala atuada, foram gravadas sentenças com as atitudes/emoções citadas acima. Em relação à análise, a autora estudou os parâmetros acústicos da melodia e do tempo. As medidas de melodia foram baseadas na descrição das curvas de F_0 , em termos de parâmetros entonativos, seguindo a gramática do IPO. Os pontos de valores melódicos foram analisados para ver como nível melódico e tessitura são usados pelos falantes nas diferentes emoções. Essas medidas podem ser vistas na figura abaixo:

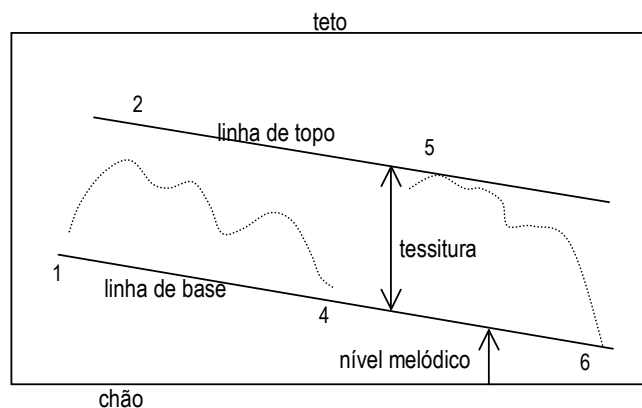


Figura 15- Esquema das medidas melódicas feitas por Mozziconacci. Fonte: MOZZICONACCI, 1998, p. 55.

A autora observou, entretanto, que se fossem tomados somente os valores acima descritos, algumas emoções ainda poderiam permanecer confusas. Ela decidiu, então, medir os movimentos de F_0 (observando também onde tais movimentos ocorriam).

Após essa primeira parte de análise das sentenças gravadas, passou-se a uma segunda parte em que as atitudes foram sintetizadas e as frases resultantes foram submetidas a juízes para o reconhecimento das atitudes. Todas as atitudes foram bem reconhecidas.

A autora observou que o padrão 1&A (gramática do IPO) pode ser usado na expressão de todas as atitudes/ emoções estudadas. Observou também que outros padrões poderiam ser usados em algumas atitudes/ emoções, e que alguns eram categoricamente evitados na expressão de algumas delas.

Mozziconacci estabeleceu as seguintes relações entre emoções e parâmetros prosódicos (encontrados tanto no estudo da produção quanto no da percepção):

Parâmetros	Emoções						
	neutro	alegria	aborrecimento	raiva	tristeza	medo	indignação
altura melódica	65 Hz	155 Hz	65 Hz	110 Hz	102 Hz	200 Hz	170 Hz
dinâmica freq.	5 st	10st	4st	10st	7st	8st	10st
abaixamento melódico final	-	-	não	-	sim	sim	sim
altura relativa dos picos	-	-	-	-	sim	sim	-
tom preferido no final	1&A	1&A, 5&A	3C	5&A, A e EA	3C	12 e 3C	sobretudo 12, também 3C
tom evitado no final	12 e 3C	A, EA, 12	5&A e 12	1&A e 3C	5&A	A e EA	1&A
duração em relação ao neutro	100%	83%	150%	79%	129%	89%	117%
dur proporç dos segmentos acent e ã acentuados	sem desvio	-	-	-	-	-	alongar 40% os segmentos acentuados

Quadro 12- Relação entre parâmetros prosódicos e expressão de atitudes.
Fonte: MOZZICONACCI, 1998, p. 75-6.

Para Mozziconacci, várias pistas podem contribuir para a expressão de certa atitude/ emoção. Alguns falantes têm preferência por certas pistas, ao expressar uma emoção/ atitude específica. Mas, como diz a autora, *“Notwithstanding these intra-speaker and inter-speaker differences in expression, the resulting variability is certainly not random.”* (MOZZICONACCI, 1998, p. 168. Grifo meu).

O que se apresenta de interessante na tese é a metodologia, muito bem desenvolvida, aliando produção e percepção para estudar a expressão de emoções/atitudes. O que falta no trabalho,

como a própria autora admite, em suas conclusões gerais, é que o estudo não leva em consideração nada além do canal oral/auditivo, estudando apenas esse ponto, sem levar em conta aspectos semânticos, sintáticos (e pragmáticos, podemos acrescentar).

Morlec, Bailly & Aubergé (2001) publicam um artigo com o objetivo de gerar atitudes (através de síntese) em francês. Para isso, é necessário identificar e modelar os correlatos prosódicos responsáveis pela expressão de tais atitudes.

Para realização do trabalho, os autores constroem um *corpus* constituído de sentenças com oposições mínimas nos atributos fonotáticos, morfossintáticos e lexicais. Neste trabalho usam frases com variações sintáticas, de constituição SN e SV, com funções variáveis, variando a posição e o tamanho dos sintagmas (através do número de sílabas). As atitudes pesquisadas são: declarativa, questão, exclamativa, questão incrédula, ironia desconfiança e obviedade.

Os parâmetros para expressão das atitudes, segundo os autores, são a F_0 (medida em três pontos do enunciado) e a duração. Essas medidas são confirmadas como importantes através de testes perceptivos, para que a síntese seja pertinente. Para os autores, as atitudes são convencionadas pelos contornos melódicos globalmente, e não apenas por eventos locais.

Aubergé & Ludovic (2000) observam que os falantes usam parâmetros diferentes para marcar estados afetivos diferentes. Na marcação do neutro, sorriso sincero (engraçado) e sorriso mecânico, não houve mudanças no contorno de F_0 (geralmente reservado para marcar atitudes), houve poucas mudanças na declinação (geralmente marca de modalidades diferentes) e o que mais se alterou foi intensidade (correlato não muito ligado a mudanças de outros tipos).

Wichmann, em 2000, afirma que não são somente as escolhas de contornos globais que exprimem atitudes/ emoções do falante. O que ela argumenta é que só é possível saber o que varia em frases com ou sem atitudes se levarmos em consideração o texto, a prosódia, o contexto. A autora sugere, nesse artigo (e, posteriormente, em 2002), que muitas atitudes são convencionadas por um tipo de desencontro entre a prosódia esperada e a realizada, ou entre o texto e a prosódia veiculada, dentro de uma situação. Para Wichmann, todos os parâmetros prosódicos podem veicular atitudes/ emoções, mas o mais importante é conduzir a análise

dentro de um conjunto maior de fatores, levando em consideração tudo o que há na interação, no contexto, no texto, etc.

Para Wichmann, o simples fato de o mesmo contorno carregar significados diferentes mostra que mesmo os tipos de contornos locais dependem do contexto e por isso são governados por fatores pragmáticos. E a autora acrescenta, ainda:

In fact the majority of ‘attitudinal’ meanings can only be explained using pragmatic analysis. (...) There are many nuances of speaker meanings as there are speakers and conversations. They can only be explained by means of linguistic analysis. The intonational cues to speaker meaning must be accounted for by linguistic analysis too. (...) Many of the labels used in this work, however, reflect meaning which has been linguistically encoded. To understand how intonation contributes to meaning in this way, the normal process of linguistic analysis is essential. (WICHMANN, 2000, p. 5)

Alves (2001) estuda a atitude de *persuasão* na fala de vendedores de lojas, gravada em situação natural de fala (no momento do vendedor efetuar a venda, ao dar informações sobre um produto). As principais características prosódicas encontradas pela autora para veicular tal atitude são a duração de sílabas proeminentes (maiores na persuasão que em enunciados informativos), a forma do contorno melódico utilizado, o acento enfático e um padrão entonativo (designado pela autora de suspensivo) que se caracteriza por incompletude, bastante utilizado nas falas persuasivas.

Gussenhoven (2002), em seu artigo sobre entonação e interpretação, fala sobre os códigos biológicos de interpretação de F_0 (associados a tamanho, poder). O autor diz que geralmente há significados atitudinais/emocionais transmitidos por diferentes contornos de F_0 (p. e., grandes variações de F_0 tendem a receber uma avaliação positiva do interlocutor, enquanto pequenas variações tendem a ser avaliadas negativamente).

Kehrein (2002) coloca como parâmetros principais para a identificação de emoções a velocidade de fala e a proeminência, entre outros fatores prosódicos.

A fim de estudar oito “atitudes”, a saber, neutro, alegria, admiração, surpresa, chateação, tristeza, cólera e medo, os autores Mejvaldová & Horák (2002) fazem experimentos com

frases contendo essas atitudes, em francês e em tcheco, e as submetem a testes de percepção, com ouvintes falantes de francês e de tcheco, tanto os que entendem a outra língua quanto os que não. Apontam como parâmetros de expressão de atitudes a F_0 e variações de intensidade.

Krahmer et alii (2002) fazem um estudo da negação (*denial*) assinalando, na estrutura dialógica, os sentidos de “vá em frente” (prossiga) ou “retorne” (volte atrás). Os autores observam quais são os parâmetros prosódicos responsáveis por expressar a discordância (“retorne”) ou a concordância (“vá em frente”). A análise acústica mostrou que diversas variáveis prosódicas são utilizadas para essa expressão, tais como pausa, duração, contorno entonativo e tessitura. Em teste de percepção os juízes foram capazes de determinar quando tais intervenções eram positivas ou negativas mesmo fora de contexto, o que significa que a prosódia desempenha um papel fundamental nessa interpretação.

Piot & Lyaghat (2002) estudam a expressão de onze atitudes (interrogativas e assertivas) no persa padrão. Os parâmetros apontados como responsáveis pela expressão das atitudes estudadas são F_0 , intensidade e duração, e os autores mostram neste artigo que o mais indicado para reconhecimento dessas atitudes é utilizar o conjunto destes parâmetros, não sendo nenhum deles isoladamente decisivo para expressão de tais atitudes.

Wichmann (2002) retoma suas idéias publicadas em outro artigo (acima descrito) de que geralmente escolhas prosódicas marcadas (diferentes do esperado, descontraídas do texto ou da situação) exprimem atitudes. A autora faz um estudo dos pedidos que aparecem com a palavra “*please*”, dizendo que o esperado seria, para pedidos formais e entre interlocutores hierarquicamente diferentes, um contorno descendente, e para pedidos informais e entre interlocutores hierarquicamente iguais, um contorno ascendente. A autora conclui que algumas atitudes são geradas quando essa convenção não aparece (por exemplo, se um locutor hierarquicamente inferior faz um pedido com contorno ascendente pode parecer uma súplica).

Gobl & Ní Chasaíde (2003) argumentam que diferenças na qualidade de voz contribuem para a identificação de emoções, humor e atitudes.

Em 2006, Beller et alii trabalham com a expressividade, a fim de determinar quais são as características prosódicas responsáveis por diferenciar neutro, questão neutra, raiva,

felicidade, tristeza, tédio, desgosto, indignação, surpresa positiva e negativa. A atenção dos autores voltou-se principalmente para a velocidade de fala, visto que algumas atitudes podem apresentar correlatos diferentes quanto à velocidade de fala.

Os autores concluíram que a velocidade de fala realmente desempenha um papel importante no reconhecimento de algumas atitudes (raiva e alegria principalmente), assim como as pausas (pausas silenciosas ou preenchidas por respiração estão associadas a atitudes diferentes, por exemplo, surpresa positiva e negativa).

Benus et alii (2006) fazem um estudo sobre as pausas, para verificar se o fato de se encontrar pausas silenciosas ou preenchidas é um índice de falsidade em respostas dadas em entrevistas. Os autores acreditam que, em entrevistas, a partir do momento em que o entrevistado não quer responder corretamente, ou tem a intenção de enganar o entrevistador dando-lhe uma resposta falsa, haveria mais pausas ou essas pausas poderiam ser maiores do que quando se fala a verdade (em que não haveria reflexão maior para pensar no que dizer). A hipótese dos pesquisadores não foi comprovada, pois na verdade as pausas (silenciosas ou preenchidas) no *corpus* analisado estavam mais relacionadas às respostas verdadeiras que às falsas. Isso comprova que o discurso falso é mais monitorado. Uma outra pista interessante encontrada é que, nas pausas preenchidas, a intensidade é um parâmetro que deve ser analisado, podendo servir para diferenciar a intenção de falar verdade da intenção de mentir.

Campbell (2006) mostra que os estados afetivos do falante são geralmente demonstrados por sentenças não lexicais (por exemplo, *ah!*) e que os parâmetros prosódicos de F_0 e qualidade de voz são importantes para diferenciar os estados do falante. O autor aponta também que a qualidade de voz, tanto quanto a F_0 , varia de acordo com o interlocutor do sujeito-falante pesquisado.

Chuenwattanapranithi et alii (2006) discutem como algumas emoções podem ser diferenciadas com base no código biológico que relaciona F_0 a tamanho do trato vocal. Os autores acreditam que o código biológico pode auxiliar na diferenciação de algumas emoções, tais como a raiva e a alegria, que têm características melódicas parecidas (grande altura melódica e grande tessitura). Para explicar maior tendência de abaixamento final de F_0 , aumento do valor de frequência do primeiro formante e um alinhamento tardio do pico de F_0

na raiva, os autores recorrem ao código de tamanho, dizendo que na raiva o locutor quer se mostrar mais ofensivo, por isso utilizaria os recursos de abaixamento de F_0 (parecendo autoritário) de aumento de $F1$ (porque a boca está mais aberta, a fim de exagerar o tamanho do trato vocal) e alinhamento tardio do pico de F_0 (porque a laringe é abaixada, também para aumentar o tamanho do trato vocal). Os autores dizem ainda que é necessário investigar se tais recursos são utilizados na expressão de outras emoções.

Dijkstra, Kraemer & Swerts (2006) discutem, dentre os correlatos que marcam a incerteza em respostas dadas a questões factuais, qual o mais importante. Através de experimento de percepção, diversas respostas são manipuladas a fim de que se determine, dentre as expressões faciais de dúvida, uma entonação ascendente e pausas preenchidas, qual a pista para melhor identificar incerteza. Os autores concluem que apesar de as pausas preenchidas e a entonação ascendente terem um papel importante na expressão da incerteza, a pista mais reconhecida foi a expressão facial na identificação da incerteza.

Com o objetivo de pesquisar como o cérebro interpreta as intenções do falante, Imaizumi et alii (2006) fizeram um estudo de percepção baseado em sentenças com sentido linguístico positivo e negativo (ditas com emoções simpatia e distância). Antes de realizar o estudo perceptivo, os autores fizeram um estudo acústico e concluíram que com as sentenças em que a emoção era simpatia, a tessitura era maior em média 104Hz, e que frases linguisticamente negativas tinham uma tessitura 41Hz mais ampla que as positivas. As sentenças negativas ditadas com simpatia tinham uma tessitura em média 70Hz maior que as frases positivas ditadas com simpatia. Nas frases ditadas com distância não houve diferença para os sentidos negativo e positivo.

Moraes & Stein (2006) procuram caracterizar os padrões entonativos de diferentes atitudes no português do Brasil. Através da gravação de uma frase com diferentes atitudes (a saber: consideração, desespero, desapontamento, ironia, justificativa, obviedade e incerteza, comparadas ao neutro), foi feita uma análise acústica para determinar as principais características de cada uma dessas atitudes. Depois cada uma delas foi sintetizada, adicionando-se, pouco a pouco, características encontradas na análise acústica, a fim de verificar quais eram os parâmetros mais importantes na identificação de cada uma das atitudes pesquisadas. Os autores concluíram que para caracterizar cada uma das atitudes estudadas

houve parâmetros acústicos diferentes. Uma outra conclusão importante apresentada no estudo é o fato de que algumas atitudes são expressas globalmente (em todo o contorno de F_0) e outras são expressas localmente (principalmente no contorno que se encontra na tônica nuclear da sentença). Como exemplos, *desespero* e *consideração* são expressas globalmente, enquanto *justificativa* e *obviedade* são melhores caracterizadas localmente. Quanto aos parâmetros, para a expressão e identificação de *desespero*, *justificativa* e *obviedade*, a F_0 desempenha um papel fundamental; para a *consideração* o papel principal é da duração; em algumas atitudes como a *ironia* e o *desapontamento* tanto a F_0 quanto a duração são importantes.

Shochi, Aubergé & Rilliard (2006) estudam o reconhecimento de atitudes por falantes nativos e não-nativos, a fim de verificar se atitudes realmente são culturalmente definidas e codificadas de acordo com o sistema lingüístico. Foram feitas gravações de diferentes atitudes em japonês e essas gravações foram submetidas a falantes de francês com diferentes graus de conhecimento da língua japonesa (nenhum conhecimento, conhecimentos iniciais e bons conhecimentos). Algumas atitudes foram bem reconhecidas, mesmo pelos franceses que não tinham nenhum conhecimento da língua japonesa (*autoritário*, *irritação* e *admiração*). Para os franceses que tinham conhecimentos iniciais de japonês, também foram bem identificadas a *dúvida* e a *sinceridade*, mas ainda há confusão entre *dúvida* e *surpresa*. Neste nível os franceses diferenciam *arrogância* de *autoridade*, *polidez* de *sinceridade* e *declaração* de *evidência*. Quanto aos falantes franceses com bons conhecimentos de japonês, eles ainda confundiram *dúvida* com *surpresa*, e não são capazes de reconhecer *arrogância* e um tipo de *polidez* específico do japonês. Isso mostra que as atitudes são realmente dependentes do sistema lingüístico, e que algumas, mais específicas, só são reconhecidas por falantes nativos.

Em um estudo sobre a percepção de fala afetiva, Yanushevskaya, Gobl & Ní Chasaide (2006) mostram que estímulos sintetizados apresentando variações de qualidade de voz (sejam sozinhas ou associadas a variações de F_0) são melhor reconhecidos na linguagem afetiva que estímulos sintetizados somente com variações de F_0 .

Podemos dizer, através da revisão feita, que temos vários parâmetros prosódicos apontados como pistas de expressão de diferentes estados afetivos do falante. Apresentamos uma síntese com todos os parâmetros descritos na literatura no quadro abaixo:

Frequência fundamental	Duração	Intensidade	Qualidade de voz
<ul style="list-style-type: none"> - pontos: inicial, final, máximo, mínimo; - movimentos: início, fim, amplitude, duração; - tessitura; - registro (e frequência usual); - alinhamento dos movimentos e picos; - configuração geral. 	<ul style="list-style-type: none"> - duração das tônicas; - duração das átonas; - velocidade de fala. 	<ul style="list-style-type: none"> - intensidade das tônicas iniciais e finais; - média de intensidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - jitter/ shimmer; - modos de voz (crepitante, sussurro, etc).

Quadro 13- Parâmetros prosódicos para expressão de atitudes





Destes parâmetros, serão abordados, neste trabalho, a frequência fundamental e a duração. Dentro deles, serão feitas as medidas apontadas como importantes para a caracterização / reconhecimento de atitudes. A intensidade e a qualidade de voz não serão analisadas devido à metodologia de coleta dos dados utilizada nesse trabalho. Maiores detalhes sobre as medidas levadas em consideração podem ser vistos no capítulo 4 desta tese.

2.3- Prosódia e atitudes em questões

Nesta seção, apresentamos uma síntese dos estudos que trabalham com a relação entre prosódia e atitude nas questões/enunciados interrogativos. Como tal estudo não foi muito desenvolvido em português brasileiro, apresentamos estudos que relacionem a prosódia e a atitude a questões em outras línguas.

Langaker (1970), ao fazer um estudo das questões totais do inglês, aponta quatro padrões finais para os enunciados interrogativos, nem todos ascendentes. A diferença entre questões com esses diferentes padrões, para Langacker todas bem formadas, seria a expressividade. Essa expressividade vai refletir o grau de preocupação que o falante tem com a resposta. No padrão quatro (ver representação abaixo) o falante está muito mais preocupado com (interessado em) a resposta do que nos outros. O autor sugere que os quatro padrões apresentados teriam os significados: 1) o falante não está interessado na resposta (ou é deliberadamente fingido, finge desinteresse); 2) o falante não está preocupado com a resposta; 3) o falante tem interesse na resposta; 4) o falante tem muito interesse na resposta. (No caso

dos padrões 3 e 4, mais típicos das questões, há um envolvimento afetivo do falante com o conteúdo da questão e da resposta).

1. Is this bowl made of copper?

2. Is this bowl made of copper?

3. Is this bowl made of copper?

4. Is this bowl made of copper?


Em 1973, Fónagy & Bérard publicam um artigo com a análise da entonação de questões totais simples e implicativas em francês. A proposta do artigo é de analisar a entonação das questões totais não marcadas (sem a expressão “*est-ce que*” ou inversão do sujeito) no francês parisiense. Para identificar esses enunciados (as questões), era preciso estabelecer um critério. Não seria possível fazê-lo pela entonação, uma vez que há muita semelhança entre a entonação das interrogativas e das exclamativas, para os autores. Era necessário então que outro critério (semântico/ contextual) fosse utilizado pra identificar essas sentenças. O conteúdo interrogativo foi descartado por abrir um leque muito grande de possibilidades. Foram então consideradas como interrogativas totais os enunciados que provocam uma resposta (sabe-se que isso pode agrupar outros enunciados que não questões e que algumas questões – como as retóricas – serão excluídas por não terem resposta, mas optou-se por ele). É necessário lembrar que aqui se trata de resposta *sim* ou *não*, o que simplifica um pouco as coisas. Mas havia ainda uma dificuldade prática: como obter um número suficiente de questões totais de fala espontânea. Para obter as questões, foi proposto um jogo de adivinhação, em que alguém pensava em um objeto e os outros participantes, através de perguntas feitas a quem pensou no objeto (que deveriam ser respondidas apenas com *sim* ou *não*), deveriam descobrir qual era o objeto. Após a separação das questões (muitas foram excluídas por causa da presença do “*est-ce que*”) foi feita uma análise instrumental dos dados.

Os autores começam a descrição pelas questões totais neutras, dizendo que a subida final média do contorno melódico das questões totais do *corpus* é de 6,8 semitons. Há algumas questões que formam um grupo, tendo o mesmo tipo de subida e no mesmo nível melódico. Quando o jogo se anima, aparecem questões com dupla subida melódica – no início e fim da frase. Os autores observam ainda que as questões com “*est-ce que*” que apareceram no jogo

têm diferentes padrões, quase todos com descendente no final, mesmo que haja algum tipo de ascendente antes.

Considerando questão total qualquer emissão que provoca uma resposta sim/não, somente 58,6% dos enunciados encontrados no estudo têm uma subida final. Há um grande número de frases com entonação descendente, como a entonação das sentenças declarativas. Fazendo uma comparação entre elas, a entonação das “questões” descendentes traz menos diversidade que a das declarativas. Há uma configuração de subida repentina, seguida de queda final. Essa subida pode acontecer na penúltima sílaba da frase (mais comum) ou na última ou antepenúltima. Foi também comparada a altura média das frases, e as declarativas tiveram média de 206,5Hz, enquanto as interrogativas descendentes tiveram a média de 239,5Hz. (Os autores falam que a forma da curva triangular – subida na penúltima e queda final – lembra a forma triangular que caracteriza as questões *repetitivas, incrédulas, surpresas.*) No caso das questões descendentes, a descida é maior (em termos de intervalo melódico) que a subida, o que não acontece nas questões repetitivas, em que a descida é menor que a subida (a descida fica em um nível médio, nunca chega ao nível inicial). Outra diferença é que a questão *incrédula* tem um nível melódico mais elevado. As questões descendentes têm uma queda melódica mais categórica que as declarativas (que nem sempre terminam com descendente). Nas declarativas a queda não vai até o nível mais baixo do locutor, mas nas interrogativas descendentes sim. As diferenças entre esses tipos mais o exclamativo não são assim tão simples. Testes perceptivos mostraram que com frases fora de contexto, ouvintes fazem muita confusão, tomando interrogativas por exclamativas e interrogativas expressivas por exclamativas ou declarativas. Se o contexto está presente, a identificação dos tipos de enunciado é muito mais bem sucedida. Os autores mostram que dentro do contexto do jogo, pequenas nuances prosódicas são suficientes para que os interlocutores distingam declarativas de interrogativas descendentes sem problemas. Nas palavras dos autores, “*Ces trois facteurs – texte, prosodie e contexte – se déterminent réciproquement et leurs interférences sont indispensables à la transmission intégrale du message*”. (FÓNAGY & BÉRARD, 1973: 72).

Como testes de percepção indicam que os falantes podem reconhecer as frases interrogativas descendentes como questões, não convém chamá-las de declarativas, por isso os autores as chamam de assertivas interrogativas – assertivas que pedem uma confirmação ou infirmação

de hipótese apresentada – ou ainda de questões declarativas – questões implicativas, contendo uma mensagem secundária declarativa.

Os autores discutem ainda as relações e diferenças entre questões *neutras* e questões *implicativas* (com algum tipo de atitude, expressivas). Afirmam que há tipos de frases que, mesmo com a entonação declarativa, sugerem questões, e é como se houvesse nelas uma mensagem secundária, do tipo: “eu estou quase certo de uma resposta positiva, mas eu prefiro uma certeza absoluta” ou “você quer dizer com isso tal ou tal coisa” ou ainda “você está totalmente certo?” Os autores recuperam aqui o significado de alguns contornos – o descendente como forma de expressão de uma certeza – por isso as interrogativas descendentes estariam relacionadas a sentidos subjacentes, por exemplo “sei que a resposta será positiva”, “você quer dizer dessa forma”. Isso pode ser visto nas figuras abaixo:

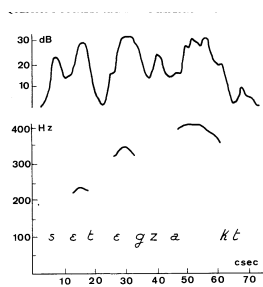


Fig. 25. C'est exact? La question posée provoque une confirmation.

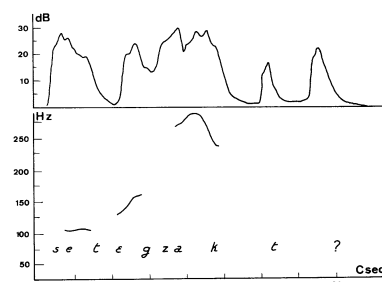


Fig. 26. C'est exact? La question exprime l'étonnement, le doute.

Figura 16- Questões implicativas em francês. A primeira é um pedido de confirmação, a segunda exprime dúvida, espanto. Fonte: FÓNAGY & BÉRARD, 1973, p. 87.

Conforme mostra a figura reproduzida do trabalho de Fónagy & Bérard, podemos ver que a forma diferente da melodia é utilizada para convencionar significados diferentes. Assim, podemos dizer que, para os autores, o parâmetro de F_0 desempenha um papel fundamental na expressão de atitudes em sentenças interrogativas.

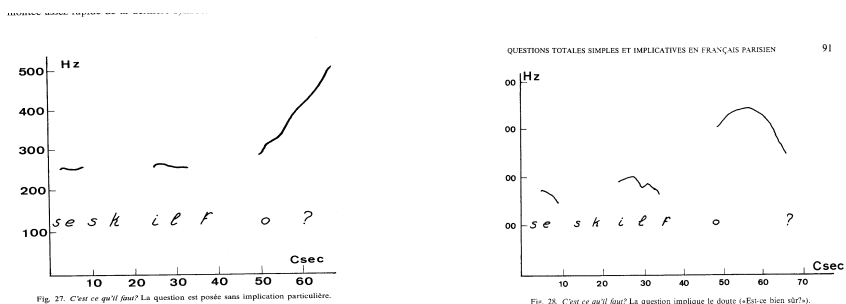


Figura 17- Questão simples e implicativa em francês. Fonte: FÓNAGY & BÉRARD, 1973, p. 90.

Nesta segunda figura, os autores comparam uma questão *neutra* – que não apresenta uma implicação particular a uma que implica *dúvida*. Nota-se que novamente a F_0 muda consideravelmente na expressão das questões com atitudes diferentes.

Bredvad-Jensen (1981) discute como diferentes atitudes podem influenciar o padrão tonal de sentenças declarativas e interrogativas no sueco. Vários fatores influenciam a curva de F_0 (segundo a autora o principal correlato da entonação) entre os quais se destacam: a) a estrutura gramatical da sentença (posição do acento, tipo de sentença), b) atitudes do falante, c) contexto da sentença.

Ao falar dos significados da entonação, a autora destaca as idéias de Cruttenden (1979), para quem o ascendente significa o fraco e o descendente significa o forte. Nas atitudes isso seria o deferencial (ascendente) e o neutro (descendente), nas modalidades a interrogativa (ascendente) e a declarativa (descendente).

Na língua sueca, a simples oposição entre ascendente e descendente não é o único correlato para a distinção entre declarativas e interrogativas. São apontados também o registro de F_0 interagindo com a manifestação do acento de sentença. Um falante nativo distingue uma declarativa deferencial (fraca no parâmetro atitude, embora forte no tipo de sentença) de uma interrogativa (fraca no parâmetro tipo de sentença). A autora questiona se essa seria uma identificação somente pelo contexto ou se há parâmetros de entonação que mudam de acordo com a expressão de atitudes.

Para responder a essa questão, foi gravada a frase “*Manne lämnar nallama*” nas formas declarativa, interrogativa SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) e interrogativa VSO (ordem inversa). Primeiramente a sentença foi gravada de forma neutra, depois com uma atitude polida e depois com uma atitude de determinação. (Situações foram imaginadas para ajudar nas atitudes). Seguindo a distinção de Cruttenden, foi escolhida uma atitude fraca (polidez) e uma forte (determinação). As sentenças foram gravadas também com diferentes acentos de frase (ênfases), sobre a primeira, a segunda ou a terceira palavra. (Uma questão posta antes da frase fazia com que o foco se deslocasse de um elemento a outro).

A análise dos contornos de F_0 mostrou que há diferenças em relação à posição do acento: o contorno de F_0 é maior (apresenta maior movimento) na palavra acentuada; pela análise acústica foi possível perceber também diferenças entre interrogativas e declarativas: a) na questão o intervalo melódico da palavra acentuada é maior que na declarativa; b) os contornos antes e depois do foco na questão encontram-se comprimidos em relação à declarativa; c) a questão tem uma média global de F_0 maior que a declarativa; d) a questão termina com um ascendente, a declarativa com um descendente. Em relação à análise acústica das questões SVO e VSO, não há muita diferença, e ambas se diferenciam das declarativas e interrogativas nos mesmos pontos.

A comparação entre a declarativa neutra e a polida é apontada pela autora como um conflito entre o fraco e o forte. Tal “conflito” se resolve com uma forma de contorno bem semelhante, mas na declarativa polida o intervalo melódico é maior.

Depois disso a autora descreve o “conflito” contrário: uma interrogativa (fraca) com a atitude de determinação (forte). Na questão determinada o intervalo melódico na palavra acentuada é reduzido, há menos compressão pré-foco, uma média geral de F_0 menor (mas maior que na declarativa) e uma subida final menos marcada. No caso dos “conflitos”, não há uma anulação do gramatical, por causa do atitudinal, mas os contornos são modificados um pouco.

A última situação descrita é quando o tipo de sentença e a atitude têm o mesmo direcionamento (questão X questão polida, por exemplo). Os resultados apresentados são de que os enunciados têm contornos bem semelhantes, com algum realce dos pontos que marcam os tipos de sentença, como se eles fossem ainda mais evidentes nesses tipos de enunciado.

Como resumo, a autora apresenta o quadro que reproduzimos a seguir:

		Parâmetros tonais			
		Amplitude de F ₀ na palavra acentuada	Contornos pré e pós-foco	Média global de F ₀ (registro)	Término (ascendente ou descendente)
Uso fraco	Questão	expandido	comprimido	mais alto	ascendente
	Polidez	expandido	comprimido (q) expandido (d)	não muda (d) mais alto (q)	sem mudança
Uso forte	Declarativa	comprimido	expandido	mais baixo	descendente
	Determinação	não muda (d) comprimido (q)	expandido (q) comprimido (d)	não muda (d) mais baixo (q)	sem (muita) mudança

Quadro 14- Características da entonação de declarativas e interrogativas, neutras, polidas ou determinadas, em suco. Fonte: BREDVAD-JENSEN, 1981, p. 62. (Obs: d – declarativa e q – questão).

Nikov (1987) analisa auditiva e acusticamente aproximadamente 1000 enunciados interrogativos totais do francês, com ou sem marca formal (inversão sujeito-verbo e uso de “*est-ce que*”), com o objetivo de verificar se o alvo (objetivo) comunicativo influencia na constituição do contorno melódico dessas sentenças. O autor encontrou diferentes entonações para as questões, que variavam segundo a intenção de comunicação do locutor. Quando a intenção era perguntar sem uma idéia da resposta, o contorno melódico era diferente de quando a intenção mostrava haver de antemão uma resposta possível à pergunta proposta. Quando a intenção do locutor era de perguntar sobre todo o conjunto do enunciado, ou sobre parte dele, o contorno melódico era diferente. Quando o locutor perguntava sobre algo já dito (pedido de confirmação, ou questão eco) a forma melódica era diferente de quando o que era perguntado era um novo tópico na conversação.

Como conclusões, o autor encontrou onze tipos de questões totais, agrupadas em três grupos maiores segundo o grau de dinamismo comunicativo. O primeiro grupo é composto pelas questões com grau baixo de dinamismo comunicativo, ou seja, aquelas em que o locutor pede a resposta do interlocutor (que pode ser positiva ou negativa, o locutor não tem idéia sobre qual será). O segundo grupo, questões com dinamismo comunicativo médio, consiste nas questões que são pedidos de confirmação, pois o locutor, apesar de pedir a opinião do interlocutor, já sugere, com uma insistência maior ou menor, a resposta que quer ouvir. O terceiro grupo seria o das questões com maior grau de dinamismo comunicativo, e é constituído pelas questões de segunda instância, em que o locutor não está muito interessado

na resposta do interlocutor, mas sim em outros aspectos da comunicação. A partir dessa divisão, Nikov faz uma relação entre contornos entonativos e grupos. No primeiro grupo (questões com baixo dinamismo comunicativo), a entonação é geralmente ascendente. Para questões com grau médio de dinamismo comunicativo, a entonação é geralmente ascendente-descendente, assim como para as questões com grau alto de dinamismo comunicativo. É interessante ainda lembrar que, nas questões de segunda instância, por serem complexas, aparecem tanto a marca entonativa do tom ascendente- descendente quanto a marca formal (inversão VS ou expressão *est-ce que*). Na figura abaixo podemos ver alguns exemplos de contornos entonativos de algumas questões.



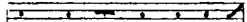
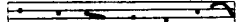
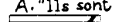

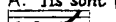
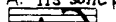
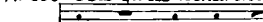
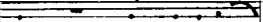
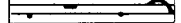
Tipos	Exemplos
I	exemple:  A. "Vous viendrez demain matin?" - B. "Oui. (Non)."
II	exemple:  A. "Vous viendrez (n'est-ce pas)?" - B. "Oui".
III	exemple:  A. "Vous viendrez demain matin?" - B. "Oui. (Non)."
IV	exemple:  A. "Vous viendrez demain matin (n'est-ce pas)?" - B. "Oui".
V	exemple: A. "Ils sont rentrés dans leur pays." -  B. "Par le train?" - A. "Oui. (Non)."
VI	exemple: A. "Ils sont rentrés dans leur pays." -  B. "Par le train?" - A. "Oui".
VII	exemple: A. "Ils sont partis par le train." -  B. "Par le train?" - A. "Oui. (Non)."
VIII	exemple: A. "Ils sont partis par le train." -  B. "Par le train?" - A. "Oui".
IX	exemple: A. "Je suis sûr qu'ils viendront ce soir." -  B. "Bon, d'accord! Mais est-ce qu'ils viendront lundi?"
X	exemple: A. "Je suis sûr qu'ils viendront." -  B. "Bon! Mais est-ce qu'ils repartiront?"
XI	exemple: A. "Nous comprendrons quand ils seront venus." -  B. "Bon! Mais viendront-ils?"

Figura 18- Exemplos de contornos melódicos de questões totais. Fonte NIKOV, 1987: 260.

Nos exemplos apontados na figura acima, os tipos de questão I, III, V e VII seriam de dinamismo comunicativo mais baixo; os tipos II, IV, VI e VIII de nível médio e os tipos IX, X e XI as que apresentam dinamismo comunicativo mais alto.

Em 2000, Piot apresenta um trabalho em que dezesseis contornos da sentença “*Natacha?*” foram sintetizados, a fim de testar duas hipóteses: i) se o uso de F₀ convencionaliza a atitude de

ignorância; ii) se a expressão de motivação pode ser feita por meio de F_0 , intensidade vocálica e velocidade de fala. O autor observa que muitos estudos só apresentam média das medidas acima citadas, o que muitas vezes se torna insuficiente para a caracterização prosódica das atitudes.

Piot retoma o código biológico, baseando-se em Ohala (1983, 1984) como explicação para a ligação entre frequência alta e ignorância – quanto mais alta a frequência, maior a ignorância (ou seja, nenhuma pista de resposta), enquanto quanto menor a frequência, maior a possibilidade de uma opinião sobre o que será respondido.

O autor percebe que, quanto maior a reação (*arousal*) do falante, há tendência de crescerem os movimentos, o que levaria a um crescimento da velocidade de fala, da intensidade e da melodia. O maior desejo pela informação provocaria uma reação maior, o que traria conseqüências nos fatores acima citados.

Vários fatores foram variados na síntese dos 16 contornos de “*Natacha*” apresentados. A F_0 da tônica nuclear recebeu quatro movimentos ascendentes de valores diferentes, a intensidade foi testada com acréscimo de 2 ou 7dB na sílaba final e a velocidade de fala foi testada como normal ou multiplicada por 8. Os resultados mostram que quanto maior a F_0 , os ouvintes reconheceram mais ignorância por parte do locutor. O maior desejo de saber foi identificado nas sentenças com maior velocidade de fala e a F_0 final mais alta.

Em um estudo de percepção de atitudes com fala natural, Ibrakhim (2004) testou a percepção de falantes nativos e não-nativos, verificando como estes reconheciam emoções (ditas universais) em sentenças declarativas e em sentenças interrogativas. As emoções nas sentenças declarativas foram identificadas melhor por falantes não-nativos que as emoções em sentenças interrogativas, o que faz o autor sugerir que em sentenças declarativas tais emoções tendem mais ao universal, enquanto em sentenças interrogativas a expressão de emoções e atitudes parece ser mais codificada lingüisticamente (talvez por influência da codificação da modalidade interrogativa).

Hedberg, Sosa & Fadden (2004) pesquisam a interação entre entonação e significado pragmático das questões. Cinco tipos de sentenças interrogativas do inglês foram estudados:

questões totais positivas, questões totais negativas, questões totais sem marca formal (sem inversão verbo-sujeito, denominada interrogativa-declarativa) positiva e negativa e questões parciais (com pronome interrogativo). As questões foram obtidas de conversas telefônicas entre conhecidos. Ao todo foram analisadas 113 frases (análise acústica acompanhada de descrição de acordo com ToBI). Os resultados da análise são apresentados na tabela que reproduzimos abaixo:

Tabela 1- características entonativas de questões do inglês.

	QT positivas	QT negativas	interrogativas declarativas positivas	interrogativas declarativas negativas	Questões parciais
ascendente alto	19%	24%	0%	14%	5%
ascendente baixo	62%	52%	82%	68%	9%
nivelado	12%	10%	5%	10%	5%
descendente	8%	15%	15%	10%	82%
total (n)	26	21	22	22	22

Fonte: HEDBERG, SOSA & FADDEN, 2004, p. 309.

Para os autores, os diferentes padrões apresentados para os diferentes tipos de questão significam coisas diferentes, às vezes neutras, às vezes atitudinais. Os significados diferentes são apresentados por tipos de sentenças, e nós os resumimos a seguir:

Questões totais positivas:

Com ascendente baixo, o mais freqüente, representa uma questão pedindo informação, sem expectativas.

Com ascendente alto, indica ligação discursiva ou surpresa.

Com descendente, indica mais asserção que questão.

Com nivelado, indica um significado amenizado.

Questões totais negativas:

- Há que se diferenciar a negação externa (de algo não mencionado) da interna (de algo já mencionado), pois na externa a resposta esperada é positiva, enquanto que na interna a resposta esperada é negativa.
- O ascendente baixo continua sendo o mais freqüente.
- O ascendente alto às vezes indica surpresa.
- O descendente tem o efeito de criar um comentário que está fora da questão.

- Quando utilizado, o nivelado parece um descendente modificado, apresentando menos certeza que o descendente, mas ainda mantendo algum grau de assertividade.

Interrogativas-declarativas positivas:

- A maior parte é produzida com o ascendente baixo, significando comprometimento.
- Quando ocorre o descendente, tais sentenças lembram declarativas, mas ainda apresentam algum grau de incerteza e convidam o interlocutor a responder.

Interrogativas-declarativas negativas:

- a maioria apresenta o ascendente baixo; se há ascendente alto, indica surpresa ou descrença.
- se há descendente, o falante está relativamente certo da resposta.

Questões parciais:

- a maioria apresenta um contorno descendente. Se há um descendente grande, indica exclamação.
- os que apresentam ascendente são do tipo “talvez eu devesse saber a resposta, mas como não perguntei ainda, pergunto...”

Como conclusão, os autores dizem que tons nucleares diferentes, associados a tipos de questão diferentes, convencionam significados diferentes, com respeito ao comprometimento do falante e ouvinte, grau de assertividade e antecipação da resposta. Nas palavras dos autores:

The high-rise terminal contour seems to be consistent across the question types in implying surprise or various degrees of disbelief. High-rise and low-rise wh-questions typically function as discourse-linked, reminder question. Fall in yes-no and declarative questions indicate that there is a relatively large degree of speaker certainty about what the answer is going to be. There isn't an open request for new information. Levels are analogous to falls but with a mitigated effect. However, with wh-questions, the opposite effect applies since level final contours group with rises. The rise-fall in the negative declarative type correlated in meaning with the high-rises, but with wh-questions, the opposite effect applies once again since they are a variant of a fall contour. (HEDBERG, SOSA & FADDEN, 2004, p. 312)

Chen (2006) faz um estudo relacionando a estrutura informacional e a entonação em questões parciais do holandês. O autor quer saber se a colocação do acento nuclear é pragmaticamente governada nas questões parciais. Após fazer um estudo de 90 questões parciais, foi verificado se o pronome interrogativo era acentuado, onde estava o foco informativo, se havia coincidência entre foco e palavra interrogativa. O autor encontrou o pronome interrogativo acentuado na maior parte das questões, principalmente quando ele coincidia com o foco da estrutura informativa. Isso o fez concluir que, possivelmente, o acento no pronome interrogativo seria pragmaticamente motivado, assinalando um alto grau de engajamento do falante em relação ao enunciado ou um forte desejo de obter a informação requerida.

Crocco (2006) desenvolve um estudo sobre a prosódia e os aspectos informacionais das questões totais em italiano napolitano. O objetivo do artigo é relacionar forma e função prosódica, esta última dada pelo significado. Foram diferenciadas (quanto à informatividade) questões que pediam informação de questões que pediam confirmação (essas últimas se caracterizavam por uma atitude maior de certeza por parte do locutor, porque ele já sabia – ou pensava saber – a resposta da questão). O padrão melódico encontrado (ascendente-descendente) não parece se alterar em relação a diferentes atitudes ou significados das questões, mas mudanças locais nos parâmetros prosódicos (mudança do foco, alinhamento diferente do acento nuclear, tessitura dos movimentos), assim como mudanças morfossintáticas (a presença da negativa na pergunta) e o contexto têm um papel importante para a interpretação das atitudes do locutor.

Hedberg, Sosa & Fadden (2006) estudam os constituintes tonais e o significado em questões totais do inglês americano. Os autores analisam 104 questões totais levando em consideração os constituintes do contorno melódico (*cabeça. núcleo e cauda*) transcritos de acordo com o sistema ToBI, a fim de verificar se os significados marcados e não-marcados eram associados a contornos melódicos diferentes. Para contornos nucleares, os autores apresentam um contraste entre contornos ascendentes – aos quais nenhum sentido específico é atribuído – e descendentes, que não são pedidos de informação, mas que constituem falsas questões, sendo pedidos de ação ou sugestões. Uma observação feita pelos autores é que o estudo desses constituintes ajuda na determinação dos sentidos das interrogativas totais e na determinação de como a entonação se relaciona a diferentes atitudes do locutor.

2.3.1 – Prosódia e atitudes em questões do português

Se os estudos sobre o papel da prosódia na expressão de estados afetivos do falante no português brasileiro são poucos, conforme se viu na revisão feita até então, os estudos que tratam das atitudes em questões são raros. Foi possível encontrar apenas dois estudos do português do Brasil que falaram sobre as atitudes em questões do português brasileiro¹⁴: o primeiro, parte da tese de Reis (1995), aparece como uma tentativa de associação de significados expressivos para diferentes contornos melódicos encontrados para questões totais, através de testes perceptivos; o segundo, parte da tese de Azevedo (2007), aparece num contraste em que a autora faz entre atitude de dúvida e sentenças interrogativas nos falantes com patologia de Parkinson (comparados com falantes normais). Como se pode perceber, tais estudos não são muito específicos sobre o papel da entonação na expressão de atitudes em enunciados interrogativos, mas podem fornecer alguns índices a serem verificados em nosso trabalho, por isso apresentamos a seguir uma revisão bibliográfica deles.

Em seu trabalho de 1995, REIS tenta descrever as atitudes que teriam os diferentes contornos melódicos associados a questões totais do português. A frase “O café chegou?” foi gravada por 14 locutores diferentes. As gravações obtidas foram utilizadas se: a) a frase produzida fosse uma frase atestável; b) a frase apresentasse variações melódicas perceptíveis; c) a frase pudesse ser produzida com diferentes atitudes.

O primeiro teste perceptivo feito (teste A) consistiu em 10 ouvintes escutarem as frases e julgarem a atitude do locutor em cada uma delas. Cada um dos ouvintes recebeu uma folha em branco, ouviu cada frase três vezes e, depois, procurou descrever a atitude do locutor em uma palavra (que fosse um substantivo ou um adjetivo). Como resultado, houve 75 “atitudes” diferentes, que foram agrupadas em 18, sendo: 1) dúvida; 2) surpresa; 3) confirmação; 4) ironia; 5) desapontamento; 6) indiferença; 7) surpresa, estupefação; 8) impaciência;

¹⁴ Exclui-se aqui os estudos iniciais não específicos sobre atitudes que, ao descrever a entonação da questão, colocam observações como: “se o tom for ascendente em vez de descendente, tem-se a impressão de dúvida, ou de insistência”, uma vez que estes trabalhos já foram mencionados na parte de revisão de entonação das questões do português brasileiro.

9) hostilidade; 10) desencorajamento; 11) autoritário; 12) apatia; 13) descontentamento; 14) falta de interesse; 15) neutralidade; 16) interesse; 17) alegria; 18) agressividade.

A partir desse agrupamento, foi feito um novo teste perceptivo (teste B), com 10 outros ouvintes. As instruções e a realização do teste se deram da mesma forma, com exceção do fato de que, ao ouvir cada frase, esses novos ouvintes tinham um minuto para consultar a lista das dezoito atitudes (obtidas através do teste A) antes de escreverem, na folha em branco, o substantivo ou adjetivo que, para eles, traduzia a atitude do locutor naquela frase. O agrupamento das respostas coincidentes nos dois testes feitos pode ser visto no quadro abaixo:

Tabela 2- Atitudes e contornos prosódicos em questões.

Teste A	Teste B	Teste A + B
Contorno A (ascendente)		
desinteresse (30%)	dúvida (70%)	dúvida (40%)
formalidade (30%)	autoritário (40%)	formalidade (25%)
polidez (40%)	desinteresse (40%)	desinteresse (30%)
Contorno B (ascendente com pequena queda final)		
normal (22%)	sensual (30%)	sensual (21%)
Contorno C (movimento que sobe, estabiliza e cai um pouco)		
interesse (40%)	desinteresse (20%)	interesse (25%)
interesse (44%)	interesse (40%)	interesse (45%)
Contorno D (movimento que sobe, estabiliza e cai até o fim)		
normal (30%)	desinteresse (40%)	desinteresse (30%)
interesse (50%)	interesse (40%)	interesse (45%)
interesse (30%)	autoritário (30%)	autoritário (30%)
Contorno E – não atestado nas gravações		
Contorno F – descendente		
interesse (40%)	interesse (33%)	interesse (37%)
autoritário (30%)	desinteresse (44%)	autoritário (28%)
desinteresse (30%)	dúvida (30%)	desinteresse (20%)

Fonte: REIS, 1995, p. 266-7.

Na primeira coluna do quadro estão os resultados para o teste A, mostrando as respostas mais recorrentes dadas pelos ouvintes. Nota-se que as respostas foram separadas pelos contornos melódicos de cada frase, especificados pelas letras de **A** a **F**. Na segunda coluna são mostrados os resultados mais recorrentes para o teste B. Na terceira coluna, são retomadas as respostas mais recorrentes se os dois testes são analisados em conjunto. Note-se que não se trata, nesse caso, de uma soma ou média das porcentagens anteriormente apresentadas, mas sim de um novo cálculo, a partir da observação dos dois testes em conjunto.

O que se pode notar é que não há exclusividade de um padrão para expressar uma atitude específica. Vemos, por exemplo, que o mesmo padrão (F) expressa interesse ou desinteresse, dependendo do locutor e do ouvinte. Isso nos faz ver que é necessário estudar mais fatores, e as diversas interações entre eles, para determinar o papel da prosódia na expressão de atitudes em questões do português. (Um fator muito importante que não foi levado em conta é a interação verbal; as sentenças foram gravadas isoladamente).

Na tese de Azevedo (2007), encontramos a comparação entre a modalidade interrogativa e a atitude de dúvida. A fim de verificar se a expressão da atitude é afetada nos pacientes com doença de Parkinson idiopática, a autora cria frases e contextos, que são registrados por falantes normais e patológicos, expressando as modalidades declarativa e interrogativa e as atitudes de certeza e dúvida.

As frases utilizadas para este estudo são frases curtas, com sujeito, verbo e objeto, todas com mesma estrutura sintática. As frases também coincidem quanto à estrutura acentual (sílabas tônicas e átonas) e quanto ao número de sílabas e segmentos. Para cada frase, Azevedo criou uma situação em que o falante pudesse expressar a modalidade declarativa, a modalidade interrogativa, a certeza e a dúvida. As gravações foram feitas com dez falantes normais (Grupo Controle) e dez falantes com doença de Parkinson. Vamos apresentar aqui a revisão apenas dos resultados encontrados para os falantes normais, uma vez que a autora chega à conclusão de que os falantes com doença de Parkinson têm certas dificuldades para expressar atitudes.

Ao comparar a modalidade interrogativa com a atitude da dúvida, a autora encontra diferenças entre a tessitura utilizada para uma e para outra (sendo a tessitura na atitude de dúvida maior que na modalidade interrogativa), a duração de algumas sílabas e do enunciado (maior na dúvida que na interrogativa), taxa de variação de frequência fundamental (maior na dúvida que na interrogativa) e deslocamento da tônica (na dúvida, para um informante). Essas mudanças são estatisticamente significativas para alguns dos falantes, o que mostra uma diferença entre a frase interrogativa “neutra” e uma com dúvida.

É importante notar que, apesar de a autora ter encontrado algumas diferenças importantes entre os tipos de sentença estudados, as medidas que fez (centradas na tônica nuclear do

enunciado e na sílaba anterior a ela) podem ter restringido as medidas que podem ser diferentes para tais sentenças. Alguns autores apontam outros movimentos melódicos que aparecem em frases atitudinais, além do movimento melódico final, que são importantes para diferenciar frases atitudinais de frases neutras. Como Azevedo só trabalhou com o movimento melódico final da frase, sem maiores observações sobre o que ocorre no restante do enunciado, isso pode ter restringido as diferenças que há entre tais sentenças.

CAPÍTULO 3

QUESTÕES

“A question may be apt, sharp, to the point, important, or it may be inappropriate, ambiguous, awkward, irrelevant or irreverent. But it can not be true or false.”

Henry Hiz (1978)

1- Definição

Em muitos trabalhos da área de prosódia vemos a análise de interrogativas, ou de questões, mas não vemos a definição de tais enunciados. Conforme já observado por Bolinger: (1957: p.1) “*Question is often assumed but seldom defined*”. Hiž (1978) organiza um livro em torno do conceito e das características da questão, mas nem todos os autores que participam dessa coletânea definem questão. Parece que os prosodistas tomam como senso comum o que são sentenças interrogativas, questões, perguntas, e não conceituam tais enunciados. Entretanto, há muitas nuances em tais denominações que implicam em modificações de forma e sentido, por isso seria importante mostrar o que entendemos por *questões* neste trabalho. Retomaremos algumas definições (de dicionários de lingüística; de trabalhos prosódicos e de outras áreas) a fim de discutir os pontos importantes de cada uma, passando pelos diversos níveis de análise em que esses enunciados podem ser levados em conta, a fim de chegar a uma definição a ser utilizada neste trabalho.

1.1- Definição das questões/enunciados interrogativos nos dicionários de lingüística

O dicionário de Crystal (1985) traz a definição de dois termos: interrogativa e questão. A definição de *interrogativa* é: termo usado na classificação gramatical de tipos de sentença, quase sempre visto em contraste com declarativa. O termo se refere a formas verbais ou tipos de sentença usados na expressão das questões (por exemplo, com a inversão verbo-sujeito, ou uso de uma palavra interrogativa). Para o termo *questão*, Crystal apresenta uma classificação baseada nas funções das sentenças, e diz que tal termo é definido às vezes pela perspectiva gramatical e às vezes pelas perspectivas semântica ou sociolingüística de estudo da linguagem. Semanticamente, questões expressam um desejo de mais informação, frequentemente pedindo uma resposta do ouvinte (exceções são incluídas para as questões retóricas). Usualmente o termo questão aparece em contraste com outras três grandes funções das sentenças: declaração, ordem e exclamação. Na discussão gramatical as questões se referem com frequência à forma interrogativa.

Dubois (1994) define a *interrogação* como o modo ou tipo de comunicação instituído pelo locutor entre ele e seu(s) interlocutor(es) que consiste em uma proposição na qual há, mesmo

que implícita, a idéia: “Eu te pergunto se...” A interrogação é uma das modalidades da frase. Ela pode ser total, se questiona sobre todo o conjunto da frase (marcada pela entonação interrogativa, geralmente acompanhada pela inversão do sujeito ou por uma locução interrogativa); quando ela questiona apenas sobre um elemento específico, é chamada parcial. Na retórica, a interrogação é uma figura que consiste em direcionar, ao interlocutor, questões que não querem respostas, mas que são utilizadas como um modo de causar mais impacto na apresentação da informação.

Conforme podemos ver, Crystal faz claramente a distinção entre o nível gramatical e o nível semântico (ou funcional) desses dois tipos de enunciado, que ele chama de interrogativo (gramatical) e de questão (semântico, funcional). Dubois conceitua a interrogação principalmente no nível gramatical, apenas mencionando, no final, uma observação sobre o nível funcional desses enunciados (quando fala do uso das questões retóricas).

1.2- Definições utilizadas nos trabalhos prosódicos

Conforme comentamos acima, a maior parte dos trabalhos prosódicos fala das questões sem defini-las. Quando aparecem definições, são retomadas: i) a tradição gramatical da modalidade interrogativa, ou seja, os trabalhos definem sentenças interrogativas através de aspectos sintáticos (inversão verbo-sujeito, presença de pronome interrogativo) ou através de seu escopo (*questões totais*, as que incidem sobre todo o enunciado, sendo de resposta **sim** ou **não**; *questões parciais*, as que perguntam sobre parte do enunciado, contendo palavra interrogativa); ii) a função do enunciado questão (pedido de informação)

Bolinger (1957, p. 4), por exemplo, define esse tipo de enunciado como: “*questão é fundamentalmente uma atitude (...) é uma sentença que anseia por uma resposta verbal ou semiótica. A atitude é caracterizada pela submissão do falante em relação ao ouvinte*”.

Fónagy (1993) define a questão como um enunciado imperfeito, que ao mesmo tempo exige e fornece informações.

Em vários trabalhos prosódicos (para o PB, podemos citar Gebara, 1976; Rizzo, 1981; Cagliari, 1981; Hochgreb, 1983; Moraes, 1984; Antunes, 2000; entre outros), o conceito de

questão aparece retomado da Teoria dos Atos de Fala (doravante TAF), inicialmente desenvolvida por Austin [1962] e Searle [1969]. A definição do ato de fala questão que encontramos na TAF é:

Questões (no sentido de “perguntar algo”, e não no sentido de dúvida)

Conteúdo proposicional: qualquer proposição ou função proposicional.

Condições preparatórias:

- *O falante não conhece a resposta, ou seja, não sabe se a proposição é verdadeira ou, no caso de uma função proposicional, não sabe a informação necessária para completar a proposição.*
- *Não é óbvio nem para o falante nem para o ouvinte que o ouvinte vai dar a informação requerida naquele momento sem ser questionado.*

Condições de sinceridade: o falante quer a informação.

Condições essenciais: conta com uma tentativa de esclarecer a informação de ouvinte.

Comentários: existem dois tipos de questões: a) *questões reais*, b) *questões de exame*. Nas *questões reais*, o falante quer saber (descobrir) a resposta; nas *questões de exame*, o falante quer saber se o ouvinte sabe a resposta. (SEARLE, [1969]: p 88)

A definição de Searle é uma definição que aborda diversos aspectos: aspectos lexicais e gramaticais, aspectos semânticos e pragmáticos, aspectos da interação verbal. Faz-se necessário discutir alguns desses aspectos.

A começar pelo **conteúdo proposicional**, podemos observar que Searle dá a possibilidade de qualquer conteúdo proposicional para as questões; há, no entanto, restrições que podemos apontar. Como nos lembra Couper-Kuhlen (1986), o modo verbal imperativo não seria apropriado para as questões.

Uma outra observação, feita por Bolinger (1957) é que uma das marcas da questão parece ser o uso da segunda pessoa (*you*, para o autor), o que parece ser uma restrição ao conteúdo proposicional das questões. Kerbrat-Orecchioni (1991) também observa que conteúdos proposicionais ligados à primeira pessoa estão mais relacionados à asserção (ex.: “Tenho fome”, “Estou com dor de cabeça”) e que conteúdos com a segunda pessoa se relacionam mais à questão (“Você está com fome?”, “Você está com dor de cabeça?”).

Nas **condições preparatórias**, Searle afirma que o locutor não deve conhecer a resposta do que pergunta (com exceção das questões de exame, acrescentadas pelo autor nos comentários finais). Muitos autores discutem esse ponto: é realmente verdade que nas questões

“verdadeiras” o locutor não conhece a resposta do que pergunta? Bolinger (1957), Couper-Kuhlen (1986) e Trench (1990) dizem que, algumas vezes, o locutor já conhece a resposta ou alguns elementos dela ao propor a questão. Esse fator é chamado por esses autores de condutividade (*conduciveness*). Mas as questões condutivas (que aqui chamaremos de indutivas, por julgar tal termo mais apropriado para o português), para tais autores, são questões, assim como as que não são indutivas. O que muda entre questões indutivas ou não é o fato de elas apresentarem uma especificidade quanto ao locutor já ter uma noção da resposta que será dada.

Seria possível pensar então, retomando o trabalho de Nikov (1987), que há, no fato de o locutor conhecer ou não a resposta do que está sendo questionado, um contínuo, que partiria de um conhecimento nulo da resposta pelo locutor ao propor uma pergunta (o que Searle chama de questão verdadeira) e iria até o conhecimento total da resposta pelo locutor (as questões de exame).

Fónagy (1993) retoma a matriz de traços pragmática de Ladányi (1965) para dizer quais situações são possíveis ao se propor uma questão:

Tipo	Locutor	Alocutário	Descrição
1)	+	+	(locutor e alocutário conhecem a resposta)
2)	+	-	(somente locutor conhece a resposta)
3)	-	+	(somente alocutário conhece a resposta)
4)	-	-	(nenhum dos dois conhece a resposta)

Quadro 15- Matriz de traços pragmática para questões. Fonte: FÓNAGY, 1993.

Teríamos, portanto, quatro situações possíveis: uma em que locutor e alocutário conhecem a resposta (seria, para Fónagy, o caso das questões retóricas ou litúrgicas, ou ainda de atos indiretos como perguntar para ameaçar, fazer suposições ou insultar); a segunda em que só o locutor conhece a resposta (o caso das questões de exame, das adivinhas e enigmas); a terceira situação em que somente o alocutário conhece a resposta (verdadeiras questões); a quarta situação em que nem locutor nem alocutário conhecem a resposta (questões poéticas ou existenciais).

Essa discussão vem acrescentar, ao trabalho de Searle, nuances que os atos de fala questão podem ter. Definir como questão somente as questões “verdadeiras” exclui muitos atos de fala que ocorrem em situações reais de comunicação. Dessa forma, estendemos o conceito de

questão neste trabalho a fim de englobar também os atos de fala em que o locutor tem algum (ou total) conhecimento da resposta que o alocutário dará.

Quanto à **segunda condição preparatória** apontada por Searle (não ser óbvio que o falante vai mencionar informação requerida sem ser questionado), estamos de acordo que esta seja uma condição importante para se colocar uma questão.

Nas **condições de sinceridade**, Searle aponta que o falante quer a informação pedida na questão. Encontramos, aí, um problema bastante relacionado ao anteriormente mencionado - o fato de o locutor conhecer ou não a informação. Isso se dá porque, quanto maior for o conhecimento que o locutor tem da resposta, menos interessado ele se mostra na informação; ou menos tal informação será querida por ele. Lembramos, entretanto, que o locutor pode *fingir* estar interessado na informação e querê-la.

Lang (1979), ao revisar a definição de questões dentro da TAF, acrescenta a ela: i) restrições: só perguntamos algo a alguém que julgamos poder responder (se a resposta não for satisfatória, não quer dizer que o ato questão falhou, mas sim que estávamos errados na crença de que o ouvinte poderia responder); ii) abusos: não podemos perguntar se já sabemos a resposta. Não podemos também duvidar do ouvinte (se a resposta nos satisfaz) e reperguntar a mesma coisa várias vezes (ao mesmo ouvinte ou a outros).

Searle debate o fato de alguns atos de fala se sobreporem a outros. Ao discutir isso, o autor diz que a questão é um tipo de pedido (pedido de informação) e que talvez houvesse alguns atos de fala que fossem primários, básicos, e que outros atos se baseariam nestes para existir.

1.3 – Definições encontradas em outras áreas

Purson (1996) acredita que a definição dos enunciados interrogativos deve passar por dois pólos, que são o informacional (o locutor conhece, supõe ou não conhece a informação requerida) e o da resposta (se o interlocutor dá uma resposta, verbal ou não). Para o autor, a questão é um ato de fala que visa a obter, de um ou mais interlocutores, através de diferentes estruturas, uma informação mais (ou menos) conhecida, e que leva a uma resposta (verbal ou não-verbal).

Para Kerbrat-Orecchioni (1991), a questão é um dos três grandes atos (ou arqui-atos) de fala, ao lado da asserção e da ordem (definição relacionada de certa forma aos modos verbais, uma vez que o imperativo – da ordem – seria oposto ao indicativo – dos outros atos). A autora diz que todas as demais formas de atos seriam derivadas desses grandes atos, universais.

Para a autora, a questão estaria entre a asserção e a ordem, pois a ordem e a questão têm semelhanças, ambas sendo *diretivas* (no sentido atribuído por Searle – demandam uma ação do interlocutor – que, no caso da questão, é verbal). Isso pode ser visto no esquema abaixo:

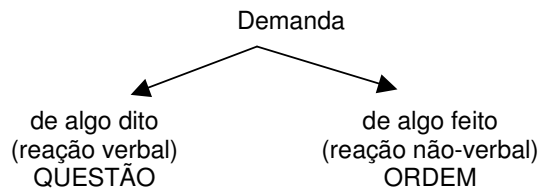


Figura 19- Esquema da questão e da ordem como demandas. Fonte: KERBRAT-ORECCHIONI, 1991, p. 9.

Kerbrat-Orecchioni acrescenta que o ato questão é o mais intrinsecamente interativo, ou dialógico, porque sua realização implica fortemente o outro.

Para definir o ato questão, ou melhor, a força ilocucionária dele, Kerbrat-Orecchioni faz duas sugestões: i) questão é todo enunciado que demanda ao interlocutor a fornecer ao locutor uma informação que este não possui no momento de formulação da questão (o problema é que essa definição é muito restrita, e nem sempre a informação é (totalmente) ignorada por quem pergunta); ii) questão é todo enunciado que suscita uma resposta do interlocutor (essa já é uma definição muito ampla, porque, em um diálogo, o interlocutor também pode responder a uma asserção feita pelo locutor). Definição consenso: enunciado que se apresenta com a finalidade principal de obter do interlocutor uma informação. (Essa definição trata a questão como uma demanda – incluída, portanto, nos diretivos – e exclui as questões oratórias ou retóricas – pois não são pedidos de informação – e pode incluir as questões de exame, interrogatórios, “entrevistas”, – porque estas querem a verbalização da informação, mesmo que o locutor já a conheça.)

1.4- A oposição asserção X questão

Em algumas das definições apresentadas acima, há um contraste feito entre o ato de fala questão (que pede uma informação) e o ato de fala asserção (que fornece uma informação). Como vimos na definição de Fónagy (1993), entretanto, a questão pode, ao mesmo tempo, fornecer e exigir informações. Algumas questões, conforme discutimos acima, não demandam uma informação (totalmente) desconhecida pelo locutor. Assim, teríamos atos de fala intermediários entre a questão e a asserção.

Kerbrat-Orecchioni (1991) escreve um capítulo de livro sobre a oposição entre a questão e a asserção, discutindo se se trataria de uma oposição discreta ou contínua. A fim de mostrar a continuidade entre tais atos, a autora menciona atos intermediários e atos que são tipicamente questões ou asserções, mostrando que temos então um contínuo.

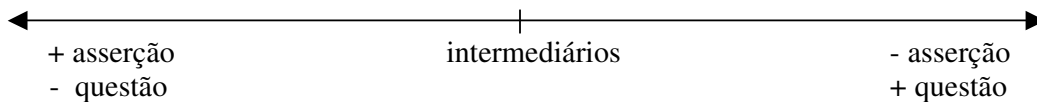


Figura 20- Esquema do contínuo entre asserção e questão. Fonte: KERBRAT-ORECCHIONI, 1991, p. 107.

Nesse esquema, algumas frases lexicalmente não marcadas, por exemplo “Nos vemos amanhã”, poderiam ser utilizadas de qualquer uma das formas: como asserção, como questão ou como um enunciado intermediário.

Estariam, no espaço do atos intermediários, diversos tipos de enunciado, como os que têm uma prosódia intermediária (entre a prosódia das questões e a das asserções, se é que podemos dizer que a questão ou que a asserção têm uma prosódia específica), por exemplo as asserções modalizadas, e também as questões orientadas, indutivas. Temos como exemplos (dados pela autora):

Eu acredito que Pedro saiu.
 Eu suponho que eles estão de férias.
 Eu imagino que é um trabalho interessante.
 Eles estão talvez/ sem dúvida/ provavelmente de férias.
 Parece-me que é pra lá.
 Você está com jeito de quem está com frio.
 Você deve estar cansado.
 Diríamos que você está com fome.
 Se eu lembro bem/ se eu não me engano, ele mora na Inglaterra.

Achamos que você vai embora.
Eu ouvi falar que você vai deixar o ensino.

É provável que, nesses enunciados, só o contexto interacional decida quais deles são ou não questões. Por exemplo, se o interlocutor responder um deles com algo do tipo: “sim, é verdade”, podemos dizer que a interpretação foi de questão; se, por outro lado, ele responder algo como “ah, é?”, podemos considerar a interpretação como asserção.

A discussão sobre a oposição entre os atos de fala questão e asserção se torna crucial quando se trata de enunciados como o pedido de confirmação. Diversos autores não consideram o pedido de confirmação como uma questão (cf. Purson, 1996 que cita Borillo, 1978), uma vez que o locutor tem conhecimento (maior ou menor) da informação que pede ao alocutário. Conforme já discutimos anteriormente, não entendemos a questão como um enunciado que exige total desconhecimento do locutor em relação à informação pedida. Desse modo, incluímos, neste trabalho, os pedidos de confirmação como questões, admitindo que, mesmo sendo atos intermediários entre a asserção e a questão, tais enunciados apresentam características importantes da questão (pede-se a confirmação, ou seja, pede-se ao alocutário uma resposta; embora ela não seja (totalmente) desconhecida pelo locutor, o locutor anseia pela manifestação verbal, por parte do alocutário, da informação exigida pela pergunta; além disso, tais enunciados apresentam-se na segunda pessoa, que, como discutimos anteriormente, está ligada à questão, mais que à asserção).

1.5- A oposição questão X interrogação

Alguns autores não separam a interrogativa da questão. A partir do que já foi discutido, podemos dizer que os dois termos estão em níveis de análise diferentes: enquanto a interrogatividade está ligada a características gramaticais, sendo definida por sua estrutura e escopo, a questão está ligada a características pragmáticas, sendo definida por seu uso na interação verbal.

O ato de fala questão nem sempre tem a forma interrogativa, e nem todas as sentenças com a forma interrogativa são questões. Geralmente existe uma grande coincidência entre estes; a maior parte das questões ocorre na forma interrogativa, assim como grande parte das

sentenças interrogativas é usada como questões. Alguns exemplos, no entanto, nos mostram que algumas sentenças interrogativas não têm a intenção de pedir uma informação ao interlocutor: “Você gostaria de ir comigo à festa?” (intenção de fazer um convite) ou “Você fecha a porta?” (intenção de fazer um pedido). Ainda podemos dar exemplos de sentenças que não são interrogativas, mas são pedidos de informação, como “Esqueci seu nome.” (= Qual é o seu nome?)

Para Couper-Kuhlen (1986) há que se analisar a relação entre atos ilocucionários *versus* categoria gramatical, pois um construto gramatical pode ser usado com um número diferente de intenções, por exemplo o imperativo pode se manifestar como permissão, ordem, pedido, sugestão.

A autora cita, para demonstrar isso, Sadock (1970), que faz diferentes combinações da forma gramatical com as ilocuições. Sadock cita, para as questões, três usos diferentes: um uso para dar ordens ou fazer pedidos (*whimperatives*, na denominação do autor), um uso de questões em que o falante só quer ouvir a resposta de alocutário, não conhecê-la (que ele denomina *requestions*) e por último questões através das quais o falante se compromete com uma visão oposta daquela que ele coloca na questão (chamadas *queclaratives*).

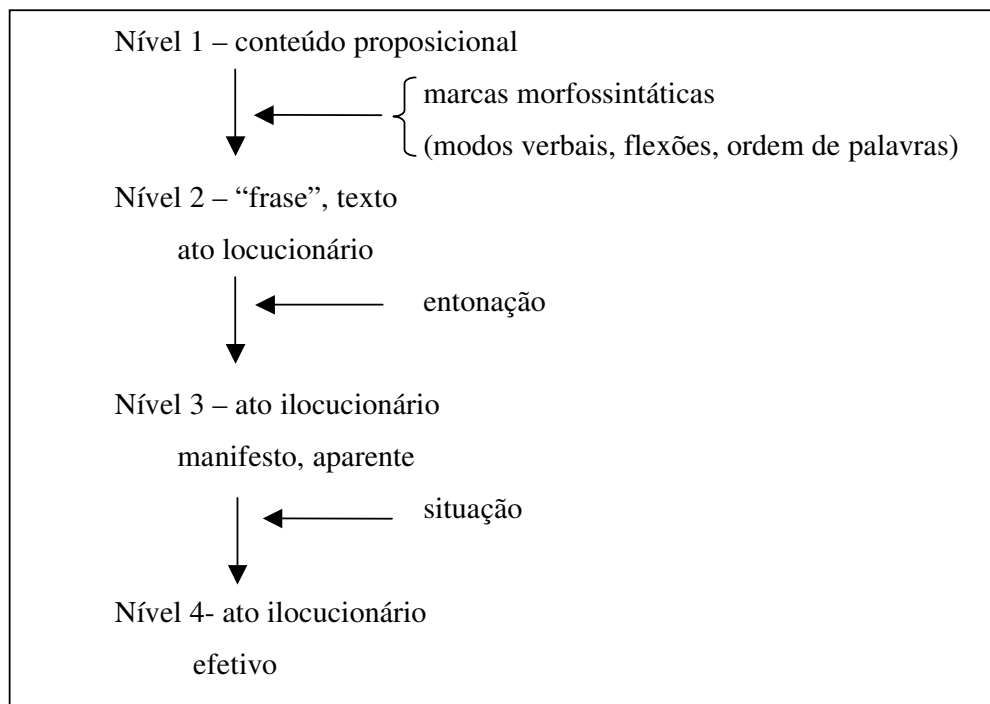
Para Tench (1990), as interrogativas podem expressar outras coisas, por exemplo exclamações (“Não é um vestido lindo?”), adivinhações (“Mas você já está indo?”), negações, respostas (“– Isso me pertence. – É mesmo?”), provocações e iniciações de diálogo (“Você ouviu a piada dos políticos?” e o locutor começa a contá-la). Ainda outras funções, como pedidos, convites, ofertas, sugestões, podem ser usados com interrogativas totais, porque não envolvem um pedido de informação.

Desse modo, procuramos utilizar, neste trabalho, as questões que têm forma interrogativa e as interrogativas que são utilizadas com objetivo de questionar. Como analisamos, nesta tese, atos de fala (incluindo a interação verbal, locutor e alocutário, situação de comunicação), falamos então de questões, e não somente de frases interrogativas, pelo fato de que estas representariam apenas uma definição gramatical.

2- Níveis de análise

Como dito anteriormente, se retomarmos as definições de questões e sentenças interrogativas, teremos níveis de análise diferentes que são misturados em alguns dos trabalhos. A fim de separá-los (pois há efeitos na prosódia dependendo de modificações que ocorram em cada um desses níveis, o que discutiremos na seção 4 deste capítulo) vamos discuti-los nesta seção.

Moraes (1984) propõe uma separação que mostra um pouco a hierarquia e a relação entre diversos níveis de análise que consideraremos neste trabalho. O esquema proposto pelo autor é:



Quadro 16- Níveis de análise dos atos de fala. Fonte: MORAES, 1984, p. 64.

Através desse esquema notamos que um conteúdo proposicional pode ser influenciado por outras características, tais como o uso de modalizadores (verbos modais, advérbios de modo, partículas negativas) ou mesmo a ordem das palavras (nível 1). Quando se constitui o texto, passamos para o que Moraes chama de nível 2, no qual a entonação agirá para a determinação da força ilocucionária do enunciado. Isso ocorre tanto para as asserções (não-marcadas) quanto para as questões totais (que em PB não apresentam marcas formais de interrogatividade) quanto para os enunciados de comando (em alguns dialetos do PB o modo

imperativo não ocorre em tais enunciados - Bodolay, em andamento), por isso é a prosódia que determina a força ilocucional nestes enunciados.

Passando para o terceiro nível, vemos que o ato de fala aparente passará ainda pela determinação da situação, do contexto, que fará com que ele se torne o ato completo, efetivo, citado por Moraes no nível quatro. É importante ressaltar que vários são os fatores situacionais que podem influenciar na prosódia de um enunciado, a começar pelos falantes (quem são, quais suas relações, se existe ou não hierarquia entre eles, quais são os papéis discursivos que desempenham), passando pelo meio (público, privado), levando em consideração também o gênero discursivo que se constrói, entre outros fatores.

Roulet (1993) admite que a interação verbal se desenvolve entre o repertório verbal e uma situação interacional. A autora apresenta a hipótese de que a construção e interpretação da interação se submetem a três tipos de restrições: as situacionais (ligadas ao universo de referência, ao contexto social, à situação de interação e ao contexto psicológico), as lingüísticas (ligadas à sintaxe, ao léxico, à semântica, à fonologia e às variedades lingüísticas utilizadas) e por fim as propriamente discursivas (ligadas a diferentes planos de organização do discurso: hierárquica, relacional, enunciativa, polifônica, informacional, periódica e composicional). A autora apresenta o esquema que se segue para mostrar a interação entre tais restrições:

D I S C U R S O	<i>grafo-fônico</i>	<i>lexical sintático</i>	<i>semântico</i>
	RELACIONAL ENUNCIATIVO POLIFÔNICO	HIERÁRQUICO	INFORMACIONAL PERIÓDICO COMPOSICIONAL
	psicológico	referencial social	interacional

SITUAÇÃO

Quadro 17 – Esquema das quinze restrições na construção e interação verbal.

Fonte: ROULET, 1993, p. 116. Observação: as funções lingüísticas são apresentadas com minúsculas em itálico, as discursivas com letras maiúsculas e as situacionais com minúsculas em negrito.

Ao observar o esquema de Roulet, que de certa forma pode ser comparado ao de Moraes (o que Moraes apresenta nos níveis 1 e 2 corresponde, ao menos em parte, ao que Roulet coloca como restrições lingüísticas; o nível 3 de Moraes, que engloba a situação, corresponde às restrições situacionais apontadas por Roulet), podemos perceber que a interação verbal é

complexa, por agrupar fatores de diversas ordens. Consideramos, pois, que, para analisar as questões neste trabalho, devemos observar e levar em consideração todos os níveis de análise que foram citados e que podem influenciar no significado das questões.

2.1 - Classificação das questões levando-se em consideração os diversos níveis de análise

Kerbrat-Orecchioni (1991) propõe várias classificações para questões, que levam em conta aspectos lingüísticos diversos. Notamos diferentes níveis de análise lingüística utilizados como base em tais classificações. Apresentamos abaixo, a cada tópico, o nome dado pela autora para a classificação, a explicação dada por ela e acrescentamos, ao final, nossas observações sobre o(s) critério(s) usado(s) na classe estipulada:

i) classificação quanto ao elemento da frase sobre o qual se põe a questão: totais (resposta sim, não) e parciais (palavra interrogativa). Aqui também aparecem as alternativas (resposta um ou outro; sim ou não). Essa primeira classificação toma por base a morfossintaxe e o alcance das questões.

ii) classificação por critérios formais: se o enunciado possui ou não uma estrutura interrogativa, isso o faz classificado como ato direto ou indireto. Nesse ato indireto a autora inclui tanto atos de função indireta (usar uma declaração para questionar, como em “Esqueci seu nome”) quanto atos com performativo explícito (“Eu te pergunto qual o seu nome.”). Aqui, o que a autora chama de critérios formais pode ser considerado, na verdade, como critérios pragmáticos, pois atos diretos ou indiretos só podem ser identificados/ interpretados na interação verbal. Para o uso explícito dos verbos performativos (“eu te pergunto se...”), lembramos que, além de estarem no domínio da pragmática, o uso dos performativos para explicitar a força ilocucionária de um enunciado anula o papel que a entonação desempenha nesse aspecto. Assim, podemos dizer que essa classificação se faz, na verdade, no nível pragmático, envolvendo também o nível prosódico.

iii) a relação da questão com seu contexto anterior imediato – questões réplicas, ou eco. Nesse tópico o nível mais relevante é o discursivo, pois nele se leva em consideração o desenvolvimento dialógico para classificar as questões. Falar sobre as questões repetitivas

(eco ou réplica) é mencionar aquilo já dito anteriormente e, de certa forma, descrever o desenvolvimento discursivo.

iv) a natureza da informação requerida – questões reguladoras ou metacomunicativas, tais como “E depois?” e “Então?”, que podem também ser reduzidas a uma única palavra: “Que?” “Como?” e podem indicar, além de simples pedido de continuidade, embaraço, incredulidade, etc. Nessa classificação, duas coisas podem ser observadas: i) a função discursiva de tais questões, enquanto continuadoras do discurso; ii) a manifestação de atitudes do locutor (tais como embaraço, incredulidade). Portanto, aqui, na verdade, nos pareceria interessante separar tais aspectos.

v) se a força ilocucionária das questões é a mesma, a função pragmática e conversacional não é necessariamente a mesma. (segundo a autora, a força perlocucionária poderia ser diferente). Nesse mesmo caso, estão também as questões em que o locutor já conhece a resposta (ou supõe conhecer), os pedidos de confirmação (questões orientadas), as questões “preliminares” (“Posso te perguntar uma coisa?”), questões rituais (impostas por regras de polidez, do tipo “Como vai?”), questões absurdas ou lúdicas (“É verdade essa mentira?”). Nesse caso, a discussão entre a diferença de atos ilocucionais e perlocucionais encontra-se no nível da pragmática. Só de acordo com o contexto e a situação é possível determinar a função de algumas questões e seu objetivo comunicativo.

vi) Podemos ainda classificar as questões de acordo com o quadro enunciativo no qual elas se inscrevem (características do locutor e do(s) interlocutor(es)). Neste último tópico proposto, a autora fala da importância dos locutores na enunciação. Dentro do domínio da pragmática/discurso, esse é um fator importante a se levar em consideração, uma vez que devido às pessoas envolvidas na conversação, essa pode ter sentidos diferentes.

A fim de melhor caracterizar as questões, apresentamos a seguir uma discussão desses níveis de análise e como eles podem contribuir para o significado das questões.¹⁵

¹⁵ Os níveis que apresentamos, além de acrescentarem nuances ao significado das questões (e às vezes até mesmo mudarem o significado destas), também afetam a prosódia de tais enunciados. Quanto aos efeitos prosódicos do que apresentamos aqui, eles serão discutidos no capítulo 4, seção 2.1.

2.2- Aspectos lexicais das questões

Apesar de, nas palavras de Searle (1969), não haver restrições quanto ao conteúdo proposicional das questões, o uso de alguns itens lexicais pode mudar o significado, a função e até mesmo a força ilocucional de algumas questões.¹⁶ A presença de modalizadores¹⁷, tais como *tempos verbais* (ex: o uso do futuro do pretérito, como na questão “Você **começaria** de novo como professor?” [08p08 – loc. 8]; o uso do futuro do presente com alguns verbos, como em “**Será** que tem alguém na banda, que tem cara de nadador ali, Rogério, **será**?” [08p65 – loc. 1]) , *verbos e expressões modais* (aparecimento de *poder*, como em “**Posso** ir lá?” [10p47 – loc. 1]; aparecimento de *é possível*, como em “Ela **é possível** de ser recuperada no Brasil?” [06p01 – loc. 4]) , e *advérbios modais* (tais como *assim, talvez, realmente*, entre outros, como em: “O que fazer pra acabar com isso e pra que as leis sejam **realmente** criadas a partir de demandas sociais?” [08p08 – loc. 3]).

Julgamos importante acrescentar, junto aos modalizadores, as palavras e expressões da *negativa*, que parecem também desempenhar tal função, uma vez que apresentar uma pergunta negativa, como em “O quê que (vo)cê **não** gostou no filme?” [06p42 – loc 1], parece pressupor algo (na questão do exemplo, o locutor pode pressupor que existe algo no filme que alocutário não gostou).

A presença dos itens lexicais aqui chamados de modalizadores vai influenciar na interpretação da força ilocucionária da questão, principalmente no que tange ao seu modo de realização. A influência desses modalizadores será melhor discutida quando falarmos dos aspectos pragmáticos/discursivos da questão, no item 2.5 deste capítulo.

¹⁶ Ao dar exemplos de tais aspectos presentes em questões, utilizaremos exemplos de dados encontrados em nosso *corpus*. Após o exemplo, identificaremos a data do programa (1º número), o número da questão naquele programa (nº depois de *p*) e o locutor (indicado pelo número após a abreviação loc.).

¹⁷ Para uma discussão a respeito dos modalizadores, ver seção 2.2 do capítulo 1. Optamos por incluir os modalizadores no léxico porque são itens lexicais acrescentados, apesar de tais itens provocarem efeitos na estrutura discursiva/ interpretativa das questões.

2.3 - Aspectos morfossintáticos das questões

Em relação à forma e à estrutura sintática, algumas diferenças são levadas em consideração neste trabalho, a fim de separar questões que apresentem características distintas.

As questões **totais** (cuja resposta é sim/ não) podem ser marcadas morfossintaticamente em algumas línguas com a inversão Verbo-Sujeito (VS), como no inglês e no francês, por exemplo, ou ainda podem apresentar alguma expressão interrogativa específica (“*est-ce que*”, em francês, por exemplo). Há línguas em que esses enunciados não recebem marcas formais, e este é o caso do português. A marca das questões totais, em PB, é a entonação. Mesmo nas línguas em que há marcação formal, podem aparecer questões em que tais elementos sejam suprimidos. Tais questões são chamadas, na literatura, de *questões declarativas* e há trabalhos que as discutem no inglês, no alemão, no francês, entre outras línguas. (Cf FÓNAGY & BÉRARD, 1973; GELUYKENS, 1988; ŠAFÁŘOVÁ & SWERTS, 2004).

Alguns pesquisadores tomam questões totais por questões alternativas cuja segunda parte foi suprimida. Concordamos com Bolinger (1978), para quem tais enunciados não são equivalentes.

As questões **parciais** são morfossintaticamente marcadas com a presença de um pronome interrogativo (*que, como, quem, porque, quando*, entre outros). A posição canônica da palavra interrogativa é no início da frase, mas, dependendo da questão, tal palavra pode ser colocada no princípio ou no fim da frase. Em nosso *corpus* temos sentenças com o pronome nas duas posições, em sentenças como “**O** **quê** que cê ta fazendo?” [10p31 – loc. 1] ou “Esse é **de onde?**” [13p31 – loc. 1]¹⁸

As questões **alternativas** (sejam inclusivas ou exclusivas) apresentam a marcação formal da partícula **ou** entre o primeiro e o segundo item lexical (se os itens coordenados forem mais de dois, aparece a separação inicial dos itens com pausas e a partícula **ou** aparece entre o penúltimo e o último item da coordenação). A inclusão ou exclusão, em tais questões, não

¹⁸ Gostaríamos de observar que essas sentenças com pronome no início ou no final poderiam ser usadas de forma distinta. Parece-nos que o não-deslocamento do pronome interrogativo para o início da frase faz com que haja uma ênfase em outros elementos que não o pronome. Moraes (1984), que trabalhou com os dois tipos de questões parciais, não faz observações sobre diferenças pragmáticas entre eles. Hochgreb (1983) comenta que a frase que traz o pronome no final tem uma ordem marcada.

apresenta marcação formal, mas sim prosódica (FÓNAGY & BÉRARD, 1980; LOPES, 2001).

2.4- Aspectos semânticos das questões

Fónagy (1993) aponta como uma diferença semântica das questões a oposição entre “*de re*” e “*de dicto*”, ou seja, as questões que têm por objeto informações sobre coisas, e questões que têm por objeto informações sobre o anteriormente dito.

Seguindo essa linha de raciocínio, Fontaney (1991) estabelece os tipos de questões que se seguem:

De re: questões iniciativas, não se reportam ao que o outro disse. Há um pedido de informação no nível da realidade objetiva. O locutor tem um desejo real, prático ou intelectual, da informação pedida.

De dicto: são as questões reativas, sobre o que o outro disse. Podem ser:

- por um problema de não entendimento, que pode vir de um déficit auditivo (o locutor não ouvir) ou de um déficit cultural (o locutor não conhece o sentido das palavras ditas) ou ainda de um déficit de memória (o locutor não foi atento o suficiente);
- por um problema referencial (o que o interlocutor disse anteriormente não ficou claro, então o locutor pede especificações, precisões);
- o interlocutor não completou sua frase anterior, então o locutor lhe oferece palavras ou frase para completar;
- por um problema de credibilidade (o locutor compreendeu o que disse o interlocutor, mas não acreditou, ou quer ouvir novamente para se convencer).

De sententia: é um pedido de opinião, o locutor quer saber o que o outro pensa sobre o assunto que se fala ou sobre o que o outro acabou de dizer.

Metadiscursivas: o locutor quer saber se o outro entendeu o que ele disse, se o outro o acompanha.

Tanto a classificação de Fónagy quando a de Fontaney levam ao questionamento do que seria, nos aspectos apresentados, estritamente semântico. A nosso ver, temos mais que o semântico presente nos aspectos discutidos. O fato de a questão se referir ao dado discursivo (anteriormente mencionado) ou ao novo discursivo (introdução de um novo tópico de conversação) envolve semântica, mas também pragmática e discurso.

2.5- Aspectos pragmático-discursivos das questões

Para a discussão de tais aspectos, retomamos a definição de Searle para as questões, de onde partimos:

O ato de fala questão é caracterizado por qualquer conteúdo proposicional e por uma força ilocucional composta pelo ponto diretivo (o locutor requer do alocutário uma ação verbal – a resposta); as condições preparatórias são: o alocutário não conhece a resposta da questão proposta e não é claro, tanto para locutor quanto para alocutário, que o assunto será abordado sem que seja proposta a questão; como condições de sinceridade, é necessário que o locutor queira saber a resposta.

Vanderveken (1990) propõe que se considere o ato ilocucional como a unidade mínima de significado lingüístico. As sentenças então só têm significado quando utilizadas dentro de um ato ilocucional que é composto, na TAF, pelo conteúdo proposicional e a força ilocucional, em conjunto com as condições preparatórias e de sinceridade.

Para Mari (2001), a principal questão que subjaz a toda a teoria dos atos de fala, e que define o ato ilocucional, é a noção de força ilocucional. Mari define a força ilocucional como o conjunto de parâmetros que faz com que um conteúdo proposicional se torne um ato. Esse conjunto, formado por cinco parâmetros para Mari, seis para Vanderveken, constitui-se de¹⁹: i) *ponto de realização*, entendido como um princípio de orientação dos participantes de um ato, forma de interpretação da realidade ou condição para engendrar um estado de coisas (temos, portanto, os pontos *diretivo*, *comissivo*, *declarativo*, *assertivo* e *expressivo*; a questão

¹⁹ Resumimos e comentamos, aqui, as discussões de Vanderveken (1990) e de Mari (2001).

utiliza o *diretivo*); ii) *modo de realização*, que representa especificações possíveis de um ponto, em função de particularidades que ajustam os interlocutores um em relação ao outro ou em função da natureza da intervenção de um locutor ou em função do modo pelo qual o locutor se compromete com um estado de coisas; é o componente da força ilocucionária que determina como o ponto ilocucionário deve ser realizado naquele conteúdo proposicional com uma performance bem sucedida em um ato com aquela força. Vanderveken diz que toda força ilocucionária tem um, dentre seus vários modos de realização, que é neutro; iii) *condições de conteúdo proposicional*, que determinam certas propriedades lingüísticas que a forma lingüística deve assumir em razão da natureza do ato; iv) *condições preparatórias*, que são algumas pressuposições feitas pelo locutor que atuam como condições à realização de um ato de fala; v) *condições de sinceridade*, que são relacionadas ao estado mental do locutor no momento da realização do ato; se o estado mental está de acordo com o expresso no ato, ele é sincero; caso contrário não; vi) *grau de força*, que consiste na força dos estados mentais que compõem as condições de sinceridade da força ilocucional.

A partir desse desmembramento da força ilocucionária, podemos encontrar diversos fatores que podem modificar o significado de uma questão. Em relação ao ponto de realização, tido como *diretivo* nas questões, pois se espera uma ação verbal de alocutário, há uma controvérsia: nas questões retóricas o ponto continuaria tendo a mesma classificação? Se admitirmos que não, pela não exigência da resposta, então as questões retóricas não poderiam ser questões. Preferimos dizer que o ponto não modifica, continuando *diretivo*, embora possa não ter a mesma força de realização.

Em relação ao modo de realização, muita coisa pode se alterar nas questões. O ponto *diretivo* se realizaria com o modo questão, de forma geral, mas esse modo pode ser especificado, quando se trata, por exemplo, de uma questão incrédula, um pedido de confirmação, entre outros fatores. Todas essas especificações podem acrescentar nuances de significado a tais atos e devem ser analisadas. É importante ressaltar que determinar esse modo de realização não é simples, conforme observado por Mari (2001). Dentre os fatores implícitos que ajudam a determinar esse modo encontra-se a entonação.

Quanto às condições do conteúdo proposicional, as condições preparatórias e as condições de sinceridade, já discutimos, anteriormente, fatores que poderiam influenciar no significado das

questões produzidas, ao falarmos sobre a definição de questão dentro da TAF (item 1.2 deste capítulo). Para relembrarmos, modalizadores (itens lexicais que podem ou não figurar no conteúdo proposicional), forma negativa (aspecto morfossintático que pode aparecer no conteúdo proposicional), questões condutivas e pedidos de confirmação (questões em que o locutor não desconhece (totalmente) a informação pedida, violando assim uma das condições preparatórias do ato de fala questão) são alguns dos fatores mencionados como possíveis modificadores de sentido nas questões.

Sobre o grau de força, outros fatores podem mudar o significado de uma questão. Se uma questão apresenta dúvida, ou incerteza, isso pode veicular sentidos distintos. Se pensarmos que uma incerteza muito baixa pode levar a questão a ser apenas um pedido de confirmação, e que uma incerteza muito forte leva a uma dúvida, e ainda que uma incerteza mais forte ainda pode levar a uma incredulidade, exemplificamos como os graus de força vão modificar o significado das questões.

O próprio Searle [1969] aponta, para a noção de força ilocucionária, alguns outros fatores que podem modificá-la. Alguns desses fatores são²⁰: a posição do falante e do ouvinte, que pode influenciar na proposta do ato (uma questão poderia ser mais ou menos polida dependendo dos papéis sociais do locutor e alocutário); a relação de interesse da proposição para o locutor e o alocutário (uma questão muito interessante para o locutor pode ser considerada como questão de forma mais clara que uma que lhe seja pouco interessante); a possível diferença expressa por estados psicológicos (uma questão incrédula, diferente de uma questão); como a sentença se relaciona com o restante da conversação (uma questão repetida não terá a mesma força de uma que está sendo colocada pela primeira vez no discurso); entre outros.

Na discussão desse último ponto, é importante lembrar o fato de que, na TAF, conforme já lembrado por Purson (1996), considera-se a perspectiva interativa (dialógica) para o entendimento das questões. Muitos trabalhos foram desenvolvidos com tais enunciados sem se levar em consideração o contexto em que estavam inseridos, quem os proferia, para quem, em que situação. Por isso ressaltamos que a TAF colocou as questões como atos relacionados ao contexto (anterior e posterior, porque toma a resposta que o alocutário dará como

²⁰ Os fatores são apontados por Searle, mas os exemplos com questões são nossos.

importante) e aos locutores envolvidos, o que fez avançar a discussão sobre as questões em diversos aspectos.

A importância dialógica do ato de fala questão pode ser discutida também quanto a outros aspectos. Kerbrat-Orecchioni (1991) fala da noção de **papéis discursivos**, que é diferente no caso de entrevistas, pois há uma assimetria – o entrevistador (superior) tem o papel de fazer perguntas, o entrevistado (inferior) tem o de respondê-las. Mas ao mesmo tempo, o entrevistador, que tem o papel externo superior (de perguntar), tem um papel, interno à conversação, que é inferior (no que concerne à informação, porque quem pergunta não detém a informação, precisa pedi-la ao interlocutor, que a detém).

Dentro dessa discussão, podemos apresentar o esquema da autora, que além de pensar nos papéis discursivos de cada um dos envolvidos na entrevista, pensa que o papel interno inferior do locutor pode mudar, de acordo com o conhecimento que ele tem da informação envolvida na questão; as conseqüências serão tais que a própria questão pode mudar de um pedido de informação a um pedido de confirmação ou até mesmo a um pedido de relato de uma informação. Isso pode ser visualizado no esquema abaixo:

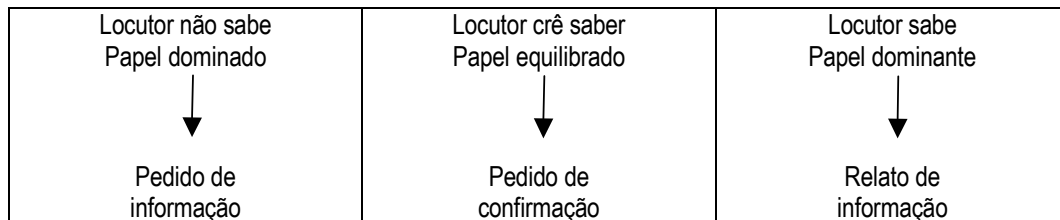


Figura 21- Relação entre questões e papéis discursivos do locutor entrevistador.
Fonte: KERBRAT-ORECCHIONI, 1991, p. 13.

Essas nuances de conhecimento da informação ou de papel discursivo inferior/superior do locutor podem, também, afetar o significado das questões. Por exemplo, se o locutor se julga detentor de uma informação que alocutário não tem, ele pode usar a questão para criticar o alocutário, ou para convencê-lo a concordar consigo. (Tome-se por exemplo a questão “Cê acha que a inflação que tá aí é motivada pelo consumo?” [06p06 – loc. 8], de nosso *corpus*, na qual o locutor quer que o alocutário concorde com ele no fato de o consumo não motivar inflação, uma vez que o locutor se julga detentor dessa informação e ela não pode ser contraposta por alocutário.)

Um último aspecto pragmático/discursivo que julgamos importante discutir, por influenciar no sentido veiculado por questões, é o objetivo comunicativo dos enunciados propostos.

O objetivo (ou alvo) comunicativo do enunciado é definido por Nikov (1987) como o componente do conteúdo do enunciado que lhe é dado pela intenção do locutor. O alvo comunicativo está, pois, em conformidade com o objetivo que o locutor persegue e que ele quer impor ao locutor (exercendo sobre este uma forma de influência). Nikov faz uma análise de contexto para a determinação dos componentes de um objetivo comunicativo. O autor estabeleceu 13 critérios, que retomamos abaixo, para classificar tais objetivos:

- 1) O locutor pergunta com a intenção de obter uma resposta (esse critério se aplica a todas as questões verdadeiras);
- 2) O locutor está informado até um certo grau que lhe permite fazer uma suposição; o interlocutor deverá confirmá-la ou negá-la;
- 3) O locutor está informado até um certo grau, que lhe permite considerar a resposta sim ou a resposta não como igualmente plausíveis;
- 4) O locutor está informado até um certo grau, que lhe permite considerar uma das duas respostas como claramente mais provável que a outra;
- 5) Não dispondo de nenhuma informação certa, o locutor interroga a respeito do enunciado inteiro;
- 6) O locutor interroga somente sobre certos elementos do enunciado, porque dispõe, para outros elementos do enunciado, de informações que ele julga suficientes;
- 7) O locutor interroga sem se referir obrigatoriamente e de modo específico ao contexto precedente;
- 8) O locutor introduz no diálogo um novo assunto (tópico) de conversação;
- 9) O locutor pede ao interlocutor para precisar fatos previamente enunciados;
- 10) Retomando a fala do interlocutor total ou parcialmente, o autor da questão confirma que compreendeu corretamente o dito;
- 11) O locutor insiste em um detalhe preciso que concerne à ação objeto da conversação – ele opõe o objeto de sua atenção sobre todo o resto, que assinala como destituído de interesse;

- 12) O locutor assinala com insistência que ele se interessa por uma outra ação, diferente daquela que é objeto da conversação;
- 13) O locutor assinala com insistência seu desejo de obter uma informação confiável (seja porque ele a considere como particularmente importante, seja para que não reste nenhuma dúvida).

Através de todos os aspectos citados, podemos concluir que o ato de fala questão envolve grande complexidade em situações reais de comunicação. Alguns aspectos são de fácil observação (por exemplo a presença de modalizadores, ou aspectos formais como a presença de palavra interrogativa), outros, mais subjetivos, são bastante complicados de se definir (como a intenção do locutor, que vai construir o objetivo comunicativo de uma questão; ou ainda o fato de o locutor já saber ou não a informação pedida na questão proposta).

Escolhemos, entretanto, trabalhar com enunciados em situações reais de comunicação e, por isso, com possibilidade de presença de todos os aspectos acima mencionados e complexos. Para analisá-los, levaremos em conta todos os aspectos que pudermos observar/controlar, conforme pode ser visto nos critérios de análise dos dados no próximo capítulo, a fim de minimizar, o quanto possível, os efeitos que tais aspectos podem ter na análise que faremos. É claro, no entanto, que não será possível controlar/ observar todos os aspectos presentes nos dados; assim, alguma influência de tais aspectos ainda poderá estar presente na análise que buscaremos desenvolver.

3 - Teoria e análise: questões e atitudes

Definimos atitudes, no capítulo anterior, como

“Expressões controladas pelo falante (voluntárias, cognitivas, intencionais, motivadas, mais corticais), convencionadas (dependentes do sistema lingüístico, e por isso aprendidas) e que não teriam conseqüências tão evidentes na prosódia (falar com uma atitude qualquer não mudaria de forma geral a prosódia da frase, é necessário observar nuances prosódicas que dariam pistas sobre a atitude utilizada em um enunciado), através das quais o falante informa seu ponto de vista dentro da interação verbal, dando ao ouvinte pistas para que seu comportamento seja percebido ou inferido”.
(p. 90)

A partir desse conceito e do que discutimos até o momento sobre questões, buscaremos discutir como as atitudes podem se manifestar nas questões.

3.1 – Atitudes e léxico nas questões

O uso de algumas palavras e expressões pode denotar atitudes do locutor em relação ao assunto proposto ou em relação ao alocutário. Conforme observado por Reis (2001), a polidez, por exemplo, pode aparecer lexicalmente com o uso da expressão *por favor*, em um pedido.

Nas questões que analisamos, o uso de alguns modalizadores permitiu a identificação de algumas atitudes, como a expressão *“é possível”*, por exemplo, que pode denotar uma atitude de *dúvida*, ou ainda de *incredulidade*.

3.2- Atitude e morfossintaxe das questões

A principal característica que discutimos sobre a morfossintaxe foi que ela é responsável por dividir as questões em *totais*, *parciais* e *alternativas*. Diante dessa divisão, podemos esperar que tanto em questões totais, quanto em parciais, quanto em alternativas ocorram as mesmas atitudes? Das atitudes analisadas neste trabalho, uma parece ser específica de um tipo de questão: a *indução*. A *indução* (ou persuasão) só nos pareceu ocorrer em questões totais, ou seja, o locutor colocava a questão de modo a obter uma resposta específica (fosse *sim* ou *não*)

e não a outra. Isso se fez, principalmente, nas questões totais com marcador conversacional de confirmação, usadas como pedidos de confirmação.

O fato de questões parciais não poderem ser indutivas também foi observado por Bolinger, 1957 e por Couper-Kuhlen, 1986, uma vez que a gama de respostas da questão parcial é tão grande que não podemos persuadir o alocutário a responder algo que queremos.

Para as demais atitudes não observamos particularidades; todas poderiam ocorrer em quaisquer tipos de questão.

3.3- Semântica, pragmática, discurso e atitudes

Como as atitudes são expressões através das quais o locutor informa seu ponto de vista dentro da interação verbal, a pragmática e o discurso talvez sejam seu *locus* por excelência.

A relação entre atitudes e semântica, se tomarmos a definição de semântica como a separação das questões em “de re” e “de dicto”, pode ser vista em atitudesque nascem dessa relação: a *insistência*, por exemplo, advém do fato de se repetir uma questão, o que a incluiria nas questões sobre o dito. (Ressalve-se que a insistência pode ocorrer com outros tipos de enunciado, mas aqui falamos da repetição de questões porque são elas que constituem nosso objeto de estudo).

Quanto à definição das questões na TAF, podemos incluir as atitudes em três lugares: o primeiro, seria o modo de realização da força ilocucional. Todas as questões teriam o ponto de realização diretivo para a força ilocucional, mas o modo de realização desse ponto poderia ser diferente para cada atitude: uma *dúvida* faria com que o modo de realização da força ilocucional fosse diferente de uma *certeza*; ou apenas de um *interesse*.²¹ O segundo lugar no qual as atitudes poderiam ser incluídas na TAF é, segundo Reis (2001), a classe dos atos comportamentais (conforme divisão de Austin, 1961). Dentro dos comportamentais, Austin inclui sete categorias, dentre as quais a quarta é denominada de atitudes. Austin arrola, em atitudes, rótulos como *criticar*, *reclamar*, *culpar*, *lamentar*, *apoiar*, entre outros. Podemos

²¹ Ressalve-se, aqui, que essa discussão carece ainda de mais desenvolvimento; entretanto, não é nosso objetivo encaixar as atitudes de modo exaustivo dentro da TAF; pretendemos apenas apontar em quais espaços as atitudes poderiam influenciar na realização das questões.

apontar, nessa classificação, coincidências com rótulos que utilizamos neste trabalho, como, por exemplo, a atitude de *crítica*. O último lugar seria o grau da força ilocucionária. Uma força de *incerteza* que fosse maior poderia gerar uma *dúvida* ou *incredulidade*; uma força menor poderia gerar um *neutro*; a falta dessa força geraria uma *certeza*.

Por fim, podemos relacionar algumas atitudes a aspectos discursivos: no caso de um maior conhecimento da informação por parte do locutor, a atitude pode ser de *certeza*, ou de *indução*, ao contrário de um menor conhecimento, que pode gerar o *interesse* ou a *dúvida*.

4 - Teoria e uso: o uso das questões em programas de entrevista e debate

Após discutirmos o conceito de questões, aspectos que podem influenciar no significado das questões e como relacionar as atitudes às questões, julgamos importante contrastar a teoria ao uso, discutindo um pouco as questões obtidas em nosso *corpus*, antes de analisá-las.

4.1- Os programas gravados

Trabalhamos com questões de dez programas diferentes, a saber, *Caleidoscópio* (loc. 1), *Cenários* (loc. 2), *Inconfidências Mineiras* (também loc. 2), *Data Vênia* (loc. 3), *Direito em Debate* (loc. 4), *Ecologia e Cidadania* (loc. 5), *Estação* (também loc. 5), *Horizonte Debate* (loc. 6), *Letras em Curso* (loc. 7) e *A Notícia Como Ela É* (loc. 8). Dentre estes, *Estação*, *Horizonte Debate* e a primeira parte de *A Notícia Como Ela É* são programas de debate; os demais são de entrevistas. Falaremos sobre as especificidades de cada um deles:

4.1.1- Caleidoscópio

O programa é constituído de cinco blocos, em cada bloco acontece a entrevista de um alocutário diferente, sendo o locutor o mesmo. Podemos reunir os temas abordados sob o rótulo de *atualidades* (no qual entram saúde, eventos que ocorrem na cidade, aventuras de algumas pessoas, vitórias de alguns desportistas, projetos de inclusão social, mostras culturais, entre outros. O último bloco do programa é sempre para entrevistar um artista que se apresenta no programa.).

O público-alvo do programa são os jovens, e isso se nota inclusive pela presença da platéia, formada geralmente por estudantes, ou por participantes de projetos sociais que são abordados como temas.

O programa tem uma dinâmica em que o locutor não lê as perguntas que faz. Além de perguntas para os entrevistados, o locutor também dirige questões aos componentes da platéia. A própria disposição do estúdio, em que os entrevistados ficam sentados em um

canto, com arquibancadas para a platéia dos dois lados, e o locutor, sem lugar fixo, anda para perto dos entrevistados ou da platéia, facilita isso.

4.1.2- Cenários

O programa tem um locutor e um alocutário (por emissão), sendo gravado em um cenário em que o alocutário se senta a uma mesa, em frente à câmera, e o locutor senta-se de lado, de frente para o alocutário. Podemos reunir os temas abordados sob o rótulo de *variedades* (no qual entram questões atuais, experiência de vida de personalidades locais, etc). O público-alvo que o programa parece querer atingir é adulto.

O programa tem uma pauta de assuntos, mas o locutor não lê as perguntas que faz, procurando desenvolver o assunto abordado por alocutário, formulando cada questão a partir do que o alocutário respondeu à questão anterior.

4.1.3- Data Vênia

O programa tem um locutor e um alocutário (por emissão). Os dois se assentam lado a lado, em frente à câmera. Ambos viram um pouco as cadeiras para se verem. Os temas se referem aos direitos dos cidadãos, incluindo discussões sobre a legislação que vigora como garantia desses direitos. O público-alvo que o programa busca atingir é o público geral.

O locutor tem uma pauta e, apesar de não ler as perguntas que nela estão, busca segui-la. Isso é percebido porque a pergunta seguinte não parece acompanhar a resposta dada por alocutário, mas sim retomar outro ponto na discussão do tema do dia.

4.1.4- Direito em Debate

O programa tem um locutor e um alocutário (por emissão). Os dois se assentam numa mesa em forma de L, sendo vistos face à face e ficando, ao mesmo tempo, de frente para a câmera.

Os temas se referem aos direitos dos cidadãos, incluindo discussões sobre a legislação que vigora como garantia desses direitos. Os locutores são sempre professores de Direito ou autoridades nesta área. O locutor também é formado em Direito. O público-alvo que o programa busca atingir é o público geral, de uma forma geral, e os estudantes de Direito, em particular.

O locutor tem uma pauta, mas não lê as perguntas que nela estão, buscando acompanhar o assunto segundo o que o locutário desenvolve em cada resposta.

4.1.5- Ecologia e Cidadania

O programa tem um locutor e dois locutários (por emissão). Eles se assentam em uma mesa em forma de L, tal que o locutor fique de frente para os locutários. Os temas são ligados à ecologia. O público-alvo do programa é o público geral.

O locutor não parece ter uma pauta, apenas uma ficha com o assunto, pois pergunta aos locutários, de acordo com a dinâmica da conversação, sobre ações que eles desenvolvem a favor do meio-ambiente.

4.1.6- Estação

O programa Estação não é um programa de entrevistas, mas sim de debate; por isso sua dinâmica é um pouco diferente da dos demais. O locutor debate um tema com três locutários (por emissão). O locutor se senta ao centro de uma mesa em forma de U, com um locutário de um lado e dois de outro. Os temas do programa incluem-se em variedades. Os locutários, a cada programa, são sempre conhecedores do assunto que está em debate. O público alvo é o público em geral.

O locutor não parece ter pauta, apenas questiona a partir do assunto e das respostas dos locutários, e os locutários respondem debatendo o tema. Uma mesma questão às vezes é

respondida pelos três locutários, e às vezes os próprios locutários colocam questões uns para os outros.

4.1.7- Horizonte Debate

No programa Horizonte Debate, temos uma dinâmica semelhante à do programa Estação: um locutor debate um tema (que pode ser incluído em variedades) com três locutários, conhecedores do tema debatido. A disposição dos interlocutores é uma mesa em L, em que locutor e um dos locutários ficam lado a lado e os outros locutários em frente. O público-alvo é o público em geral.

O locutor também não parece ter pauta, pois propõe as questões de acordo com o assunto e o desenvolvimento deste. No caso deste programa, é importante ressaltarmos que o locutor evita interromper os locutários com novas perguntas, deixando que todos dêem sua opinião por completo. Às vezes, a uma pergunta feita, os três locutários respondem. Às vezes os próprios locutários se fazem perguntas.

4.1.8- Inconfidências Mineiras

A dinâmica desse programa de entrevistas é diferente dos demais. Há um locutor oficial do programa (cujos dados analisamos) e mais três jornalistas convidados para fazerem perguntas a um único locutário sobre um tema de domínio deste. Os quatro locutores se assentam lado a lado e o locutário de frente para todos eles, sem mesa entre eles. Os temas discutidos são variados e o público-alvo é o público em geral.

Não parece haver pauta nesse programa, a não ser o assunto que norteia a discussão. O locutor oficial faz algumas perguntas, mas os outros locutores também fazem e por isso o assunto se estende a partir do que é desenvolvido nessa interação.

4.1.9- Letras em Curso

Este programa conta com um locutor entrevistando um alocutário. O assunto é sempre dentro das Letras e da Literatura. Os alocutários são sempre escritores. Locutor e alocutário ficam assentados em poltronas, um de frente para o outro. O público-alvo é o público geral, no geral, e estudantes/profissionais da área de Letras, em particular.

Nesse programa há uma pauta com questões previamente preparadas por locutor sobre obra/trabalhos de alocutário, mas o locutor não a lê para perguntar, nem a segue se a resposta de alocutário levar a discussão para outros caminhos.

4.1.10- A Notícia Como Ela É

Nesse programa, há um locutor oficial (os dados analisados foram os dele), um outro locutor (um cartunista, que debate os fatos com o primeiro) e um alocutário (entrevistado na segunda parte do programa). Os temas abordados são notícias veiculadas na mídia, na primeira parte do programa, e o tema de conhecimento do alocutário na segunda parte do programa. Os participantes se assentam em uma mesa em forma de U, estando o locutor oficial ao centro, o outro locutor à esquerda do locutor oficial e o alocutário à direita. Assim, na primeira parte do programa, locutores (alocutário é convidado a opinar, se quiser) debatem notícias da mídia e na segunda parte locutores (mas principalmente o oficial) entrevistam alocutário. O público-alvo do programa é o público geral.

Nesse programa há uma pauta de assuntos a debater na primeira parte (mas não de perguntas, e sim de tópicos a discutir) e na segunda parte só há o assunto de conhecimento do alocutário para nortear a discussão.

4.2- Questões obtidas nos programas

A partir do que foi descrito, podemos falar um pouco das questões obtidas nesses programas. Trataremos aqui de aspectos que sejam particulares a cada uma das emissões, pois todas elas apresentam tipos variados de questões com atitudes diversas.

O maior número de questões foi encontrado no programa Caleidoscópio, por ser apresentado mais vezes por semana e ter uma duração maior. Dentro das questões recolhidas neste programa, encontramos todos os tipos de questões analisados nesse trabalho e também outras que não foram analisadas, como os atos indiretos de cumprimento e convite, algumas questões irônicas e insistentes (muito poucas, por isso não se procedeu à análise), questões com surpresa (que poderiam ter emoções envolvidas, por isso foram descartadas).

As questões de locutor 3 apresentam pouca variabilidade, sendo bastante parecidas, mesmo quando apresentam diferentes atitudes. Isso pode ser uma característica do locutor ou até mesmo da dinâmica do programa, pois neste programa o locutor busca seguir a pauta de perguntas que deve fazer ao alocutário, ainda que não leia tais perguntas. É importante observar, ainda, que há, nesse programa, poucas perguntas.

Tanto no programa Ecologia e Cidadania quanto no programa Estação, ambos apresentados por loc. 5, notamos muitas questões com interesse. Isso pode ser uma característica do locutor, que pergunta freqüentemente demonstrando interesse.

Loc. 6, do programa Horizonte Debate, faz poucas perguntas (como mencionado acima) e faz muitas questões complexas (extremamente longas, chegam a passar de dez segundos), portanto poucos dados dele puderam ser analisados.

Outra particularidade que gostaríamos de comentar é o fato de aparecerem muitas questões com crítica no programa A Notícia Como Ela É. Em todo início de programa o locutor faz questão de ressaltar que o programa tem um cunho crítico, pois discutir criticamente os assuntos faz parte do objetivo do programa, o que pode levar ao aparecimento de tantas questões com crítica.

As questões retóricas são encontradas, principalmente, nos programas Caleidoscópio e A Notícia Como Ela É. No programa Caleidoscópio, para anunciar os assuntos que serão debatidos, o locutor utiliza questões retóricas, como, por exemplo, “Você gosta de mandar cartas?” [20p01 – loc. 1]. No programa A Notícia Como Ela É, no debate inicial, o locutor também coloca muitas questões retóricas como formas de avançar o raciocínio que ele vem desenvolvendo sobre o tema, como em: “Agora, sabe o quê que significa isso?” [08p02f – loc. 8]

CAPÍTULO 4

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

“Imagino jeitos novos para as mesmas coisas...”

Abril, Adriana Calcanhotto (1998)

1- Coleta de dados

A fim de verificar o papel da prosódia na expressão das atitudes em questões, optamos por gravar questões propostas em diversos programas de entrevista televisionados. Essa escolha se baseou em diversas razões que procuraremos demonstrar abaixo.

1.1- Espontâneo X atuado

Pode-se observar, na literatura da área, que a maioria dos trabalhos que descrevem o papel da prosódia na expressão dos estados afetivos do falante (quais sejam, emoções, atitudes, intenções, e/ou outros), utiliza a fala atuada, ou seja, atores (profissionais ou amadores, dependendo do trabalho) que pronunciam determinada(s) frase(s) com determinadas atitudes (ou intenções, ou emoções). O trabalho com fala atuada pode ser visto em muitos estudos, dentre os quais citamos alguns: Mozziconacci (2001, 2002), Piot & Lyaghat (2002), Beller et al. (2006), Mejvaldová & Horák (2002). Este tipo de coleta de dados tem uma grande vantagem, pois uma vez que a frase é a mesma, pronunciada com diferentes estados do falante, não há diferenças segmentais (ou estas são mínimas), lexicais ou morfosintáticas envolvidas no processo de análise dos dados. De certa forma esse tipo de *corpus* favorece a comparação entre as frases e o isolamento da variável atitude (ou emoção, ou intenção, entre outras) e de sua análise em relação às mudanças prosódicas observadas.

Por outro lado, vários são os autores que apontam o *corpus* de fala atuada como uma representação. Entre eles podemos citar Dijkstra, Kraemer & Swertz (2006), que argumentam que o fato de termos um julgamento em que pessoas reconhecem uma fala atuada com a atitude X, ou a emoção X, não quer necessariamente dizer que seria essa a realização em fala espontânea, natural. É preciso levar em consideração, conforme nos alertam Aubergé, 2000; Campbell, 2000, Cowie, 2000 e Douglas-Cowie, Cowie & Schröder, 2000, que a fala atuada é sempre uma espécie de caricatura, que pode exagerar certos aspectos e não levar outros em consideração, e também que quem trabalha com fala atuada leva em consideração que a produção e a percepção são totalmente correspondentes (porque testam

rótulos dados como instrução para a produção através de testes de percepção), o que não é verdade. Nas palavras de Douglas-Cowie, Cowie & Schröder (2000, p. 40), “*It’s not obvious whether actors reproduce the genuine article or generate a stylised idealisation in which some features of the everyday are heightened, and other ignored*”.

Greasley et al (1995) pesquisam as características prosódicas da fala emocional. Os autores usaram fala emocional natural (20h de conversação), se recusando a trabalhar com fala atuada porque: i) ela pode ser uma caricatura do real; ii) o estereótipo da emoção pode ser jogado todo na F_0 , sem outras pistas; iii) as emoções podem tomar formas diferentes segundo o contexto, o que não poderá ser visto na fala atuada. Assim, Greasley e colegas usaram dados de conversação de rádio e TV, em programas de documentários, debates, comentários esportivos.

Vimos as vantagens e desvantagens de se utilizar, como forma de coleta de dados, a fala atuada. Optamos, neste trabalho, por não utilizar a coleta através de fala atuada, ainda que seja um método de coleta de dados muito encontrado na literatura, por priorizarmos o aparecimento de atitudes mais genuínas, e não interpretadas, em detrimento de uma possível comparação entre as frases. Assim optamos por utilizar a coleta de dados espontâneos (aqui no sentido de não-atuados), gravando programas de debate e entrevista televisionados.

1.2- Alternativas

Como alternativa ao *corpus* atuado, podemos utilizar outros métodos para coleta dos dados. Procuraremos mostrar abaixo revisões e discussões a respeito de obtenção de dados que vemos na literatura.

Scherer (1991) fala de dois modos de estudo da fala emocional, que podem ser vistos em trabalhos diversos (esses métodos já tinham sido discutidos anteriormente, no artigo de Ladd, Scherer & Silverman, 1986). O primeiro, que o autor chama de codificador, trabalha com a gravação de emoções atuadas e a determinação das características prosódicas de cada uma delas (observações de frequência fundamental, formantes, intensidade, qualidade de voz). O

segundo modo, chamado por Scherer de decodificador, trabalha com a perspectiva contrária: manipula-se o sinal, a amplitude, a melodia, o tempo a fim de criar frases com diferentes características prosódicas. Através de testes de percepção, são atribuídos rótulos emotivos a tais frases sintetizadas, e assim características prosódicas ligadas a diferentes emoções podem ser determinadas. No artigo lembra-se também que há trabalhos em que as duas perspectivas são aliadas. O que Scherer argumenta, porém, é que em ambos os casos faltam estudos com a fala espontânea.

CAMPBELL (2000) faz uma revisão dos métodos de constituição de bancos de dados de fala expressiva, analisando as vantagens e desvantagens de cada um. Os métodos apontados pelo autor são: atuação, estimulação, elicitación e utilização de discurso já pronto. A *fala atuada* é o método acima discutido, em que os atores representam a expressividade. Conforme já dito, o autor aponta como um grande problema nesse método o fato de serem tomadas como correspondentes a percepção e a produção. É certo que do ponto de vista da percepção os testes de reconhecimento da expressividade atuada são bem sucedidos, os ouvintes podem reconhecer com sucesso o que o ator expressou, mas a discussão que se coloca é se na produção espontânea teríamos ou não as mesmas alterações prosódicas na expressão dos mesmos estados do falante. O método da *estimulação* seria aquele em que pessoas teriam um assunto lido para estímulo de produção de expressividade. Um problema que Campbell aponta para esse método é o fato de que, ao ouvir o que foi registrado, devido ao próprio assunto provocar expressividade, os ouvintes poderiam julgar toda a fala registrada como emocional. Assim seria difícil tomar o que é ou não expressivo, e não seria possível fazer uma boa comparação entre o expressivo e o não expressivo a fim de determinar as características do expressivo. O terceiro método discutido pelo autor é o método de *elicitación*: o uso de fala espontânea, natural, coletada por exemplo em sessões psiquiátricas, ou em entrevistas sociolinguísticas. Aqui temos dois problemas: o primeiro é ligado à disparidade do material coletado. Não há frases comparáveis (expressiva e não-expressiva) e se torna difícil fazer generalizações. O segundo problema apontado é em relação ao volume de dados: como muito do que seria dito não apresentaria expressividade, seria necessário registrar um volume imenso de dados a fim de obter uma boa quantidade de dados expressivos. Por fim Campbell discute o método por ele chamado de utilização de *discurso pronto*, ou seja, o aproveitamento de outros discursos já produzidos na análise da fala expressiva. Teríamos, dentro do discurso encontrado, gravações anteriores, entrevistas em TV, rádio, dados acessíveis na mídia em

geral. Esse método apresenta novamente a dificuldade de compararmos as sentenças, uma vez que elas não têm os mesmos componentes segmentais, lexicais, sintáticos, semânticos ou mesmo pragmáticos, mas pelo menos seria possível acessar dados expressivos (sem precisar registrar horas e horas de gravações para obtenção de poucos dados com expressividade) espontâneos (porque não seriam atuados).

Douglas-Cowie, Cowie & Schröder (2000) discutem os critérios que se deve levar em consideração na hora de constituir um *corpus* para o estudo da fala expressiva. Para os autores, quatro são as questões que se deve responder antes de registrar o *corpus*. A primeira é referente ao **escopo** do *corpus* a coletar. Deve-se refletir sobre quantos falantes serão gravados, em qual(is) língua(s), qual o dialeto dos falantes, o gênero dos mesmos, o tipo de estado emocional considerado, quantos registros de cada estado emocional serão obtidos. Essa primeira reflexão vai determinar o tipo e a quantidade de generalização que poderá ser feita a partir do estudo de tal banco de dados. A segunda questão a se responder é sobre a **natureza** do material gravado. Se o atuado for escolhido, é necessário pensar que ele é diferente do espontâneo, principalmente porque na maioria das vezes (talvez com exceção do trabalho de Wallbott & Scherer, 1986) não se trata de um diálogo, não há seqüência discursiva e segue-se um *script*. Se o natural, espontâneo for escolhido, deve-se levar em consideração que será difícil etiquetar as emoções encontradas nas gravações. É por isso que os autores propõem uma terceira questão, relativa aos **descritores** – que tipo de informações é necessário acrescentar ao banco de dados, a fim de que seja possível facilitar o estudo dos dados coletados. A última questão proposta refere-se aos **contextos** providenciados para a expressão das emoções. Os autores argumentam que deve-se levar em consideração o contexto semântico (se há palavras semanticamente marcadas ou não), o contexto estrutural (há especificidades sintáticas ou não), o contexto intermodal (há informações auditivas, visuais ou ambas) e por fim o contexto temporal (as emoções são desenvolvidas no tempo, são dinâmicas ou não?). Os autores lembram ainda uma questão importante: a da acessibilidade – como coletar os dados? São citadas fontes como TV e rádio, em emissões como entrevista, bate papo, debate. Como exemplo, são citados três *corpora*, o de Chung (2000), o de Greasley et alii (1995) e o de Roach et alii (1998), todos baseados em gravações de TV (o de Greasley et alii também inclui gravações de rádio).

1.3- Problemas

Como já discutido, cada proposta de coleta de dados tem seus prós e contras. É realmente necessário levar em consideração os aspectos mencionados e fazer escolhas em relação aos objetivos que se tem.

Como primeiro problema tivemos que determinar a natureza dos dados a analisar. A proposta de fala atuada não nos interessava. Queríamos discutir um pouco do papel da prosódia na expressão de atitudes reais, naturais, não em fala atuada, que é sempre uma representação (pode haver representações boas e ruins, mas a atuação não deixa de ser uma representação). Ao optar pelo espontâneo, foi necessário ainda lembrar que o nível de ruído envolvido na gravação não poderia ser alto, e a qualidade do som deveria ser boa a fim de permitir uma análise instrumental dos dados.

O fato de termos escolhido questões como objeto de análise também impôs algumas decisões, que vamos tomar como segundo problema levado em consideração. Não poderíamos determinar como constituir um *corpus* sem pensar em tal tipo de enunciado e em como obtê-lo. É notável que o ato de fala questão é muito comum, mas se trabalhássemos com qualquer tipo de diálogo não teríamos necessariamente um número grande de questões para analisar. Talvez fosse necessário gravar um volume de dados imenso a fim de obter um número suficiente de questões a analisar.

O terceiro problema a analisar seria a fonte dos dados, se seria necessário propor entrevistas ou jogos entre participantes, ou se poderíamos aproveitar o material da mídia.

Outro problema envolvido nas decisões para constituição do *corpus* se relacionava aos falantes, quantos, de qual sexo, com qual escolaridade, falantes de qual dialeto. Através dessas decisões delimitávamos a validade e o alcance dos resultados.

Um último problema levado em consideração foi a quantidade de dados a ser coletada.

1.4- Soluções

O tipo de coleta de *corpus* que mais se adequou a todos os problemas que tínhamos e que julgamos mais satisfatório para os estudos que pretendíamos desenvolver foi a gravação de programas de entrevista e debate televisionados. Optamos por programas em que os debatedores/ entrevistadores não tinham *scripts* ou pautas (ao menos não aparentemente), a fim de que os dados fossem os mais espontâneos que pudéssemos obter. Seria possível que o simples fato de os programas serem televisionados diminuísse ou tirasse a naturalidade dos dados. Não temos como garantir a naturalidade dos dados coletados, devido à situação de coleta, mas levamos em consideração que, como os locutores se envolvem com o assunto discutido, isso gera menos preocupação com a forma de falar e traz mais espontaneidade. Era de se esperar que todos os dados coletados fossem de um estilo mais formal, mas encontramos, ainda assim, dados mais próximos da conversação espontânea (por exemplo, o uso de *cê*, no lugar de *você*, o uso de *tá*, *tão*, no lugar de *está*, *estão*, e mesmo o aparecimento de algumas gírias, como em: “**Pô, cês** fazem de tudo lá?” [15p38 – loc. 1]) Ressalvamos ainda o fato de que o assunto discutido pode influenciar nos dados coletados (há maior ou menor envolvimento do locutor dependendo do assunto que se discute) e até mesmo a dinâmica do programa televisionado (conferir seção 3 do capítulo anterior) pode exercer algum tipo de influência no *corpus*. Entretanto, julgamos as vantagens da utilização de tal método de coleta maiores que tais desvantagens, e por isso realizamos a gravação de programas televisionados.

O fato de escolhermos debates ou entrevistas também está relacionado ao grande uso de questões nesse gênero de programas. Como as questões são objeto de pesquisa neste trabalho, os programas selecionados deveriam ter um grande número de enunciados desse tipo, e o têm.

Quanto à opção por programas televisionados, isso facilitou o acesso aos dados e também garantiu que a qualidade de gravação fosse boa, uma vez que os programas gravados são realizados em estúdios de gravação, sem intervenção de ruído externo.

Uma outra vantagem é que os entrevistadores e controladores de debates geralmente são jornalistas, o que dá a garantia de mesmo nível de escolaridade a todos os falantes com cujos dados trabalhamos, minimizando assim diferenças sociolingüísticas que pudessem vir a

acontecer. Em relação a diferenças de gênero, só trabalhamos com locutores do sexo masculino. O número de locutores escolhido foi aleatório: gravamos, durante um mês, todos²² os programas de entrevista / debate televisionados pelos canais escolhidos e analisamos os dados obtidos de todos os locutores masculinos. Sobre o dialeto, escolhemos programas de três redes de televisão de Belo Horizonte (três pequenas redes locais), a fim de minimizar efeitos de regionalismos, centrando nossa análise no dialeto dessa cidade.

O número de emissões de cada um dos vinte programas gravados também foi escolhido aleatoriamente; como dito anteriormente, gravamos os programas exibidos durante um mês (a saber o mês de fevereiro de 2006). Os programas tinham periodicidade diferente; então, gravamos programas exibidos três vezes por semana, uma vez por semana, ou ainda quinzenalmente.

1.5- Dados coletados

Após a escolha do método de coleta de dados, fizemos a gravação de todos os programas que apresentavam o perfil descrito acima, televisionados por: TV Horizontes, TV Comunitária e TV Universitária. Todas três têm seus estúdios de gravação em Belo Horizonte e têm sua programação voltada para a cidade. Os programas escolhidos tinham temas variados e este fato não foi julgado como negativo, apesar de o tema do programa poder ser uma variável interveniente, pois a diversidade poderia enriquecer a expressão de atitudes diferentes.

Após o período de um mês de gravação (foram gravadas as emissões de dez programas diferentes durante todo o mês de fevereiro de 2006, lembrando que a periodicidade de cada programa era variada – tínhamos programas veiculados três vezes por semana, outros eram semanais, ou até quinzenais – e a duração dos programas também variava, de 20 minutos a 1 hora e 15 minutos) obtivemos aproximadamente 40 horas de entrevistas e debates e, após transcrição, edição e etiquetagem, foram obtidas mais ou menos 900 questões a serem analisadas (ressalve-se que tais questões eram de tipos diferentes, às vezes com estrutura

²² Uma exceção foi feita: não gravamos programas de debate esportivo, porque julgamos que o envolvimento tão grande dos locutores em tais programas, levando à expressão das emoções, poderia confundir a análise, mesclando atitudes e moções.

simples, às vezes com estrutura complexa; algumas foram eliminadas por apresentarem falas sobrepostas, ou seja, lidamos com sentenças muito diferentes).

O procedimento adotado para a gravação foi a conexão direta entre saída de som coaxial do televisor e entrada de som do computador. A coleta se deu então através de sistema analógico, uma vez que a saída do som no televisor apresentava tal qualidade. O *software* utilizado para as gravações foi o **Speech Analyzer**[®], versão 1.5, do Summer Institute of Linguistics. Utilizou-se tal software por apresentar uma tela de gravação simples de manipular, e pelo *software* aceitar a gravação direta de dados via entrada de som do computador, mesmo gravações mais longas, de mais de uma hora, sem problemas. Após cada programa, o arquivo sonoro (tipo .wav) era armazenado. Depois das gravações, foi feita uma transcrição (ortográfica) dos dados, com anotações sobre o contexto em que se encontravam, quem perguntava, pra quem perguntava, e outras observações que julgamos necessárias para o bom desenvolvimento da análise lingüística a ser feita posteriormente. Cabe ressaltar que uma primeira impressão da atitude veiculada na questão foi anotada junto com os dados²³. Os rótulos iniciais dados incluíam *neutra, interesse, surpresa, condutividade, crítica, desafio, provocação, ironia, dúvida*. Depois disso, utilizando o software **Praat**[®], identificamos as perguntas no arquivo sonoro de cada programa através de marcações em uma tira da TextGrid criada para transcrever cada arquivo.

Como resultado obtivemos, então, os arquivos sonoros dos programas analisados, já etiquetados com os textos das perguntas, e uma transcrição ortográfica das mesmas, com anotações sobre o contexto pragmático-discursivo e a atitude que julgávamos estar presente na frase.

²³ Sobre a rotulação de atitudes, uma discussão mais ampla é apresentada no item 2.1.6 deste capítulo.

2- Análise dos dados

De posse dos arquivos e das transcrições, o primeiro passo dado para a análise foi o que chamamos de análise lingüística. Esta consistiu em identificar, nas questões coletadas, especificidades diversas. Uma vez que os dados coletados eram espontâneos, tínhamos questões que apresentavam elementos lexicais que as tornavam particulares, tínhamos questões com estruturas sintáticas diferentes, questões com elementos semântico-pragmáticos distintos de outras. Como exemplo podemos citar a morfossintaxe, com diferentes tipos de questões: nossos dados apresentam questões alternativas, totais e parciais. Podemos citar também a oposição afirmativa/negativa: da mesma forma que tínhamos questões afirmativas, como “Você já esteve na biblioteca?” [06p28, loc. 1], tínhamos questões negativas, como “Não é muito novo não?” [08p56, loc 1].

2.1- Separação das questões em grupos e identificação de fatores intervenientes

De acordo com os níveis lingüísticos discutidos no capítulo anterior, dois procedimentos foram tomados em relação aos dados: o primeiro deles consistiu em dividir as questões coletadas em grupos, de acordo com diferenças morfossintáticas e comunicativas que poderiam influenciar a prosódia de modo global. O segundo procedimento foi fazer observações sobre aspectos lexicais, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos que poderiam influenciar a prosódia localmente. Nesse segundo procedimento, analisamos a prosódia das frases sem levar em consideração as modificações ocorridas por causa da presença desses fatores. Exemplificamos abaixo os procedimentos tomados:

2.1.1 – Divisão das questões em grupo

Por ser diferente a prosódia apresentada por questões totais (incluindo aqui pedidos de confirmação), questões parciais e questões alternativas, a primeira divisão feita no *corpus* coletado consistiu na separação desses tipos de questões, conforme esquema abaixo:

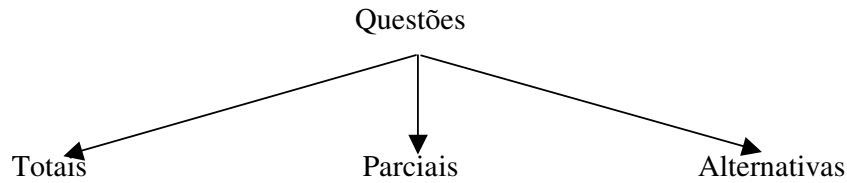


Figura 22- Esquema de separação das questões segundo tipos morfossintáticos

Depois disso, para cada enunciado, levamos em consideração seu objetivo comunicativo: se se tratava de uma questão retórica (ainda que incluída na conversação); se se tratava de uma questão pedindo confirmação (esse grupo, que só aparece nas questões totais, tem a característica de questionar sobre algo já mencionado anteriormente. Na maior parte das vezes, as questões desse grupo aparecem com um marcador conversacional de confirmação, como *não é, não é isso*, entre outros); por fim, verificamos se se tratava de uma questão propriamente dita, ou seja, com objetivo comunicativo de realmente pedir uma resposta ao alocutário. A esse último tipo de questão designamos **verdadeira** (esta denominação não está ligada ao valor de verdade do conteúdo proposicional, mas sim ao objetivo comunicativo da questão. Utilizamos este nome, “*verdadeira*”, seguindo Searle, [1969]; Nikov, 1987). Assim, dentro de cada grupo de questões anteriormente dividido, procedemos à classificação que se segue:

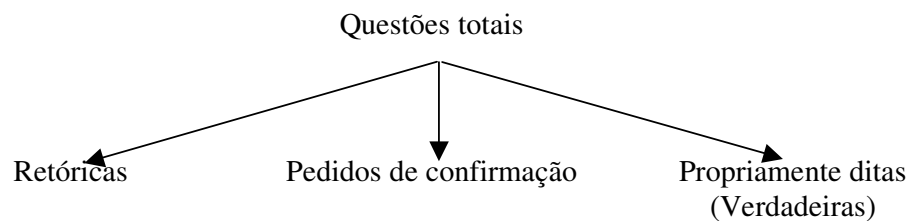


Figura 23- Esquema de separação das questões segundo a função comunicativa.

2.1.2- Identificação dos fatores intervenientes

Quanto ao **léxico**, observamos, na frase, as mudanças prosódicas causadas pelo uso de algum modalizador, principalmente a presença dos advérbios, que costumam modificar a F_0 apresentada. Assim, ao vermos uma mudança prosódica que era devida à presença de algum modalizador específico, desprezamos tal influência, e trabalhamos com as medidas do restante

da frase, a fim de restringir a análise de F_0 ao que queríamos observar (atitudes). Note-se, por exemplo, a ênfase no advérbio *todos* na frase: “Ela tem contemplado **todos** os segmentos sociais?” [08p14 – loc 3].

Também foram desconsideradas mudanças, principalmente na F_0 , causadas pela presença de palavras negativas na frase. No trabalho de VIGÁRIO (1998) podemos ver claramente como as estruturas que contêm tais palavras, assim como aquelas que contêm advérbios, apresentam diferenças prosódicas em relação às que não contêm.

Quanto aos aspectos **morfossintáticos**, além dos descritos acima para separar tipos de questões, procuramos observar também as questões que tinham uma estrutura complexa (orações coordenadas ou subordinadas) e separá-las das que apresentavam estrutura simples (apenas uma oração), apesar de a maioria dos nossos dados aparecer somente com questões com estrutura simples. Isso foi feito porque questões complexas poderiam apresentar várias unidades entonativas, de modo que sua análise não seria feita da mesma forma daquelas que só apresentam uma unidade. Assim, algumas questões complexas não foram analisadas (pelo fato de apresentarem, realmente, uma estrutura muito complexa), outras só foram analisadas em sua parte final.

Um outro aspecto morfossintático que levamos em consideração é a posição do pronome interrogativo nas questões parciais, pois este pode aparecer no início ou no fim da questão, conforme já discutimos. Optamos por estudar apenas as sentenças em que o pronome ocorre no início da frase, uma vez que o pronome no final gera uma ordem marcada e que os dados em que o pronome aparece nessa posição são poucos.

Observou-se também, no *corpus* do trabalho, que algumas questões ocorriam de forma encadeada, ou seja, diversas questões eram colocadas ao mesmo tempo, justapostas. Na análise, cada uma delas foi analisada separadamente, sendo tratada como uma única questão, porque cada uma apresentava, individualmente, a estrutura de questão.

Quanto aos aspectos **semânticos**, **pragmáticos** e **discursivos** fizemos as observações seguintes: i) se a questão era “*de dicto*”, ou seja, se repetia questões anteriormente propostas, foi classificada como questão *insistente*; ii) se a questão repetia alguma fala do interlocutor,

foi classificada como questão *eco*; iii) se a questão incluía marcadores conversacionais de conversação (no caso das questões totais, pedidos de confirmação), isso foi marcado e as medidas de F_0 na frase foram feitas permitindo analisar separadamente a melodia do marcador conversacional de conversação.

2.2- Atribuição de rótulos para as atitudes

Já na transcrição dos dados (cf seção 1.5 deste capítulo), um primeiro rótulo foi atribuído para a atitude que julgamos presente em cada uma das frases. Essa nomeação foi feita baseando-se em alguns critérios, tais como: i) análise do contexto em que a questão foi enunciada (assunto desenvolvido, questão e resposta anteriores e resposta seguinte); ii) locutor e alocutário(s) (quem perguntou e para quem). Ressalvamos que a própria questão foi levada em consideração: o conteúdo proposicional e aspectos lexicais não deixaram de influenciar/ajudar na atribuição de rótulo atitudinal para as questões analisadas. Foram atribuídos rótulos já comumente encontrados na literatura, tais como *incredulidade*, *surpresa*, *dúvida*, *certeza*, *interesse*, *crítica*, *neutro*, *insistência*, entre outros. A estes foram acrescentados rótulos como *sugestão*, *convite*, *cumprimento*, que refletiam, de certa forma, atos indiretos, ou seja, questões com outras funções comunicativas, como convidar, cumprimentar o alocutário, sugerir alguma resposta ou novo tópico de conversação. Ressalve-se que neste trabalho tratamos apenas dos atos diretos, em que a interrogação e a questão correspondem.

Algumas atitudes atribuídas parecem, estar ligadas a grupos de questão que separamos anteriormente. Por exemplo, uma atitude de certeza pode levar a questão a se transformar em um pedido de confirmação. O fato de ser uma verdadeira questão propriamente dita já implica uma certa incerteza, que pode ter diferentes graus, podendo ir de um simples *interesse* (desejo de saber, de esclarecer a incerteza) até uma *incredulidade*, passando pela *dúvida*. Outras atitudes podem estar ligadas a efeitos perlocucionários, por exemplo, a *crítica* ou a queixa, ou ainda *indução* (quero que você me diga X).

É importante observar que a atribuição de rótulos atitudinais para as sentenças do *corpus* não foi tarefa simples. Mesmo tendo o contexto de toda a entrevista (incluindo, aqui, a resposta dada a cada pergunta analisada), mesmo observando locutor e alocutário, mesmo levando em consideração o tipo de programa em que a questão aparece, a tarefa de atribuir rótulos

atitudinais foi de difícil execução. Muitas vezes marcamos mais de um rótulo para a atitude que julgamos estar presente (ex.: *interesse/ dúvida*, sendo a ordem a que achávamos mais pertinente, ou seja, no exemplo, tínhamos uma tendência maior a interpretar como *interesse*, mas não excluíamos a possibilidade da *dúvida*); às vezes precisamos recorrer a rótulos que não são utilizados na literatura da prosódia atitudinal (por exemplo, curiosidade, chamar atenção); atribuímos rótulos não-atitudinais, principalmente para os atos indiretos (ex.: *convite, cumprimento*); e, por último, usamos o rótulo *surpresa* (ou espanto), que para nós está mais relacionado a emoções que a atitudes. Observando novamente os dados, decidimos: i) excluir as frases cujos rótulos não eram atitudinais (fossem elas emoções ou atos indiretos); ii) reunir alguns rótulos, e retirar aqueles que apresentassem número muito pequeno de frases.

A partir do resultado dessa primeira denominação de 13 atitudes (já excluídas as frases com rótulos não apresentados comumente na literatura), a saber, *neutra, dúvida, interesse, ironia, crítica, incredulidade, convite, provocação, sugestão, cumprimento, desafio, persuasão*; fizemos então a segunda análise (motivada pelo primeiro teste de percepção de atitudes realizado, vide seção 2.2.1.2, a seguir) e obtivemos sete atitudes, a saber: *neutra, dúvida, interesse, crítica, incredulidade, provocação e indução (persuasão)*. Mesmo tomando o cuidado para excluir as atitudes que apresentavam poucas frases (como a *ironia* e a *insistência*), algumas atitudes que foram atribuídas estão presentes em um número muito menor de questões que outras.

Utilizamos as seguintes definições para as atitudes que atribuímos:

1) *Neutra*: Atribuímos o rótulo de atitude *neutra* quando, na frase analisada, nenhuma atitude parecia estar presente, ou seja, o locutor parecia perguntar somente para obter a informação requerida pela questão. Podemos relacionar essa atitude *neutra* ao modo de realização *neutro* da força ilocucionária, citado por Vanderveken (1990). Ex.: “Quais são os objetivos desse programa?” [15p15 – loc. 3]

2) *Interesse*: utilizamos o rótulo *interesse* quando, além de colocar a questão a fim de obter uma informação, o locutor demonstrou maior desejo em obter tal informação. De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), *interesse* é aquilo que convém, que importa;

preocupação ou curiosidade por alguém ou alguma coisa. Ex.: “Como é que você gostaria de comentar esses dois?” [09p09 – loc. 7]

3) *Dúvida*: o rótulo *dúvida* foi utilizado quando o locutor demonstrou incerteza a respeito do assunto questionado, além de querer obter a informação requisitada na questão. Segundo o dicionário, a *dúvida* é uma incerteza sobre a realidade de um fato ou verdade de uma asserção; é uma hesitação, uma indecisão (FERREIRA, 1999). Ex.: “Como é que fica então? Nós já vamos entrar nesse debate com ele vencido?” [17p07 – loc. 4]

4) *Incredulidade*: tomamos o rótulo *incredulidade* com o significado de “não acreditar em”. Tal rótulo foi, portanto, atribuído, quando o locutor não acreditava na possibilidade de uma confirmação, por parte do locutor, do que foi perguntado. Ex.: “Cê acha que isso é certo?” [16p07 – loc 8]

5) *Crítica*: além de requerer a informação pedida pela questão, locutor a usa para fazer um julgamento (na maioria das vezes desfavorável) do assunto ou do próprio interlocutor. (Aqui, conforme já observamos, se a *crítica* se estende ao alocutário, temos um efeito perlocucionário do ato questão). No dicionário, a *crítica* pode ser entendida como uma forma de análise, comentário ou apreciação; uma apreciação minuciosa, um julgamento, tendo também o sentido de apreciação desfavorável, censura. (FERREIRA, 1999). Ex.: “Pra que vender áreas da Petrobrás? Por quê continuar privatizando bancos? Por que fazer a transposição do São Francisco? Por quê?” [16p09 – loc. 8]

6) *Provocação*: o rótulo *provocação* foi atribuído cada vez que, através da questão, o locutor tenta produzir, estimular uma reação (geralmente verbal) no alocutário, mas não uma reação que seja simplesmente uma resposta. Ex.: “Alguém já foi a alugma partida de vôlei?” [06p55 – loc 1]

7) *Indução*: as questões foram rotuladas de *indutivas* quando estava claro que o locutor esperava uma resposta específica para a questão, conduzindo, persuadindo o alocutário a dar tal resposta, sem que este pudesse proceder de forma diferente. Ex.: “São duas formações que indiscutivelmente se emendam, né?” [17p02 – loc. 7]

2.2.1- Testes de percepção

A fim de confirmar algumas decisões que tomamos através de nossas impressões no andamento desse trabalho, foram feitos dois testes de percepção. O primeiro, com o objetivo de investigar a percepção da interrogatividade (mesmo fora do contexto) serviu para confirmarmos que os falantes realmente interpretavam os enunciados analisados como questões, ainda que fossem o que chamamos de questões retóricas, de pedidos de confirmação ou que fossem questões propriamente ditas. O segundo teste teve por objetivo validar a rotulação das atitudes feita anteriormente. Cada um dos dois testes encontra-se descrito abaixo com seus resultados.

2.2.1.1- Teste 1 - Interrogatividade

Para o primeiro teste, dez estudantes em nível superior (cursando Letras) ouviram quarenta sentenças, julgando-as interrogativas ou não, através da instrução “A frase ouvida é uma pergunta?” e das respostas *Com certeza*, *Poderia ser*, *Provavelmente não* e *Certamente não*. Dentre as quarenta sentenças apresentadas aos juízes, dez eram declarativas, dez interrogativas neutras, dez pedidos de confirmação, dez questões declarativas, todas retiradas dos dados obtidos para este estudo.²⁴

Cada um dos juízes respondeu o teste separadamente, no computador. O teste foi desenvolvido através de um script do Programa *Praat*[®], o que proporcionou que as mesmas sentenças fossem ouvidas por todos os juízes, em uma ordem aleatória diferente cada vez que o script era lançado (isso pôde evitar que eventuais comentários de um juiz que já fez o teste para outro que ainda faria influenciem na opinião do segundo). As repetições foram duas, ou seja, as quarenta frases foram testadas duas vezes, totalizando oitenta respostas para cada um dos juízes. Todos eles fizeram o teste na mesma sala, utilizando o mesmo computador. Após o término, o programa *Praat*[®] fornecia uma tabela com os resultados das respostas dadas, que analisamos a fim de verificar como as sentenças eram interpretadas em relação à interrogatividade.

²⁴ É importante ressaltar o fato de que as frases declarativas foram tiradas também do meio das entrevistas; portanto muitas vezes eram continuativas ou eram introdutórias a algum tipo de questão.

2.2.1.1.1- Resultados²⁵

Os resultados do teste de interrogatividade encontram-se resumidos na tabela abaixo:

Tabela 3 – Interpretação das frases no teste de percepção 1.

	Declarativas	Interrogativas neutras	Pedidos de confirmação	Questões declarativas
Com certeza	110 55%	133 66,5%	127 63,5%	118 59%
Poderia ser	35 17,5%	22 11%	34 17%	32 16%
Provavelmente não	24 12%	30 15%	20 10%	28 14%
Certamente não	31 15,5%	15 7,5%	19 9,5%	22 11%

Observação: Na primeira linha aparece o número de sentenças interpretadas, na segunda a porcentagem.

Podemos ver, pela tabela acima, que os pedidos de confirmação e as questões declarativas, assim como as interrogativas neutras, as três categorias foram julgadas como perguntas pelos ouvintes, com percentuais que totalizam duas ou três vezes mais do que se as respostas fossem dadas ao acaso (para o que o percentual seria 25%, levando-se em consideração as quatro opções possíveis). Isso nos mostra que os falantes não fazem uma distinção na interrogatividade de sentenças que tenham a função de pedido de confirmação, de questão declarativa ou de questão verdadeira, pois reconhecem todas como perguntas.

Um problema que aparece nos resultados obtidos é que as sentenças declarativas também foram julgadas, em sua maioria, como perguntas, com certeza (55% das respostas). Isso pode ter duas explicações: a primeira vem do fato de que tais sentenças foram retiradas do meio das entrevistas feitas, e, portanto, faziam, discursivamente, parte das questões dos locutores. Isso pode ter influenciado a resposta dos juízes, que, ao ouvir as sentenças declarativas um pouco incompletas (no sentido conversacional), podem tê-las julgado interrogativas. Uma segunda explicação que encontramos para o fato é que algumas dessas declarativas apresentam um final continuativo, que poderia dar margem à interpretação como pergunta.

²⁵ Optamos por apresentar os resultados dos testes neste capítulo, apesar de ser o capítulo metodológico e não de resultados, porque o que foi encontrado nos testes de percepção possibilitou decisões metodológicas tomadas aqui.

Apesar, no entanto, de encontrarmos as sentenças declarativas avaliadas como interrogativas, um fato deve ser ressaltado: tanto as interrogativas, quanto os pedidos de confirmação, quanto as questões declarativas, todos enunciados de natureza interrogativa, são reconhecidos como perguntas com porcentagem maior que a declarativa. Se pensarmos então num contínuo, em vez de em um binarismo (interrogativa X não interrogativa), veremos que os falantes têm uma ordem crescente de reconhecimento da interrogatividade, que parte das sentenças declarativas e vai até as interrogativas neutras, que pode ser representado como vemos abaixo, considerando aqui somente as respostas “Com certeza”:

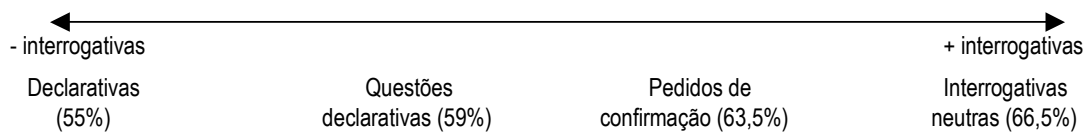


Figura 24- Esquema do contínuo interrogativo.

O mesmo contínuo pode ser visto se tomarmos as respostas de “certamente não”: as declarativas lideram o ordenamento das frases que certamente não são interrogativas, com 15,5%, seguidas das questões declarativas, com 11% dos votos, dos pedidos de confirmação, com 9%, e das interrogativas *neutras*, que receberam apenas 7,5% dos julgamentos feitos.

Diante de tais observações, podemos concluir que as sentenças estudadas neste trabalho são questões, não havendo a necessidade de excluir, desse estudo, os pedidos de confirmação (já tratados como outro tipo de enunciado, cf. PURSON, 1996). As questões declarativas foram excluídas porque, por definição, não apresentam nenhum traço de questão, *nem a entonação*. Apesar, então, de serem reconhecidas pelo falante como questões, nós as desprezamos porque tornariam muito complexo o estudo prosódico desenvolvido nesse trabalho.

2.2.1.2- Teste 2 - Atitudes

O segundo teste de percepção consistiu em consultar outros dez juízes (também estudantes de graduação em Letras) a respeito do rótulo inicialmente atribuído às atitudes encontradas nos dados. Foram apresentadas a cada um dos juízes (em ordem aleatória, e diferente para cada

um deles) cinco sentenças com cada uma das atitudes inicialmente atribuídas²⁶, quais sejam *neutra*, *dúvida*, *interesse*, *ironia*, *crítica*, *incredulidade*, *surpresa*, *provocação*, *convite*, *sugestão* ou *cumprimento*²⁷, totalizando cinquenta sentenças. Os juízes ouviram uma vez cada sentença, escolhendo forçadamente uma das atitudes apresentadas que eles julgassem estar presente na frase. Antes do início do teste os juízes receberam uma folha com todos os rótulos atitudinais e suas definições, a fim de que fossem familiarizados com a nomenclatura apresentada. O teste foi realizado no programa *Praat*[®], assim como o primeiro, através de um *script*. Os resultados eram fornecidos pelo programa em forma de tabela através da qual os dados foram tabulados, de forma a mostrar o conjunto das opiniões dadas.

2.2.1.2.1- Resultados

Os resultados do segundo teste podem ser vistos na tabela abaixo:

Tabela 4 – Resultados do segundo teste de percepção (nº de respostas e porcentagem)

pesq. juízes	neutra	dúvida	inte- resse	ironia	crítica	incredu- lidade	surpresa	convite	provo- cação	sugestão	cumpri- mento
neutra	4 – 16%	3	2	2	1	3	3	2	1	2	9
dúvida	9	6 – 24%	13	3	3	7	6	2	2	5	1
inte- resse	3	2	1 – 4%	1	2	3	2	2	1	7	1
ironia	0	0	0	7 – 28%	1	1	5	2	0	1	3
crítica	2	4	1	1	1 – 7%	1	1	1	1	1	1
incredu- lidade	2	3	1	1	0	1 – 4%	1	0	1	3	1
surpresa	1	1	3	4	0	0	2 – 8%	0	1	1	2
convite	3	2	2	1	0	1	2	6 – 24%	1	3	1
provo- cação	0	1	3	1	1	1	1	5	0	0	0
sugestão	1	1	1	1	4	5	1	5	2	1 – 4%	0
cumpri- mento	0	2	0	3	2	2	1	0	0	1	6 – 24%

²⁶ Para a *crítica* e a *provocação*, não foram encontradas cinco questões totais com tal rótulo, o que levou a apresentar somente três sentenças com *crítica* e duas com *provocação*. Por isso o total é de cinquenta sentenças em lugar de 55, o que seria esperado com cinco sentenças de cada uma das onze atitudes avaliadas. Os dados utilizados para o teste são referentes apenas ao loc. 1; por isso, não foram encontradas tais sentenças. Nesse primeiro teste, ressalva-se que a rotulação das atitudes estava ainda na primeira fase, por isso tínhamos tantas atitudes para julgar.

²⁷ Cabe lembrar que estas três últimas atitudes atribuídas referem-se, na verdade, a atos de fala indiretos, e que tal teste foi feito antes da reclassificação feita para as atitudes, conforme discutido no item 2.2 deste capítulo.

Através da tabela, notamos que não houve, por parte dos falantes, um bom reconhecimento de todas as atitudes.

Excetuando-se a *dúvida*, a *ironia* e o *cumprimento*, que apresentam um nível de reconhecimento por volta de três vezes maior que o aleatório (que aqui equivalia a 9%), e o *neutro*, que apresenta um nível de reconhecimento em torno de duas vezes maior que o aleatório, houve bastante discordância entre a atitude inicialmente atribuída para a frase (que se encontra na primeira linha da tabela acima) e a atitude dada pelos juízes no teste de percepção (que se encontra na primeira coluna da mesma tabela). Isso pode mostrar duas coisas: i) que os rótulos atribuídos pelo pesquisador não são válidos, pois os falantes não os reconhecem como tal ou ii) que a própria estrutura do teste não permitiu aos falantes uma boa identificação das atitudes em julgamento.

Caso o problema se encontrasse na atribuição de rótulos atitudinais, fazia-se necessário rever tal tarefa. Conforme já comentado (item 2.2 deste capítulo) uma nova análise para as atitudes atribuídas foi feita. Foram retirados os rótulos que correspondiam a atos de fala indiretos (*cumprimento*, *convite*, *sugestão*), os rótulos atitudinais que eram encontrados em muito poucas questões (*ironia*, *insistência*), os rótulos que podiam estar ligados a emoções (*surpresa*) e ainda foi acrescentado o rótulo *indução*, para os pedidos de confirmação, que não tinham sido incluídos nesse primeiro teste atitudinal.

Caso o problema partisse da própria estrutura do teste, algumas reflexões (apresentadas a seguir) foram feitas, a fim de explicar os principais problemas eventualmente advindos de sua estrutura.

Partindo do pressuposto de que o contexto é peça importante na identificação de atitudes, pois o falante não trabalha apenas com a frase ouvida, mas também com toda a situação que se constrói com ela, pode-se levar em consideração que identificar as atitudes dentro do teste proposto (em que as frases foram apresentadas de forma isolada, sem o contexto no qual apareciam) era mais difícil que identificá-las no momento da transcrição, em que o contexto e os participantes da questão foram levados em conta. Dessa forma, é possível supor que a identificação dentro do teste ficou prejudicada sem o contexto das frases.

Outro problema que podemos apontar no teste é a escolha forçada entre onze atitudes diferentes. Escolher entre duas, três, até quatro respostas é atividade comum para a maioria das pessoas. Escolher entre onze opções, no entanto, torna-se mais complicado, até pelo fato de que visualizar as onze opções e saber o que cada uma delas significa é difícil. É possível dizer que a escolha de uma opção entre onze dificultou o julgamento das pessoas que passaram pelo teste.

Havia, ainda, o problema dos cortes feitos para as sentenças julgadas: na hora de separar a sentença de seu contexto para incluí-la no teste, fomos obrigados, algumas vezes, a excluir uma pequena parte da frase (sempre menos de uma sílaba), porque, muitas vezes, já havia a fala do locutário sobreposta à do locutor, porque o locutário já começara a responder a questão, o que tivemos de excluir.

2.2.1.3- Novo teste de percepção para atitudes

A fim de testar o reconhecimento da nova rotulação atribuída para as atitudes, um segundo teste de percepção foi feito. Cinco frases com cada uma das atitudes estudadas foram selecionadas²⁸. Para simplificar o procedimento do teste (uma vez que a escolha forçada entre muitas opções não deu bons resultados), as frases foram separadas em grupos de três atitudes, a fim de que os juízes fizessem uma escolha forçada entre três opções, e não entre cinco. Cinco sentenças de cada atitude foram selecionadas, em cada um dos 4 tipos diferentes de questões: as questões alternativas (todas verdadeiras), as questões parciais (também foram testadas apenas as verdadeiras, uma vez que as retóricas, além de em menor número, assemelhavam-se às verdadeiras) e as questões totais, divididas em pedidos de confirmação e verdadeiras (as retóricas não foram testadas novamente por seu número reduzido e sua semelhança com as questões verdadeiras). Com isso foram formados sete testes, cada um contendo quinze questões (cinco de cada uma das três atitudes anteriormente atribuídas pelo pesquisador).

²⁸ Como esse teste foi feito após a nova classificação das questões, cada tipo de questão teve, no máximo, a partir do nosso *corpus*, cinco atitudes possíveis. Nas questões alternativas, só tínhamos as atitudes neutra, interesse e dúvida; nas questões parciais, crítica, dúvida, interesse, neutro e provocação; nas questões totais pedidos de confirmação, indução, dúvida, incredulidade e interesse; nas questões totais verdadeiras (propriamente ditas), dúvida, incredulidade, interesse, neutra e provocação.

O ideal, nesse novo teste, seria apresentar, para os juízes, o contexto em que tais frases foram proferidas, porque, segundo Schröder, Heylen & Poggi (2006), a percepção do estado afetivo é completamente diferente quando o teste perceptivo é feito dentro de um contexto ou com frases isoladas. Mas os dados que tínhamos não possibilitaram incluir o contexto, porque seria necessário, para mostrar ao contexto, passar, aos juízes, um tempo muito grande de fala, a fim de retomar o turno anterior ao da pergunta (a duração desses turnos é bastante variada, mas falamos, em média, de uns três minutos de contexto para situar cada pergunta). Isso faria com que o teste durasse muito tempo, o que não seria aconselhável, pois a atenção de quem julga as frases pode diminuir depois de muito tempo fazendo o teste.

Para responder ao novo teste formulado, dois grupos de juízes foram formados: um de alunos do Curso de Letras (cursando o quarto ou o sexto período) e um de pesquisadores do Laboratório de Fonética da UFMG. A justificativa para a escolha de dois grupos diferentes se faz a partir do momento que queríamos comparar a opinião do pesquisador (com experiência e treino em fonética) com a opinião do grupo de alunos (sem treino em fonética) e com a opinião de outros pesquisadores (foneticamente treinados). Oito alunos e três pesquisadores em fonética responderam, inicialmente, aos sete testes propostos. Depois de fazermos o teste com oito alunos, verificamos que seria bom aumentar o número de juízes para esclarecer algumas atitudes que ainda estavam confusas após a tabulação de dados.²⁹ Separamos, pois, três testes, um com questões totais, outro com pedidos de confirmação e outro com questões parciais e aplicamos a mais 22 juízes (cursando o 4º período de Letras). Os outros três testes, referindo-se às demais questões totais, pedidos de confirmação ou questões parciais foram aplicados a mais 16 juízes (cursando o 5º período de Letras).³⁰

Os testes foram aplicados em ordens diferentes, a fim de que um possível nervosismo inicial dos juízes não prejudicasse sempre as respostas dadas para o primeiro teste. Assim, para cada juiz, uma ordem diferente dos testes foi apresentada. Cada um dos testes será descrito em seguida com os quadros resumos das respostas dos alunos (os oito iniciais), dos pesquisadores

²⁹ No momento de fazermos os testes com os demais alunos, decidimos excluir os testes de percepção com sentenças alternativas. Estas eram muito poucas e não foram bem identificadas, conforme pode ser visto nos resultados apresentados. Assim, ao tomarmos mais juízes para o teste, não repetimos o teste das questões alternativas.

³⁰ Como julgamos que os juízes poderiam gastar muito tempo para responder a todos os testes e isso poderia influenciar nos resultados, decidimos dividir os testes e fazer a metade com cada grupo de alunos. Como os alunos foram agrupados por período do Curso em que estavam, o número total de respostas foi diferente. Os alunos do 5º período que responderam ao teste foram 16, enquanto os do 4º período foram 22.

(três membros do Laboratório de Fonética) e dos demais alunos (16 ou 22, dependendo do teste). Lembramos que o número total de respostas é sempre o número de juízes (entre parênteses, após cada tabela) multiplicado por cinco, porque tínhamos sempre cinco questões com cada atitude.

Os testes foram aplicados em seqüência, sem intervalos, e tiveram a duração (para o conjunto de testes aplicados) entre 5 minutos (para os juízes que responderam mais rápido) e dez minutos (para os juízes que responderam mais devagar). As instruções dadas no início foram de que seriam ouvidas perguntas, com diferentes atitudes, e que os juízes deveriam marcar, para cada questão ouvida, uma das atitudes que se encontravam nas opções, sendo a que julgavam que melhor se enquadrava à pergunta ouvida. Uma descrição, em conjunto com os resultados de cada teste, é apresentada a seguir.

TESTE 1 - Questões alternativas

Foram selecionadas quinze questões alternativas, divididas em grupos de cinco, com as atitudes *Dúvida*, *Interesse* e *Neutra*. O teste foi realizado através do software *Praat*[®], no qual foi lançado um *script* que passava as frases em ordem aleatória (uma ordem diferente para cada juiz) e possibilitava a escolha de uma das três atitudes envolvidas no teste. Cada sentença era tocada apenas uma vez (caso fosse tocada mais vezes, o juiz poderia se ater mais ao nível segmental da sentença como pista da atitude que ao nível prosódico) e a escolha era feita. Como resultados temos:

Tabela 5- Resultados para Teste 1 – alunos

Resp juiz Rót pesq.	Neutro	Interesse	Dúvida
Neutro	5	19	16
Interesse	8	9	23
Dúvida	2	17	21

Alunos do Curso (8)

Tabela 6- Resultados para Teste 1 – pesquisadores

Resp juiz Rót pesq.	Neutro	Interesse	Dúvida
Neutro	3	5	7
Interesse	0	8	7
Dúvida	0	6	9

Pesquisadores (3)

TESTE 2 - Questões parciais - primeiro grupo

Foram selecionadas quinze questões parciais, divididas em grupos de cinco, com as atitudes *Dúvida*, *Interesse* e *Neutra*. O teste foi realizado da mesma forma que o primeiro, acima descrito. Como resultados temos:

Tabela 7- Resultados para Teste 2 – alunos

Resp juiz Rót pesq.	Neutro	Interesse	Dúvida
Neutro	9	18	13
Interesse	5	23	12
Dúvida	8	15	17

Alunos do Curso (8)

Tabela 8- Resultados para Teste 2 – pesquisadores

Resp juiz Rót pesq.	Neutro	Interesse	Dúvida
Neutro	13	0	2
Interesse	4	9	2
Dúvida	1	6	8

Pesquisadores (3)

Tabela 9- Resultados para Teste 2 – Demais alunos

Resp juiz Rót pesq.	Neutro	Interesse	Dúvida
Neutro	47	32	31
Interesse	25	49	36
Dúvida	26	39	45

Demais alunos do curso (22)

TESTE 3 - Questões parciais - segundo grupo

Foram selecionadas mais dez questões parciais, divididas em grupos de cinco, com as atitudes *Desafio* e *Crítica*. A fim de manter o mesmo padrão dos testes aplicados anteriormente, as cinco sentenças *neutras* selecionadas para o primeiro grupo de Questões Parciais foram repetidas neste teste, totalizando 15 questões e permitindo a escolha forçada entre três opções. O rótulo “*neutra*” foi trocado nas opções de resposta oferecidas pelo rótulo “*nenhuma*”. Isso foi feito a fim de verificar se o *neutro* pode ser identificado com a ausência de uma atitude, opondo-se assim ao atitudinal. O teste foi realizado através do software Praat[®], da mesma forma que os primeiros, acima descritos. Como resultados temos:

Tabela 10- Resultados para Teste 3 – alunos

Resp juiz Rót pesq.	Provocação	Nenhuma	Crítica
Provocação	9	11	13
Neutro	7	21	6
Crítica	9	7	20

Alunos do Curso (8)³¹**Tabela 11-** Resultados para Teste 3 – pesquisadores

Resp juiz Rót pesq.	Provocação	Nenhuma	Crítica
Provocação	7	7	1
Neutro	3	12	0
Crítica	4	1	10

Pesquisadores (3)

Tabela 12- Resultados para Teste 3 – Demais alunos

Resp juiz Rót pesq.	Provocação	Nenhuma	Crítica
Provocação	37	19	24
Neutro	26	35	19
Crítica	30	13	37

Demais alunos do curso (16)

TESTE 4 - Questões totais - Pedidos de Confirmação - primeiro grupo

Foram selecionadas quinze questões totais, classificadas como Pedidos de Confirmação, e divididas em grupos de cinco, com as atitudes *Indução*, *Interesse* e *Neutra*. O teste foi realizado seguindo os mesmos procedimentos dos demais. Como resultados temos:

Tabela 13- Resultados para Teste 4 – alunos

Resp juiz Rót pesq.	Indutiva	Interesse	Neutro
Indutiva	21	6	13
Interesse	15	19	6
Neutro	28	6	6

Alunos do Curso (8)

Tabela 14- Resultados para Teste 4 – pesquisadores

Resp juiz Rót pesq.	Indutiva	Interesse	Neutro
Indutiva	10	1	4
Interesse	4	9	2
Neutro	7	2	6

Pesquisadores (3)

³¹ Neste teste, devido a um problema com o *software*, o número total de questões analisadas não foi de 45, mas sim de 33 para QPs com a atitude *Desafio*, 34 para QPs com atitude *Neutra* e 36 QPs com *Crítica*.

Tabela 15- Resultados para Teste 4 – Demais alunos

Resp juiz Rót pesq.	Indutiva	Interesse	Neutro
Indutiva	44	18	18
Interesse	25	39	16
Neutro	52	12	16

Demais alunos do curso (16)

TESTE 5 - Questões totais - Pedidos de Confirmação - segundo grupo

Foram selecionadas mais dez questões totais, pedidos de confirmação, divididas em grupos de cinco, com as atitudes *Dúvida* e *Incredulidade*. A fim de manter o mesmo padrão dos testes aplicados anteriormente, as cinco sentenças *neutras* selecionadas para o primeiro grupo de questões totais (pedidos de confirmação) foram repetidas neste teste, totalizando 15 questões e permitindo a escolha forçada entre três opções. O rótulo “*Neutra*” foi trocado nas opções de resposta oferecidas pelo rótulo “*Nenhuma*”. O teste foi realizado do mesmo modo dos anteriores. Como resultados temos:

Tabela 16- Resultados para Teste 5 – alunos

Resp juiz Rót pesq.	Nenhuma	Incredulidade	Dúvida
Neutro	14	13	13
Incredul.	4	16	20
Dúvida	11	12	17

Alunos do Curso (8)

Tabela 17- Resultados para Teste 5 – pesquisadores

Resp juiz Rót pesq.	Nenhuma	Incredulidade	Dúvida
Neutro	9	0	6
Incredul.	1	8	6
Dúvida	5	0	10

Pesquisadores (3)

Tabela 18- Resultados para Teste 5 – Demais alunos

Resp juiz Rót pesq.	Nenhuma	Incredulidade	Dúvida
Neutro	48	31	31
Incredul.	23	55	32
Dúvida	37	23	50

Demais alunos do curso (22)

TESTE 6 - Questões totais - verdadeiras - primeiro grupo

Foram selecionadas quinze questões totais (verdadeiras), divididas em grupos de cinco, com as atitudes *Dúvida*, *Interesse* e *Neutra*. O teste foi realizado conforme os anteriores. Como resultados temos:

Tabela 19- Resultados para Teste 6 – alunos

Resp juiz Rót pesq.	Interesse	Neutro	Dúvida
Interesse	15	7	18
Neutro	17	7	16
Dúvida	14	9	17

Alunos do Curso (8)

Tabela 20- Resultados para Teste 6 – pesquisadores

Resp juiz Rót pesq.	Interesse	Neutro	Dúvida
Interesse	10	1	4
Neutro	6	5	4
Dúvida	4	5	6

Pesquisadores (22)

Tabela 21- Resultados para Teste 6 – Demais alunos

Resp juiz Rót pesq.	Interesse	Neutro	Dúvida
Interesse	31	16	33
Neutro	34	14	32
Dúvida	22	15	43

Demais alunos do curso (16)

TESTE 7 - Questões totais - verdadeiras - segundo grupo

Foram selecionadas mais dez questões totais, divididas em grupos de cinco, com as atitudes *Provocação* e *Incredulidade*. A fim de manter o mesmo padrão dos testes aplicados anteriormente, as cinco sentenças *neutras* selecionadas para o primeiro grupo de questões totais (verdadeiras) foram repetidas neste teste, totalizando 15 questões e permitindo a escolha forçada entre três opções. O rótulo “*Neutra*” foi trocado nas opções de resposta oferecidas pelo rótulo “*Nenhuma*”. O teste foi realizado do mesmo modo dos anteriores. Como resultados temos:

Tabela 22- Resultados para Teste 7 – alunos

Resp juiz Rót pesq.	Nenhuma	Provoca- ção	Incredu- lidade
Neutro	26	7	7
Provoc.	14	23	3
Incredul.	10	13	17

Alunos do Curso (8)

Tabela 23- Resultados para Teste 7 – pesquisadores

Resp juiz Rót pesq.	Nenhuma	Provoca- ção	Incredu- lidade
Neutro	11	4	0
Provoc.	2	13	0
Incredul.	5	4	6

Pesquisadores (3)

Tabela 24- Resultados para Teste 7 – Demais alunos

Resp juiz Rót pesq.	Nenhuma	Provocação	Incredu- lidade
Neutro	55	32	23
Provoc.	24	63	23
Incredul.	29	39	42

Demais alunos do curso (22)

2.2.1.3.1- Conclusões sobre o novo teste

Levando-se em consideração as condições experimentais do teste (comparar, fora de contexto, frases tão desiguais, que às vezes foram cortadas na última sílaba, como dito anteriormente, devido ao início da resposta se sobrepôr a esta), julgamos que os resultados obtidos foram satisfatórios. Conforme nos lembram Grimm, Kroschel & Narayanan (2006), muitos estudos levam em consideração apenas as diferenças do falante na hora de expressar as atitudes, mas esquecem-se de que o ouvinte também tem diferenças de interpretação, e isso torna-se uma complicação para os testes de percepção que objetivam reconhecer atitudes, pois ouvintes diferentes podem utilizar (e geralmente o fazem) pistas prosódicas distintas para reconhecer atitudes diferentes. Se levarmos em consideração ainda mais esse fator, vemos que os resultados obtidos foram, na realidade muito bons.

O reconhecimento das atitudes nos testes foi satisfatório, com exceção de dois casos, que discutimos a seguir:

- no teste 4, a maior parte das questões às quais atribuímos o rótulo *neutro* foram julgadas pelos juízes como questões *indutivas*. Como a separação entre tais enunciados é difícil, uma vez que a maioria dos pedidos de confirmação dá,

realmente, a idéia de apenas pedir uma confirmação, ou seja, o alocutário deve concordar com o locutor, optamos por reunir tanto as questões para as quais tínhamos dado o rótulo *indutiva*, quanto para as que tínhamos rotulado de *neutras*, o nome de *indutivas*. Assim, todas foram analisadas do mesmo modo;

- No teste 6, o *neutro* não foi bem reconhecido, quando comparado à *dúvida* e ao *interesse*. Optamos por manter o rótulo *neutro* porque, no teste 7, em que as sentenças *neutras* foram as mesmas utilizadas no teste 6, houve um reconhecimento muito bom dessa atitude, não pondo portanto em dúvida a classificação inicialmente feita.

Pelas razões acima apresentadas, os rótulos utilizados neste trabalho são *neutro*, *crítica*, *dúvida*, *incredulidade*, *indução*, *interesse* e *provocação*. Tendo, pois, confirmado os rótulos atitudinais atribuídos, (com exceção do *neutro*, nos pedidos de confirmação, que foi trocado para *indutivo*), foi possível passar à análise acústica dos dados, que descrevemos a seguir.

2.3- Análise Acústica

De posse da descrição lingüística das sentenças, da separação das mesmas em grupos, bem como de um rótulo de atitude para cada uma delas, procedeu-se a análise acústica dos dados. As questões foram analisadas acusticamente no software *Praat*[®], versão 4.5.14.

Para cada uma das questões, foi feita uma Grade de Texto (*TextGrid*) com oito tiras (*tiers*): a primeira continha o texto da frase, ortograficamente representado; a segunda apresentava as sílabas, segmentadas e transcritas foneticamente; a terceira tira trazia as mesmas sílabas da segunda, com a marcação de quais dentre elas eram tônicas. A quarta tira apresentava os movimentos melódicos, todos os que constavam da frase. Na quinta tira aparece o número de unidades entonativas presentes na frase. A sexta tira traz o tom da pergunta: nela marcamos o movimento melódico responsável pela expressão da modalidade interrogativa das frases. Na sétima tira aparece o rótulo dado para a atitude que julgamos estar presente na sentença analisada. A oitava e última tira traz os valores de F_0 do início e fim dos movimentos melódicos da frase. Um exemplo dessa segmentação e análise pode ser visto abaixo:

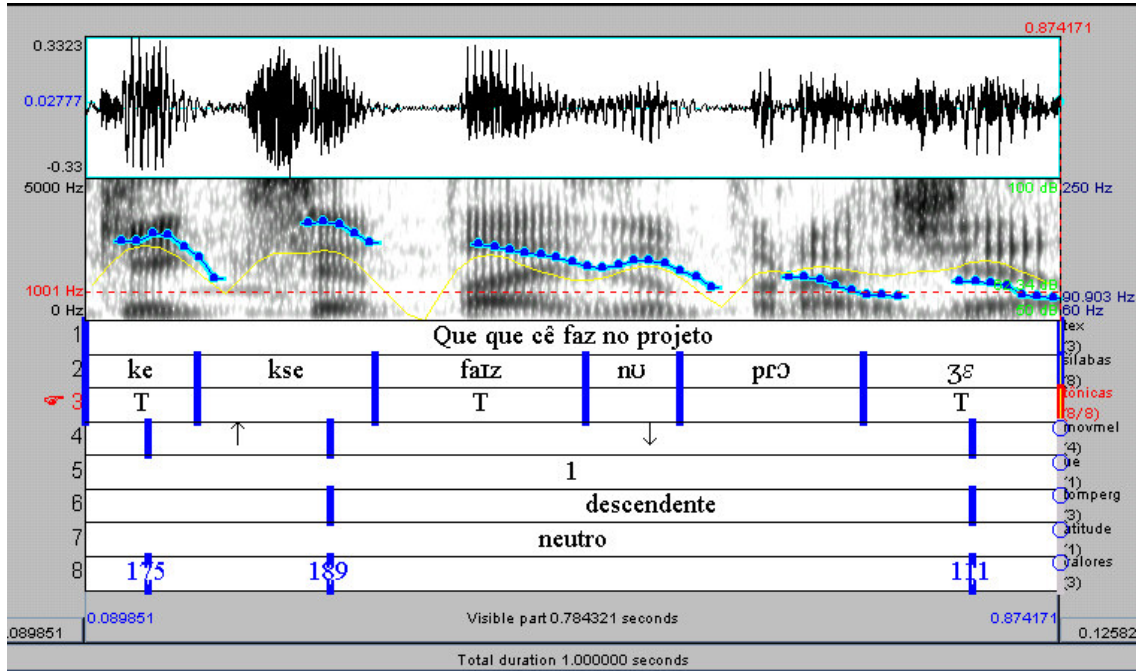


Figura 25 – Exemplo de segmentação e análise – [08p45 – loc 1].
Oscilograma, espectrograma, curva de F_0 (em azul) e de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

Após fazer a segmentação e anotação nas Grades de Texto para cada uma das questões analisadas, foram feitas as medidas que descrevemos nas seções seguintes.

2.3.1- Medidas de frequência fundamental

De acordo com o que se encontra descrito na literatura sobre a prosódia expressiva, a F_0 é o parâmetro que se correlaciona de forma mais consistente com a expressão dos estados afetivos do falante; por isso vemos que a análise deste parâmetro é, às vezes, a única feita em trabalhos que lidam com a expressividade. Em nosso trabalho, optamos por uma análise pluriparamétrica da prosódia, mas sem *dúvida* o parâmetro de F_0 será mais estudado que os demais. Assim, retomando as medidas descritas como importantes no estudo da prosódia expressiva, trabalhamos com os valores de F_0 que definem a curva melódica (inicial, final, máximo e mínimo, ao qual acrescentamos o valor da primeira sílaba tônica do enunciado, que é geralmente mais alto que o ponto inicial caso a sílaba inicial da frase não seja tônica); valores da F_0 nos movimentos melódicos (os pontos-chave das mudanças de F_0 , valor inicial e

final de cada movimento melódico apresentado na frase), a tessitura utilizada pelo locutor, por frase (a diferença entre o valor máximo e o valor mínimo de F_0), quanto variou a F_0 no(s) principal(is) movimento(s) que marca(m) a interrogatividade da frase (em termos absolutos, dado em Hertz, e relativos, dado em oitavas) que, segundo a literatura revisada, são um movimento ascendente e um descendente para a questão alternativa, um movimento descendente para a questão parcial e um movimento ascendente final para a questão total.

Dessa forma, os seguintes valores foram obtidos:

Para questões alternativas:

- 1) valor dos pontos de F_0 da curva melódica: inicial, final, na 1ª sílaba tônica, máximo e mínimo;
- 2) valor da tessitura utilizado na frase (valor máximo de F_0 menos valor mínimo);
- 3) valor inicial e final do movimento melódico ascendente que aparece na 1ª parte da coordenação, bem como a variação total de F_0 neste movimento ($\Delta F_0 =$ valor final do movimento melódico ascendente menos valor inicial);
- 4) tempo inicial e final do movimento de F_0 na 1ª parte da coordenação, bem como variação total de tempo sobre este movimento ($\Delta t =$ tempo final menos tempo inicial do movimento)³²;
- 5) valor inicial e final do movimento melódico descendente que aparece na 2ª parte da coordenação, bem como a variação total de F_0 neste movimento ($\Delta F_0 =$ valor inicial do movimento melódico descendente menos valor final);
- 6) tempo inicial e final do movimento de F_0 na 2ª parte da coordenação, bem como variação total de tempo sobre este movimento ($\Delta t =$ tempo final menos tempo inicial do movimento);
- 7) taxa de variação de F_0 no movimento ascendente (valor da divisão entre a variação total de F_0 em Hz e o valor total de tempo do movimento melódico em milissegundos – $\Delta F_0 / \Delta t$);
- 8) variação total de F_0 do movimento melódico ascendente em termos relativos (expressa em oitavas, obtida através da fórmula $\log_2 [\text{valor final}/\text{valor inicial}]$);

³² Apesar de este ser um valor de duração, e não de F_0 , optamos por incluí-lo aqui por se tratar de um valor utilizado para calcular a taxa de variação melódica, tratando-se então da interação entre F_0 e duração.

- 9) taxa de variação de F_0 no movimento descendente (valor da divisão entre a variação total de F_0 em Hz e o valor total de tempo do movimento melódico em milissegundos – $\Delta F_0 / \Delta t$)
- 10) variação total de F_0 do movimento melódico descendente em termos relativos (expressa em oitavas, obtida através da fórmula $\log_2.[valor\ inicial/valor\ final]$).

Para questões parciais:

- 1) valor dos pontos de F_0 da curva melódica: inicial, final, na 1ª sílaba tônica, máximo e mínimo;
- 2) valor da tessitura utilizado na frase (valor máximo de F_0 menos valor mínimo);
- 3) valor inicial e final do movimento melódico descendente, bem como a variação total de F_0 neste movimento ($\Delta F_0 =$ valor inicial do movimento melódico descendente menos valor final);
- 4) tempo inicial e final do movimento descendente, bem como variação total de tempo sobre este movimento ($\Delta t =$ tempo final menos tempo inicial do movimento);
- 5) taxa de variação de F_0 no movimento descendente (valor da divisão entre a variação total de F_0 em Hz e o valor total de tempo do movimento melódico em milissegundos – $\Delta F_0 / \Delta t$);
- 6) variação total de F_0 do movimento melódico descendente em termos relativos (expressa em oitavas, obtida através da fórmula $\log_2.[valor\ inicial/valor\ final]$).

Para questões totais:

- 1) valor dos pontos de F_0 da curva melódica: inicial, final, na 1ª sílaba tônica, máximo e mínimo
- 2) valor da tessitura utilizado na frase (valor máximo de F_0 menos valor mínimo);
- 3) valor inicial e final do movimento melódico descendente³³ pretônico, bem como a variação total de F_0 neste movimento ($\Delta F_0 =$ valor inicial do movimento melódico descendente menos valor final);

³³ Apesar de, na literatura, encontramos que o movimento melódico mais importante na questão total é o ascendente final, optamos por incluir, neste trabalho, as medidas feitas para o movimento descendente inicial, presente em praticamente todas as questões totais, que se inicia na primeira sílaba tônica do enunciado e termina na sílaba anterior à tônica nuclear do enunciado. Consideramos importante esse movimento descendente (que

- 4) tempo inicial e final do movimento descendente pretônico, bem como variação total de tempo sobre este movimento ($\Delta t = \text{tempo final} - \text{tempo inicial}$ do movimento);
- 5) valor inicial e final do movimento melódico ascendente tônico, bem como a variação total de F_0 neste movimento ($\Delta F_0 = \text{valor final do movimento melódico ascendente} - \text{valor inicial}$);
- 6) tempo inicial e final do movimento ascendente tônico, bem como variação total de tempo sobre este movimento ($\Delta t = \text{tempo final} - \text{tempo inicial}$ do movimento);
- 7) taxa de variação de F_0 no movimento descendente (valor da divisão entre a variação total de F_0 em Hz e o valor total de tempo do movimento melódico em milissegundos – $\Delta F_0 / \Delta t$);
- 8) variação total de F_0 do movimento melódico descendente em termos relativos (expressa em oitavas, obtida através da fórmula $\log_2[\text{valor inicial}/\text{valor final}]$);
- 9) taxa de variação de F_0 no movimento ascendente (valor da divisão entre a variação total de F_0 em Hz e o valor total de tempo do movimento melódico em milissegundos – $\Delta F_0 / \Delta t$);
- 10) variação total de F_0 do movimento melódico ascendente em termos relativos (expressa em oitavas, obtida através da fórmula $\log_2[\text{valor final}/\text{valor inicial}]$).

2.3.2- Medidas de intensidade

Apesar de adotarmos uma análise pluriparamétrica da entonação e de sabermos o papel da intensidade na expressão de atitudes/ emoções, para proceder a um estudo confiável da intensidade teríamos que controlar vários aspectos na aquisição dos dados, entre eles a distância do microfone em relação à boca do locutor. Como nossos dados foram coletados a partir de programas de entrevista televisionados, não foi possível controlar nenhum dos fatores importantes para permitir um estudo confiável da intensidade. Dessa forma, optamos por não utilizar os dados deste parâmetro.

chamamos de descendente pretônico) porque é no fim dele que a sílaba APT atinge o valor baixo, que será o valor inicial do movimento ascendente final.

2.3.3- Medidas de duração

Alguns autores têm encontrado resultados importantes mostrando que o parâmetro da duração está bastante ligado à expressão de algumas atitudes. Fala-se na duração das tônicas, das átonas, da tônica nuclear e também na velocidade de fala (ou nas taxas de elocução e articulação).

2.3.3.1- Duração de sílabas

Neste estudo analisaremos a duração (em ms) das sílabas tônica nuclear (TN) e átona pretônica (APT, anterior à tônica nuclear), a fim de verificar se existem diferenças para a duração destas sílabas nas diversas atitudes.

2.3.3.2- Pausas

Em cada questão estudada, observamos se havia pausas, onde estavam localizadas e qual a sua duração (em ms).

2.3.3.3- Tempo médio por sílaba

A partir da medida de duração total do enunciado (incluindo ou não as pausas) e do número de sílabas de cada enunciado, será calculado o valor de tempo médio de cada sílaba. Quando a divisão for feita através do valor total de duração do enunciado (incluindo valor de pausas) pelo número de sílabas, chamaremos o resultado de Tempo Médio por Sílaba (com pausas). Quando a divisão for feita através do valor total de duração do enunciado (excluindo valor de pausas) pelo número de sílabas, chamaremos o resultado de Tempo Médio por Sílaba (sem pausas).

2.3.3.4- Duração dos movimentos melódicos

Também é considerada como um fator importante para a expressão das atitudes a taxa de variação melódica. Essa taxa é calculada pela amplitude de variação melódica dividida pela duração total do movimento. Assim, a duração dos movimentos melódicos presentes nas questões analisadas será medida, a fim de observar tais taxas de variação, observando se elas são diferentes na expressão das diversas atitudes estudadas e de que forma isso ocorre.

2.4- Análise Estatística

De posse das medidas realizadas, os resultados foram digitados em planilhas do programa Excel. Para cada grupo de questões, foi criada uma planilha, uma vez que a análise das questões alternativas, das questões totais e das questões parciais apresenta diferenças de um tipo de questão para outro. Descrevemos, a seguir, o que foi feito para cada tipo de questões.

Para as **questões alternativas, análise de frequência fundamental**, foi criada uma planilha que trazia os valores de F_0 medidos, acima discriminados (item 2.3.1 deste capítulo). Nessa planilha constava também o número de unidades entonativas de que se compunha a questão. Em relação às pausas, foi anotado se havia pausas, qual sua duração e localização. Outras informações relevantes, tais como presença de negação, modalizadores, entre outros, foram também acrescentadas. Cada questão recebia ao final um tipo, que consistia em dizer se ela era retórica, pedido de confirmação ou questão verdadeira, acrescido da atitude que analisamos estar presente em cada frase.

A partir dessa planilha procedeu-se aos seguintes cálculos:

- 1) valor médio e desvio padrão para pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e primeira tônica), em grupos separados pela atitude, ou seja, cada atitude recebeu um valor de média e desvio padrão, para cada uma dessas medidas, a fim de posteriormente a compararmos com as demais atitudes;
- 2) valor médio e desvio padrão dos valores de F_0 e duração relacionados ao movimento ascendente de F_0 da 1ª parte da coordenação, em grupos separados pela atitude;

- 3) valor médio e desvio padrão dos valores de F_0 e duração relacionados ao movimento descendente de F_0 da 2ª parte da coordenação, em grupos separados pela atitude;
- 4) valor médio e desvio padrão da taxa de variação dos movimentos melódicos, em grupos separados pela atitude;
- 5) valor médio e desvio padrão da variação melódica relativa (em oitavas), em grupos separados pela atitude;
- 6) teste t de Student, a fim de verificar quais, dentre tais medidas, são significativamente distintas, com Intervalo de Confiança (IC) 95%, a fim de diferenciar os grupos de atitudes anteriormente separados³⁴. O teste t foi feito de forma a comparar cada atitude com as demais, por pares. (Ex: neutro comparado à dúvida, neutro comparado ao interesse e dúvida comparada ao interesse.)

Esses cálculos estatísticos foram feitos no próprio software Excel[®], utilizando para tal as funções de média, desvio padrão e teste t que constam no programa. Tais cálculos foram feitos para cada um dos locutores, uma vez que a faixa de F_0 de cada locutor é diferente da dos demais.

A fim de generalizarmos os resultados, fizemos novamente os cálculos acima descritos, mas dessa vez agrupando os dados todos os locutores. Levamos em consideração, para proceder a tal cálculo, que os locutores apresentam valores de F_0 diferentes; assim, na hora de compararmos as médias, a fim de verificar se elas eram significativamente diferentes, ao invés do teste t, utilizamos a Anova MGL (Modelo Linear Generalizado), pois tal método utiliza a estatística com blocos, que visa a separar os efeitos provocados por uma variável interveniente que conhecemos, no caso, os locutores. O cálculo da Anova MGL foi feito através do software estatístico Minitab[®]. Tal teste estatístico é descrito como “*apropriado quando o efeito de um fator está sendo estudado e é necessário controlar a variabilidade provocada por fatores perturbadores conhecidos. Estes fatores perturbadores são divididos em blocos ou grupos homogêneos*”. (WERKEMA & AGUIAR, 1996, p. 41) Ao dar, por exemplo, o valor inicial de F_0 na atitude *dúvida*, temos valores distintos, mas que formam blocos para cada locutor. O que nos interessa, no entanto, não é a variabilidade provocada pelo locutor, e sim a variabilidade provocada pela atitude *dúvida*. Quando realizamos a Anova MGL, o que fizemos foi dizer que cada locutor constituía um bloco distinto, e pedimos que

³⁴ O número de dados para cada uma das atitudes era diferente, o que nos fez utilizar um teste t de comparação entre grupos bi-caudal, não pareado, e indicando que se tratava de variância desigual entre duas amostras.

fossem analisadas as medidas em relação às atitudes, se eram significativamente distintas ou não. Desse modo, o cálculo feito procurou minimizar ou anular o efeito do locutor nas medidas, a fim de comparar somente as atitudes. Essa foi a forma que encontramos para separar os dados de forma que pudéssemos juntar os locutores, apesar de suas medidas de F_0 serem diferentes.³⁵

Para as **questões alternativas, análise de duração**, fizemos uma planilha com a duração total do enunciado (incluindo pausas), a duração total das pausas, a duração do enunciado sem pausas, o número de sílabas do enunciado, o tempo médio por sílaba (com e sem pausas), a duração da sílaba tônica nuclear e a duração da sílaba átona pré-tônica anterior à tônica nuclear. Ressalve-se que a presença/duração de pausas (internas às questões) não aconteceu de forma sistemática, o que nos levou a não apresentarmos medidas separadas de pausa neste trabalho.

Através dessa planilha, calculamos:

- 1) valores médios e desvio padrão do tempo médio por sílaba (com ou sem pausas), da duração da tônica nuclear e da duração da átona pré-tônica em grupos separados pela atitude, ou seja, cada atitude recebeu um valor de média e desvio padrão, para cada uma dessas medidas, a fim de posteriormente a compararmos com as demais atitudes;
- 2) teste t, para verificarmos quais das médias obtidas anteriormente eram significativamente distintas (IC = 95%) das demais, podendo assim comparar as atitudes entre elas.

Para tais cálculos, utilizamos o software Excel[®], através das funções média, desvio padrão e teste t. Os cálculos foram feitos para cada locutor.

Para generalização dos resultados, agrupamos, novamente, valores de dados de todos os locutores, e refizemos os cálculos acima descritos. Para minimizar os efeitos da variável locutor, utilizamos o procedimento da Anova MGL, acima descrito, através do software Minitab[®].

³⁵ Muitos estudos calculam o *z-score* para cada indivíduo a fim de demonstrar essa variabilidade. Não utilizamos o *z-score* nesse trabalho porque ele só diz se os locutores apresentam medidas diferentes e quão diferentes elas são, mas não fornece um meio de normalizar tais medidas a fim de que possam ser comparadas.

Para as **questões parciais, medidas de F_0** , foi criada uma planilha em que, além dos valores de pontos e movimentos de F_0 , constavam também o número de unidades entonativas da frase; se ela apresentava pausas (informando seu tamanho e localização); se havia outros movimentos melódicos na questão; se existiam modalizadores ou negação. Cada questão recebeu ao final um tipo, que consistia em dizer se ela era retórica, pedido de confirmação ou questão verdadeira, acrescido da atitude que analisamos estar presente em cada frase.

A partir dessa planilha procedeu-se aos seguintes cálculos:

- 1) valor médio e desvio padrão para pontos de F_0 (inicial, final, máximo, mínimo e primeira tônica), em grupos separados pela atitude, ou seja, cada atitude recebeu um valor de média e desvio padrão, para cada uma dessas medidas, a fim de posteriormente a compararmos com as demais atitudes;
- 2) valor médio e desvio padrão das medidas referentes ao movimento descendente de F_0 , em grupos ordenados pela atitude;
- 3) valor médio e desvio padrão da taxa de variação dos movimentos melódicos, em grupos separados pela atitude;
- 4) valor médio e desvio padrão da variação melódica relativa (em oitavas), em grupos separados pela atitude;
- 5) teste t de Student a fim de verificar quais, dentre tais medidas, são significativas, com Intervalo de Confiança 95%, para diferenciar os grupos de atitudes anteriormente separados.

Do mesmo modo que para as questões alternativas, os cálculos por locutor foram feitos no Excel[®], através dos mesmos procedimentos acima descritos.

O agrupamento das medidas dos dados de todos os locutores também foi feita e os cálculos de 1 a 5 acima listados foram refeitos no software Minitab[®], utilizando a Anova MGL, no lugar do teste t, para comparar os dados.

Para as **medidas de duração das questões parciais**, os procedimentos são idênticos aos descritos para questões alternativas, por isso não os repetiremos. Lembramos que foram

calculados média e desvio padrão, bem como valor de p através do teste t , para o tempo médio por sílaba (com ou sem pausas) e para a duração das sílabas TN e APT, por locutor e para o conjunto de locutores.

Para as **questões totais, medidas de F_0** , a planilha para análise constava de valores de pontos e movimentos de F_0 . Em seguida aparecem os seguintes dados: o número de unidades entonativas de cada frase analisada, se o valor mais alto de F_0 encontrava-se na primeira tônica da frase ou no final do movimento ascendente da tônica nuclear, se havia pausas (dando sua duração e localização), se havia outros movimentos melódicos dentro da frase, se estavam presentes modalizadores e/ou negação. Foi também anotado se havia marcadores conversacionais de confirmação ao final das frases; se estes eram encontrados, foi descrita sua variação melódica (diferença entre o ponto final e o ponto inicial de F_0 nestes marcadores, que apresentam movimento melódico ascendente) e sua duração. Ao final da planilha, foram atribuídos os tipos para cada questão, dividindo-as em retóricas, pedidos de confirmação ou verdadeiras, e colocando nelas o rótulo de atitude que julgamos estar presente.

A partir desta planilha foram feitos os cálculos a seguir:

- 1) média e desvio padrão dos pontos de F_0 medidos (inicial, final, máximo, mínimo e valor da primeira tônica), em grupos separados pela atitude, ou seja, cada atitude recebeu uma valor de média e desvio padrão, para cada uma dessas medidas, a fim de posteriormente a compararmos com as demais atitudes;
- 2) média e desvio padrão de todas as medidas relacionadas aos movimentos encontrados nas questões totais, em grupos separados pela atitude. Aqui, lembramos que foram calculados tais valores para o movimento descendente pretônico e para o movimento ascendente tônico;
- 3) média e desvio padrão das taxas de variação melódica dos movimentos descendente pretônico e ascendente tônico das questões totais, em grupos separados pela atitude;
- 4) média e desvio padrão da variação melódica relativa (expressa em oitavas) dos movimentos descendente pré-tônico e ascendente tônico das questões totais, em grupos separados pela atitude;

5) teste t de Student para verificar a significância das médias que são significativamente diferentes nos diversos tipos de questão (grupos anteriormente separados por atitudes) e concluir quais são as medidas importantes para caracterizar as atitudes.

Do mesmo modo que para as questões anteriores, os cálculos por locutor foram feitos no Excel[®], através dos mesmos procedimentos acima descritos.

Após agrupamento das medidas dos dados de todos os locutores os cálculos de 1 a 5 acima listados foram refeitos no software Minitab[®], utilizando a Anova MGL, em lugar do teste t, para comparar os dados.

Para as **medidas de duração das questões totais**, os procedimentos são idênticos aos descritos para questões alternativas e parciais, por isso não os repetiremos.

CAPÍTULO 5

RESULTADOS

*“Qual é a resposta
Me diga, então
Qual é a pergunta?
Se eu não disser nada
Como é que eu vou saber”*

Péricles Cavalcanti (1994)

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise prosódica feita para as questões alternativas (verdadeiras), parciais (retóricas e verdadeiras) e totais (retóricas, pedidos de confirmação e verdadeiras) em relação às atitudes: *neutra*, *interesse*, *dúvida*, *crítica*, *indutiva*³⁶, *provocação* e *incredulidade*.

Apresentaremos os resultados por tipo de questão, primeiro por locutor (nas tabelas não figuram todos os locutores, porque nem todos produziram todos os tipos de frases com todas as atitudes que estudamos, assim, ao apresentar resultados por locutor, apresentaremos, na primeira coluna da tabela, o locutor; na segunda, os tipos de frase por ele produzidos), em seguida pelo agrupamento de todos os locutores. As medidas de F_0 e de duração encontram-se separadas, também por locutor e pelo agrupamento de todos os locutores.

³⁶ Aqui utilizamos o termo indutiva, seguindo BOLINGER, 1957 e COUPER-KUHLEN, 1986, mas poderiam ter sido utilizados, ainda, os termos persuasiva ou condutiva, que dão também a idéia da intenção do locutor de induzir (ou conduzir) o alocutário a uma resposta específica.

1- Questões alternativas

Nos dados que foram analisados, não obtivemos grande quantidade de questões alternativas. Talvez pelo nível de especificidade, as questões alternativas (doravante QAs) não são muito utilizadas nos programas de entrevistas. Vemos poucos trabalhos sobre QAs na literatura prosódica (em relação às questões totais e parciais), o que pode demonstrar que na verdade tais enunciados têm um nível de ocorrência menor que os demais enunciados interrogativos. Alguns trabalhos específicos sobre este enunciado (LOPES, 2001, por exemplo) utilizam metodologias específicas para obter dados de QAs. Ao todo, trinta QAs foram encontradas no *corpus* coletado para este trabalho e todas foram classificadas como *verdadeiras* (questões propriamente ditas). Destas, vinte e três puderam ser analisadas, de acordo com as atitudes que buscamos descrever. Apesar da pouca quantidade de dados, apresentamos a seguir os principais resultados da análise das questões alternativas.

1.1- Medidas de F_0 por locutor

Nas medidas de F_0 , apresentamos a tabela de **média e desvio padrão** dos **pontos** medidos (inicial, final, primeira tônica, máximo, mínimo, assim como o valor correspondente à tessitura), seguido da tabela com os **valores de p** (significativos quando $p \leq 0,05$), apresentados para comparação desses pontos em cada par de atitudes, por locutor. Após apresentação das tabelas, seguem-se comentários a respeito.

Em seguida, apresentamos a tabela com **média e desvio padrão** dos **movimentos** de F_0 (no caso, duas tabelas serão apresentadas, pois há dois movimentos considerados importantes na descrição das QAs: o movimento melódico ascendente que vai até o primeiro item da alternativa, ou até a partícula disjuntiva ou; o movimento melódico descendente que vai do início do segundo item da alternativa, ou do início da conjunção ou, até o final da sentença). A cada tabela dessa se segue a tabela com **valores de p** (significativos quando $p \leq 0,05$), apresentados para comparação dos movimentos em cada par de atitudes, por locutor. Seguem-se comentários.

1.1.1 – Pontos de F_0 **Tabela 25** – Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		F ₀ inicial	F ₀ final	F ₀ 1ª tônica	F ₀ máximo	F ₀ mínimo	Tessitura
Loc 1	V Duv (n = 4)	156 (24)	127 (36)	156 (24)	240 (51)	113 (37)	126 (34)
	V Int (n = 4)	142 (50)	90 (10)	194 (60)	255 (90)	89 (10)	167 (96)
	V Neu (n = 7)	154 (22)	90 (9)	169 (29)	215 (33)	90 (9)	125 (31)
Loc 5	V Int (n = 2)	145 (18)	106 (13)	157 (35)	200 (10)	106 (13)	94 (3)
	V Neu (n = 3)	165 (19)	105 (4)	163 (19)	211 (12)	105 (4)	106 (10)

Tabela 26- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		F ₀ inicial	F ₀ final	F ₀ 1ª tônica	F ₀ máximo	F ₀ mínimo	Tessitura
Loc 1	V Duv X V Int	0,642	0,144	0,291	0,777	0,323	0,462
	V Duv X V Neu	0,880	0,025*	0,444	0,366	0,143	0,952
	V Int X V Neu	0,485	0,908	0,391	0,311	0,789	0,307
Loc 5	V Int X V Neu	0,373	0,902	0,813	0,350	0,902	0,205

Para loc. 1, podemos notar que os valores de F_0 , na atitude *dúvida*, tendem a ser maiores que os valores das atitudes *neutra* e *interesse*, nos pontos final e mínimo. No ponto inicial *dúvida* e *neutro* têm valores próximos e tendem a ser maiores que *interesse*. Com relação aos pontos máximo e primeira tônica, e valor de tessitura, no *interesse* são maiores que na *dúvida*. O *interesse*, se comparado ao *neutro*, tende a ter um valor maior nos pontos de F_0 , com exceção do ponto inicial, em que *neutro* é maior e dos valores final e mínimo, iguais para ambos. Vemos, no entanto, pelos valores de p apresentados na tabela acima, que o único valor significativamente relevante é o valor de F_0 final da atitude de *dúvida*, significativamente maior que o da atitude *neutra* ($p = 0,025$).

Para loc. 5, vemos, ao contrário do visto para loc. 1, que alguns pontos de F_0 tendem a ser maiores na atitude *neutra* que na atitude *interesse*, como valor inicial, máximo e tessitura. Falamos aqui, no entanto, somente em tendências, pois nenhuma das médias apresentadas é significativamente diferente das demais, como vemos na tabela com valores de p . Nos valores final, 1ª tônica e mínimo, há uma grande proximidade para as três atitudes que não nos permite falar nem em tendências de valores maiores ou menores para elas.

1.1.2- Movimentos de F_0 **Tabela 27-** Média e desvio padrão (entre parênteses) de valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv (n = 4)	123 (32)	224 (25)	101 (31)	0,291 (0,05)	349 (98)	0,892 (0,346)
	V Int (n = 4)	129 (40)	255 (90)	126 (51)	0,238 (0,04)	559 (293)	0,973 (0,09)
	V Neu (n = 7)	128 (26)	205 (43)	77 (33)	0,221 (0,14)	428 (190)	0,675 (0,25)
Loc 5	V Int (n = 2)	137 (28)	200 (10)	63 (18)	0,227 (0,05)	295 (149)	0,560 (0,23)
	V Neu (n = 3)	144 (8)	211 (12)	68 (8)	0,288 (0,07)	248 (89)	0,557 (0,06)

Tabela 28- Valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv X V Int	0,839	0,529	0,448	0,206	0,228	0,715
	V Duv X V Neu	0,776	0,451	0,264	0,372	0,470	0,253
	V Int X V Neu	0,979	0,251	0,099	0,852	0,411	0,084
Loc 5	V Int X V Neu	0,706	0,350	0,707	0,289	0,683	0,979

Para locutor **1**, podemos ver que o movimento ascendente começa com valores parecidos para as três atitudes. No valor final, é possível observar que a atitude *neutra* atinge o menor valor, tendo a *dúvida* um valor intermediário e o *interesse* o valor mais alto das três. Isso leva o *interesse* a ter a maior variação de F_0 nesse movimento e leva o *neutro* a ter a menor. Quanto ao tempo do movimento, há uma tendência de a *dúvida* ter um tempo maior que as demais atitudes. Para a variação desse movimento melódico, o *interesse* apresenta novamente valores mais altos que as demais, sendo que na variação relativa (em oitavas), a *dúvida* apresenta um valor maior que o *neutro*, e na taxa de variação (em Hz/s), o valor da *dúvida* é menor que o da atitude *neutra*. Lembramos que aqui não houve valores significativamente distintos.

Para o locutor **5**, o *interesse* e o *neutro* apresentam valores próximos no ponto inicial e final e na variação melódica (absoluta ou relativa). Na taxa de variação, o *interesse* apresenta um valor maior que o *neutro*, sendo que no tempo do movimento o *neutro* apresenta valor maior que o *interesse*. Nenhuma dessas médias foi significativamente diferente das demais.

Tabela 29- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv (n = 4)	224 (25)	119 (33)	105 (33)	1,352 (0,79)	110 (83)	0,947 (0,39)
	V Int (n = 4)	255 (90)	92 (12)	163 (101)	0,695 (0,11)	248 (168)	1,416 (0,69)
	V Neu (n = 7)	205 (46)	90 (9)	113 (43)	0,599 (0,32)	244 (157)	1,144 (0,31)
Loc 5	V Int (n = 2)	200 (10)	106 (13)	94 (3)	1,097 (0,94)	134 (112)	1,416 (0,69)
	V Neu (n = 3)	211 (12)	105 (4)	106 (10)	1,115 (0,34)	101 (31)	1,008 (0,07)

Tabela 30- Valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv X V Int	0,529	0,241	0,323	0,222	0,208	0,299
	V Duv X V Neu	0,435	0,050*	0,761	0,048*	0,152	0,379
	V Int X V Neu	0,248	0,785	0,284	0,634	0,977	0,392
Loc 5	V Int X V Neu	0,350	0,902	0,205	0,976	0,644	0,319

Para o locutor **1**, no movimento melódico descendente podemos notar que o *interesse*, apresenta valor inicial de F_0 maior que a *dúvida* e esta maior que o *neutro*; o *interesse* apresenta, ainda, uma maior variação de F_0 em Hz ou oitavas. A *dúvida* apresenta a menor variação de F_0 das três atitudes, apesar de seu valor inicial do movimento descendente ser maior que o do *neutro*, por apresentar um alto valor de F_0 no final do movimento descendente. Para a taxa de variação melódica (em Hz/s), os valores do *interesse* e do *neutro* são próximos e maiores que os da *dúvida*. Novamente notamos, em relação ao tempo de duração do movimento, que a *dúvida* tende a apresentar um tempo de realização do movimento maior que nas demais atitudes. No entanto, como esse movimento se estende do início do segundo item até o final da frase, o tempo de realização dele é dependente do conteúdo lexical da frase, que pode variar de uma frase para a outra, e o valor mais alto da *dúvida* pode ter sido uma coincidência apenas, por nessa atitude as frases serem maiores que as demais. Dos valores aqui citados para diferenciar as atitudes nas questões alternativas, somente dois foram significativamente distintos: o valor final do movimento descendente para as atitudes *dúvida* e *neutra* (maior na *dúvida*) e o valor de duração do movimento descendente para *dúvida* e *neutro* (maior também na *dúvida*).

Para o locutor **5**, notamos pouca diferença entre os valores da atitude *neutra* e da de *interesse*. Nos valores de variação do movimento melódico em oitavas, e na taxa de variação (Hz/s), a atitude de *interesse* apresenta valores um pouco maiores. Nenhuma das medidas apresentadas para locutor 5 foi significativamente distinta das demais.

1.2- Medidas de duração por locutor

Tabela 31- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear (em ms)	Duração da átona pretônica (em ms)
Loc 1	V Duv (n = 4)	0,164 (0,04)	0,164 (0,04)	0,211 (0,04)	0,141 (0,03)
	V Int (n = 4)	0,133 (0,09)	0,132 (0,01)	0,196 (0,05)	0,112 (0,01)
	V Neu (n = 7)	0,143 (0,02)	0,143 (0,02)	0,184 (0,02)	0,116 (0,02)
Loc 5	V Int (n = 2)	0,167 (0,02)	0,148 (0,00)	0,166 (0,06)	0,160 (0,00)
	V Neu (n = 3)	0,181 (0,03)	0,177 (0,03)	0,244 (0,09)	0,145 (0,03)

Tabela 32- Valores de *p* para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	V Duv X V Int	0,235	0,230	0,701	0,251
	V Duv X V Neu	0,501	0,516	0,462	0,427
	V Int X V Neu	0,224	0,249	0,760	0,832
Loc 5	V Int X V Neu	0,590	0,277	0,341	0,494

Para locutor **1**, podemos observar uma tendência da duração, na *dúvida*, ser maior que na atitude de *interesse* e na atitude *neutra*, em todas as medidas realizadas. Comparando *interesse* e *neutra*, os valores de duração são bastante próximos, sendo que o *interesse* tende a ter valores ligeiramente mais baixos no tempo médio por sílaba e ligeiramente maiores na duração da TN. Não há diferenças significativas entre as médias apresentadas na tabela 31.

Para o locutor **5**, os valores de duração na atitude *neutra* são um pouco maiores que na atitude *interesse*, com exceção da átona pretônica, em que o valor do *interesse* é um pouco maior.

Apesar de observada essa tendência, nenhuma das medidas foi significativamente diferente das demais.

1.3- Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores

Apresentamos, agora, as medidas de F_0 para o agrupamento de todos os locutores. Cabe lembrar aqui que nem todos os tipos de questões e nem todas as atitudes foram encontradas para todos os locutores; portanto, na apresentação de dados para todos os locutores serão agrupadas as medidas dos enunciados que tinham tal tipo e tal atitude, para todos os locutores que os produziram. Ressaltamos que, às vezes, o número de dados apresentados nos resultados do conjunto dos locutores pode ser diferente da soma daqueles apresentados por locutor, pois se algum locutor apresentou apenas uma questão de um tipo, com uma atitude, ela não se encontra na análise por locutor (pois não havia mais dados, para o mesmo locutor, que pudessem ser comparados com ela), mas figura na análise feita para o conjunto dos locutores, uma vez que poderá ser comparada às demais.

1.3.1- Pontos de F_0

Tabela 33- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, para o conjunto de todos locutores

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
V Duv (n = 7)	151 (18)	115 (30)	151 (18)	225 (44)	107 (28)	119 (28)
V Int (n = 6)	144 (33)	99 (14)	174 (47)	223 (68)	97 (12)	126 (76)
V Neu (n = 10)	159 (20)	95 (10)	167 (25)	214 (28)	95 (10)	119 (28)

Tabela 34- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
V Duv X V Int	0,656	0,257	0,292	0,950	0,440	0,827
V Duv X V Neu	0,413	0,139	0,143	0,564	0,320	0,961
V Int X V Neu	0,352	0,519	0,743	0,763	0,705	0,841

Para o ponto inicial, a atitude *interesse* tem um valor um pouco menor que as demais, embora os valores sejam próximos para as três atitudes. Em relação aos valores final e mínimo, a *dúvida* apresenta médias maiores que as demais atitudes, sendo os valores de *interesse* e

neutro bem próximos. Quanto ao valor máximo, *dúvida* e *interesse* são próximos, apresentando-se pouco maiores que *neutro*. A primeira tônica e a tessitura são um pouco maiores para o *interesse* que para a *dúvida* e a atitude *neutra*. Nenhuma dessas medidas foi significativamente diferente das demais, mas seguem a mesma linha das medidas apresentadas por locutor, mostrando, assim, uma tendência geral para os valores de F_0 nas diferentes atitudes encontradas nas questões alternativas verdadeiras.

1.3.2- Movimentos de F_0

Tabela 35- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Duv (n = 7)	122 (24)	217 (26)	94 (27)	0,299 (0,06)	321 (95)	0,839 (0,28)
V Int (n = 6)	131 (29)	223 (68)	93 (50)	0,269 (0,09)	397 (273)	0,759 (0,26)
V Neu (n = 10)	133 (23)	207 (36)	74 (27)	0,242 (0,12)	374 (183)	0,639 (0,21)

Tabela 36- Valores de p movimento ascendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Duv X V Int	0,599	0,829	0,951	0,522	0,538	0,604
V Duv X V Neu	0,385	0,537	0,158	0,229	0,449	0,138
V Int X V Neu	0,860	0,606	0,428	0,624	0,857	0,371

Para o movimento melódico ascendente, que vai até o final do primeiro item da questão alternativa (ou até a partícula *ou*), temos as seguintes tendências de medidas: a F_0 do início do ascendente é parecida para as três atitudes, sendo a da *dúvida* ligeiramente menor que a do *interesse* e do *neutro*; quanto ao ponto final desse movimento, um valor maior de F_0 é atingido no *interesse*, seguido por um valor próximo para a *dúvida* e por um valor menor na atitude *neutra*. A variação de F_0 em Hz é maior para a *dúvida* e o *interesse* em relação ao *neutro*; em valores relativos (em oitavas) vemos que a *dúvida* varia um pouco mais que o *interesse*, e este, por sua vez, varia mais que o *neutro*. Em termos de variação da duração do movimento ascendente, novamente notamos uma tendência de a *dúvida* apresentar tempo maior para o movimento melódico que o *interesse* e o *neutro*. Nenhuma dessas medidas foi

significativa, portanto falamos em tendências para diferenciar tais atitudes quanto ao movimento ascendente dentro das questões alternativas verdadeiras.

Tabela 37- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Duv (n = 7)	217 (26)	110 (27)	107 (26)	1,553 (0,61)	89 (65)	1,001 (0,285)
V Int (n = 6)	223 (68)	99 (12)	124 (77)	0,883 (0,47)	180 (141)	1,136 (0,54)
V Neu (n = 10)	206 (38)	95 (10)	111 (36)	0,754 (0,39)	201 (146)	1,103 (0,26)

Tabela 38- Valores de p movimento descendente de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Duv X V Int	0,829	0,347	0,613	0,049*	0,192	0,598
V Duv X V Neu	0,500	0,188	0,774	0,013*	0,050*	0,467
V Int X V Neu	0,581	0,490	0,706	0,588	0,774	0,893

Para o movimento descendente de F_0 no segundo item da questão alternativa, podemos observar que o *interesse* (que tinha atingido o maior valor no movimento anterior), seguido de perto pela *dúvida*, apresentam valores um pouco maiores que o *neutro*. No ponto final, a *dúvida* apresenta um valor maior que o *interesse* e o *neutro*. A maior variação melódica, em termos absolutos (Hz) ou relativos (oitavas) é apresentada no *interesse*, seguido do *neutro*, tendo a *dúvida* os menores valores nesse aspecto. Ressalve-se que as diferenças apresentadas entre a *dúvida* e o *neutro* (no valor absoluto) e entre *interesse* e *neutro* (no valor relativo) são muito pequenas. Em relação ao tempo do movimento, a *dúvida* apresenta o maior valor, sendo, inclusive, significativamente distinto dos valores do *interesse* e do *neutro*. Mas, conforme observado anteriormente, essa medida depende do tamanho da frase e não podemos tomá-la por base sozinha, é necessário observar se, nos dados de duração, tal tendência se confirma. Por causa do maior tempo, a taxa de variação melódica da *dúvida* é significativamente menor que a da atitude *neutra* e menor (não significativamente) que a do *interesse*.

1.4- Medidas de duração para o conjunto de locutores

Tabela 39- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, para o conjunto de locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
V Duv (n = 7)	0,168 (0,03)	0,168 (0,03)	0,186 (0,06)	0,148 (0,03)
V Int (n = 6)	0,160 (0,03)	0,148 (0,02)	0,195 (0,04)	0,140 (0,03)
V Neu (n = 10)	0,174 (0,03)	0,172 (0,03)	0,220 (0,07)	0,135 (0,02)

Tabela 40- Valores de *p* para valores de duração, nas questões alternativas verdadeiras, para conjunto de locutores

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
V Duv X V Int	0,198	0,101	0,995	0,344
V Duv X V Neu	0,671	0,684	0,688	0,149
V Int X V Neu	0,518	0,269	0,662	0,775

Os valores de duração, quando analisamos o conjunto de locutores, são muito parecidos para toda as atitudes. Observamos uma tendência de, na atitude *neutra*, os valores serem ligeiramente maiores que nas demais, o que fica mais claro na duração da TN. Na duração da APT, no entanto, essa tendência se inverte, e a *dúvida* apresenta um valor ligeiramente maior que as outras atitudes. Nenhum dos valores observados é significativamente diferente dos demais.

Um fator importante a observar é que, nos dados de duração dos movimentos melódicos, assim como nos dados de duração por locutor, notamos uma tendência de a *dúvida* apresentar valores de duração maiores que as outras atitudes, o que não pode ser visto nas tabelas acima, em que trabalhamos com todos os locutores ao mesmo tempo. Isso pode se dar pelo fato de que os valores de duração apresentados por cada locutor, sendo diferentes, mudam o quadro geral dos valores quando agrupados.

1.5- Síntese dos resultados pra questões alternativas

Através do que foi visto acima, pode-se dizer que as atitudes, nas questões alternativas, não se diferenciam de maneira clara. Alguns pontos ajudam na distinção de *interesse*, *dúvida* e

neutro, mas ainda não é possível estabelecer características prosódicas distintas definitivas para cada uma dessas atitudes nesse tipo de enunciado. A *dúvida* e o *interesse* parecem se diferenciar de forma mais clara do *neutro* que entre si. O número pequeno de dados de questões alternativas presentes em nosso *corpus* também pode ter influenciado no fato de não termos encontrado diferenças sistemáticas ou evidentes para tais atitudes. Apesar disso, apresentamos abaixo exemplos de cada uma dessas questões, a fim de que algumas tendências aqui apresentadas possam ser observadas.

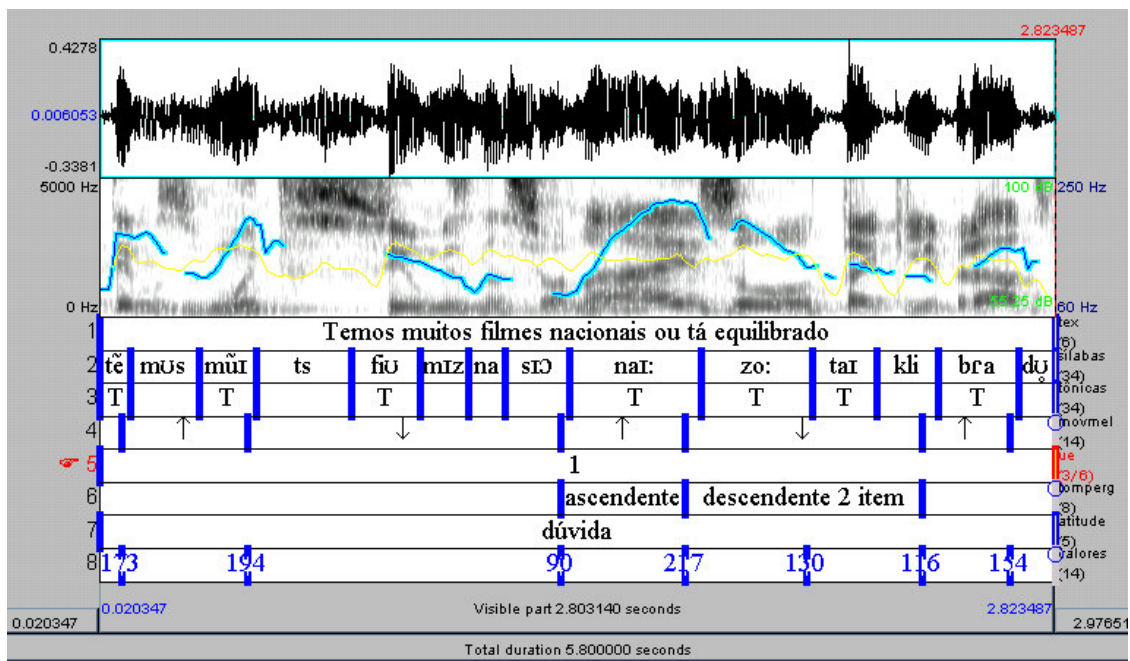


Figura 26- Questão alternativa com atitude de dúvida - [06p34 – loc1]
Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

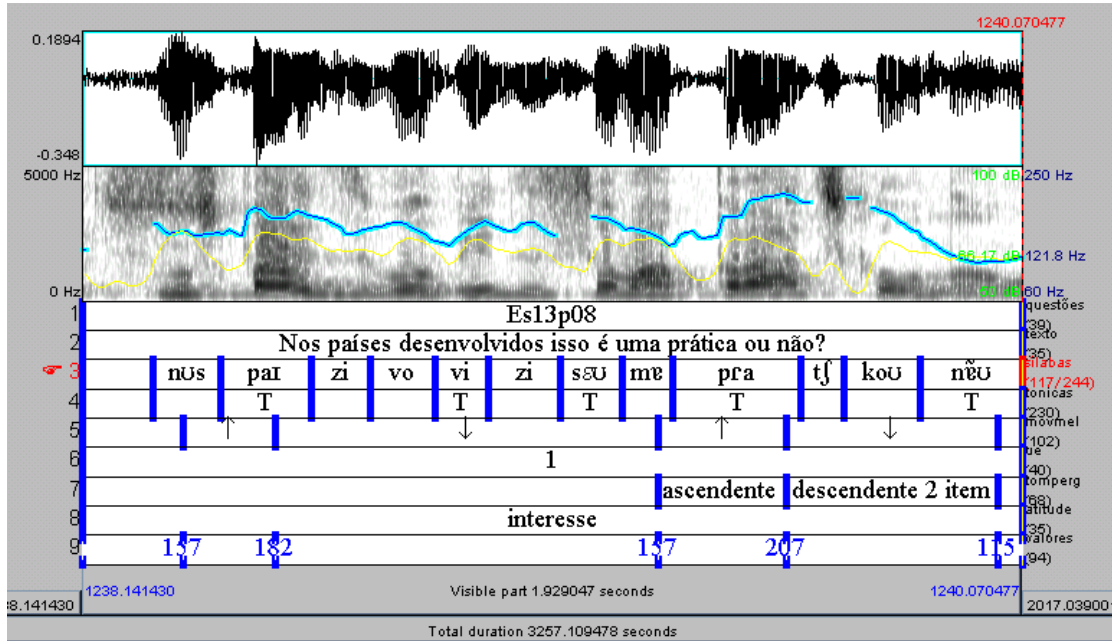


Figura 27- Questão alternativa com atitude de interesse – [13p08 – loc5]

Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

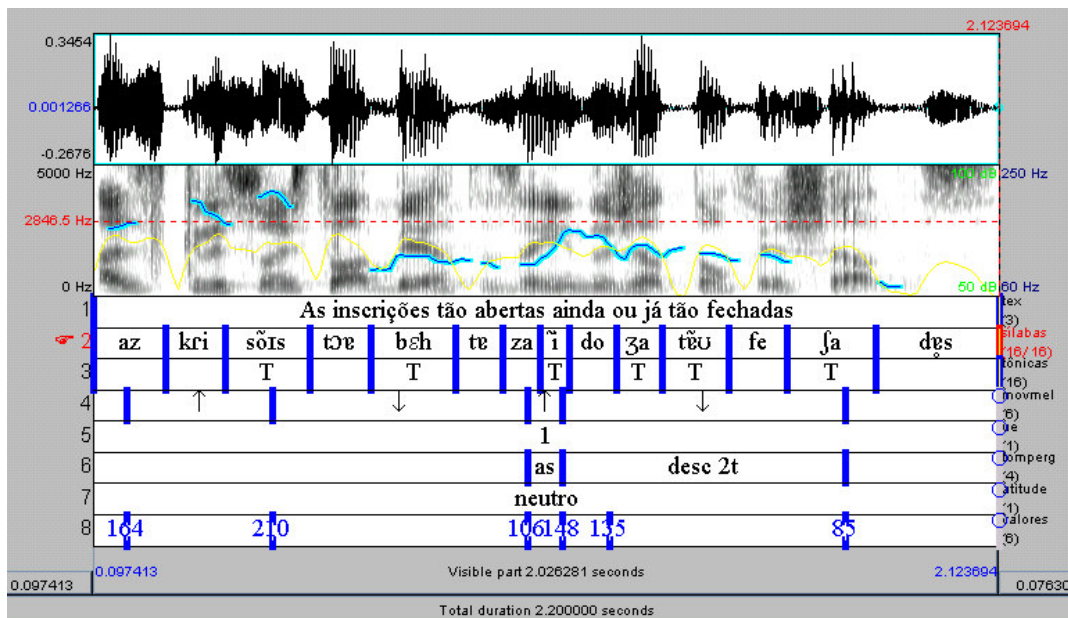


Figura 28- Questão alternativa com atitude neutra – [20p26 – loc1]

Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

2- Questões parciais

Apresentaremos agora os resultados encontrados para as Questões Parciais (doravante QPs), seguindo a mesma ordem de apresentação utilizada nas QAs. Assim, serão mostradas e discutidas as medidas de F_0 por locutor, depois as de duração por locutor, seguidas das de F_0 para o conjunto de locutores, finalizando com as de duração para o conjunto de locutores. Na análise inicial do *corpus*, encontramos 457 QPs. Destas, pudemos incorporar na análise das atitudes que nos propusemos a estudar, 368 QPs. Encontramos QPs de dois tipos: retóricas (33) e verdadeiras (335). Apresentamos a análise desses dois tipos separadamente.

2.1- Questões parciais retóricas

2.1.1 – Medidas de F_0 por locutor

2.1.1.1- Pontos de F_0

Tabela 41- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	R Duv (n = 3)	266 (88)	100 (20)	308 (51)	308 (51)	100 (20)	209 (31)
	R Int (n = 9)	235 (43)	104 (24)	251 (31)	256 (33)	99 (17)	157 (38)
	R Neu (n = 14)	154 (25)	106 (21)	163 (26)	163 (260)	98 (12)	65 (27)
Loc 5	R Neu (n = 3)	197 (55)	133 (15)	215 (45)	215 (45)	133 (15)	82 (44)

Tabela 42- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	R Duv X R Int	0,419	0,799	0,040*	0,061	0,964	0,059
	R Duv X R Neu	0,001*	0,669	0,000*	0,000*	0,836	0,000*
	R Int X R Neu	0,000*	0,855	0,000*	0,000*	0,844	0,000*

Para locutor **1**, podemos observar que o valor inicial de F_0 é maior na *dúvida* que no *interesse*, e maior no *interesse* do que na atitude *neutra*. Os valores finais são bastante parecidos para as três atitudes. Quanto ao valor da primeira tônica do enunciado, geralmente coincidente com o valor máximo de F_0 , a *dúvida* apresenta valores maiores que os do *interesse*, que por sua vez são bem maiores que os de *neutro*. Os valores mínimos de F_0 são extremamente próximos para as três atitudes. Quanto à tessitura, encontramos o maior valor para a *dúvida*, seguida do *interesse*, sendo que o *neutro* apresenta o menor valor de tessitura. Se observarmos o quadro com os valores de p veremos que as medidas de F_0 inicial, F_0 na 1ª tônica, F_0 máximo e tessitura são significativamente diferentes para a *dúvida*, em relação ao *neutro*, e para o *interesse*, em relação ao *neutro*. Para a *dúvida* e o *interesse*, somente a diferença de valor de F_0 na 1ª tônica foi significativamente diferente.

Para o locutor **5** só tivemos questões retóricas *neutras*, o que não propiciou a comparação com outras atitudes nas QPs retóricas.

2.1.1.2- Movimento de F_0

O movimento melódico característico das QPs é um movimento descendente, que começa na primeira tônica do enunciado e vai até o final do mesmo. Cabe lembrar que não foram analisadas as questões com pronome interrogativo no final do enunciado, por isso todas as questões analisadas têm pronome interrogativo inicial e, conseqüentemente, movimento melódico descendente.

Tabela 43- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	R Duv (n = 3)	295 (66)	118 (28)	176 (59)	0,965 (0,50)	194 (38)	1,322 (0,33)
	R Int (n = 9)	256 (33)	99 (17)	157 (38)	0,918 (0,318)	189 (84)	1,373 (0,33)
	R Neu (n = 14)	163 (26)	98 (12)	65 (27)	0,462 (0,309)	181 (93)	0,727 (0,26)
Loc 5	R Neu (n = 3)	215 (45)	133 (15)	82 (44)	1,390 (1,35)	77 (29)	0,680 (0,30)

Tabela 44- Valores de *p* para movimento descendente de F_0 , nas questões parciais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	R Duv X R Int	0,192	0,178	0,507	0,848	0,928	0,819
	R DuvX R Neu	0,000*	0,048*	0,000*	0,034*	0,830	0,003*
	R Int X R Neu	0,000*	0,844	0,000*	0,003*	0,850	0,000*

Podemos observar, para os dados de locutor **1**, que o ponto inicial do movimento melódico descendente, assim como o ponto final e a variação melódica (em Hz) têm os valores mais altos na atitude de *dúvida* em relação às outras atitudes; no ponto final o *interesse* e o *neutro* têm valores próximos, nos pontos inicial e de variação (em Hz) o *interesse* é maior que o *neutro*. Quanto ao tempo de realização do movimento, o *neutro* apresenta uma tendência de valor menor; como, no entanto, esse valor depende do tamanho da sentença, deve ser confirmado pelos outros valores de duração. Em relação à variação melódica, a taxa de variação (em Hz/s) é bem próxima para as três atitudes. Na variação relativa (em oitavas), o valor do *interesse* e da *dúvida* apresentam-se maiores que o valor do *neutro*. As médias significativamente diferentes aparecem na comparação da *dúvida* com o *neutro* (todos os valores, exceto taxa de variação) e na comparação do *neutro* com o *interesse* (valor inicial, variação melódica absoluta e relativa e variação de tempo de realização do movimento), mas não aparecem na comparação da *dúvida* e do *interesse*, que apresentam valores bem próximos para as médias comparadas.

Quanto aos valores apresentados por locutor **5**, nenhuma comparação foi feita pelo fato de todas as frases produzidas por tal locutor terem a atitude *neutra*.

2.1.2- Medidas de duração por locutor

Tabela 45- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões parciais retóricas, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
		Loc 1	R Duv (n = 3)	0,136 (0,02)	0,136 (0,02)
	R Int (n = 9)	0,152 (0,03)	0,152 (0,03)	0,213 (0,07)	0,142 (0,004)
	R Neu (n = 14)	0,156 (0,03)	0,156 (0,03)	0,204 (0,07)	0,171 (0,04)

Tabela 46- Valores de p para valores de duração, nas questões parciais retóricas, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	R Duv X R Int	0,557	0,603	0,684	0,333
	R Duv X R Neu	0,368	0,368	0,809	0,985
	R Int X R Neu	0,954	0,824	0,295	0,128

Podemos observar que os valores de duração apresentados na tabela acima não são muito diferentes para as três atitudes. Há uma pequena tendência de o valor da duração na *dúvida* ser um pouco menor que no *interesse* e no *neutro*, com exceção do valor de duração da APT, que é ligeiramente menor no *interesse* que nas demais atitudes. Aqui, temos apenas tendências, uma vez que nenhuma dessas médias foi significativamente diferente das demais.

2.1.3- Medidas de F_0 para o conjunto de todos os locutores

2.1.3.1- Pontos de F_0

Tabela 47- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões parciais retóricas, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
R Duv (n = 3)	266 (88)	100 (20)	308 (51)	308 (51)	100 (20)	209 (31)
R Int (n = 11)	234 (39)	107 (24)	247 (30)	251 (32)	104 (19)	147 (42)
R Neu (n = 19)	164 (33)	109 (22)	175 (34)	175 (34)	104 (18)	71 (30)

Tabela 48- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões alternativas verdadeiras, por locutor.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
RDuv X RInt	0,465	0,932	0,027*	0,045*	0,999	0,050*
RDuv X RNeu	0,001*	0,922	0,000*	0,000*	0,966	0,000*
RInt X RNeu	0,000*	0,997	0,000*	0,000*	0,900	0,000*

Podemos observar, para os pontos de F_0 medidos, que a atitude de *dúvida* apresenta valores maiores que o *interesse*, e o *interesse* maiores que o *neutro*, nas medidas de F_0 inicial, na 1ª

tônica, máximo e na tessitura. Quanto aos valores mínimo e final, as três atitudes apresentam valores bem próximos. Quanto à significância, os valores iniciais, da 1ª tônica, máximo e da tessitura são significativamente distintos para cada par de atitudes comparado, com exceção do valor inicial de *dúvida* comparado ao *interesse*.

2.1.3.2- Movimento de F₀

Tabela 49- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F₀, nas questões parciais retóricas, para conjunto de locutores.

	F ₀ inicial (Hz)	F ₀ final (Hz)	Δ F ₀ (Hz)	Δ t (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
R Duv (n = 3)	295 (66)	118 (28)	176 (59)	0,965 (0,50)	194 (38)	1,322 (0,33)
R Int (n = 11)	251 (32)	104 (19)	147 (42)	1,032 (0,70)	190 (101)	1,285 (0,37)
R Neu (n = 19)	175 (34)	104 (18)	71 (30)	0,599 (0,63)	170 (97)	0,749 (0,26)

Tabela 50- Valores de *p* para movimento descendente de F₀, nas questões parciais retóricas, para conjunto de locutores.

	F ₀ inicial (Hz)	F ₀ final (Hz)	Δ F ₀ (Hz)	Δ t (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
RDuv X RInt	0,180	0,193	0,580	0,968	1,000	0,999
RDuv X RNeu	0,000*	0,103	0,000*	0,292	0,953	0,019*
RInt X RNeu	0,000*	0,912	0,000*	0,136	0,887	0,000*

Para o movimento descendente de F₀, notamos que os valores inicial e final, além da variação melódica absoluta, são maiores na *dúvida* que nas outras atitudes, sendo que na comparação entre a *dúvida* e o *neutro*, e na comparação entre o *interesse* e o *neutro* para o valor inicial e para a variação melódica absoluta tais valores são significativamente distintos. O tempo de realização do movimento tende a ser menor na atitude *neutra*, sendo parecido para *dúvida* e *interesse*. A taxa de variação do movimento melódico apresenta um valor menor para a atitude *neutra*, se comparada à *dúvida* e ao *interesse*. Quanto à variação relativa (em oitavas), é significativamente menor para o *neutro* quando comparado à *dúvida* e ao *interesse*, mas não é diferente (sendo bem próximo) na comparação entre a *dúvida* e o *interesse*.

2.1.4- Medidas de duração para o conjunto de todos os locutores

Tabela 51- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões parciais retóricas, para o conjunto dos locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
R Duv (n = 2)	0,136 (0,02)	0,136 (0,02)	0,190 (0,09)	0,172 (0,03)
R Int (n = 11)	0,160 (0,05)	0,158 (0,04)	0,177 (0,03)	0,157 (0,04)
R Neu (n = 16)	0,156 (0,02)	0,155 (0,03)	0,198 (0,07)	0,166 (0,04)

Tabela 52- Valores de p para médias de duração, nas questões parciais retóricas, para o conjunto dos locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
R Duv X R Int	0,995	0,995	1,000	1,000
R Duv X R Neu	0,999	0,998	1,000	1,000
R Int X R Neu	1,000	1,000	0,999	1,000

Observamos, para as medidas de duração realizadas, que os valores apresentados nas diferentes atitudes são muito próximos. Podemos falar em uma tendência da *dúvida* de apresentar valores menores para o tempo médio por sílaba (com ou sem pausa) e de uma tendência do *interesse* de apresentar valores de duração menores para as sílabas TN e APT, mas são apenas tendências, uma vez que, se observarmos os valores de p apresentados na comparação dessas atitudes, veremos que as diferenças, além de não significativas, são quase nulas (haja vista os valores de p iguais ou muito próximos a 1).

2.2- Questões parciais verdadeiras

2.2.1- Medidas de F_0 , por locutor

2.2.1.1- Pontos:

Tabela 53- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	V Duv (n = 7)	184 (38)	132 (38)	201 (58)	247 (63)	110 (23)	137 (58)
	V Int (n = 99)	222 (52)	104 (26)	252 (49)	252 (49)	97 (13)	155 (47)
	V Neu (n = 73)	163 (34)	93 (19)	171 (33)	176 (32)	94 (10)	81 (30)
	V Pro (n = 9)	275 (81)	121 (48)	299 (62)	299 (62)	105 (19)	195 (67)
Loc 2	V Duv (n = 3)	175 (34)	161 (59)	208 (60)	208 (60)	124 (26)	84 (67)
	V Int (n = 13)	196 (37)	96 (26)	208 (39)	208 (39)	96 (26)	112 (26)
	V Neu (n = 12)	153 (34)	105 (16)	157 (35)	163 (32)	103 (14)	61 (22)
Loc 3	V Int (n = 7)	169 (45)	102 (20)	194 (29)	201 (29)	88 (20)	114 (24)
	V Neu (n = 6)	157 (19)	91 (20)	156 (19)	156 (19)	91 (20)	64 (11)
Loc 4	V Duv (n = 4)	267 (71)	99 (22)	336 (45)	336 (45)	99 (22)	237 (30)
	V Int (n = 6)	251 (54)	98 (32)	270 (47)	273 (41)	98 (32)	175 (38)
	V Neu (n = 8)	189 (44)	99 (18)	193 (42)	193 (42)	98 (17)	95 (36)
Loc 5	V Duv (n = 3)	200 (54)	142 (51)	232 (45)	232 (45)	121 (15)	111 (40)
	V Int (n = 11)	211 (41)	122 (18)	227 (33)	231 (31)	118 (12)	113 (33)
	V Neu (n = 7)	170 (16)	130 (35)	186 (16)	189 (15)	126 (28)	63 (26)
Loc 6	V Int (n = 3)	272 (81)	162 (78)	294 (54)	294 (54)	131 (28)	163 (33)
	V Neu (n = 5)	177 (40)	117 (6)	191 (21)	191 (21)	117 (6)	74 (23)
Loc 7	V Duv (n = 3)	214 (60)	102 (21)	236 (45)	236 (45)	98 (17)	138 (38)
	V Int (n = 15)	229 (44)	113 (25)	241 (28)	241 (28)	101 (15)	139 (28)
	V Neu (n = 5)	172 (34)	124 (43)	180 (40)	180 (40)	96 (18)	84 (26)
Loc 8	V Cri (n = 9)	282 (67)	97 (38)	298 (76)	298 (76)	91 (23)	207 (88)
	V Duv (n = 4)	312 (98)	114 (8)	379 (42)	379 (42)	114 (8)	265 (50)
	V Int (n = 4)	262 (19)	98 (4)	304 (50)	304 (50)	98 (4)	207 (54)
	V Neu (n = 4)	149 (25)	86 (19)	173 (43)	173 (43)	86 (19)	87 (24)

Tabela 54- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	VDuvXVInt	0,065	0,007*	0,011*	0,785	0,020*	0,327
	VDuvXVNeu	0,129	0,000*	0,037*	0,000*	0,001*	0,000*
	VDuvXVPro	0,016*	0,617	0,006*	0,117	0,593	0,090
	VIntXVNeu	0,000*	0,003*	0,000*	0,000*	0,142	0,000*
	VIntXVPro	0,007*	0,082	0,008*	0,008*	0,127	0,022*
	VNeuXVPro	0,000*	0,001*	0,000*	0,000*	0,012*	0,000*
Loc 2	VDuvXVInt	0,381	0,008*	0,995	0,995	0,114	0,229
	VDuvXVNeu	0,328	0,008*	0,066	0,087	0,070	0,286
	VIntXVNeu	0,003*	0,674	0,005*	0,022*	0,674	0,000*
Loc 3	VIntXVNeu	0,545	0,364	0,017*	0,008*	0,740	0,001*
Loc 4	VDuvXVInt	0,691	0,972	0,058	0,050*	0,972	0,025*
	VDuvXVNeu	0,037*	0,984	0,000*	0,000*	0,940	0,000*
	VIntXVNeu	0,034*	0,947	0,007*	0,004*	0,988	0,002*
Loc 5	VDuvXVInt	0,701	0,265	0,836	0,973	0,763	0,936
	VDuvXVNeu	0,247	0,665	0,037*	0,046*	0,765	0,048*
	VIntXVNeu	0,030*	0,540	0,008*	0,004*	0,413	0,004*
Loc 6	VIntXVNeu	0,062	0,228	0,007*	0,007*	0,288	0,004*
Loc 7	VDuvXVInt	0,565	0,428	0,785	0,785	0,650	0,952
	VDuvXVNeu	0,228	0,393	0,089	0,089	0,891	0,038*
	VIntXVNeu	0,017*	0,500	0,001*	0,001*	0,492	0,001*
Loc 8	VCriXVDuv	0,604	0,549	0,194	0,194	0,198	0,408
	VCriXVInt	0,567	0,966	0,889	0,889	0,569	0,986
	VCriXVNeu	0,003*	0,607	0,012*	0,012*	0,726	0,023*
	VDuvXVInt	0,321	0,026*	0,148	0,148	0,026*	0,274
	VDuvXVNeu	0,024*	0,125	0,005*	0,005*	0,125	0,003*
	VIntXVNeu	0,000*	0,273	0,007*	0,007*	0,273	0,007*

Para locutor **1**, podemos observar maiores valores de F_0 inicial, na 1ª tônica, máximo e de tessitura para a atitude *provocação*. Os menores valores apresentados, para todas as medidas realizadas, são da atitude *neutra*. Quanto ao *interesse* e à *dúvida*, eles apresentam valores intermediários, sendo que a *dúvida* apresenta maior valor nos pontos final e mínimo e as duas atitudes têm valores máximos próximos. Nos pontos final e mínimo o valor de *dúvida* também é maior que o da *provocação*. Quando comparadas para pares de atitudes, quase todas as medidas listadas são significativamente diferentes das demais, conforme é possível observar na tabela 54.

Para locutor **2**, temos valores de *interesse* maiores que os valores de *dúvida* nos pontos inicial e na tessitura. Nos valores final e mínimo a *dúvida* apresenta médias maiores que o *neutro*, que por sua vez apresenta médias maiores que o *interesse*. Comparando valores inicial, da 1ª tônica, máximo e de tessitura, é a atitude *neutra* que apresenta os menores valores, comparada às demais. São significativamente diferentes os valores de *interesse*, comparados ao *neutro*, nas medidas de F_0 inicial, 1ª tônica, máximo e tessitura. A *dúvida* é significativamente diferente do *neutro* e do *interesse* no ponto final de F_0 .

Para o locutor **3**, notamos maiores valores na atitude de *interesse* que na atitude *neutra*, com exceção do valor mínimo de F_0 , em que o *interesse* é menor. Algumas dessas medidas são bem próximas, como nos pontos inicial e mínimo. Para tais diferenças, os valores de F_0 na 1ª tônica, máximo e na tessitura são significativamente distintos.

Para locutor **4**, os valores de *dúvida* são maiores que os de *interesse*, que são maiores que os da atitude *neutra*, nos pontos inicial, da 1ª tônica, máximo e na tessitura. Nos pontos final e mínimo, podemos considerar que as três atitudes apresentam os mesmos valores. Comparando a atitude de *dúvida* à de *interesse*, só a diferença na tessitura é significativa. Comparando a *dúvida* ao *neutro* e o *interesse* ao *neutro*, as medidas de F_0 inicial, na 1ª tônica, máxima e de tessitura são significativamente distintas.

Para o locutor **5**, a atitude *neutra* apresenta valores menores nos pontos inicial, 1ª tônica, máximo e tessitura. A *dúvida* e o *interesse* apresentam valores próximos para estes pontos, com exceção do ponto inicial, em que valor de *interesse* é maior que o de *dúvida*. Nos pontos final e mínimo os valores são próximos para as três atitudes. Quanto à significância, não há médias significativamente diferentes quando *dúvida* e *interesse* são comparados. Para *dúvida* e *neutro*, são significativos os pontos 1ª tônica, máximo e tessitura. Para a comparação do *interesse* com o *neutro* há significância nos pontos inicial, 1ª tônica, máximo e tessitura.

As medidas dos valores de F_0 para locutor **6** apresentam maiores valores, em todos os pontos, para a atitude de *interesse*, cabendo os menores valores à atitude *neutra*. Quando comparadas, as medidas de F_0 na 1ª tônica, máxima e tessitura são significativamente distintas para essas duas atitudes.

Para locutor **7**, o valor inicial de *interesse* é maior que o de *dúvida*, e este que do *neutro*. No ponto final, a atitude *neutra* tem valor maior que a de *interesse*, que por sua vez tem valor maior que a de *dúvida*. Na 1ª tônica, máximo e tessitura, *interesse* e *dúvida* têm valores próximos, maiores que *neutro*. Quanto ao ponto mínimo, as três atitudes têm valores próximos. Dentre tais valores, são significativamente distintos o inicial, da 1ª tônica, máximo e de tessitura da atitude de *interesse* comparada à atitude *neutra*. A medida de tessitura também foi significativamente diferente na comparação das atitudes *dúvida* e *neutro*. Para a comparação entre a *dúvida* e o *interesse* nenhum valor foi significativamente diferente.

Para locutor **8**, podemos perceber que os maiores valores, para todos os pontos de F_0 , são os da *dúvida*. Com exceção do ponto inicial, em que o segundo maior valor aparece na atitude de *crítica*, seguida pelo *interesse*, nos demais pontos os valores de *interesse* e *crítica* são bastante próximos. Em todos os pontos, o menor valor encontrado é o da atitude *neutra*. Os pontos inicial, 1ª tônica, máximo e tessitura são significativamente distintos para todas as atitudes comparadas ao *neutro*. Para a comparação da *dúvida* com o *interesse*, os valores final e mínimo é que são significativamente diferentes. Na comparação da *crítica* com a *dúvida* e da *crítica* com o *interesse* não houve diferenças significativas para nenhum dos pontos de F_0 estudados.

2.2.1.2- Movimento de F_0 **Tabela 55-** Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv (n = 7)	247 (63)	116 (21)	138 (76)	0,859 (0,53)	234 (65)	1,068 (0,48)
	V Int (n = 99)	250 (49)	98 (15)	152 (48)	1,007 (0,49)	192 (126)	1,339 (0,30)
	V Neu (n = 73)	172 (30)	95 (10)	77 (28)	0,711 (0,44)	137 (81)	0,847 (0,24)
	V Pro (n = 9)	291 (75)	105 (19)	187 (81)	1,029 (0,43)	190 (91)	1,450 (0,53)
Loc 2	V Duv (n = 3)	208 (60)	127 (25)	81 (61)	0,653 (0,20)	114 (52)	0,689 (0,42)
	V Int (n = 13)	208 (39)	96 (26)	112 (26)	1,715 (1,02)	86 (52)	1,162 (0,31)
	V Neu (n = 12)	163 (32)	103 (14)	61 (22)	0,962 (0,53)	77 (48)	0,654 (0,17)
Loc 3	V Int (n = 7)	201 (29)	88 (20)	114 (24)	1,902 (1,27)	77 (42)	1,229 (0,34)
	V Neu (n = 6)	156 (19)	91 (20)	64 (11)	2,280 (2,10)	51 (33)	0,787 (0,18)
Loc 4	V Duv (n = 4)	336 (45)	99 (22)	237 (30)	0,913 (0,69)	356 (172)	1,782 (0,19)
	V Int (n = 6)	273 (41)	98 (32)	172 (38)	1,226 (0,85)	207 (125)	1,532 (0,43)
	V Neu (n = 8)	193 (42)	98 (17)	95 (36)	1,360 (1,095)	104 (64)	0,936 (0,29)
Loc 5	V Duv (n = 3)	232 (45)	121 (15)	111 (40)	1,011 (0,43)	127 (85)	0,930 (0,26)
	V Int (n = 11)	225 (34)	118 (12)	107 (36)	1,747 (0,85)	73 (41)	0,923 (0,27)
	V Neu (n = 7)	189 (15)	126 (28)	63 (26)	1,464 (1,40)	80 (65)	0,611 (0,28)
Loc 6	V Int (n = 3)	294 (54)	131 (28)	163 (33)	1,477 (1,11)	150 (79)	1,171 (0,18)
	V Neu (n = 5)	191 (21)	117 (6)	74 (23)	1,364 (0,63)	63 (37)	0,698 (0,19)
Loc 7	V Duv (n = 3)	236 (45)	98 (17)	138 (38)	1,183 (0,43)	124 (28)	1,267 (0,25)
	V Int (n = 15)	241 (28)	101 (15)	139 (28)	2,068 (0,89)	79 (32)	1,251 (0,23)
	V Neu (n = 5)	180 (40)	96 (18)	84 (26)	1,437 (0,92)	80 (52)	0,899 (0,17)
Loc 8	V Cri (n = 9)	298 (76)	91 (23)	207 (88)	1,522 (0,53)	175 (154)	1,714 (0,60)
	V Duv (n = 4)	379 (42)	114 (8)	265 (50)	1,771 (0,84)	176 (111)	1,729 (0,27)
	V Int (n = 4)	304 (50)	98 (4)	207 (54)	1,116 (0,67)	238 (135)	1,128 (0,28)
	V Neu (n = 5)	173 (43)	86 (19)	87 (24)	1,335 (1,09)	93 (49)	0,999 (0,07)

Tabela 56- Valores de *p* para movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	VDuvXVInt	0,870	0,003*	0,459	0,446	0,406	0,030*
	VDuvXVNeu	0,000*	0,000*	0,000*	0,400	0,008*	0,041*
	VDuvXVPro	0,229	0,271	0,197	0,490	0,506	0,157
	VIntXVNeu	0,000*	0,083	0,000*	0,000*	0,001*	0,000*
	VIntXVPro	0,025*	0,215	0,054	0,897	0,964	0,326
	VNeuXVPro	0,000*	0,014*	0,000*	0,041*	0,073	0,000*
Loc 2	VDuvXVInt	0,995	0,078	0,163	0,104	0,400	0,041*
	VDuvXVNeu	0,087	0,036	0,331	0,352	0,253	0,819
	VIntXVNeu	0,022*	0,674	0,000*	0,070	0,799	0,003*
Loc 3	VIntXVNeu	0,008*	0,740	0,001*	0,697	0,233	0,016*
Loc 4	VDuvXVInt	0,050*	0,972	0,025*	0,560	0,149	0,315
	VDuvXVNeu	0,000*	0,940	0,000*	0,478	0,004*	0,000*
	VIntXVNeu	0,004*	0,988	0,002*	0,808	0,066	0,012*
Loc 5	VDuvXVInt	0,792	0,763	0,877	0,180	0,133	0,970
	VDuvXVNeu	0,046*	0,765	0,048*	0,608	0,364	0,133
	VIntXVNeu	0,018*	0,413	0,012*	0,599	0,789	0,031*
Loc 6	VIntXVNeu	0,007*	0,288	0,004*	0,856	0,073	0,013*
Loc 7	VDuvXVInt	0,785	0,650	0,952	0,073	0,019*	0,906
	VDuvXVNeu	0,089	0,891	0,038*	0,629	0,180	0,033*
	VIntXVNeu	0,001*	0,492	0,001*	0,189	0,928	0,006*
Loc 8	VCriXVDuv	0,194	0,198	0,408	0,590	0,995	0,973
	VCriXVInt	0,889	0,569	0,986	0,262	0,496	0,794
	VCriXVNeu	0,012*	0,726	0,023*	0,676	0,331	0,040*
	VDuvXVInt	0,148	0,026*	0,274	0,352	0,608	0,694
	VDuvXVNeu	0,005*	0,125	0,003*	0,651	0,244	0,004*
	VInt X VNeu	0,007*	0,273	0,007*	0,744	0,090	0,005*

Para locutor **1**, observamos, no ponto inicial do movimento, assim como na variação melódica e na variação de tempo de realização do movimento, os maiores valores são encontrados na atitude de *provocação*, seguidos pela atitude de *interesse*, depois pela de *dúvida* e, por fim, pelo *neutro*, em que encontramos os menores valores. Nessas medidas, temos diferenças significativas da *dúvida* comparada ao *neutro* (nos início do movimento e variação melódica), do *interesse* comparado ao *neutro* (nos três valores), do *interesse* comparado à *provocação* (no valor inicial do movimento) e do *neutro* comparado à *provocação* (nos três valores). Há valores bastante próximos, no ponto inicial, para *dúvida* e *interesse*; na variação de tempo, para *interesse* e *provocação*. Quanto ao ponto final do movimento, os valores de *interesse*, *neutro* e *provocação* são próximos, mas o valor da *dúvida* difere dos demais por ser maior (significativamente maior no caso de compará-lo ao *interesse* e ao *neutro*). Nesse ponto final

do movimento também encontramos uma diferença significativa ao compararmos o *neutro* à *provocação*. Em relação à variação do movimento melódico, a taxa de variação foi significativamente menor para o *neutro*, comparado à *dúvida* e ao *interesse*; a variação relativa (em oitavas) foi significativamente menor no *neutro*, comparado à *provocação*, ao *interesse* e à *dúvida*; e o valor do *interesse* foi significativamente maior que o valor da *dúvida*.

Para o locutor **2**, os maiores valores no movimento descendente de F_0 foram na atitude de *dúvida*, para o ponto final do movimento e taxa de variação melódica; e para o *interesse* na variação melódica absoluta e relativa, e também no tempo de realização do movimento. As medidas para a atitude *neutra* foram as menores no ponto inicial do movimento, na variação melódica absoluta e relativa e na taxa de variação melódica. Dentre essas medidas, foram significativamente distintas a medida da variação melódica relativa quando comparados *dúvida* e *interesse* e *neutro* e *interesse*; ponto final do movimento para *dúvida* comparada a *neutro*; ponto inicial e variação absoluta para *interesse* comparado a *neutro*.

Os valores de *interesse*, para locutor **3**, são significativamente maiores que os de *neutro* no ponto inicial do movimento e na variação melódica, absoluta e relativa. Na taxa de variação o valor de *interesse* é maior que o de *neutro*, mas tal diferença não é significativa. Para o ponto final os valores das duas atitudes são próximos e para variação de tempo do movimento, a atitude *neutra* teve valores maiores (não significativamente) que o *interesse*.

Para o locutor **4**, o ponto inicial, a variação melódica absoluta e relativa e a taxa de variação melódica têm os maiores valores na atitude de *dúvida*, seguida do *interesse*, ficando os menores valores como *neutro*. No ponto final do movimento os valores são extremamente parecidos para as três atitudes. Na variação do tempo de realização do movimento, a maior tempo se encontra na atitude *neutra*, seguida de *interesse*, ficando o menor valor com a *dúvida*. As medidas inicial e de variação absoluta do movimento são significativas para qualquer comparação de atitudes feita. A taxa de variação do movimento é significativamente distinta para a comparação das atitudes *dúvida* e *neutra* e a taxa de variação relativa é significativamente diferente ao comparar *dúvida* com *neutro* e *interesse* com *neutro*.

Há uma tendência, nos dados do locutor **5**, dos maiores valores serem apresentados na atitude de *dúvida*, seguidos por valores muito próximos da atitude de *interesse*, ficando os menores

valores na atitude *neutra*. Isso pode ser visto nas medidas inicial, de variação melódica (absoluta e relativa) e na taxa de variação melódica. No valor inicial do movimento de F_0 , assim como na variação absoluta de F_0 no movimento, temos médias significativamente diferentes quando comparamos a *dúvida* com o *neutro* e o *interesse* com o *neutro*. Há ainda medidas significativamente distintas quando comparamos o *interesse* com o *neutro* para a variação relativa do movimento de F_0 . Os valores finais do movimento são próximos nas três atitudes. Para o tempo do movimento o *interesse* apresenta o maior valor, seguido do *neutro* e da *dúvida*.

Para os dados do locutor **6**, temos maiores valores de *interesse*, comparado ao *neutro*, em todas as médias apresentadas. Dentre estes, são significativamente diferentes o valor inicial do movimento e a variação melódica, absoluta ou relativa.

No caso de locutor **7**, os valores inicial do movimento e de variação melódica (absoluta e relativa) são maiores para *dúvida* e *interesse* que para *neutro*. No ponto final do movimento, as três atitudes têm valores parecidos. Quanto ao tempo do movimento, o *interesse* apresenta valor maior que o *neutro*, e este maior que a *dúvida*. Para taxa de variação melódica, a *dúvida* tem valor maior que *interesse* e *neutro*. Dentre tais medidas, são significativamente diferentes a da taxa de variação melódica, para as atitudes *dúvida* e *interesse*; a do ponto inicial, para as atitudes *interesse* e *neutro*; a da variação melódica absoluta para *dúvida* comparada ao *neutro* ou para *interesse* comparada ao *neutro*; a da variação melódica relativa para *dúvida* e *interesse* comparados ao *neutro*.

Por fim, para locutor **8**, temos, de um modo geral, os maiores valores para a atitude de *dúvida* (com exceção da taxa de variação melódica, em que o maior valor é do *interesse*), seguidos geralmente pelo *interesse* e *crítica* (que têm valores próximos) e, por fim, o *neutro*, que apresenta os menores valores listados. Algumas medidas são significativamente diferentes na comparação das atitudes: todas diferem significativamente do *neutro* no ponto inicial do movimento e também na variação melódica, tanto absoluta quanto relativa. Além disso, a medida de F_0 no final do movimento melódico é significativamente maior na *dúvida* do que no *interesse*.

2.2.2- Medidas de duração, por locutor

Tabela 57- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões parciais verdadeiras, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	V Duv (n = 7)	0,162 (0,04)	0,159 (0,03)	0,274 (0,16)	0,128 (0,04)
	V Int (n = 99)	0,151 (0,03)	0,151 (0,03)	0,209 (0,07)	0,140 (0,04)
	V Neu (n = 73)	0,143 (0,02)	0,143 (0,02)	0,194 (0,06)	0,136 (0,04)
	V Pro (n = 9)	0,147 (0,02)	0,147 (0,02)	0,229 (0,07)	0,131 (0,04)
Loc 2	V Duv (n = 3)	0,182 (0,04)	0,180 (0,03)	0,280 (0,14)	0,155 (0,04)
	V Int (n = 13)	0,192 (0,04)	0,190 (0,04)	0,305 (0,10)	0,158 (0,04)
	V Neu (n = 12)	0,188 (0,03)	0,182 (0,03)	0,214 (0,07)	0,165 (0,05)
Loc 3	V Int (n = 7)	0,178 (0,02)	0,176 (0,02)	0,227 (0,06)	0,166 (0,04)
	V Neu (n = 6)	0,156 (0,01)	0,153 (0,01)	0,229 (0,09)	0,174 (0,04)
Loc 4	V Duv (n = 4)	0,188 (0,03)	0,178 (0,03)	0,196 (0,07)	0,169 (0,05)
	V Int (n = 6)	0,200 (0,05)	0,199 (0,04)	0,244 (0,14)	0,165 (0,07)
	V Neu (n = 8)	0,183 (0,07)	0,171 (0,06)	0,235 (0,15)	0,116 (0,03)
Loc 5	V Duv (n = 3)	0,169 (0,02)	0,169 (0,02)	0,217 (0,07)	0,174 (0,08)
	V Int (n = 11)	0,157 (0,04)	0,150 (0,03)	0,232 (0,08)	0,133 (0,05)
	V Neu (n = 7)	0,169 (0,04)	0,157 (0,03)	0,208 (0,05)	0,155 (0,06)
Loc 6	V Int (n = 3)	0,197 (0,03)	0,197 (0,03)	0,140 (0,04)	0,154 (0,05)
	V Neu (n = 5)	0,203 (0,05)	0,196 (0,05)	0,295 (0,12)	0,192 (0,07)
Loc 7	V Duv (n = 3)	0,228 (0,04)	0,217 (0,03)	0,341 (0,09)	0,228 (0,04)
	V Int (n = 15)	0,191 (0,03)	0,184 (0,02)	0,251 (0,07)	0,175 (0,06)
	V Neu (n = 5)	0,177 (0,02)	0,171 (0,02)	0,191 (0,06)	0,149 (0,04)
Loc 8	V Cri (n = 9)	0,185 (0,03)	0,185 (0,03)	0,287 (0,08)	0,174 (0,05)
	V Duv (n = 4)	0,230 (0,06)	0,192 (0,03)	0,170 (0,09)	0,132 (0,01)
	V Int (n = 4)	0,138 (0,02)	0,138 (0,02)	0,166 (0,10)	0,162 (0,05)
	V Neu (n = 5)	0,193 (0,04)	0,189 (0,03)	0,223 (0,08)	0,150 (0,03)

Tabela 58- Valores de *p* para valores de duração, nas questões parciais verdadeiras, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	V Duv X V Int	0,419	0,559	0,050*	0,566
	V Duv X V Neu	0,081	0,140	0,012*	0,694
	V Duv X V Pro	0,032	0,424	0,413	0,886
	V Int X V Neu	0,046*	0,050*	0,110	0,598
	V Int X V Pro	0,615	0,649	0,307	0,494
	V Neu X N Pro	0,558	0,539	0,050*	0,690
Loc 2	V Duv X V Int	0,663	0,613	0,706	0,895
	V Duv X V Neu	0,793	0,860	0,214	0,705
	V Int X V Neu	0,768	0,531	0,015*	0,687
Loc 3	V Int X V Neu	0,245	0,217	0,969	0,803
Loc 4	V Duv X V Int	0,593	0,380	0,493	0,931
	V Duv X V Neu	0,884	0,829	0,619	0,085
	V Int X V Neu	0,578	0,349	0,908	0,170
Loc 5	V Duv X V Int	0,602	0,243	0,776	0,239
	V Duv X V Neu	0,996	0,554	0,782	0,632
	V Int X V Neu	0,432	0,511	0,374	0,311
Loc 6	V Int X V Neu	0,859	0,984	0,099	0,472
Loc 7	V Duv X V Int	0,080	0,024*	0,073	0,158
	V Duv X V Neu	0,031*	0,012*	0,016*	0,021*
	V Int X V Neu	0,298	0,177	0,108	0,418
Loc 8	V Cri X V Duv	0,091	0,763	0,095	0,247
	V Cri X V Int	0,007*	0,007*	0,032*	0,663
	V Cri X V Neu	0,619	0,783	0,148	0,290
	V Duv X V Int	0,032*	0,046*	0,969	0,497
	V Duv X V Neu	0,357	0,922	0,476	0,518
	V Int X V Neu	0,036*	0,018*	0,363	0,686

Para locutor **1**, temos, nos valores de tempo médio por sílaba (com ou sem pausa) e duração da TN, uma tendência de a *dúvida* apresentar valores mais altos que as demais atitudes, e o *neutro* valores mais baixos que as demais atitudes. As medidas de *interesse* e *provocação* são bastante próximas no tempo médio por sílaba. Para medida da TN, a *provocação* apresenta menor valor que *dúvida* e maior valor que *interesse* e *neutro*. Na duração da APT, todas as atitudes têm valores próximos. Dessas diferenças, são significativas os valores de tempo médio por sílaba (com e sem pausa), na comparação das atitudes *interesse* e *neutra*; o valor de duração da tônica nuclear, quando comparadas *dúvida* com *interesse*, *dúvida* com *neutra* e *neutra* com *provocação*.

Para os valores de duração apresentados por locutor **2**, podemos perceber, no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa), e na duração da APT, valores muito próximos para as três atitudes. Para a duração da TN, o *interesse* apresenta um valor significativamente maior que a atitude *neutra*, e apenas maior que a atitude de *dúvida*.

Para o locutor **3**, vemos uma tendência de a atitude de *interesse* apresentar valores mais altos que a atitude *neutra* no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa), não sendo tal diferença significativa. Na duração das sílabas TN e APT, os valores para as duas atitudes são muito próximos.

Nas medidas apresentadas por locutor **4**, notamos uma tendência de, no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa), os valores da atitude *interesse* serem um pouco mais altos que os valores da atitude de *dúvida* e *neutra* (cujos valores são próximos). Na duração da TN, a atitude de *interesse* e a atitude *neutra* têm valores parecidos, sendo maiores que o valor da *dúvida*. Na duração da APT, a duração da *dúvida* é próxima da do *interesse*, e o valor das duas atitudes é maior que o valor encontrado na atitude *neutra*. Nenhuma dessas diferenças é significativa.

Nos dados apresentados para locutor **5**, vemos que, no tempo médio por sílaba (com pausa), os valores apresentados para a *dúvida* e o *neutro* são idênticos e ligeiramente maiores que o valor na atitude de *interesse*. No tempo médio por sílaba (sem pausa), o valor de *dúvida* é um pouco maior que o valor do *neutro* e este, por sua vez, ligeiramente maior que o valor do *interesse*. Na duração da TN, o maior valor encontrado é da atitude de *interesse*, seguido pelo valor da atitude de *dúvida* e depois pelo valor da atitude *neutra*. Para a duração da APT, o valor da *dúvida* é maior que o valor do *neutro*, que por sua vez é maior que o do *interesse*. Nenhuma das diferenças aqui apresentadas é significativa.

Para o locutor **6**, os valores apresentados para a atitude *neutra* são maiores que os valores apresentados para a atitude de *interesse* (com exceção do tempo médio por sílaba sem pausa, em que podemos dizer que os valores das duas atitudes são idênticos). O valor de *p* da duração da TN mostrou-se próximo do significativo nas duas atitudes, mas, como os demais valores, não foi considerado significativo.

Para os dados de locutor **7**, podemos ver que a *dúvida* tende a apresentar os maiores valores de duração, em todas as medidas realizadas, seguida pelo *interesse*, que apresenta os valores intermediários e pelo *neutro*, que apresenta os menores valores encontrados. Dessas diferenças, são significativas as de todas as medidas, na comparação entre a *dúvida* e o *neutro*; e, no tempo médio por sílaba (sem pausa), o valor da *dúvida* comparado com o de *interesse*. Na comparação do *interesse* com o *neutro* não há valores significativos.

Para locutor **8**, encontramos valor maior no tempo médio por sílaba (com pausa), na atitude de *dúvida*, seguida das atitudes *neutra* e *crítica* (cujos valores são próximos), estando os valores mais baixos presentes na atitude de *interesse*. No tempo médio por sílaba (sem pausa) as medidas de *dúvida*, *neutro* e *crítica* são próximas e maiores que a medida para *interesse*. Dessas diferenças, são significativas as médias apresentadas por todas as atitudes, quando comparadas à atitude de *interesse*. Para a duração da TN, a *crítica* apresenta o maior valor, seguida a atitude *neutra*, vindo depois dela as atitudes de *dúvida* e *interesse*. É significativamente diferente a média da *crítica* comparada à do *interesse*. Na duração da APT não houve medidas significativamente diferentes, sendo que a *crítica* tende a apresentar um valor ligeiramente mais alto, seguida do *interesse*, do *neutro* e da *dúvida*.

2.2.3- Medidas de F_0 , para conjunto de todos os locutores

2.2.3.1- Pontos

Tabela 59- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
V Cri (n = 17)	267 (65)	102 (37)	290 (73)	290 (73)	97 (28)	193 (85)
V Duv (n = 23)	216 (65)	125 (39)	251 (78)	265 (72)	110 (21)	155 (73)
V Int (n = 158)	220 (52)	106 (28)	246 (49)	247 (48)	99 (18)	147 (46)
V Neu (n = 121)	164 (34)	99 (23)	173 (33)	176 (32)	98 (16)	78 (29)
V Pro (n = 15)	247 (77)	112 (45)	264 (72)	268 (66)	97 (20)	171 (65)

Tabela 60- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
V Cri X V Duv	0,517	0,774	1,000	0,969	0,857	0,999
V Cri X V Int	0,808	0,943	0,999	0,998	0,975	1,000
V Cri X V Neu	0,000*	0,538	0,000*	0,000*	0,905	0,000*
V Cri X V Pro	0,990	0,999	0,940	0,927	0,980	0,831
V Duv X V Int	0,876	0,030*	1,000	0,602	0,107	0,983
V Duv X V Neu	0,000*	0,001*	0,000*	0,000*	0,045*	0,000*
V Duv X V Pro	0,161	0,885	0,849	0,998	0,400	0,867
V Int X V Neu	0,000*	0,231	0,000*	0,000*	0,947	0,000*
V Int X V Pro	0,272	0,700	0,694	0,517	0,999	0,457
V Neu X V Pro	0,000*	0,183	0,000*	0,000*	0,999	0,000*

Para as medidas de F_0 inicial, na 1ª tônica, máxima e tessitura, os maiores valores apresentados são para a atitude de *crítica*, seguida pela atitude de *provocação*, depois pela atitude de *dúvida*, em seguida pela atitude de *interesse*, cabendo os menores valores observados à atitude *neutra*. É importante observar que os valores de *provocação*, *dúvida* e *interesse* são próximos (às vezes muito próximos) para essas medidas. Para os pontos final e mínimo, vemos que a *dúvida* apresenta os maiores valores, sendo os das outras atitudes parecidos entre si. Observamos, nessas medidas, algumas significativamente distintas: na comparação da *crítica* com o *neutro*, os pontos inicial, da 1ª tônica, máximo e da tessitura; na comparação da *dúvida* com o *interesse*, o ponto final; na comparação da *dúvida* com o *neutro*, todas as medidas. Na comparação do *interesse* e do *neutro* com a *provocação*, os pontos inicial, da 1ª tônica, máximo e da tessitura.

2.2.3.2- Movimento de F_0

Tabela 61- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Cri (n = 17)	290 (73)	97 (28)	193 (85)	1,644 (1,16)	239 (319)	1,591 (0,62)
V Duv (n = 23)	265 (72)	112 (21)	155 (72)	0,997 (0,55)	201 (144)	1,217 (0,49)
V Int (n = 158)	245 (49)	100 (18)	145 (47)	1,277 (0,78)	160 (119)	1,293 (0,32)
V Neu (n = 121)	174 (31)	98 (16)	76 (28)	0,978 (0,86)	115 (76)	0,819 (0,246)
V Pro (n = 15)	260 (75)	97 (20)	163 (76)	1,165 (0,91)	172 (94)	1,394 (0,523)

Tabela 62- Valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Cri X V Duv	0,955	0,707	0,997	0,071	0,994	0,944
V Cri X V Int	0,999	0,974	1,000	0,747	0,901	1,000
V Cri X V Neu	0,000*	0,871	0,000*	0,118	0,195	0,000*
V Cri X V Pro	0,989	0,963	0,950	0,922	0,931	0,974
V Duv X V Int	0,559	0,033*	0,963	0,109	0,321	0,664
V Duv X V Neu	0,000*	0,008*	0,000*	0,946	0,003*	0,000*
V Duv X V Pro	0,999	0,187	0,988	0,375	0,629	0,534
V Int X V Neu	0,000*	0,877	0,000*	0,015*	0,007*	0,000*
V Int X V Pro	0,838	0,998	0,766	0,999	0,999	0,935
V Neu X V Pro	0,000*	0,999	0,000*	0,516	0,663	0,000*

Nas medidas do movimento descendente, para os valores de F_0 inicial e variação melódica (absoluta e relativa) e taxa de variação, temos os maiores valores na *crítica* e menores na atitude *neutra*, sendo os valores de *dúvida*, *interesse* e *provocação* intermediários e parecidos. São significativamente diferentes as médias de todas as atitudes, para esses valores, quando comparadas ao *neutro*, mas não quando comparadas entre si, exceto na taxa de variação, em que são significativas apenas *dúvida* e *interesse* comparadas ao *neutro*. Quanto ao ponto final do movimento, a atitude *dúvida* é maior que as demais, sendo significativamente maior que o *interesse* e o *neutro*. Para variação temporal do movimento, a *crítica* apresenta o valor mais alto, seguida do *interesse*, depois da *provocação*, depois da *dúvida* e do *neutro* (que têm valores próximos). A única diferença significativa para tempo do movimento é da média do *interesse* comparada à da atitude *neutra*.

2.2.4- Medidas de duração, para conjunto de todos os locutores

Tabela 63- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
V Cri (n = 17)	0,191 (0,03)	0,197 (0,03)	0,283 (0,08)	0,174 (0,05)
V Duv (n = 23)	0,190 (0,04)	0,181 (0,03)	0,259 (0,11)	0,171 (0,06)
V Int (n = 158)	0,163 (0,04)	0,161 (0,03)	0,222 (0,08)	0,147 (0,05)
V Neu (n = 121)	0,158 (0,03)	0,155 (0,03)	0,204 (0,07)	0,144 (0,05)
V Pro (n = 15)	0,153 (0,02)	0,152 (0,02)	0,226 (0,06)	0,133 (0,04)

Tabela 64- Valores de *p* para valores de duração, nas questões parciais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
V Cri X V Duv	1,000	1,000	0,925	1,000
V Cri X V Int	0,971	0,952	0,257	0,967
V Cri X V Neu	0,862	0,701	0,047*	0,932
V Cri X V Pro	0,923	0,872	0,646	0,885
V Duv X V Int	0,743	0,952	0,800	0,841
V Duv X V Neu	0,371	0,498	0,174	0,718
V Duv X V Pro	0,749	0,885	0,995	0,752
V Int X V Neu	0,980	0,815	0,601	1,000
V Int X V Pro	0,999	0,998	1,000	0,997
V Neu X N Pro	1,000	1,000	0,952	0,999

As medidas de duração nas questões totais, quando agrupamos todos os locutores, são bastante parecidas para todas as atitudes, quase não apresentando diferenças significativas. No tempo médio por sílaba (com e sem pausa), vemos uma tendência de as atitudes *crítica* e *dúvida* apresentarem valores um pouco maiores que as demais atitudes. Na duração da TN, a *crítica* é a atitude que apresenta maior valor, seguida da *dúvida*, da *provocação* e do *interesse* (cujos valores são próximos) e do *neutro*, que apresenta o menor valor. Nessas medidas, é significativamente distinto o valor da *crítica* comparado ao do *interesse*. Para a duração da APT, temos um valor maior para *crítica*, e *dúvida* que para as demais atitudes.

2.3- Síntese para as questões parciais

A fim de verificarmos se havia diferenças significativas entre as questões parciais retóricas e as propriamente ditas (verdadeiras), fizemos uso do teste t de diferença entre médias, comparando valores para esses dois tipos de enunciado. Não apresentamos os resultados obtidos aqui porque nenhum deles foi significativo. Isso nos mostra que as questões parciais, quer sejam retóricas, quer sejam verdadeiras, não apresentam diferentes valores prosódicos. Interpretamos tal fato da seguinte forma: como o objetivo comunicativo dessas questões é recuperado na conversação mais facilmente que a atitude do locutor, os diferentes objetivos comunicativos não precisam apresentar características prosódicas distintas, enquanto as atitudes precisam, por serem mais difíceis de se recuperar.

Como não houve diferenças, então, entre as QP retóricas e verdadeiras, apresentamos, em conjunto, a síntese dos resultados encontrados.

A atitude *neutra*, nas QP, pode ser caracterizada como aquela que apresenta os menores valores de F_0 e os valores de duração que consideramos médios. A atitude de *crítica*, ao contrário, tende a apresentar valores muito altos de F_0 (maiores que em todas as outras atitudes) e valores de duração próximos à média, mas tendendo a maiores. Para a *provocação*, notamos valores de F_0 altos (menores apenas que os da *crítica*) e valores de duração que tendem a ser menores que nas demais atitudes. A *dúvida* e o *interesse* às vezes se confundem, no entanto a *dúvida* tende a apresentar valores máximo e mínimo de F_0 maiores que os de *interesse*, além de na duração a *dúvida* tender a apresentar duração maior, enquanto o *interesse* tende a apresentar duração menor.

Exemplos de questões parciais com diferentes atitudes podem ser vistos abaixo:

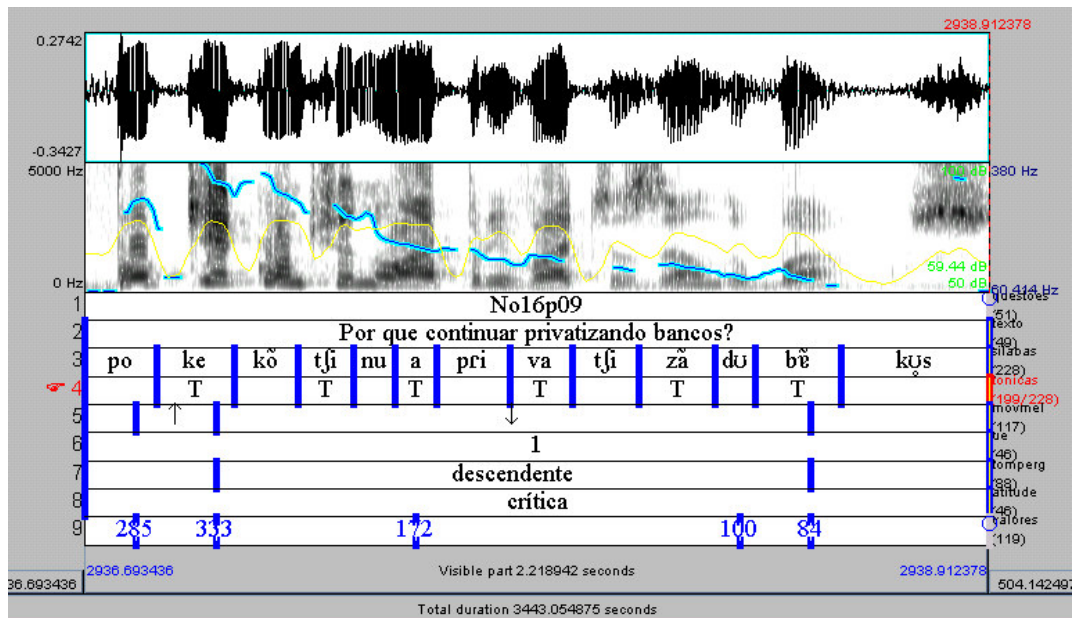


Figura 29- Questão parcial com atitude de crítica – [16p09 – loc 8]
Oscilograma, espectrograma, curva de F_0 (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

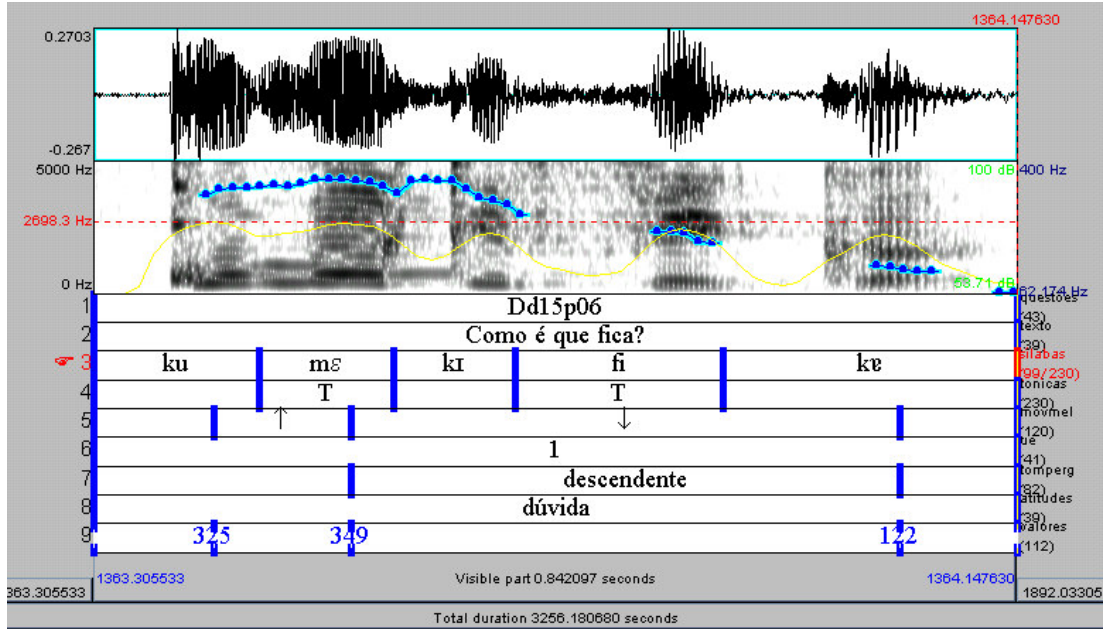


Figura 30- Questão parcial com atitude de dúvida – [15p06 – loc 4]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

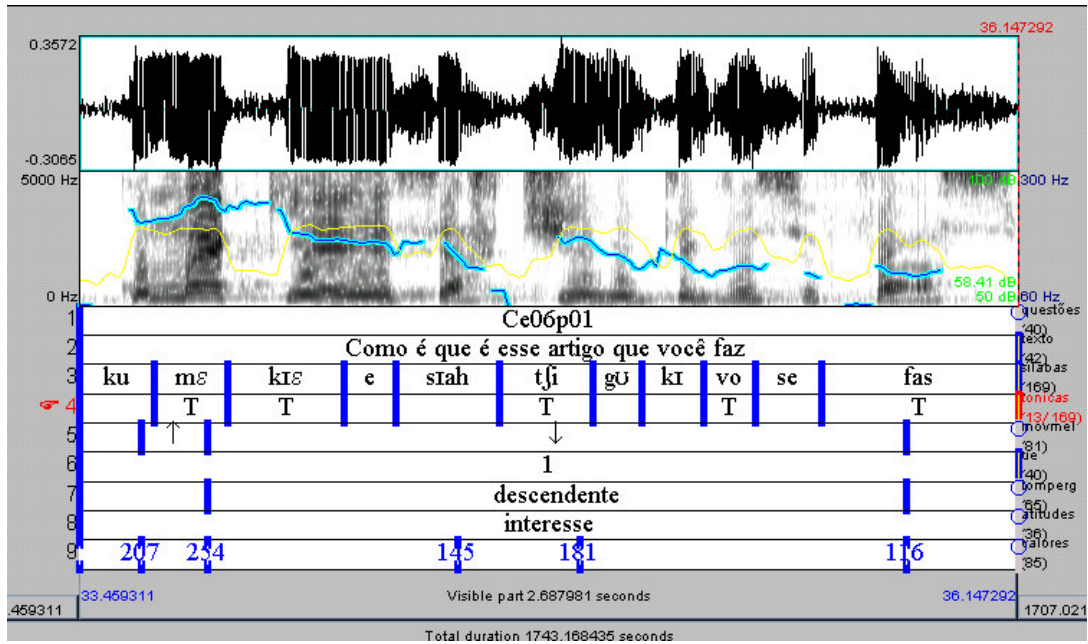


Figura 31- Questão parcial com atitude de interesse – [06p01 – loc 2]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

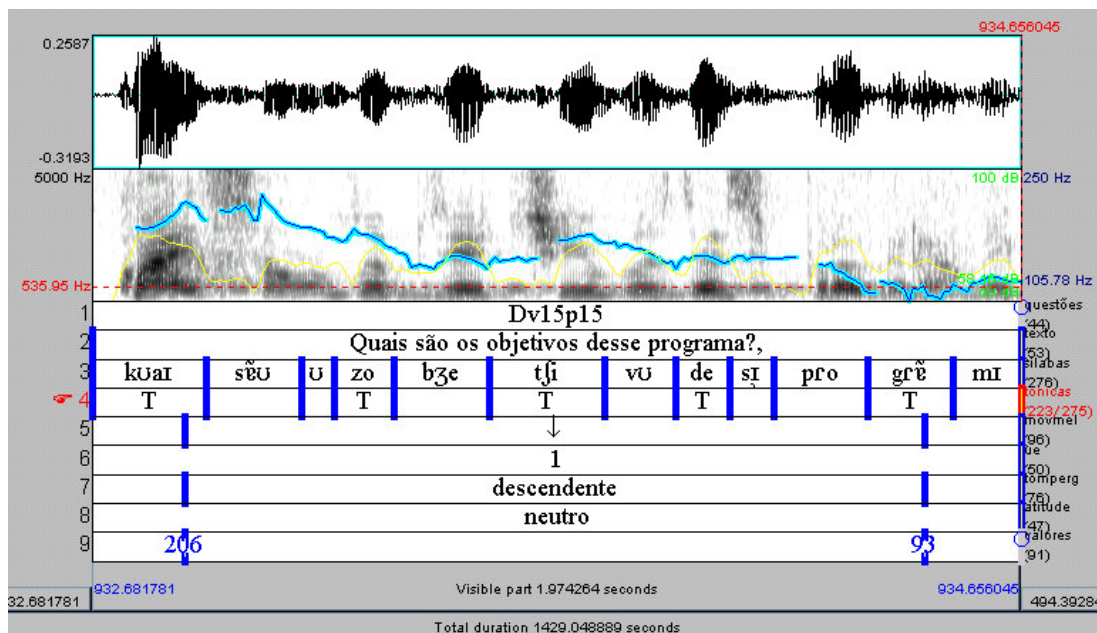


Figura 32- Questão parcial com atitude neutra – [15p15 – loc 3]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

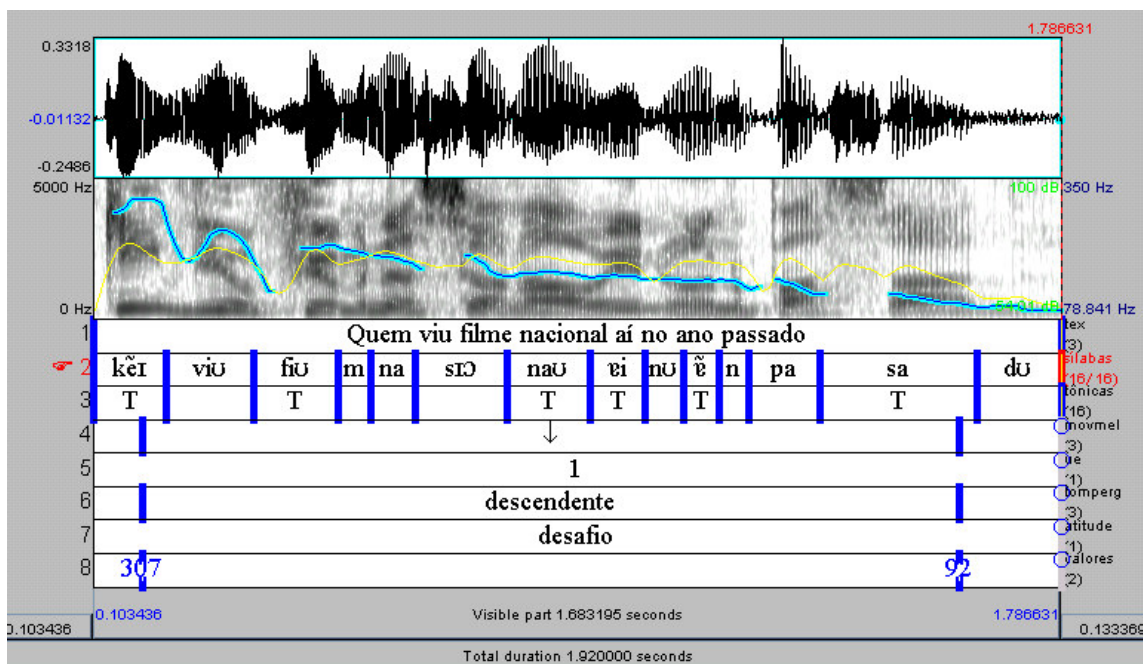


Figura 33- Questão parcial com atitude de provocação – [06p39 – loc1]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

3- Questões totais

Dentro do *corpus* que analisamos, encontramos, ao todo, 409 questões totais. Após análise inicial e retirada das questões que não se enquadravam no que nos propusemos a analisar, restaram 298 questões aqui descritas. Destas, 14 foram classificadas como questões retóricas, 111 como pedidos de confirmação e 173 como questões verdadeiras. Como foi feito para as demais questões, apresentaremos os valores dos pontos de F_0 que constituem a curva melódica de cada questão e dois movimentos característicos das QTs: o descendente pretônico (presente em quase todas as questões) e o ascendente tônico (presente em todas as questões). Passamos então à descrição dos resultados para tais questões.

3.1- Retóricas

3.1.1- Medidas de F_0

3.1.1.1- Pontos:

Tabela 65- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	R Inc (n = 3)	249 (116)	155 (71)	288 (89)	288 (89)	120 (22)	168 (110)
	R Neu (n = 4)	148 (66)	183 (15)	159 (88)	212 (55)	121 (14)	91 (44)
Loc 8	R Inc (n = 3)	165 (62)	239 (93)	165 (62)	260 (88)	97 (15)	163 (76)

Tabela 66- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	R Inc X R Neu	0,198	0,476	0,116	0,219	0,925	0,250

Para os valores apresentados por locutor **1**, podemos ver que no ponto inicial de F_0 , na 1ª tônica, no valor máximo e na tessitura, a atitude *incredulidade* apresenta valores maiores que o *neutro*. No valor final de F_0 , *neutro* apresenta média maior que *incredulidade*; no valor mínimo, podemos dizer que as duas atitudes apresentam os mesmos valores. Nenhuma dessas médias foi significativamente distinta ao compararmos a atitude *incredulidade* com a atitude *neutra*.

Para o locutor **8** não foi possível fazer comparações, uma vez que as questões retóricas apresentadas eram todas incrédulas.

3.1.1.2- Movimentos de F_0

Tabela 67- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	R Inc (n = 3)	272 (109)	136 (9)	136 (101)	0,371 (0,27)	447 (210)	0,920 (0,50)
	R Neu (n = 4) ³⁷	-	-	-	-	-	-
Loc 8	R Inc (n = 3)	179 (39)	97 (15)	82 (31)	1,158 (1,33)	135 (105)	0,875 (0,25)

Não se procedeu aqui à análise das diferenças apresentadas, pois, como se vê na tabela, não obtivemos valores que pudessem ser comparados. Passamos, assim, aos valores do movimento ascendente tônico nas questões totais retóricas.

Tabela 68- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	R Inc (n = 3)	136 (9)	210 (30)	74 (37)	0,197 (0,08)	463 (322)	0,615 (0,29)
	R Neu (n = 4)	130 (21)	183 (15)	53 (35)	0,217 (0,08)	301 (252)	0,502 (0,34)
Loc 8	R Inc (n = 3)	97 (15)	260 (88)	163 (76)	0,514 (0,40)	387 (226)	1,378 (0,39)

³⁷ Este movimento apareceu em apenas uma questão desse tipo, por isso as médias e valor comparativo de *p* para diferença entre médias não foram apresentados.

Tabela 69- Valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	R Inc X R Neu	0,653	0,173	0,478	0,127	0,124	0,758

Para locutor **1**, vemos que as médias apresentadas são maiores na *incredulidade* que na atitude *neutra* para os valores final do movimento ascendente, variação melódica absoluta e relativa e taxa de variação. No ponto inicial do movimento os valores são próximos para as duas atitudes. No tempo do movimento o *neutro* apresenta valor um pouco maior que a *incredulidade*. Essas médias não são significativamente distintas quando comparadas as atitudes *incredulidade* à *neutra*.

Lembramos que não foi possível desenvolver um estudo comparativo para as questões totais retóricas de locutor **8**, pois todas elas têm a atitude de *incredulidade*.

3.1.2- Medidas de duração, por locutor

Tabela 70- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais retóricas, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	R Inc (n = 3)	0,174 (0,03)	0,172 (0,03)	0,237 (0,02)	0,175 (0,06)
	R Neu (n = 4)	0,135 (0,03)	0,135 (0,03)	0,193 (0,05)	0,134 (0,05)
Loc 8	R Inc (n = 3)	0,173 (0,01)	0,173 (0,01)	0,272 (0,02)	0,190 (0,05)

Tabela 71- Valores de p para valores de duração, nas questões totais retóricas, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	R Inc X R Neu	0,072	0,080	0,095	0,290

Para as medidas de duração de locutor **1**, vemos uma tendência de a *incredulidade* apresentar valores maiores que a atitude *neutra* (sendo que os valores de *p* são próximos de serem significativos para o tempo médio por sílaba, com ou sem pausa e para a duração da TN, quando comparamos tais atitudes).

Para locutor **8**, não foram feitas comparações entre atitudes, porque todas as questões totais retóricas apresentam a atitude de *incredulidade*.

3.1.3- Medidas de F₀, para conjunto de todos os locutores

3.1.3.1- Pontos

Tabela 72- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F₀, nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	F ₀ inicial	F ₀ final	F ₀ 1ª tônica	F ₀ máximo	F ₀ mínimo	Tessitura
R Inc (n = 7)	194 (93)	199 (80)	211 (97)	265 (78)	109 (19)	156 (82)
R Neu (n = 4)	148 (66)	183 (15)	159 (88)	212 (54)	121 (19)	91 (44)
R Pro (n = 3)	153 (65)	134 (79)	184 (50)	216 (17)	101 (24)	115 (26)

Tabela 73- Valores de *p* para pontos de F₀, nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	F ₀ inicial	F ₀ final	F ₀ 1ª tônica	F ₀ máximo	F ₀ mínimo	Tessitura
RInc X RNeu	0,999	0,969	0,999	0,999	0,564	0,982
RInc X RPro	0,563	0,560	0,467	0,547	0,168	0,830
RNeu X RPro	0,727	0,589	0,616	0,684	0,092	0,961

Para os valores de F₀ inicial, na 1ª tônica, máximo e tessitura, temos uma tendência de a *incredulidade* apresentar os maiores valores, seguida pela *provocação*, e de o *neutro* apresentar os menores valores. No valor inicial e no máximo os valores de *neutro* e *provocação* são bastante próximos. Para F₀ final, o valor de *incredulidade* continua o maior, mas é seguido dessa vez do *neutro*, sendo o menor valor encontrado na *provocação*. Para F₀ mínimo, o maior valor é de *neutro*, seguido da *dúvida* e por fim da *provocação*. Nenhuma dessas medidas é significativamente diferente das demais.

3.1.3.2- Movimentos de F_0 **Tabela 74-** Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
R Inc (n = 7)	211 (91)	116 (22)	95 (76)	0,694 (0,89)	254 (229)	0,785 (0,44)
R Neu (n = 4)	291 (*)	140 (*)	151 (*)	0,601 (*)	251 (*)	1,056 (*)
R Pro (n = 3)	212 (21)	132 (45)	80 (66)	0,429 (0,02)	184 (148)	0,724 (0,65)

* Observação: o *software* não forneceu o valor de desvio padrão para os dados do *neutro*, por serem poucos.

Tabela 75- Valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
RInc X RNeu	0,971	0,988	0,981	0,970	0,542	0,969
RInc X RPro	0,642	0,974	0,686	0,997	0,222	0,903
RNeu X RPro	0,652	0,952	0,710	0,984	0,932	0,852

Observamos, na tabela acima, que, para os valores inicial do movimento e de variação melódica (absoluta e relativa), a atitude *neutra* apresenta os maiores valores, seguida de *incredulidade* e *provocação* (que têm valores próximos). Para o ponto final, *neutro* e *provocação* tem valores parecidos, sendo maiores que a *incredulidade*. O tempo de realização do movimento é maior para a *incredulidade*, depois para o *neutro*; sendo menor para a *provocação*. A taxa variação melódica é maior para a *incredulidade* e *neutro* (cujos valores são semelhantes), sendo o menor valor o da *provocação*. As médias apresentadas não foram significativamente distintas na comparação das atitudes.

Tabela 76- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
R Inc (n = 7)	116 (22)	231 (60)	115 (67)	0,327 (0,30)	452 (241)	0,982 (0,47)
R Neu (n = 4)	130 (21)	183 (15)	53 (35)	0,217 (0,08)	301 (252)	0,502 (0,34)
R Pro (n = 3)	134 (32)	197 (29)	64 (26)	0,136 (0,05)	470 (114)	0,581 (0,26)

Tabela 77- Valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
RInc X RNeu	0,988	0,855	0,813	0,921	0,456	0,749
RInc X RPro	0,974	0,872	0,900	0,961	0,964	0,947
RNeu X RPro	0,952	0,990	0,964	0,841	0,596	0,890

Para o valor inicial de F_0 no movimento ascendente, a *provocação* apresenta o maior valor, seguida do *neutro* e da *incredulidade* (cujos valores são próximos). Para os valores final do movimento e variação melódica, tanto absoluta quanto relativa, é a *incredulidade* que apresenta os maiores valores, seguida da *provocação*, sendo os menores valores os encontrados para a atitude *neutra*. Para variação melódica, o *neutro* e a *provocação* têm valores parecidos. Em relação ao tempo de realização do movimento, a *incredulidade* tem um tempo maior que o *neutro*, que por sua vez tem um tempo maior que a *provocação*. Na taxa de variação, o maior valor é da *provocação*, seguido de perto pela *incredulidade*; o menor valor é o da atitude *neutra*. Nenhuma dessas medidas foi significativamente distinta das demais.

3.1.4- Valores de duração, para conjunto de todos os locutores

Tabela 78- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
R Inc (n = 7)	0,173 (0,02)	0,172 (0,02)	0,253 (0,03)	0,181 (0,06)
R Neu (n = 4)	0,135 (0,03)	0,135 (0,03)	0,193 (0,05)	0,134 (0,05)
R Pro (n = 3)	0,159 (0,03)	0,157 (0,03)	0,166 (0,05)	0,129 (0,02)

Tabela 79- Valores de *p* para valores de duração, nas questões totais retóricas, para conjunto de locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
R Inc X R Neu	0,999	0,999	0,999	0,999
R Inc X R Pro	1,000	1,000	0,983	0,998
R Neu X R Pro	1,000	1,000	1,000	1,000

Apesar de todas as médias de duração para as diferentes atitudes apresentarem valores próximos, não havendo diferenças significativas entre elas, podemos dizer que há uma tendência de a *incredulidade* apresentar valores maiores para tempo médio por sílaba (com e sem pausa), seguida da *provocação*, e de o *neutro* apresentar os menores valores nessas medidas. Quanto à duração das sílabas TN e APT, os maiores valores são da *incredulidade*, seguida da atitude *neutra*, sendo os menores valores encontrados na atitude de *provocação*. Observa-se que, na APT, os valores de duração na atitude *neutra* e na *provocação* são muito próximos.

3.2- Pedidos de confirmação

3.2.1- Medidas de F_0 , por locutor

3.2.1.1- Pontos:

Tabela 80- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	PC Ind (n = 31)	162(51)	135 (35)	180 (54)	202 (43)	104 (21)	97 (42)
	PC Duv (n = 6)	153 (48)	139 (45)	186 (76)	212 (70)	101 (5)	111 (66)
	PC Inc (n = 15)	213 (72)	144 (68)	234 (68)	248 (64)	118 (25)	130 (65)
	PC Int (n = 18)	153 (40)	142 (43)	186 (32)	203 (32)	109 (16)	94 (40)
Loc 2	PC Ind (n = 7)	146 (22)	140 (20)	164 (33)	180 (23)	113 (22)	67 (25)
Loc 4	PC Ind (n = 8)	145 (41)	148 (16)	145 (40)	172 (31)	113 (8)	59 (31)
	PC Int (n = 2)	159 (45)	164 (11)	197 (98)	231 (50)	109 (2)	122 (48)
Loc 5	PC Ind (n = 8)	173 (32)	162 (30)	205 (35)	211 (21)	118 (13)	93 (27)
	PC Int (n = 3)	155 (19)	171 (43)	198 (17)	210 (4)	128 (11)	82 (10)
Loc 7	PC Ind (n = 4)	163 (28)	128 (7)	174 (18)	175 (17)	94 (7)	80 (2)

Tabela 81- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
Loc 1	PC Ind X PCDuv	0,697	0,822	0,799	0,625	0,706	0,512
	PC Ind X PCInc	0,008*	0,552	0,005*	0,006*	0,052	0,047*
	PC Ind X PCInt	0,544	0,552	0,638	0,932	0,466	0,800
	PCDuv X PCInc	0,076	0,862	0,173	0,270	0,121	0,558
	PCDuv X PCInt	0,989	0,862	0,998	0,675	0,293	0,457
	PCInc X PCInt	0,005*	0,936	0,013*	0,017*	0,192	0,063
Loc 4	PC IndXPCInt	0,675	0,232	0,241	0,060	0,461	0,046*
Loc 5	PC IndXPCInt	0,386	0,693	0,780	0,970	0,249	0,540

Para locutor **1**, vemos que a atitude de *incredulidade* apresenta os maiores valores para todos os pontos de F_0 estudados. com exceção de F_0 final, em que os valores são próximos para todas as atitudes. As demais atitudes têm valores próximos para todas as medidas apresentadas, com exceção de tessitura, que, depois de *incredulidade*, tem maior valor na *dúvida*, seguida da *indução* e do *interesse* (cujos valores são bastante próximos). Dentre tais medidas, são significativamente diferentes: na comparação entre a *indução* e a *incredulidade*, os valores inicial, 1ª tônica, máximo e de tessitura; na comparação da *incredulidade* com o *interesse*, os valores inicial, 1ª tônica e máximo.

Para locutor **2** e **7**, não apresentaremos comparações, pois todos os pedidos de confirmação proferidos por tais interlocutores são condutivos.

Nos valores encontrados para locutor **4**, vemos que o *interesse* apresenta médias maiores para todos os pontos de F_0 , com exceção do ponto mínimo, em que o valor para as duas atitudes é muito próximo e pode ser considerado igual. Para tais médias, a diferença entre a tessitura de *interesse* e *indução* é significativamente diferente.

Para locutor **5**, a atitude de *interesse* apresenta valores maiores que a atitude de *indução* nos pontos final e mínimo. Para os pontos inicial, 1ª tônica, máximo e tessitura, é a *indução* que apresenta valores maiores que o *interesse*. Tais diferenças não são significativas, uma vez que os valores apresentados para as duas atitudes são extremamente parecidos, às vezes são mesmo iguais (como no valor máximo de F_0).

3.2.1.2- Movimentos de F_0 **Tabela 82-** Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	PC Ind (n = 31)	207 (41)	117 (31)	90 (42)	0,704 (0,52)	188 (143)	0,842 (0,14)
	PC Duv (n = 6)	220 (75)	121 (19)	99 (75)	0,578 (0,60)	301 (297)	0,815 (0,48)
	PC Inc (n = 15)	238 (63)	138 (24)	100 (74)	0,357 (0,24)	404 (311)	0,769 (0,46)
	PC Int (n = 18)	194 (40)	117 (21)	77 (45)	0,445 (0,30)	222 (159)	0,720 (0,38)
Loc 2	PC Ind (n = 7)	179 (31)	112 (24)	67 (27)	0,709 (0,31)	119 (82)	0,689 (0,27)
Loc 4	PC Ind (n = 8)	146 (41)	114 (8)	33 (43)	0,926 (0,61)	27 (21)	0,327 (0,38)
	PC Int (n = 2)	197 (98)	109 (2)	88 (96)	1,104 (0,87)	66 (35)	0,761 (0,73)
Loc 5	PC Ind (n = 8)	211 (21)	128 (20)	83 (19)	0,976 (0,63)	112 (55)	0,728 (0,17)
	PC Int (n = 3)	198 (17)	145 (25)	53 (35)	1,129 (1,24)	106 (106)	0,461 (0,34)
Loc 7	PC Ind (n = 4)	174 (18)	94 (7)	80 (21)	2,019 (0,48)	40 (7)	0,882 (0,21)

Tabela 83- Valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	PC IndXPCDuv	0,565	0,779	0,688	0,632	0,195	0,884
	PC IndXPCInc	0,068	0,029*	0,590	0,020*	0,005*	0,576
	PC IndXPCInt	0,327	0,969	0,341	0,078	0,488	0,306
	PCDuvXPCInc	0,617	0,164	0,992	0,240	0,527	0,849
	PCDuvXPCInt	0,307	0,725	0,410	0,505	0,438	0,650
	PCIncXPCInt	0,027*	0,015*	0,298	0,379	0,047*	0,746
Loc 4	PC IndXPCInt	0,251	0,448	0,217	0,736	0,067	0,244
Loc 5	PC IndXPCInt	0,404	0,246	0,096	0,786	0,904	0,105

O movimento descendente se apresenta, para locutor **1**, com valor inicial mais alto na atitude de *incredulidade*, seguido do valor de *dúvida*, aparecendo depois o valor de *indução* e, por último, o valor do *interesse*. No final do movimento, a *incredulidade* tem o maior valor apresentado, sendo os valores das outras atitudes muito próximos. Na variação melódica absoluta, *indução*, *dúvida* e *incredulidade* têm valores próximos e maiores que o valor do *interesse*. Quanto ao valor da taxa de variação do movimento, o maior valor é da *incredulidade*, seguido por *dúvida*, *interesse* e *indução*. O tempo de realização do movimento é maior para a *indução*, depois para a *dúvida* e para o *interesse*, sendo o menor valor aquele que aparece na *incredulidade*. Para essas diferenças, poucas são significativas: na comparação

da *indução* com a *incredulidade*, são significativamente distintos os valores de F_0 final do movimento, tempo de realização do movimento e taxa de variação melódica. Na comparação entre a *incredulidade* e o *interesse* encontramos médias significativamente diferentes para as médias de F_0 inicial e final do movimento e para a taxa de variação melódica.

Para o locutor **4**, é possível observar que os valores da atitude *interesse* são maiores que os valores da atitude de *indução*, com exceção do valor final do movimento, que é muito próximo para as duas atitudes. As diferenças entre tais valores não são significativas.

Para os dados do locutor **5**, os valores da atitude *interesse* são maiores que os valores da atitude *indutiva* no final e no tempo de realização do movimento melódico. O ponto inicial e a variação melódica (absoluta e relativa) são maiores para a *indução*. Na taxa de variação melódica os valores são muito próximos para as duas atitudes. Tais diferenças não são significativas.

Para os locutores **2** e **7**, não há comparações a fazer, uma vez que os mesmos só apresentam a atitude *indutiva* nos pedidos de confirmação produzidos.

Tabela 84- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	PC Ind (n = 31)	131 (23)	175 (27)	44 (18)	0,198 (0,12)	273 (134)	0,426 (0,16)
	PC Duv (n = 6)	117 (20)	166 (23)	49 (24)	0,147 (0,03)	333 (118)	0,513 (0,23)
	PC Inc (n = 15)	140 (23)	211 (45)	71 (37)	0,197 (0,27)	544 (306)	0,582 (0,25)
	PC Int (n = 18)	116 (20)	180 (31)	64 (27)	0,195 (0,07)	365 (174)	0,636 (0,24)
Loc 2	PC Ind (n = 7)	113 (22)	145 (15)	32 (22)	0,259 (0,12)	146 (98)	0,387 (0,32)
Loc 4	PC Ind (n = 8)	114 (9)	154 (17)	40 (16)	0,196 (0,07)	207 (64)	0,430 (0,16)
	PC Int (n = 2)	109 (2)	172 (22)	63 (24)	0,214 (0,07)	293 (103)	0,655 (0,21)
Loc 5	PC Ind (n = 8)	129 (19)	179 (25)	50 (12)	0,174 (0,03)	295 (90)	0,468 (0,10)
	PC Int (n = 3)	145 (25)	195 (23)	50 (13)	0,213 (0,04)	244 (89)	0,433 (0,13)
Loc 7	PC Ind (n = 4)	94 (7)	128 (17)	34 (10)	0,261 (0,15)	158 (100)	0,435 (0,09)

Tabela 85- Valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		F ₀ inicial (Hz)	F ₀ final (Hz)	Δ F ₀ (Hz)	Δ t (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	PC IndXPCDuv	0,185	0,445	0,596	0,325	0,332	0,298
	PC IndXPCInc	0,257	0,005*	0,007*	0,996	0,001*	0,029*
	PC IndXPCInt	0,004*	0,625	0,010*	0,936	0,074	0,003*
	PCDuvXPCInc	0,044*	0,032*	0,197	0,656	0,122	0,565
	PCDuvXPCInt	0,928	0,320	0,241	0,104	0,683	0,284
	PCIncXPCInt	0,004*	0,028*	0,525	0,972	0,049*	0,540
Loc 4	PC IndXPCInt	0,447	0,224	0,129	0,728	0,161	0,131
Loc 5	PC IndXPCInt	0,277	0,361	0,984	0,135	0,425	0,639

Para locutor **1**, o ponto inicial do movimento descendente é maior na *incredulidade*, cujo valor é bem próximo da *indução*; aparecem depois os valores da *dúvida* e do *interesse*, que são próximos. Para o ponto final, o maior valor aparece na atitude de *incredulidade*, seguida pelas demais atitudes, cujos valores são parecidos. Na variação melódica absoluta, os maiores valores são da *incredulidade* e do *interesse*, seguidos de *dúvida* e *indução*. Em relação ao tempo do movimento, o menor valor aparece na *dúvida*, sendo os valores para as outras três atitudes muito próximos. Para a variação melódica relativa, o maior valor está associado ao *interesse*, seguido da *incredulidade*, depois da *dúvida*, ficando o menor valor com a *indução*. Dessas diferenças, são significativas: para o ponto inicial do movimento, a *indução* e a *incredulidade*, comparadas ao *interesse*; a *dúvida* comparada à *incredulidade*; para o ponto final, todas as atitudes são significativamente diferentes, quando comparadas à *incredulidade*, para a variação melódica absoluta, a *indução*, comparada à *incredulidade* e ao *interesse*; para a taxa de variação melódica, a *incredulidade*, comparada à *indução* e ao *interesse*; para a variação melódica relativa, a *indução*, comparada ao *interesse* e à *incredulidade*.

Para os locutores **2** e **7**, não há comparações a fazer, uma vez que os mesmos só apresentam a atitude *indutiva* nos pedidos de confirmação produzidos.

Para o locutor **4**, apesar de nenhuma diferença entre médias ser significativa, pode-se apontar uma tendência de os valores da atitude *interesse* serem maiores que os valores da atitude *indutiva*, com exceção do ponto inicial do movimento ascendente, em que os valores são muito parecidos para as duas atitudes.

Para o locutor **5**, os valores da atitude *interesse* são maiores que os valores da atitude *indutiva* no início, no final e no tempo de realização do movimento, melódico. A variação melódica absoluta tem o mesmo valor para as duas atitudes, e a relativa apresenta um valor maior para a *indução*. A taxa de variação melódica é maior para a *indução*. Tais diferenças não são significativas.

3.2.2- Medidas de duração, por locutor

Tabela 86- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	PC Ind (n = 31)	0,161 (0,04)	0,159 (0,04)	0,216 (0,08)	0,149 (0,04)
	PC Duv (n = 6)	0,165 (0,05)	0,152 (0,03)	0,197 (0,08)	0,139 (0,04)
	PC Inc (n = 15)	0,190 (0,05)	0,190 (0,05)	0,242 (0,07)	0,146 (0,05)
	PC Int (n = 18)	0,161 (0,03)	0,161 (0,03)	0,243 (0,08)	0,128 (0,04)
Loc 2	PC Ind (n = 8)	0,173 (0,04)	0,170 (0,03)	0,198 (0,04)	0,145 (0,04)
Loc 4	PC Ind (n = 8)	0,161 (0,01)	0,159 (0,01)	0,297 (0,10)	0,135 (0,03)
	PC Int (n = 2)	0,167 (0,06)	0,162 (0,05)	0,221 (0,09)	0,152 (0,05)
Loc 5	PC Ind (n = 8)	0,163 (0,04)	0,158 (0,04)	0,178 (0,09)	0,126 (0,03)
	PC Int (n = 3)	0,170 (0,01)	0,170 (0,01)	0,226 (0,07)	0,159 (0,03)
Loc 7	PC Ind (n = 4)	0,170 (0,02)	0,165 (0,02)	0,213 (0,08)	0,154 (0,03)

Tabela 87- Valores de *p* para valores de duração, nas questões totais pedidos de confirmação, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	PC Ind X PC Duv	0,813	0,660	0,577	0,568
	PC Ind X PC Inc	0,031*	0,021*	0,277	0,857
	PC Ind X PC Int	0,959	0,815	0,236	0,073
	PC Duv X PC Inc	0,288	0,097	0,200	0,766
	PC Duv X Pc Int	0,833	0,514	0,190	0,522
	PC Inc X PC Int	0,060	0,060	0,951	0,259
Loc 4	PC Ind X PC Int	0,818	0,910	0,206	0,484
Loc 5	PC Ind X PC Int	0,771	0,598	0,410	0,130

Para locutor **1**, os valores de tempo médio por sílaba (com e sem pausa) são maiores para a atitude de *incredulidade*, tendo valores próximos para as outras três atitudes. São

significativamente diferentes as médias de *indução* comparadas à *incredulidade* nas duas medidas. Quanto à duração da TN, o *interesse* e a *incredulidade* apresentam valor maior, que a *indução*; e esta apresenta valor maior que a *dúvida*. Na duração da APT, todas as atitudes apresentam valores parecidos, sendo que o menor valor tende a aparecer no *interesse*. Essas medidas de duração da sílabas TN e APT não são significativamente distintas.

Para locutores **2** e **7** não foram feitas comparações.

Para locutor **4**, as medidas de tempo médio por sílaba (com e sem pausa) são bem próximas para as atitudes de *indução* e *interesse*. Na duração da TN, a *indução* apresenta um valor maior que o *interesse*; já na APT, o *interesse* apresenta um valor maior que a *indução*. Tais diferenças não são significativas.

Para o locutor **5**, existe uma tendência (não significativa) de a atitude de *interesse* apresentar valores maiores que a atitude de *indução* nas medidas feitas.

3.2.3- Medidas de F_0 , para o conjunto de todos os locutores

3.2.3.1- Pontos de F_0

Tabela 88- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais pedido de confirmação, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
PC Ind (n = 62)	158 (43)	143 (35)	174 (47)	195 (38)	108 (18)	87 (39)
PC Duv (n = 10)	152 (41)	145 (37)	174 (62)	207 (69)	113 (18)	94 (64)
PC Inc (n = 15)	213 (72)	144 (66)	234 (68)	248 (64)	118 (25)	130 (65)
PC Int (n = 24)	153 (37)	147 (41)	186 (37)	207 (36)	111 (16)	96 (38)

Tabela 89- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
PC IndXPCDuv	0,812	0,999	0,928	0,995	1,000	0,997
PC IndXPCInc	0,004*	0,890	0,005*	0,004*	0,058	0,085
PC Ind X PCInt	0,888	0,868	0,959	0,881	0,841	0,979
PCDuv X PCInc	0,008*	0,980	0,019*	0,041*	0,248	0,240
PCDuvXPCInt	0,984	0,985	0,814	0,903	0,941	0,971
PC Inc X PC Int	0,002*	0,999	0,032*	0,004*	0,312	0,230

Ao agruparmos todos os locutores, vemos que a atitude de *incredulidade* continua apresentando os maiores valores nos pontos inicial, 1ª tônica, máximo e de tessitura. A diferença entre a *incredulidade* e as outras atitudes é significativamente diferente nos pontos inicial, 1ª tônica e máximo. As demais atitudes, nesses pontos, apresentam valores próximos, sendo que na primeira tônica existe uma tendência de o *interesse* apresentar o segundo maior valor, seguido da *dúvida* e *indução*, e no ponto máximo a *dúvida* e o *interesse* apresentarem o segundo maior valor, enquanto a *indução* apresenta um valor mais baixo. Os pontos final e mínimo apresentam medidas semelhantes para todas as atitudes, por isso evitamos falar em uma tendência de que alguma apresente valores mais altos ou mais baixos.

3.2.3.2- Movimentos

Tabela 90- Média e desvio padrão para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
PC Ind (n = 62)	189 (43)	115 (25)	74 (41)	0,862 (0,61)	127 (121)	0,709 (0,37)
PC Duv (n = 10)	213 (78)	125 (19)	88 (72)	0,831 (0,64)	221 (258)	0,702 (0,46)
PC Inc (n = 15)	238 (64)	138 (24)	100 (74)	0,357 (0,24)	404 (311)	0,769 (0,46)
PC Int (n = 24)	196 (41)	120 (22)	76 (47)	0,608 (0,58)	190 (150)	0,705 (0,39)

Tabela 91- Valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
PC IndXPCDuv	0,988	0,806	0,999	0,694	0,955	0,999
PC IndXPCInc	0,362	0,542	0,773	0,741	0,009*	0,986
PC Ind X PCInt	0,921	0,324	0,999	0,999	0,999	0,951
PCDuv X PCInc	0,436	0,280	0,917	0,312	0,211	0,982
PCDuv X PCInt	0,999	0,994	1,000	0,692	0,939	0,965
PC Inc X PC Int	0,149	0,040*	0,831	0,779	0,007*	0,999

Para o movimento descendente pretônico, notamos uma tendência, nos pontos inicial e final, assim como na variação melódica absoluta e na taxa de variação, de os valores se ordenarem, do maior para o menor, na seqüência de atitudes: *incredulidade*, *dúvida*, *interesse* e *indução*. A *indução* apresenta, pois, valores mais altos, mas os das outras atitudes são bastante

próximos. Nessas diferenças, são significativos, na comparação da *incredulidade* com a *indução*, os valores da taxa de variação melódica, e na comparação da *incredulidade* com o *interesse*, os valores final e da taxa de variação melódica. Quanto ao tempo de realização do movimento, a *indução* apresenta o maior valor, seguida da *dúvida*; depois aparecem o *interesse* e a *incredulidade*. Para os valores relativos da variação melódica, o maior valor é da *incredulidade*, seguido da *indução*, depois do *interesse* e, por fim, da *dúvida*. Não houve diferenças significativas nas últimas medidas apresentadas.

Tabela 92- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
PC Ind (n = 62)	121 (22)	165 (32)	44 (25)	0,208 (0,10)	252 (168)	0,449 (0,22)
PC Duv (n = 10)	122 (19)	162 (22)	39 (25)	0,192 (0,09)	232 (158)	0,405 (0,25)
PC Inc (n = 15)	140 (23)	211 (45)	71 (37)	0,197 (0,27)	544 (306)	0,582 (0,25)
PC Int (n = 24)	118 (21)	179 (30)	61 (25)	0,198 (0,06)	334 (163)	0,599 (0,23)

Tabela 93- Valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
PC IndXPCDuv	0,783	0,803	0,992	0,932	0,999	0,999
PC IndXPCInc	0,553	0,012*	0,054	0,999	0,001*	0,454
PC Ind X PCInt	0,290	0,894	0,110	1,000	0,482	0,049*
PCDuv X PCInc	0,268	0,012*	0,136	0,966	0,024*	0,610
PCDuv X PCInt	0,994	0,547	0,301	0,937	0,852	0,260
PC Inc X PC Int	0,037*	0,059	0,887	0,999	0,026*	0,913

Para os valores final do movimento, variação melódica absoluta e taxa de variação, do maior para o menor valor, temos as atitudes *incredulidade*, *interesse*, *indutiva* e *dúvida*, sendo que os valores apresentados para *indução* e *dúvida* são muito próximos. Para o valor inicial, a *incredulidade* apresenta o maior valor, aparecendo depois valores mais baixos e próximos para as três outras atitudes. Em relação ao tempo, a *indução* apresenta o maior valor, tendo o *interesse*, a *dúvida* e a *incredulidade* tempos que podemos considerar idênticos. Para a variação melódica em termos relativos, o maior valor aparece na atitude de *interesse*, depois

na de *incredulidade*, seguida da *indução*, sendo o menor valor apresentado na atitude de *dúvida*. Para tais medidas, são significativamente diferentes: no ponto inicial, a *incredulidade* comparada ao *interesse*; no ponto final, a *dúvida* e a *indução*, comparadas à *incredulidade*; na taxa de variação melódica, todas as atitudes comparadas à *incredulidade*; na variação melódica relativa, a *indução* comparada à *incredulidade*.

3.2.4- Medidas de duração, para todo o conjunto de locutores

Tabela 94- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
PC Ind (n = 68)	0,165 (0,04)	0,163 (0,03)	0,213 (0,08)	0,144 (0,04)
PC Duv (n = 12)	0,163 (0,04)	0,153 (0,03)	0,191 (0,07)	0,140 (0,04)
PC Inc (n = 16)	0,190 (0,05)	0,190 (0,05)	0,241 (0,07)	0,146 (0,05)
PC Int (n = 28)	0,163 (0,04)	0,162 (0,03)	0,233 (0,08)	0,135 (0,04)

Tabela 95- Valores de *p* para valores de duração, nas questões totais pedidos de confirmação, para conjunto de locutores

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
PC Ind X PC Duv	1,000	1,000	1,000	1,000
PC Ind X PC Inc	0,245	0,124	0,984	1,000
PC Ind X PC Int	1,000	1,000	0,999	1,000
PC Duv X PC Inc	0,849	0,388	0,977	1,000
PC Duv X PC Int	1,000	1,000	0,998	1,000
PC Inc X PC Int	0,539	0,439	1,000	1,000

Para as medidas de duração, no agrupamento de todos os locutores, apesar de não haver diferenças significativas, notamos uma tendência, no que tange ao tempo médio por sílaba (com ou sem pausa), de a *incredulidade* apresentar valores maiores que as outras atitudes (cujos valores são semelhantes). Em relação à duração da TN, a *incredulidade* e o *interesse* têm os maiores valores, seguidos de *indução* e por fim da *dúvida*. Para a duração da APT, os valores apresentados para todas as atitudes são muito próximos.

3.3- Questões totais verdadeiras

3.3.1- Medidas de F_0 , por locutor

3.3.1.1- Pontos

Tabela 96- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		F₀ inicial	F₀ final	F₀ 1ª tônica	F₀ máximo	F₀ mínimo	Tessitura
Loc 1	V Duv (n = 16)	177 (41)	142 (40)	202 (45)	218 (44)	106 (12)	113 (46)
	V Inc (n = 15)	221 (81)	138 (53)	261 (72)	275 (61)	114 (34)	161 (68)
	V Int (n = 24)	196 (48)	151 (48)	210 (49)	227 (32)	109 (18)	118 (30)
	V Neu (n = 16)	145 (33)	152 (42)	156 (36)	182 (20)	111 (18)	71 (20)
	V Pro (n = 6)	177 (34)	161 (81)	211 (44)	252 (42)	120 (42)	133 (32)
Loc 2	V Duv (n = 4)	147 (35)	139 (36)	149 (32)	168 (19)	107 (8)	61 (23)
	V Int (n = 3)	163 (12)	115 (15)	174 (31)	181 (27)	109 (12)	71 (18)
Loc 3	V Duv (n = 5)	164 (19)	135 (9)	164 (19)	169 (19)	111 (5)	58 (15)
	V Int (n = 6)	149 (14)	126 (14)	157 (21)	175 (18)	110 (9)	66 (21)
	V Neu (n = 2)	167 (35)	122 (8)	181 (14)	181 (14)	113 (6)	68 (8)
Loc 4	V Duv (n = 4)	167 (42)	127 (35)	198 (26)	235 (36)	118 (31)	117 (50)
	V Inc (n = 3)	196 (36)	138 (13)	246 (51)	267 (35)	110 (7)	157 (28)
Loc 5	V Duv (n = 13)	163 (37)	167 (25)	171 (37)	195 (22)	126 (10)	69 (19)
	V Int (n = 14)	162 (43)	192 (24)	182 (51)	211 (40)	139 (18)	73 (27)
	V Neu (n = 6)	163 (22)	154 (23)	178 (33)	184 (28)	120 (11)	64 (31)
Loc 6	V Duv (n = 5)	192 (70)	219 (20)	204 (63)	241 (43)	141 (15)	99 (47)
	V Inc (n = 4)	209 (67)	219 (63)	226 (53)	248 (26)	140 (11)	109 (16)
Loc 7	V Duv (n = 3)	197 (34)	133 (22)	229 (23)	229 (23)	109 (19)	120 (42)
	V Inc (n = 2)	185 (122)	149 (9)	247 (35)	247 (35)	105 (21)	142 (14)
Loc 8	V Cri (n = 4)	187 (88)	121 (90)	256 (71)	281 (22)	83 (21)	198 (34)
	V Duv (n = 4)	282 (44)	183 (76)	282 (44)	283 (43)	92 (27)	191 (39)
	V Inc (n = 3)	126 (30)	176 (61)	149 (47)	197 (55)	108 (21)	88 (56)
	V Pro (n = 4)	126 (43)	247 (12)	165 (40)	247 (12)	104 (9)	142 (13)

Tabela 97- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		F ₀ inicial	F ₀ final	F ₀ 1ª tônica	F ₀ máximo	F ₀ mínimo	Tessitura
Loc 1	V Duv X V Inc	0,069	0,834	0,011*	0,007*	0,392	0,029*
	V Duv X V Int	0,203	0,521	0,587	0,501	0,529	0,683
	V Duv X V Neu	0,024*	0,495	0,004*	0,006*	0,348	0,003*
	V Duv X V Pro	0,974	0,444	0,674	0,120	0,226	0,345
	V Inc X V Int	0,246	0,444	0,014*	0,003*	0,583	0,010*
	V Inc X V Neu	0,002*	0,444	0,000*	0,000*	0,792	0,000*
	V Inc X V Pro	0,220	0,449	0,138	0,431	0,730	0,346
	V Int X V Neu	0,001*	0,966	0,001*	0,000*	0,739	0,000*
	V Int X V Pro	0,357	0,686	0,973	0,108	0,331	0,288
	V Neu X V Pro	0,065	0,717	0,008*	0,000*	0,496	0,000*
Loc 2	V Duv X V Int	0,481	0,336	0,346	0,497	0,765	0,552
Loc 3	V Duv X V Int	0,182	0,233	0,571	0,584	0,761	0,496
	V Duv X V Neu	0,886	0,139	0,302	0,452	0,679	0,422
	V Int X V Neu	0,312	0,753	0,179	0,692	0,649	0,878
Loc 4	V Duv X V Inc	0,389	0,627	0,158	0,289	0,684	0,273
Loc 5	V Duv X V Int	0,946	0,015*	0,531	0,200	0,039*	0,650
	V Duv X V Neu	0,965	0,317	0,689	0,352	0,263	0,658
	V Int X V Neu	0,986	0,005*	0,866	0,144	0,034*	0,512
Loc 6	V Duv X V Inc	0,725	0,983	0,604	0,771	0,857	0,727
Loc 7	V Duv X V Inc	0,868	0,433	0,537	0,537	0,814	0,514
Loc 8	V Cri X V Duv	0,102	0,329	0,548	0,945	0,617	0,789
	V Cri X V Inc	0,313	0,406	0,077	0,036*	0,168	0,022*
	V Cri X V Pro	0,324	0,066	0,107	0,062	0,161	0,045*
	V Duv X V Inc	0,003*	0,898	0,012*	0,066	0,418	0,034*
	V Duv X V Pro	0,005*	0,221	0,016*	0,224	0,481	0,100
	V Inc X V Pro	0,983	0,121	0,685	0,198	0,773	0,177

Para locutor 1, notamos uma tendência, apresentada nos valores da 1ª tônica, máximo e tessitura, de a *incredulidade* apresentar os maiores valores, seguidos dos valores da *provocação*, depois dos valores do *interesse*, depois dos valores de *dúvida* e, por fim, dos valores do *neutro*. Ressaltamos que, na 1ª tônica, os valores de *provocação*, *interesse* e *dúvida* são muito parecidos, e que na tessitura os valores de *interesse* e *dúvida* são muito próximos. Nesses três pontos, as diferenças entre as médias são todas significativas, comparando *dúvida* com *incredulidade* e *neutro*, *incredulidade* com *interesse* e *neutro* e *neutro* com *interesse* e *provocação*. Nos pontos final e mínimo de F_0 , há uma tendência de maiores valores para a *provocação*, mas, de uma forma geral, para tais pontos os valores são próximos para todas as atitudes, tanto que não há diferenças significativas entre tais valores. No ponto inicial, a *incredulidade* tem o maior valor, seguida do *interesse*, depois da *provocação* e da *dúvida* (que

têm o mesmo valor) e, finalmente, do *neutro*. Todas as atitudes, se comparadas ao *neutro*, apresentam valores significativamente distintos para o ponto inicial, com exceção da comparação entre *provocação* e *neutro*.

Nas medidas apresentadas por locutor **2**, vemos uma tendência de a atitude *interesse* apresentar valores maiores que a atitude de *dúvida*, com exceção de F₀ final, em que o valor na *dúvida* é maior que no *interesse*. Para o ponto mínimo os valores são praticamente idênticos nas duas atitudes. Tais diferenças não são significativas.

Para o locutor **3**, vemos uma tendência de, no ponto inicial de F₀, o *interesse* apresentar um valor menor; no ponto final, de a *dúvida* apresentar valor maior; na 1ª tônica, o *neutro* apresentar valor maior. O que notamos, além de tais tendências, são valores bastante semelhantes para as três atitudes, tanto que nenhuma diferença entre médias é significativa.

Nos dados observados para o locutor **4**, vemos que a *incredulidade* apresenta uma tendência de valores mais altos que a *dúvida*, com exceção do ponto mínimo na *dúvida*, que é um pouco maior que na *incredulidade*. As diferenças entre essas duas atitudes não foram significativas.

Para locutor **5**, vemos uma tendência, mostrada pelos pontos final, máximo, mínimo e tessitura de que a atitude de *interesse* apresente o maior valor de F₀, seguida da atitude de *dúvida* e, finalmente, da atitude *neutra*, sendo que *dúvida* e *neutro* apresentam valores semelhantes. Para os valores iniciais, as três atitudes têm medidas semelhantes. Para o valor de F₀ na 1ª tônica, ao *interesse* tem o maior valor, mas aparece aqui seguido do *neutro*, cabendo à *dúvida* o menor valor encontrado. Para tais medidas, houve diferença significativa no valor de *interesse*, comparado ao *neutro* e à *dúvida*, nos pontos final e mínimo de F₀.

Para o locutor **6**, há uma tendência (as diferenças não são significativas) de a *incredulidade* apresentar valores maiores que a *dúvida*, nos pontos inicial, 1ª tônica, máximo e na tessitura. Os valores mínimo e final podem ser considerados iguais para as duas atitudes.

Nos dados observados do locutor **7**, vemos a tendência, através dos pontos de F₀ final, 1ª tônica, máximo e na tessitura, de a atitude *incredulidade* apresentar um valor maior que a atitude de *dúvida*. Nos pontos inicial e mínimo é a atitude de *dúvida* que apresenta os maiores

valores, sendo que no ponto mínimo os valores para ambas são próximos. Tais diferenças não são significativas.

Para locutor **8**, vemos a tendência, de acordo com medidas dos pontos inicial, 1ª tônica e máximo, de as atitudes se ordenarem, do maior para o menor valor, na seqüência: *dúvida*, *crítica*, *provocação* e *incredulidade*. É importante ressaltar que, no ponto inicial, os valores de *incredulidade* e *provocação* são idênticos; na 1ª tônica *dúvida* e *incredulidade* têm valores parecidos; no ponto máximo *crítica* e *dúvida* têm valores muito próximos. Comparando os pares de atitudes, vemos que, nos valores inicial e da 1ª tônica, são significativamente distintas as médias de *incredulidade* e *provocação*, comparadas à *dúvida*. Já para o valor máximo há diferença significativa entre a *crítica* e a *incredulidade*. Para os valores finais, embora não haja médias significativamente diferentes, vemos um valor maior para *provocação*, seguido da *dúvida* e da *incredulidade* (cujos valores são próximos) e, por último, da *crítica*, que apresenta o menor valor nesse ponto. Quanto ao valor mínimo de F₀, todas as atitudes apresentam médias parecidas, sendo que a da *incredulidade* é ligeiramente maior e a da *crítica*, ligeiramente menor. Tais diferenças não são significativas. Em relação à tessitura, a *crítica* apresenta o maior valor (sendo significativamente diferente da *provocação*), seguida da *dúvida* (que é significativamente diferente da *incredulidade*), depois da *provocação* e, por fim, da *incredulidade*, que apresenta o menor valor de tessitura. Vale lembrar que as médias de *crítica* e *dúvida* são muito próximas.

3.3.1.2- Movimentos

Tabela 98- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		F ₀ inicial (Hz)	F ₀ final (Hz)	Δ F ₀ (Hz)	Δ t (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv (n = 16)	209 (43)	113 (20)	96 (43)	0,481 (0,31)	298 (230)	0,882 (0,31)
	V Inc (n = 15)	257 (74)	123 (33)	134 (82)	0,485 (0,28)	325 (213)	1,050 (0,52)
	V Int (n = 24)	221 (34)	116 (21)	105 (35)	0,631 (0,33)	211 (125)	0,936 (0,28)
	V Neu (n = 16)	167 (35)	109 (12)	59 (30)	0,494 (0,49)	179 (153)	0,601 (0,256)
	V Pro (n = 6)	220 (42)	120 (34)	100 (53)	0,520 (0,17)	192 (99)	0,892 (0,42)
Loc 2	V Duv (n = 4)	131 (21)	109 (8)	23 (14)	1,019 (0,75)	49 (64)	0,265 (0,13)
	V Int (n = 3)	181 (27)	110 (11)	71 (18)	0,939 (0,72)	114 (89)	0,715 (0,11)
Loc 3	V Duv (n = 5)	164 (19)	111 (5)	53 (16)	1,846 (1,11)	46 (45)	0,554 (0,13)
	V Int (n = 6)	172 (19)	111 (9)	61 (22)	1,472 (0,61)	47 (22)	0,625 (0,21)
	V Neu (n = 2)	181 (14)	113 (6)	68 (8)	2,600 (1,96)	35 (23)	0,678 (0,04)
Loc 4	V Duv (n = 4)	212 (24)	115 (15)	97 (39)	1,088 (0,74)	115 (51)	0,887 (0,35)
	V Inc (n = 3)	267 (35)	110 (7)	157 (28)	1,081 (0,22)	151 (54)	1,273 (0,10)
Loc 5	V Duv (n = 13)	171 (37)	126 (10)	45 (33)	0,997 (0,83)	56 (37)	0,414 (0,27)
	V Int (n = 14)	183 (50)	140 (19)	44 (38)	0,808 (0,69)	70 (72)	0,354 (0,27)
	V Neu (n = 6)	178 (33)	122 (13)	57 (13)	1,229 (0,91)	62 (36)	0,533 (0,34)
Loc 6	V Duv (n = 5)	205 (73)	142 (17)	64 (76)	1,590 (0,88)	37 (25)	0,483 (0,50)
	V Inc (n = 4)	226 (53)	143 (10)	83 (51)	1,314 (1,28)	95 (97)	0,632 (0,36)
Loc 7	V Duv (n = 3)	239 (23)	121 (29)	108 (45)	1,949 (2,23)	125 (120)	0,940 (0,45)
	V Inc (n = 2)	247 (35)	105 (21)	142 (14)	1,199 (0,18)	121 (30)	1,245 (0,08)
Loc 8	V Cri (n = 4)	256 (71)	101 (15)	155 (74)	2,089 (1,26)	142 (166)	1,305 (0,54)
	V Duv (n = 4)	282 (44)	95 (28)	187 (44)	1,305 (1,18)	270 (196)	1,618 (0,49)
	V Inc (n = 3)	147 (47)	111 (18)	38 (32)	0,694 (0,32)	52 (34)	0,394 (0,27)
	V Pro (n = 4)	148 (37)	109 (2)	39 (35)	0,918 (0,59)	381 (14)	0,419 (0,34)

Tabela 99- Valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv X V Inc	0,049*	0,368	0,142	0,970	0,752	0,315
	V Duv X V Int	0,368	0,714	0,488	0,180	0,144	0,587
	V Duv X V Neu	0,015*	0,513	0,022*	0,938	0,153	0,023*
	V Duv X V Pro	0,633	0,587	0,874	0,795	0,340	0,953
	V Inc X V Int	0,054	0,446	0,147	0,192	0,050*	0,399
	V Inc X V Neu	0,001*	0,191	0,009*	0,959	0,071	0,017*
	V Inc X V Pro	0,315	0,885	0,406	0,804	0,206	0,558
	V Int X V Neu	0,000*	0,305	0,001*	0,344	0,520	0,002*
	V Int X V Pro	0,962	0,711	0,784	0,479	0,759	0,775
	V Neu X V Pro	0,020*	0,321	0,062	0,911	0,861	0,105
Loc 2	V Duv X V Int	0,039*	0,876	0,011*	0,892	0,305	0,005*
Loc 3	V Duv X V Int	0,497	0,972	0,513	0,495	0,992	0,524
	V Duv X V Neu	0,302	0,679	0,277	0,526	0,752	0,275
	V Int X V Neu	0,570	0,805	0,672	0,207	0,537	0,741
Loc 4	V Duv X V Int	0,055	0,645	0,074	0,988	0,408	0,129
Loc 5	V Duv X V Int	0,480	0,031*	0,917	0,535	0,542	0,574
	V Duv X V Neu	0,689	0,413	0,494	0,590	0,746	0,445
	V Int X V Neu	0,821	0,049	0,480	0,279	0,829	0,253
Loc 6	V Duv X V Inc	0,669	0,921	0,690	0,735	0,289	0,642
Loc 7	V Duv X V Inc	0,537	0,537	0,387	0,683	0,968	0,434
Loc 8	V Cri X V Duv	0,548	0,728	0,481	0,398	0,356	0,423
	V Cri X V Inc	0,077	0,437	0,053	0,126	0,406	0,046*
	V Cri X V Pro	0,123	0,510	0,114	0,297	0,450	0,109
	V Duv X V Inc	0,012*	0,426	0,004*	0,432	0,121	0,012*
	V Duv X V Pro	0,022*	0,548	0,015*	0,696	0,189	0,039*
	V Inc X V Pro	0,967	0,867	0,984	0,607	0,631	0,930

Para locutor **1**, observamos, através do ponto inicial do movimento melódico e da variação melódica, absoluta e relativa, a seguinte seqüência de atitudes, ordenadas do maior para o menor valor: *incredulidade*, *interesse*, *provocação*, *dúvida* e *neutro*. No ponto inicial de F_0 , são significativas as diferenças de todas as atitudes, quando comparadas ao *neutro*, e da atitude de *dúvida* comparada à *incredulidade*. Na variação melódica, tanto absoluta quanto relativa, são significativamente distintos os valores de todas as atitudes em relação ao *neutro*, com exceção da comparação entre *provocação* e *neutro*. Ressaltamos que, no ponto inicial do movimento, *interesse* e *provocação* têm valores idênticos; na variação melódica os valores de *dúvida* e *provocação* são bastante próximos. Para os valores de tempo do movimento melódico, temos a maior média no *interesse*, seguido da *provocação*, depois do *neutro*, da

incredulidade e da *dúvida* (essas três últimas com valores semelhantes). Tais diferenças não são significativas. Em relação à taxa de variação melódica, a atitude que apresenta o maior valor é a *incredulidade*, seguida da *dúvida*, do *interesse*, da *provocação* e do *neutro*. Quando comparadas, a *incredulidade* e o *neutro*, nessa medida, são significativamente distintos.

Para as medidas do locutor **2**, observamos maiores valores, em todos os pontos de F_0 , para a atitude de *interesse*, com exceção do tempo de realização do movimento, que é maior na *dúvida*. Lembramos que o valor final pode ser considerado o mesmo para ambas. São significativamente diferentes as médias de F_0 inicial e variação melódica, absoluta e relativa, entre essas atitudes.

Nos dados de locutor **3** observamos uma grande semelhança para todas as atitudes, nos valores inicial, final e de variação melódica absoluta. Além disso, tempos valores semelhantes para variação melódica relativa no *interesse* e *neutro* e valores idênticos para *dúvida* e *interesse* na taxa de variação. Por isso não falaremos aqui em tendências, uma vez que os valores se parecem em todas as atitudes. Nenhuma das diferenças apontadas foi significativamente distinta das demais.

Para locutor **4**, os dados apontam maiores valores para a *incredulidade* que para a *dúvida*, de um modo geral, com exceção dos pontos final do movimento e do tempo de realização do mesmo, que são ligeiramente maiores para a *dúvida* e muito próximos para as duas atitudes. As diferenças entre esses valores não são significativas.

Para o locutor **5**, observamos, nas medidas de variação melódica absoluta e relativa, assim como no tempo de realização do movimento, que os maiores valores aparecem na atitude *neutra*, seguida pela *dúvida* pelo *interesse* (que têm valores semelhantes na variação melódica absoluta). Para o ponto inicial do movimento e a taxa de variação melódica, temos a atitude de *interesse* com os maiores valores, seguida da atitude *neutra* e por fim da atitude de *dúvida*; lembramos que na taxa de variação os três valores são próximos. Não houve diferenças significativas. Em relação ao ponto final do movimento, temos o maior valor na atitude de *interesse* (significativamente maior que na *dúvida*), seguida das atitudes *dúvida* e *neutra* (que têm valores próximos).

Para o locutor **6**, a *incredulidade* apresenta valores maiores que a *dúvida* em todas as médias apresentadas, com exceção do tempo de realização do movimento, que é maior para a *dúvida*, e do ponto final do movimento, que é idêntico para ambas. Tais diferenças não são significativamente distintas.

Para o locutor **7**, a *dúvida* é maior que a *incredulidade* no ponto final, na variação melódica relativa e no tempo de realização do movimento. No ponto inicial, variação melódica absoluta e taxa de variação, a *incredulidade* apresenta valores maiores, sendo que no ponto inicial e na taxa de variação os valores de ambas são muito próximos. Tais diferenças não são significativas.

Nos dados analisados de locutor **8**, podemos ver uma tendência, através das medidas de F_0 inicial e variação melódica absoluta e relativa, que os maiores valores aparecem na atitude de *dúvida*, seguida pela *crítica*, e os menores valores aparecem na *provocação* e na *incredulidade* (que apresentam valores semelhantes). Nessas medidas, as médias da *dúvida*, comparada à *incredulidade* e à *provocação*, são significativamente distintas. A média da *crítica*, comparada à *incredulidade*, também é significativamente distinta para variação melódica relativa. Para o ponto final do movimento, todas as atitudes têm valores semelhantes, com tendência de ser maior na *incredulidade* e menor na *dúvida*. Em relação ao tempo de realização do movimento, temos um valor maior para a *crítica*, seguida da *dúvida*, da *provocação* e, finalmente, da *incredulidade*, que traz o menor valor de tempo. Quanto à taxa de variação, é a *provocação* que apresenta o maior valor, seguida da *dúvida*, depois da *crítica* e por fim da *incredulidade*.

Tabela 100- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv (n = 16)	115 (21)	186 (42)	72 (31)	0,199 (0,10)	413 (225)	0,690 (0,23)
	V Inc (n = 15)	124 (32)	202 (57)	78 (44)	0,151 (0,04)	545 (314)	0,694 (0,30)
	V Int (n = 24)	116 (21)	188 (36)	73 (26)	0,165 (0,06)	488 (214)	0,700 (0,20)
	V Neu (n = 16)	113 (16)	170 (25)	57 (19)	0,167 (0,07)	386 (182)	0,586 (0,17)
Loc 2	V Pro (n = 6)	128 (36)	228 (59)	101 (35)	0,174 (0,06)	598 (236)	0,837 (0,26)
	V Duv (n = 4)	109 (8)	149 (27)	41 (23)	0,239 (0,07)	170 (86)	0,444 (0,15)
Loc 3	V Int (n = 3)	108 (16)	145 (16)	38 (30)	0,163 (0,02)	220 (157)	0,434 (0,36)
	V Duv (n = 5)	111 (5)	135 (9)	24 (4)	0,168 (0,05)	147 (41)	0,277 (0,04)
	V Int (n = 6)	110 (10)	133 (5)	23 (11)	0,174 (0,03)	128 (58)	0,275 (0,15)
Loc 4	V Neu (n = 2)	113 (6)	128 (1)	15 (5)	0,147 (0,03)	99 (37)	0,175 (0,06)
	V Duv (n = 4)	115 (15)	169 (31)	54 (20)	0,247 (0,09)	228 (71)	0,548 (0,16)
Loc 5	V Inc (n = 3)	110 (7)	138 (13)	28 (7)	0,210 (0,07)	149 (78)	0,328 (0,07)
	V Duv (n = 13)	126 (10)	178 (19)	52 (20)	0,260 (0,15)	238 (109)	0,497 (0,17)
	V Int (n = 14)	140 (19)	206 (37)	66 (21)	0,229 (0,08)	298 (83)	0,549 (0,10)
Loc 6	V Neu (n = 6)	122 (13)	163 (12)	42 (10)	0,206 (0,09)	215 (57)	0,427 (0,11)
	V Duv (n = 5)	141 (15)	219 (20)	77 (20)	0,232 (0,08)	360 (119)	0,630 (0,17)
Loc 7	V Inc (n = 4)	143 (10)	235 (33)	92 (23)	0,227 (0,07)	447 (197)	0,710 (0,12)
	V Duv (n = 3)	121 (29)	156 (19)	35 (22)	0,295 (0,09)	128 (97)	0,388 (0,29)
Loc 8	V Inc (n = 2)	105 (21)	149 (9)	44 (11)	0,227 (0,09)	224 (143)	0,520 (0,20)
	V Cri (n = 4)	101 (15)	220 (23)	118 (27)	0,236 (0,09)	536 (172)	1,122 (0,24)
	V Duv (n = 4)	95 (28)	217 (51)	122 (64)	0,250 (0,04)	481 (235)	1,216 (0,72)
	V Inc (n = 3)	118 (18)	192 (62)	81 (58)	0,182 (0,06)	409 (204)	0,748 (0,46)
	V Pro (n = 4)	109 (2)	227 (23)	118 (24)	0,169 (0,07)	761 (226)	1,055 (0,16)

Tabela 101- Valores de p para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
						(em Hz/s)	(em oitavas)
Loc 1	V Duv X V Inc	0,338	0,409	0,686	0,106	0,199	0,956
	V Duv X V Int	0,887	0,868	0,903	0,189	0,300	0,890
	V Duv X V Neu	0,825	0,209	0,122	0,314	0,723	0,167
	V Duv X V Pro	0,299	0,082	0,078	0,576	0,109	0,214
	V Inc X V Int	0,313	0,375	0,688	0,477	0,509	0,852
	V Inc X V Neu	0,239	0,058	0,111	0,469	0,103	0,283
	V Inc X V Pro	0,832	0,358	0,277	0,340	0,719	0,295
	V Int X V Neu	0,694	0,092	0,049*	0,911	0,133	0,079
	V Int X V Pro	0,276	0,043*	0,041*	0,733	0,280	0,172
	V Neu X V Pro	0,202	0,004*	0,001*	0,824	0,039*	0,015*
Loc 2	V Duv X V Int	0,914	0,853	0,889	0,246	0,619	0,969
Loc 3	V Duv X V Int	0,909	0,766	0,886	0,806	0,570	0,972
	V Duv X V Neu	0,679	0,320	0,054	0,561	0,218	0,044*
	V Int X V Neu	0,753	0,222	0,383	0,236	0,558	0,415
Loc 4	V Duv X V Int	0,645	0,177	0,092	0,584	0,222	0,077
Loc 5	V Duv X V Int	0,031*	0,025*	0,096	0,503	0,131	0,350
	V Duv X V Neu	0,413	0,092	0,226	0,417	0,626	0,372
	V Int X V Neu	0,049*	0,013*	0,014*	0,560	0,041*	0,030*
Loc 6	V Duv X V Inc	0,901	0,399	0,338	0,928	0,435	0,443
Loc 7	V Duv X V Inc	0,537	0,641	0,637	0,479	0,425	0,621
Loc 8	V Cri X V Duv	0,695	0,925	0,918	0,787	0,718	0,811
	V Cri X V Inc	0,470	0,449	0,302	0,397	0,410	0,216
	V Cri X V Pro	0,438	0,704	0,990	0,322	0,192	0,702
	V Duv X V Inc	0,426	0,590	0,427	0,135	0,690	0,372
	V Duv X V Pro	0,439	0,770	0,924	0,112	0,173	0,724
	V Inc X V Pro	0,837	0,421	0,365	0,817	0,115	0,335

Para locutor 1, vemos, através de todas as medidas realizadas (com exceção do tempo de realização do movimento), a seguinte ordenação das atitudes, do maior para o menor valor: *provocação*, *incredulidade*, *interesse*, *dúvida* e *neutro*. No entanto, algumas dessas medidas são muito próximas: no ponto inicial, *incredulidade* e *provocação* são semelhantes e *dúvida*, *interesse* e *neutro* também; no ponto final, *dúvida* e *interesse* se assemelham; na variação melódica absoluta ou relativa, *dúvida*, *incredulidade* e *interesse* têm valores muito próximos. Para a medida de tempo de realização do movimento, a maior duração encontra-se na atitude de *dúvida*, seguida das atitudes de *provocação*, *neutro* e *interesse* (com valores próximos) e, por fim, da *incredulidade*. Das medidas aqui apresentadas, são significativamente diferentes, no valor final, o *interesse* e o *neutro* comparados à *provocação*; na variação melódica absoluta, o *interesse* comparado ao *neutro* e à *provocação* e o *neutro* comparado à

provocação; na taxa de variação e na variação melódica relativa, o *neutro* comparado à *provocação*.

Para o locutor **2**, observamos uma tendência de a *dúvida* apresentar maiores valores que o *interesse*, em todas as medidas apresentadas, com exceção da taxa de variação melódica, que é maior no *interesse*. Ressalvamos que os valores apresentados para as duas atitudes são muito próximos, nos ponto inicial e final do movimento e na variação melódica (absoluta e relativa). Nenhuma dessas medidas é significativa.

Para os dados do locutor **3**, temos praticamente os mesmos valores, com pouca variabilidade, para as medidas apresentadas. Nas medidas de taxa de variação melódica e de variação melódica relativa, observamos a tendência de a *dúvida* apresentar valores maiores que o *interesse* e este, que o *neutro*. A única medida estatisticamente significativa é a diferença da variação melódica relativa da atitude de *dúvida* comparada ao *neutro*.

Para o locutor **4**, embora as médias não sejam significativas, observamos a tendência de maiores valores para a *dúvida* que para a *incredulidade*, sendo que no ponto inicial o valor para as duas atitudes é semelhante.

Para o locutor **5**, observamos, para todas as medidas vistas, exceto para o tempo de realização do movimento, que os maiores valores aparecem na atitude de *interesse*, seguida da atitude de *dúvida*, e por fim da atitude *neutra*. Para tais medidas, são significativamente distintas as médias de *dúvida*, comparadas ao *interesse*, nos pontos inicial e final do movimento melódico e, para a atitude *neutra* comparada ao *interesse*, todas as medidas. Em relação ao tempo de realização do movimento, embora as diferenças não sejam significativas, há a tendência de o maior valor estar associado à atitude de *dúvida*, seguida do *interesse* e finalmente do *neutro*.

Para o locutor **6**, existe a tendência dos maiores valores ocorrerem na atitude de *incredulidade*, conforme todas as medidas apresentadas, com exceção do valor inicial e do tempo de realização do movimento, em que os valores de ambas são praticamente idênticos. Tais diferenças não são significativamente distintas.

Na análise dos dados do locutor **7**, a *dúvida* apresenta valores mais altos que a *incredulidade* nos pontos inicial e final do movimento melódico e no tempo de realização do mesmo, enquanto a *incredulidade* apresenta valores maiores que a *dúvida* na variação melódica (absoluta e relativa) e na taxa de variação melódica. Não houve valores significativamente diferentes nessas medidas.

Para locutor **8**, no ponto inicial do movimento melódico a atitude de *incredulidade* apresenta o maior valor, seguida da *provocação*, da *crítica* e da *dúvida*. Nas medidas do ponto final do movimento e da taxa de variação melódica, os valores mais altos são encontrados na atitude de *provocação*, seguida da *crítica*, depois da *dúvida*, tendo a *incredulidade* os menores valores. Lembramos que no ponto final a *provocação*, a *crítica* e a *dúvida* têm valores próximos. Para a variação melódica, absoluta ou relativa, os valores mais altos encontram-se na *dúvida*, seguida pela *crítica* e *provocação* (que têm valores parecidos) e, por fim, pela *incredulidade*. Quanto ao tempo de realização do movimento, o maior valor está na *dúvida*, seguida da *crítica*, da *incredulidade* e da *provocação*. Não houve diferenças significativas entre tais médias.

3.3.2- Medidas de duração, por locutor

Tabela 102- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	V Duv (n = 16)	0,168 (0,03)	0,160 (0,03)	0,235 (0,09)	0,140 (0,05)
	V Inc (n = 15)	0,186 (0,08)	0,183 (0,08)	0,207 (0,06)	0,142 (0,05)
	V Int (n = 24)	0,151 (0,03)	0,147 (0,02)	0,231 (0,11)	0,141 (0,13)
	V Neu (n = 16)	0,143 (0,02)	0,143 (0,02)	0,210 (0,07)	0,129 (0,04)
	V Pro (n = 6)	0,128 (0,01)	0,126 (0,01)	0,172 (0,03)	0,094 (0,01)
Loc 2	V Duv (n = 4)	0,159 (0,01)	0,159 (0,01)	0,225 (0,07)	0,186 (0,06)
	V Int (n = 3)	0,221 (0,03)	0,193 (0,01)	0,182 (0,05)	0,156 (0,05)
Loc 3	V Duv (n = 5)	0,173 (0,01)	0,168 (0,01)	0,245 (0,02)	0,159 (0,02)
	V Int (n = 6)	0,187 (0,02)	0,180 (0,02)	0,275 (0,12)	0,179 (0,05)
	V Neu (n = 2)	0,183 (0,02)	0,178 (0,01)	0,224 (0,04)	0,187 (0,03)
Loc 4	V Duv (n = 4)	0,186 (0,05)	0,177 (0,05)	0,251 (0,03)	0,146 (0,04)
	V Inc (n = 3)	0,210 (0,03)	0,189 (0,03)	0,288 (0,11)	0,140 (0,02)
Loc 5	V Duv (n = 13)	0,180 (0,04)	0,170 (0,03)	0,255 (0,11)	0,148 (0,05)
	V Int (n = 14)	0,171 (0,03)	0,165 (0,02)	0,264 (0,09)	0,138 (0,03)
	V Neu (n = 6)	0,166 (0,04)	0,160 (0,03)	0,238 (0,09)	0,132 (0,05)
Loc 6	V Duv (n = 5)	0,162 (0,03)	0,162 (0,03)	0,255 (0,10)	0,149 (0,04)
	V Inc (n = 4)	0,175 (0,05)	0,175 (0,05)	0,148 (0,03)	0,166 (0,05)
Loc 7	V Duv (n = 3)	0,178 (0,04)	0,174 (0,04)	0,195 (0,13)	0,133 (0,04)
	V Neu (n = 2)	0,179 (0,01)	0,179 (0,01)	0,344 (0,05)	0,150 (0,01)
Loc 8	V Cri (n = 4)	0,167 (0,08)	0,162 (0,08)	0,271 (0,11)	0,166 (0,06)
	V Duv (n = 4)	0,179 (0,02)	0,176 (0,02)	0,314 (0,07)	0,172 (0,02)
	V Inc (n = 3)	0,170 (0,03)	0,170 (0,03)	0,256 (0,10)	0,174 (0,04)
	V Pro (n = 4)	0,252 (0,19)	0,252 (0,19)	0,207 (0,04)	0,163 (0,04)

Tabela 103- valores de *p* para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, por locutor.

		Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
Loc 1	V Duv X V Inc	0,388	0,244	0,280	0,919
	V Duv X V Int	0,023*	0,040*	0,893	0,958
	V Duv X V Neu	0,019*	0,045*	0,392	0,489
	V Duv X V Pro	0,026*	0,017*	0,176	0,081
	V Inc X V Int	0,011*	0,007*	0,416	0,996
	V Inc X V Neu	0,070	0,085	0,918	0,469
	V Inc X V Pro	0,184	0,193	0,277	0,082
	V Int X V Neu	0,288	0,519	0,515	0,712
	V Int X V Pro	0,076	0,078	0,311	0,461
	V Neu X N Pro	0,213	0,177	0,351	0,125
Loc 2	V Duv X V Int	0,012*	0,025*	0,475	0,521
Loc 3	V Duv X V Int	0,325	0,151	0,364	0,087
	V Duv X V Neu	0,704	0,867	0,414	0,744
	V Int X V Neu	0,238	0,235	0,593	0,414
Loc 4	V Duv X V Int	0,500	0,723	0,481	0,853
Loc 5	V Duv X V Int	0,550	0,663	0,839	0,538
	V Duv X V Neu	0,539	0,570	0,774	0,563
	V Int X V Neu	0,781	0,689	0,609	0,761
Loc 6	V Duv X V Inc	0,684	0,684	0,243	0,408
Loc 7	V Duv X V Neu	0,964	0,878	0,244	0,637
Loc 8	V Cri X V Duv	0,753	0,700	0,493	0,820
	V Cri X V Inc	0,944	0,841	0,826	0,823
	V Cri X V Pro	0,316	0,286	0,233	0,900
	V Duv X V Inc	0,602	0,714	0,328	0,953
	V Duv X V Pro	0,365	0,349	0,008*	0,490
	V Inc X V Pro	0,441	0,441	0,290	0,684

Observando as medidas de locutor **1**, notamos que, para tempo médio por sílaba, com e sem pausa,, os valores de *incredulidade* são os mais altos, seguidos da *dúvida*, do *interesse* e do *neutro* (cujos valores são semelhantes) e da *provocação*. Na duração da TN, a *dúvida* e o *interesse* têm os maiores valores, em seguida aparece o *neutro* e a *incredulidade* (valores próximos) e, por fim, a *provocação*. Para a duração da APT, os maiores valores são da *incredulidade*, *interesse* e *dúvida* (todos próximos), seguidos do *neutro* e da *provocação*. Quanto à significância, para tempo médio por sílaba (com e seu pausa), são significativamente diferentes as médias da *dúvida* comparada ao *neutro*, à *provocação* e ao *interesse* e do *interesse* comparado à *incredulidade*.

Para o locutor **2**, no tempo médio por sílaba, com e sem pausa, o *interesse* apresenta valores significativamente maiores que a *dúvida*; na duração das sílabas TN e APT a *dúvida* apresenta valores maiores (não significativamente) que o *interesse*.

Para o locutor **3**, notamos médias muito próximas, para todas as atitudes, no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa). Na duração da TN, o maior valor é do *interesse*, seguido da *dúvida* e do *neutro* e, na duração da APT, os maiores valores são do *interesse* e do *neutro* (bem próximos) seguidos pela *dúvida*.

Nos dados de locutor **4**, observamos valores maiores para a *incredulidade*, em relação à *dúvida*, para o tempo médio por sílaba (com e sem pausa) e para a duração da sílaba TN. Na duração da sílaba APT, o valor da *dúvida* e da *incredulidade* são muito próximos. Nenhuma dessas médias é significativamente distinta das demais.

Para locutor **5**, há muita semelhança entre os valores apresentados para as três atitudes em todas as medidas. Na duração da APT, no entanto, vemos uma tendência (não significativa) de o *neutro* ter um valor menor que as demais atitudes.

Nos dados de locutor **6**, os valores do tempo médio por sílaba (com e sem pausa) são maiores para a *incredulidade*, e a duração das sílabas TN e APT é maior na atitude de *dúvida*. As diferenças entre essas atitudes não são significativas.

Para locutor **7**, os valores de tempo médio por sílaba (com e seu pausa) são muito parecidos nas atitudes *dúvida* e *neutra*. Para duração de TN e APT, *neutro* apresenta tendência de maiores valores que *dúvida*, sem diferenças significativas.

Para locutor **8**, as médias do tempo médio por sílaba, com ou sem pausa, são maiores na *provocação*, seguida de *dúvida*, *incredulidade* e *crítica* (cujos valores são semelhantes). Para a duração da TN, o maior valor é da *dúvida*, seguido da *crítica*, da *incredulidade* e da *provocação*. O valor de duração da TN, comparado para a *dúvida* e a *provocação*, é significativamente distinto. Quanto à duração da APT, os valores para todas as atitudes são muito próximos.

3.3.3- Medidas de F_0 , para conjunto de locutores

3.3.3.1- Pontos:

Tabela 104- Média e desvio padrão (entre parênteses) para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
V Cri (n = 7)	178 (75)	123 (78)	226 (71)	240 (63)	90 (33)	151 (69)
V Duv (n = 54)	180 (50)	155 (42)	194 (50)	213 (44)	115 (19)	98 (49)
V Inc (n= 29)	200 (73)	154 (54)	235 (69)	254 (56)	117 (28)	137 (60)
V Int (n = 48)	178 (44)	159 (45)	193 (48)	212 (36)	119 (22)	93 (36)
V Neu (n = 25)	151 (31)	147 (36)	163 (34)	181 (22)	112 (16)	68 (22)
V Pro (n = 10)	160 (43)	190 (77)	196 (46)	250 (34)	115 (34)	136 (27)

Tabela 105- Valores de p para pontos de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial	F_0 final	F_0 1ª tônica	F_0 máximo	F_0 mínimo	Tessitura
VCri X VDuv	0,994	0,170	0,911	0,994	0,902	0,898
VCri X VInc	0,934	0,194	1,000	0,935	0,551	1,000
VCri X VInt	0,998	0,050*	0,946	0,999	0,465	0,833
VCri X VNeu	0,990	0,329	0,357	0,385	0,942	0,178
VCri X VPro	0,989	0,085	0,852	0,999	0,624	0,999
VDuv X VInc	0,969	1,000	0,273	0,062	0,802	0,265
VDuv X VInt	0,999	0,820	1,000	0,997	0,505	0,999
VDuv X VNeu	0,319	0,999	0,386	0,098	1,000	0,114
VDuv X VPro	0,708	0,928	0,998	0,886	0,937	0,989
VInc X VInt	0,915	0,925	0,480	0,203	0,999	0,171
VInc X VNeu	0,150	0,999	0,011*	0,000*	0,889	0,002*
VInc X VPro	0,447	0,942	0,570	0,994	1,000	0,988
VInt X VNeu	0,452	0,813	0,289	0,035*	0,690	0,213
VInt X VPro	0,802	0,999	0,995	0,958	1,000	0,964
VNeu X VPro	1,000	0,898	0,974	0,108	0,944	0,288

Para o ponto inicial de F_0 , a *incredulidade* apresenta a maior média, seguida por *dúvida*, *crítica* e *interesse* (que têm valores muito próximos), depois por *provocação* e *neutro*. Para o ponto final de F_0 , o maior valor aparece na *provocação*, seguida do *interesse*, da *dúvida*, da *incredulidade* e do *neutro* (valores próximos) e da *crítica*, que apresenta o menor valor. Nessa medida, as médias de *crítica* e *interesse* são significativamente diferentes. Quanto ao valor de F_0 na 1ª tônica, a maior média é a de *incredulidade*, seguida da *crítica*, depois da *provocação*, da *dúvida* e do *interesse* (essas últimas três com valores bastante semelhantes) e, por fim, do *neutro*. Para tal medida é significativamente distinta a atitude de *incredulidade* em relação ao *neutro*. Em relação ao valor máximo de F_0 , temos o maior valor na *incredulidade* e

provocação (valores próximos), seguindo-se a *crítica*, logo após a *dúvida* e o *interesse* (com valores semelhantes) e o *neutro*, com o menor valor. As médias de *incredulidade* e *interesse* são significativamente distintas da média do *neutro*. Para o valor mínimo, os valores encontrados são bastante próximos, sendo que o valor da *crítica* apresenta uma tendência de ser mais baixo que os demais. Para a tessitura, o maior valor aparece na atitude de *crítica*, seguida por *incredulidade* e *provocação* (valores próximos), depois por *dúvida* e *interesse* (valores parecidos) e, por fim, por *neutro*. São significativas as diferenças entre a *incredulidade* e o *neutro* para tal medida.

3.3.3.2- Movimentos

Tabela 106- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Cri (n = 7)	226 (71)	108 (19)	117 (75)	1,530 (1,26)	173 (168)	1,009 (0,56)
V Duv (n = 54)	196 (52)	117 (19)	78 (56)	1,074 (0,96)	145 (174)	0,712 (0,46)
V Inc (n = 29)	235 (68)	122 (27)	114 (72)	0,843 (0,69)	205 (193)	0,919 (0,48)
V Int (n = 48)	200 (41)	123 (23)	77 (43)	0,808 (0,56)	138 (121)	0,691 (0,36)
V Neu (n = 25)	171 (32)	112 (13)	59 (29)	1,024 (0,997)	121 (131)	0,596 (0,25)
V Pro (n = 10)	199 (52)	117 (28)	83 (55)	0,634 (0,34)	148 (111)	0,757 (0,44)

Tabela 107- Valores de p para movimento descendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
VCri X VDuv	0,882	0,998	0,944	0,681	0,998	0,986
VCri X VInc	0,999	0,999	1,000	0,476	1,000	1,000
VCri X VInt	0,980	0,999	0,967	0,525	0,925	0,985
VCri X VNeu	0,354	0,961	0,591	0,905	0,770	0,790
VCri X VPro	0,828	0,998	0,749	0,682	0,671	0,790
VDuv X VInc	0,149	0,766	0,4332	0,983	0,902	0,903
VDuv X VInt	0,973	0,678	1,000	0,989	0,830	1,000
VDuv X VNeu	0,461	0,961	0,702	0,993	0,535	0,809
VDuv X VPro	0,998	0,904	0,963	0,999	0,668	0,922
VInc X VInt	0,538	1,000	0,580	1,000	0,355	0,905
VInc X VNeu	0,007*	0,468	0,070	0,897	0,189	0,383
VInc X VPro	0,467	0,999	0,434	1,000	0,324	0,634
VInt X VNeu	0,149	0,337	0,606	0,892	0,975	0,824
VInt X VPro	0,966	0,999	0,946	1,000	0,952	0,931
VNeu X VPro	0,982	0,688	1,000	0,986	0,999	1,000

Para o valor inicial do movimento descendente, observamos que a *incredulidade* apresenta o valor mais alto, seguindo-se a *crítica* e depois o *interesse*, a *provocação* e a *dúvida* (essas três com valores muito próximos) e, por fim, o *neutro*. Para essa medida aparece o único valor significativo encontrado na tabela 107: as médias de F_0 inicial de *incredulidade* e *neutro* são significativamente diferentes. Em relação ao ponto final do movimento, todos os valores são próximos, assim não falaremos em tendências. Quanto à variação melódica, absoluta ou relativa, temos a seguinte ordenação para as atitudes: *crítica* e *incredulidade*, com valores maiores que *provocação*, *dúvida* e *interesse*, com valores maiores que *neutro*. Para o tempo de realização do movimento, o maior valor é o da *crítica*, seguindo-se a *dúvida* e o *neutro* (com valores semelhantes), depois, a *incredulidade* e o *interesse* (cujos valores são parecidos) e, por fim, a *provocação*. Para a taxa de variação do movimento melódico, o maior valor é da *incredulidade*, depois da *crítica*, seguindo-se a *provocação*, a *dúvida* e o *interesse* (as três com valores semelhantes) e, finalmente, o *neutro*.

Tabela 108- Média e desvio padrão (entre parênteses) para os valores relacionados ao movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
V Cri (n = 7)	109 (19)	195 (39)	86 (46)	0,202 (0,09)	435 (193)	0,834 (0,42)
V Duv (n = 54)	118 (20)	179 (38)	61 (36)	0,230 (0,10)	297 (187)	0,591 (0,33)
V Inc (n= 29)	123 (27)	192 (54)	69 (42)	0,174 (0,06)	434 (277)	0,619 (0,29)
V Int (n = 48)	123 (23)	186 (39)	63 (28)	0,183 (0,07)	376 (207)	0,593 (0,23)
V Neu (n = 25)	114 (15)	160 (27)	46 (22)	0,178 (0,07)	296 (186)	0,482 (0,21)
V Pro (n = 10)	121 (30)	228 (48)	106 (32)	0,172 (0,06)	652 (233)	0,910 (0,24)

Tabela 109- Valores de *p* para movimento ascendente de F_0 , nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	F_0 inicial (Hz)	F_0 final (Hz)	ΔF_0 (Hz)	Δt (ms)	Variação do mov. melódico	
					(em Hz/s)	(em oitavas)
VCri X VDuv	0,998	0,997	0,936	0,809	1,000	0,874
VCri X VInc	0,999	0,995	0,997	1,000	0,999	0,999
VCri X VInt	0,999	0,945	0,924	0,997	0,999	0,941
VCri X VNeu	0,953	0,938	1,000	0,999	0,994	1,000
VCri X VPro	0,999	0,301	0,184	1,000	0,459	0,452
VDuv X VInc	0,767	1,000	0,965	0,297	0,964	0,683
VDuv X VInt	0,677	0,931	1,000	0,574	0,929	0,999
VDuv X VNeu	0,961	0,356	0,395	0,551	0,975	0,481
VDuv X VPro	0,905	0,231	0,302	0,839	0,110	0,834
VInc X VInt	1,000	0,984	0,946	0,987	1,000	0,879
VInc X VNeu	0,469	0,450	0,905	0,999	0,776	0,999
VInc X VPro	0,999	0,295	0,138	1,000	0,332	0,344
VInt X VNeu	0,337	0,069	0,312	0,999	0,649	0,656
VInt X VPro	0,999	0,509	0,350	0,999	0,305	0,738
VNeu X VPro	0,690	0,017*	0,029*	1,000	0,057	0,250

No valor inicial de F_0 , observamos valores muito próximos para todas as atitudes estudadas. No valor final de F_0 , na taxa de variação melódica, na variação melódica absoluta e na relativa, temos a seguinte ordem das atitudes, do maior ao menor valor: *provocação*, *crítica*, *incredulidade*, *interesse*, *dúvida* e *neutro*. Nas medidas de F_0 final e de variação melódica absoluta, a média do *neutro* comparada à da *provocação* é significativamente diferente. É importante ressaltar que, no ponto final, são muito próximos os valores de *crítica*, *dúvida*, *incredulidade* e *interesse*; na variação melódica absoluta, são semelhantes os valores de *dúvida*, *incredulidade* e *interesse*; na taxa de variação, os valores de *crítica* e *incredulidade* são semelhantes e o mesmo se dá para os valores de *dúvida* e *neutro*; na variação melódica relativa, *dúvida* e *interesse* apresentam valores parecidos. Para o tempo de realização do movimento, o maior valor está na *dúvida*, seguida da *crítica* e, por fim, de *interesse*, *neutro*, *incredulidade* e *provocação* (tendo essas quatro últimas valores semelhantes).

3.3.4- Medidas de duração, para conjunto de todos os locutores

Tabela 110- Média e desvio padrão (entre parênteses) para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
V Cri (n = 7)	0,167 (0,08)	0,162 (0,08)	0,271 (0,12)	0,166 (0,06)
V Duv (n = 54)	0,173 (0,03)	0,167 (0,03)	0,244 (0,09)	0,153 (0,05)
V Inc (n= 29)	0,191 (0,07)	0,185 (0,07)	0,217 (0,07)	0,147 (0,05)
V Int (n = 48)	0,160 (0,03)	0,155 (0,02)	0,234 (0,10)	0,142 (0,10)
V Neu (n = 25)	0,156 (0,03)	0,154 (0,03)	0,235 (0,09)	0,137 (0,05)
V Pro (n = 10)	0,202 (0,16)	0,201 (0,16)	0,193 (0,03)	0,135 (0,05)

Tabela 111- Valores de *p* para valores de duração, nas questões totais verdadeiras, para conjunto de locutores.

	Tempo médio por sílaba (com pausa)	Tempo médio por sílaba (sem pausa)	Duração da tônica nuclear	Duração da átona pretônica
V Cri X V Duv	0,999	0,996	1,000	1,000
V Cri X V Inc	0,822	0,669	1,000	1,000
V Cri X V Int	1,000	0,999	1,000	1,000
V Cri X V Neu	1,000	1,000	1,000	1,000
V Cri X V Pro	0,813	0,531	0,984	1,000
V Duv X V Inc	0,759	0,732	0,958	1,000
V Duv X V Int	0,999	1,000	1,000	1,000
V Duv X V Neu	0,997	0,999	1,000	0,999
V Duv X V Pro	0,981	0,921	0,471	0,999
V Inc X V Int	0,217	0,240	0,999	1,000
V Inc X V Neu	0,310	0,452	0,999	1,000
V Inc X V Pro	1,000	1,000	0,980	0,999
V Int X V Neu	1,000	1,000	1,000	1,000
V Int X V Pro	0,856	0,721	0,595	0,999
V Neu X N Pro	0,791	0,737	0,745	1,000

Para tempo médio por sílaba, com e sem pausa, podemos notar que os maiores valores estão nas atitudes de *provocação* e *incredulidade*, seguidas de *dúvida*, *crítica*, *interesse* e *neutro* (que têm valores semelhantes). Na duração da TN, temos na *crítica* o maior valor, seguindo-se o valor da *dúvida*, do *neutro* e do *interesse* (essas três com valores próximos), depois o valor da *incredulidade* e o da *provocação*. Para a duração da APT, o maior valor é na *crítica*, seguindo-se a *dúvida*, a *incredulidade* e o *interesse*, e depois o *neutro* e a *provocação*.

3.4- Síntese dos resultados para as questões totais

Assim como feito para as QPs, fizemos, para as questões totais, a verificação, através do teste t de diferença entre médias, se havia valores significativamente diferentes para os três tipos de questão total (retórica, pedido de confirmação e verdadeira). Os valores de p encontrados, maiores que 0,05, mostraram que não há diferenças significativas quando comparamos tais tipos de questão (por as diferenças não serem significativas, não apresentamos aqui os valores de p). No entanto, os pedidos de confirmação apresentam uma particularidade, em relação às QT retóricas e verdadeiras: na maioria dos PC, o movimento ascendente tônico ocorre no marcador conversacional de confirmação (“*não é?*”, “*não é isso?*”, por exemplo); assim, procuramos agrupar resultados de QT retóricas e verdadeiras (mas nos baseamos mais nos resultados das QT verdadeiras, uma vez que o número de dados dessas questões é muito superior ao número de dados das questões retóricas), mas descrevemos os PCs separadamente.

3.4.1- Questões totais pedidos de confirmação

Nos pedidos de confirmação, os valores mais altos de F_0 são encontrados na atitude de *incredulidade*, e os menores na *indução* e *dúvida*, com a diferença de que a *dúvida*, para o início do movimento descendente pretônico, apresenta um valor maior que a *indução*. O *interesse* tem valores parecidos com a *dúvida* e a *indução*, tendendo a apresentar um valor de F_0 no final do movimento ascendente tônico maior que essas duas outras atitudes.

Podemos dizer, em relação à duração, que a *incredulidade* costuma apresentar os maiores valores.

Para ilustrar tais características, apresentamos os exemplos abaixo:

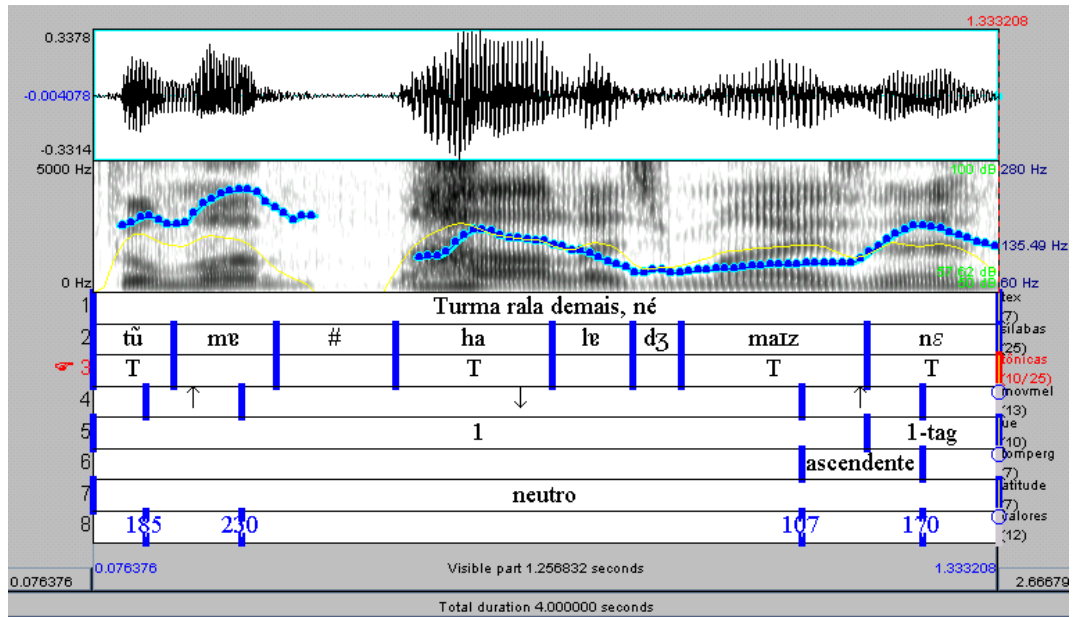


Figura 34- Questão total pedido de confirmação com indução – [20p49 – loc1]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

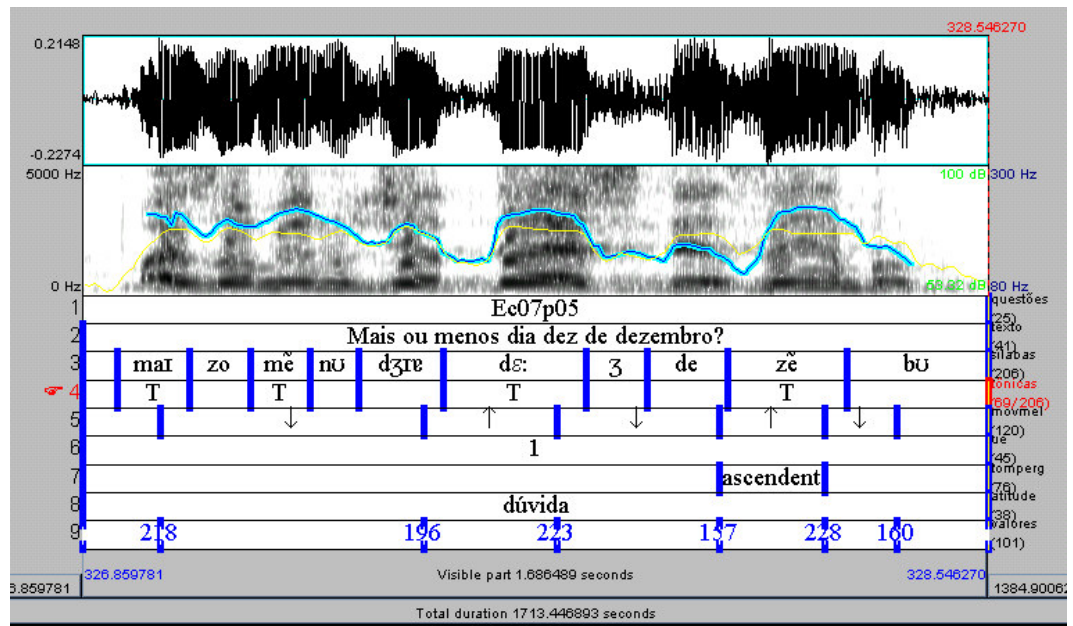


Figura 35- Questão total pedido de confirmação com dúvida – [07p05 – loc 5]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

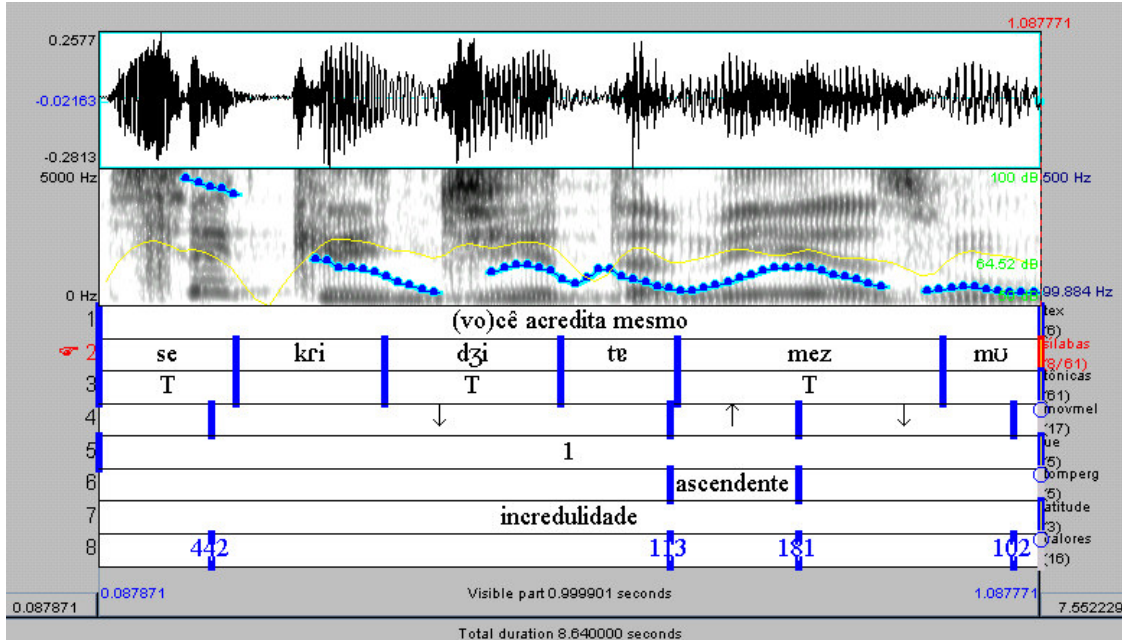


Figura 36- Questão total pedido de confirmação com incredulidade – [15p16 – loc1]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

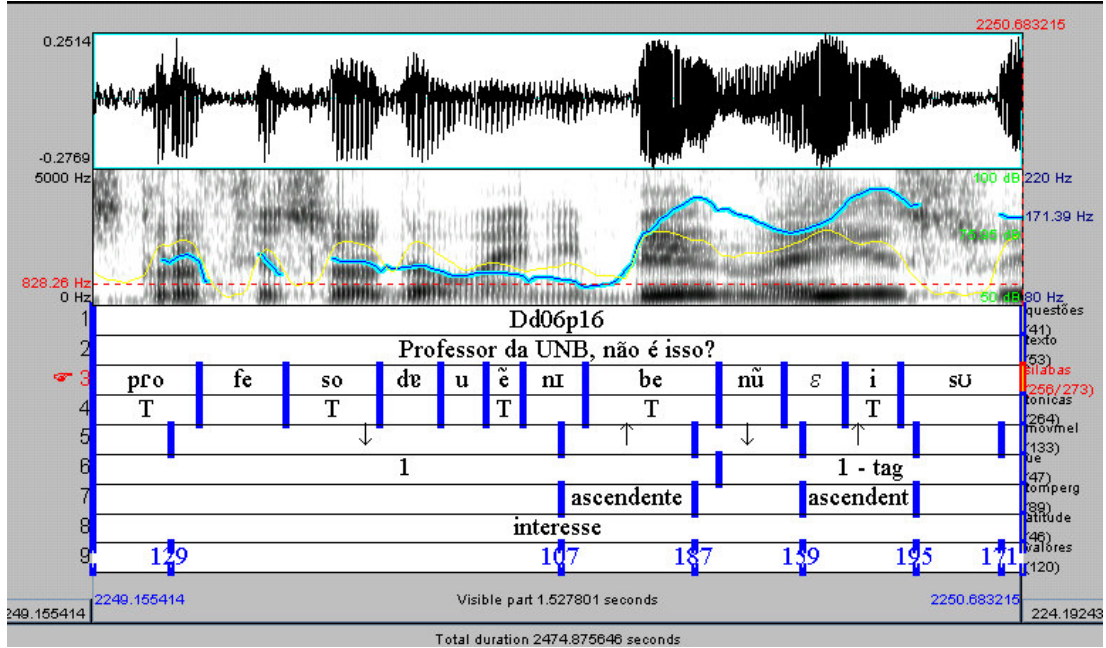


Figura 37- Questão total pedido de confirmação com interesse – [06p16 – loc4]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

3.4.2- Questões totais retóricas e verdadeiras

Para as QT verdadeiras e retóricas, a *incredulidade* tende a apresentar maiores valores de F_0 no início dos enunciados. Logo depois aparece a *crítica*, com valores altos, seguida do grupo de *dúvida*, *interesse* e *provocação*. O *neutro* apresenta os menores valores, tanto no início quanto no fim do enunciado. No ponto final do ascendente tônico, é a *provocação* que atinge os maiores valores. A *incredulidade*, *crítica*, *dúvida* e *interesse* têm valores próximos, sendo do *neutro* o menor valor.

Nos valores de duração, a *provocação* e a *incredulidade*, seguidas de *dúvida*, tendem a apresentar valores maiores que as demais atitudes no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa). Na duração da TN, *crítica* e *dúvida* apresentam valores mais longos que *neutro*, e *interesse*, *incredulidade* e *provocação* apresentam valores mais curtos.

Abaixo podem ser vistos exemplos de tais questões:

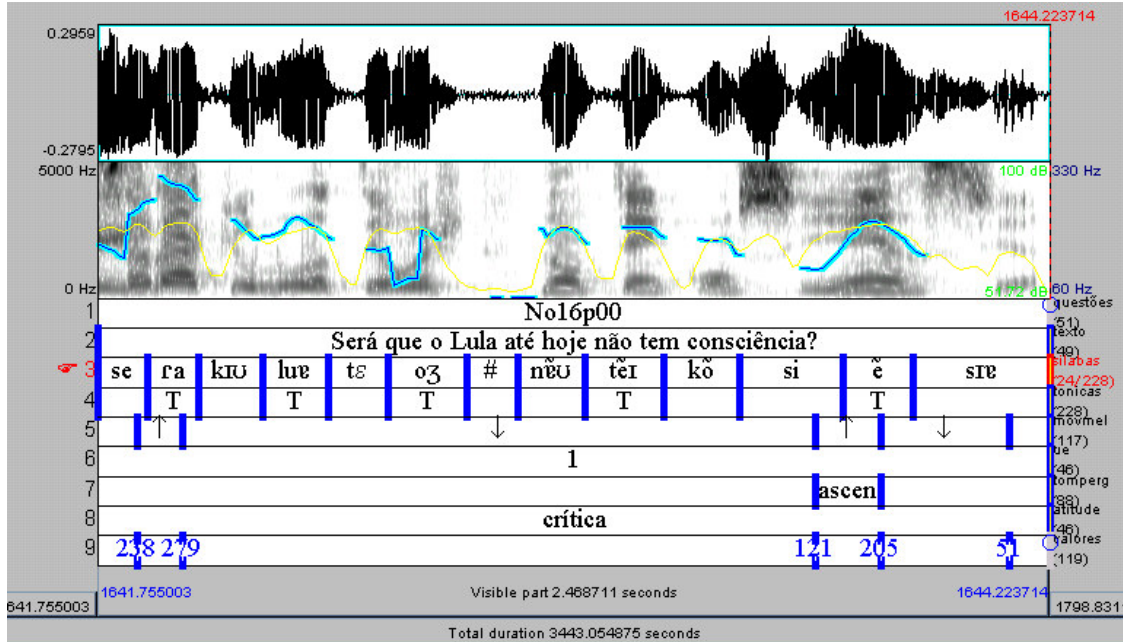


Figura 38- Questão total verdadeira com atitude de crítica – [16p00 – loc 8]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

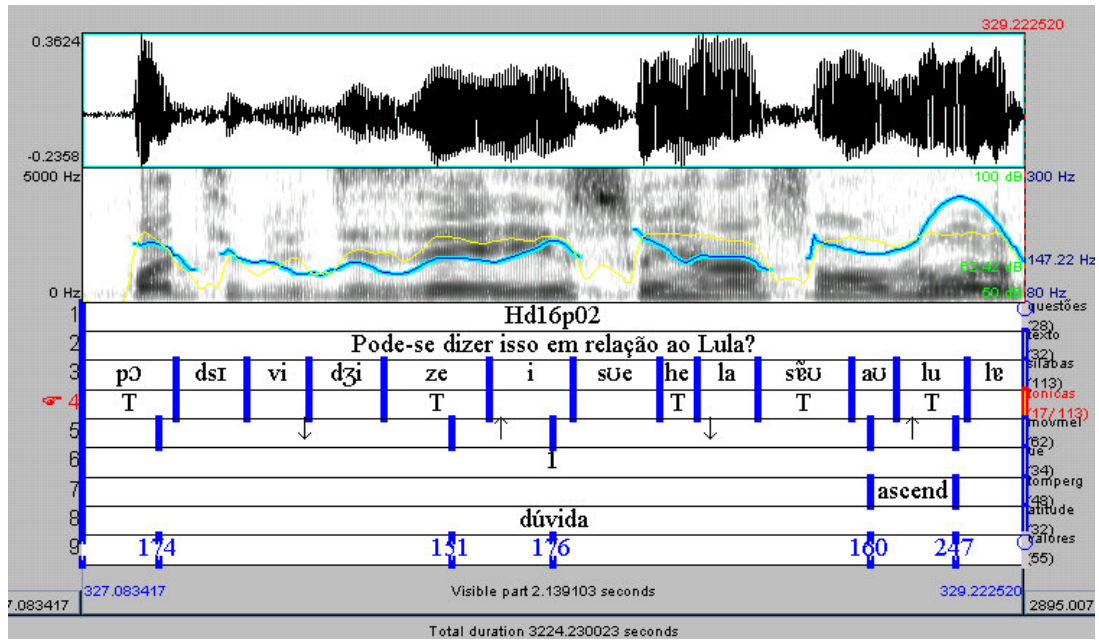


Figura 39- Questão total verdadeira com atitude de dúvida – [16p02 loc 6]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

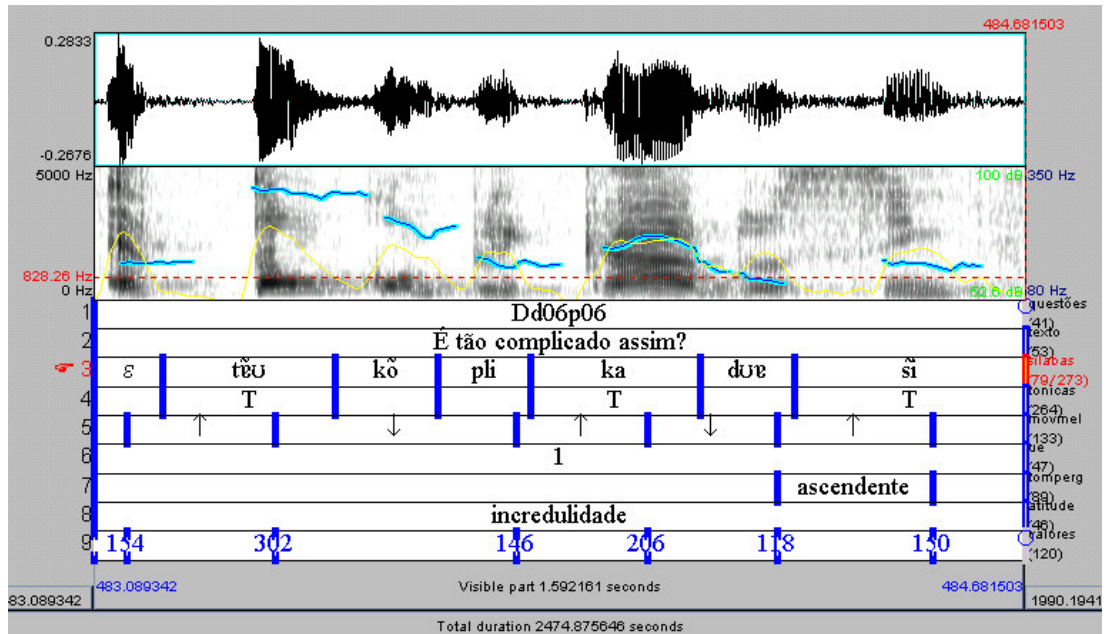


Figura 40- Questão total verdadeira com atitude de incredulidade – [06p06 – loc4]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

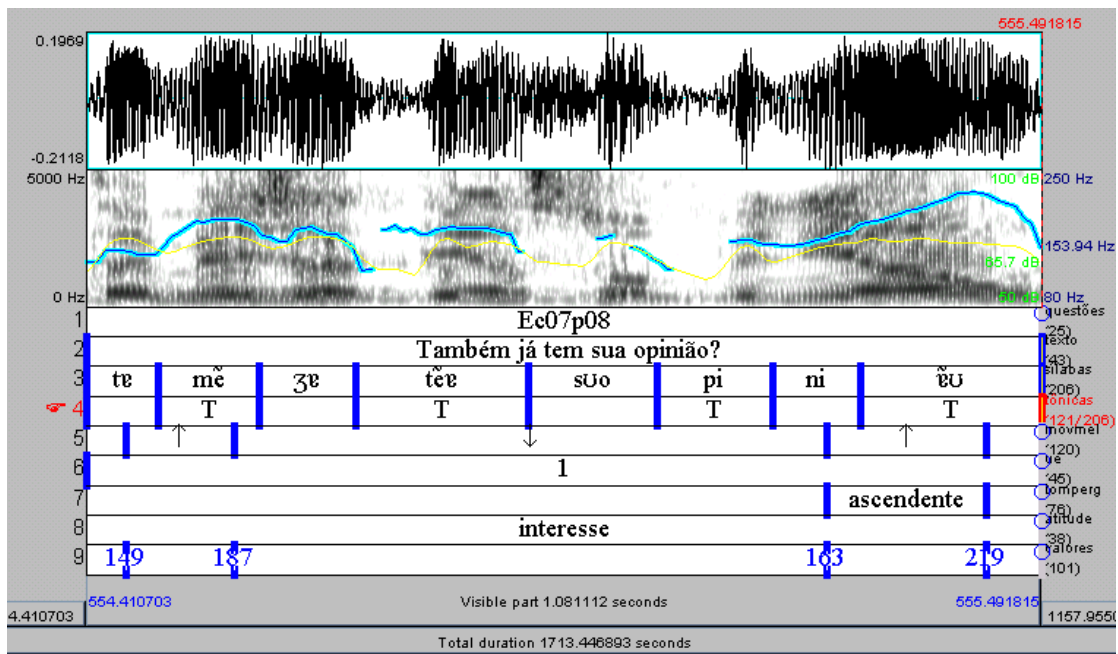


Figura 41- Questão total verdadeira com atitude de interesse – [07p08 – loc 5]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

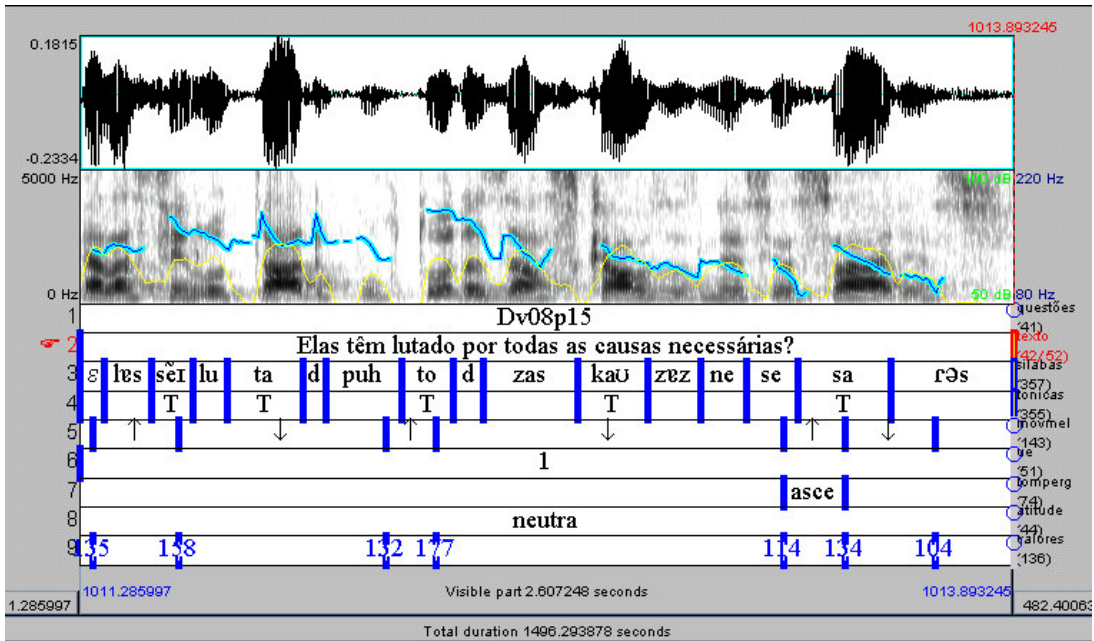


Figura 42- Questão total verdadeira com atitude neutra – [08p15 – loc 3]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

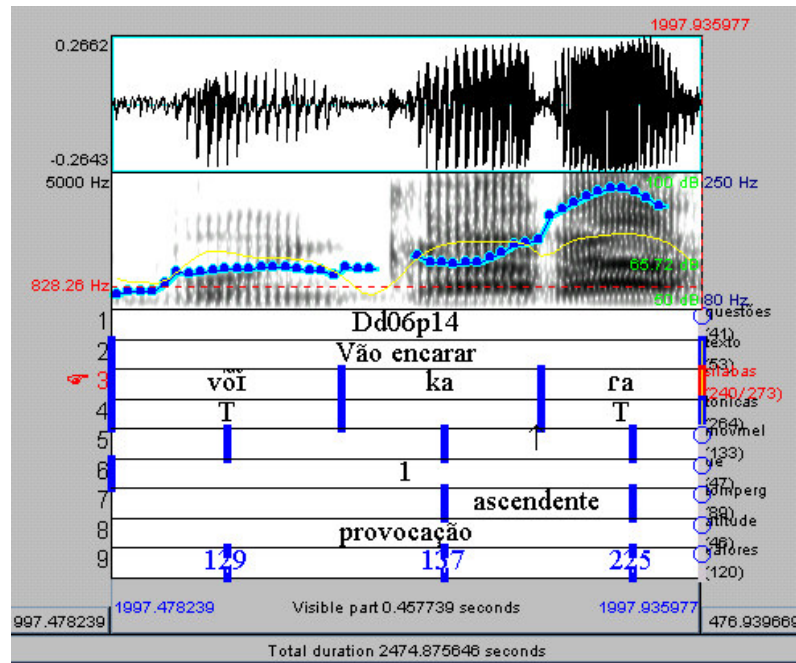


Figura 43- Questão total verdadeira com atitude de provocação – [06p14 – loc4]
 Oscilograma, espectrograma, curva de F₀ (em azul), curva de intensidade (em amarelo) e grade de texto.

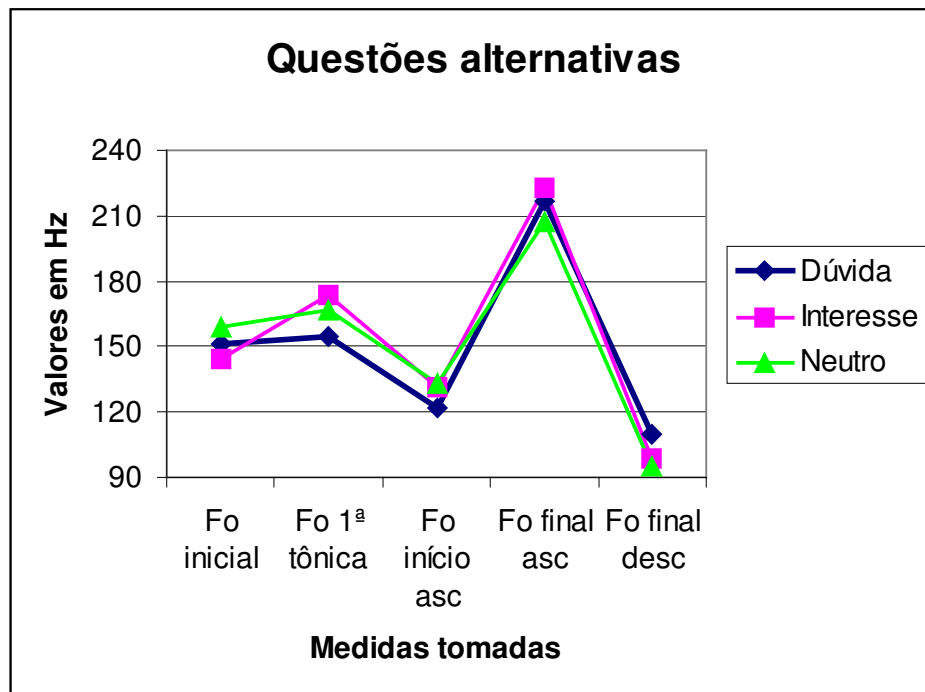
4- Síntese geral dos resultados

A partir dos resultados descritos até o presente momento, procuraremos, nesta seção, sintetizar e sistematizar os principais aspectos prosódicos envolvidos na expressão das atitudes do locutor em questões.

4.1- Questões alternativas (verdadeiras)

Nesse tipo de questão, podemos ver as seguintes características gerais, para a frequência fundamental:

Gráfico 1 – Atitudes nas questões alternativas verdadeiras



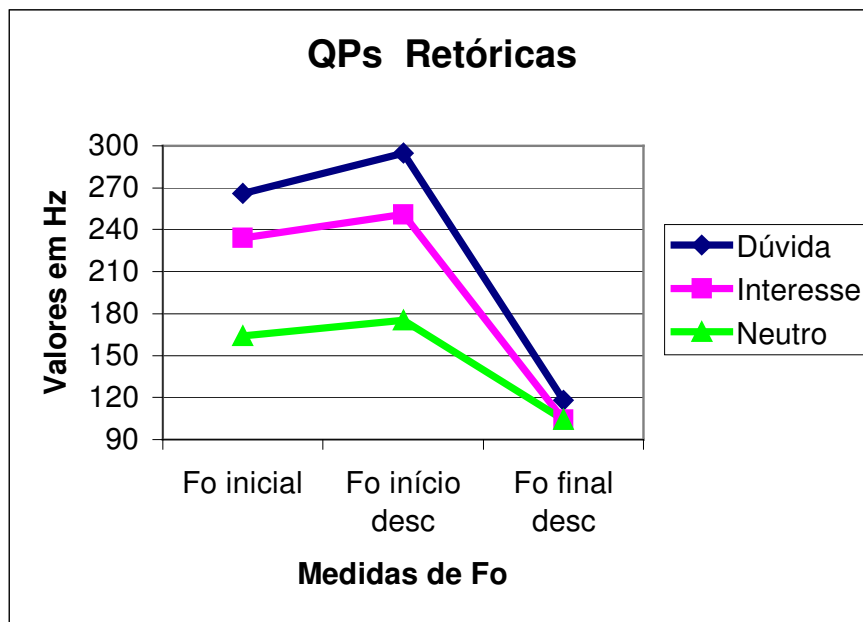
Como é possível visualizar no gráfico apresentado, os principais valores de F_0 que distinguem as atitudes *dúvida*, *interesse* e *neutro*, nesse tipo de questão, são: o valor inicial da frase (*neutro* > *dúvida* > *interesse*); o valor da 1ª tônica (*interesse* > *neutro* > *dúvida*); o valor final de F_0 (*dúvida* > *interesse*, *neutro*).

A esses valores de F_0 podemos acrescentar os valores de duração encontrados para o tempo médio por sílaba, com ou sem pausa (*neutro* > *dúvida* > *interesse*).

4.2- Questões parciais retóricas

As principais características de F_0 desse tipo de questão aparecem resumidas no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Atitudes nas questões parciais retóricas



Para as questões parciais retóricas, os principais valores de F_0 usados na distinção das atitudes são: valor inicial (*dúvida* > *interesse* > *neutro*); valor do início do movimento descendente³⁸ (*dúvida* > *interesse* > *neutro*); valor final de F_0 (*dúvida* > *interesse*, *neutro*). É importante observar que os valores de F_0 das atitudes de *dúvida* e *interesse* são significativamente maiores que aqueles presentes na atitude *neutra*.

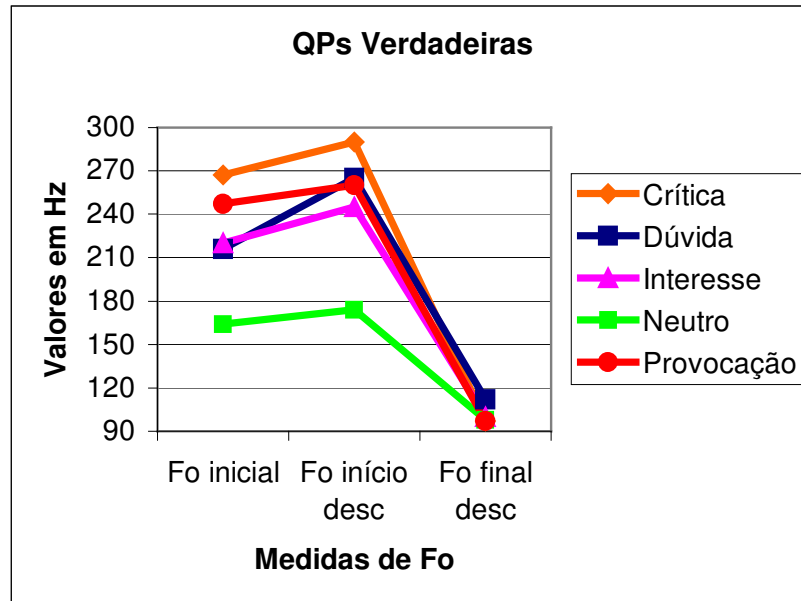
A esses valores podemos ajuntar um valor maior de duração da tônica nuclear e da átona pretônica na atitude de *dúvida*.

³⁸ Esse valor geralmente corresponde ao valor de F_0 no pronome interrogativo e ao valor de F_0 na 1ª sílaba tônica do enunciado.

4.3- Questões parciais verdadeiras

As questões parciais verdadeiras apresentam, como principais características de F_0 :

Gráfico 3 – Atitudes nas questões parciais verdadeiras



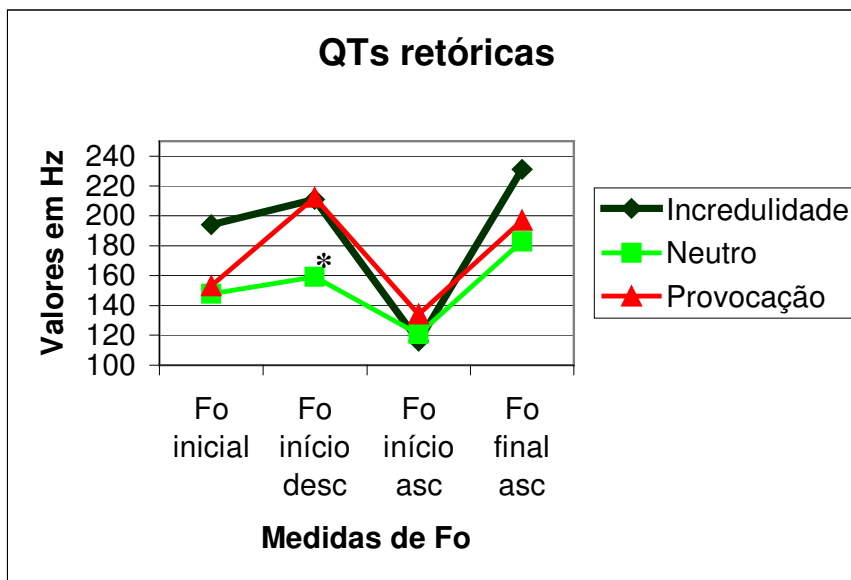
Podemos citar, como principais características de F_0 para diferenciar atitudes nas questões parciais verdadeiras, o ponto inicial de F_0 (*crítica* > *provocação* > *interesse*, *dúvida* > *neutro*); o ponto inicial do movimento melódico descendente (*crítica* > *dúvida*, *provocação* > *interesse* > *neutro*) e o ponto final de F_0 no movimento melódico descendente (*dúvida* > demais atitudes).

A essas características de F_0 podemos acrescentar as características de duração no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa), assim como na duração da tônica nuclear e da átona pretônica (*dúvida*, *crítica* > *interesse*, *neutro*, *provocação*).

4.4- Questões totais retóricas

Para as questões totais retóricas apresentamos o gráfico abaixo, com os resultados de F0:

Gráfico 4 – Atitudes nas questões totais retóricas



* **Observação:** como o movimento descendente pretônico na atitude *neutra* apresentou poucos valores, utilizamos, no lugar do valor inicial deste movimento, o valor médio da 1ª tônica das QT-PC *neutras*.

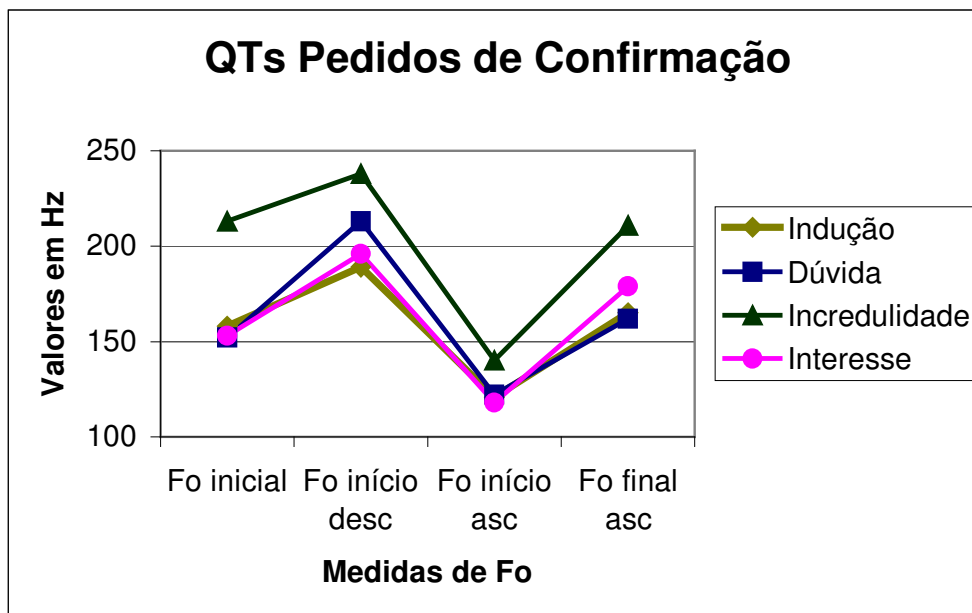
Nas questões totais retóricas, vemos que há diferenças, para as atitudes, no valor inicial de F₀ (*incredulidade* > *neutro*, *provocação*), no valor inicial do movimento descendente pretônico (*neutro* > *incredulidade*, *provocação*), no valor inicial do movimento ascendente tônico (*provocação*, *neutro* > *incredulidade*) e no valor final do movimento ascendente (*incredulidade* > *provocação* > *neutro*).

A esses fatores podemos acrescentar, sobre a duração: os valores do tempo médio por sílaba (com ou sem pausa), que são diferentes para as três atitudes (*incredulidade* > *provocação* > *neutro*) e os valores de duração da TN e da APT que também diferem (*incredulidade* > *neutro* > *provocação*).

4.5- Questões totais pedidos de confirmação

Para os pedidos de confirmação, podem ser encontrados os valores seguintes de F_0 :

Gráfico 5 – Atitudes nas questões totais pedidos de confirmação



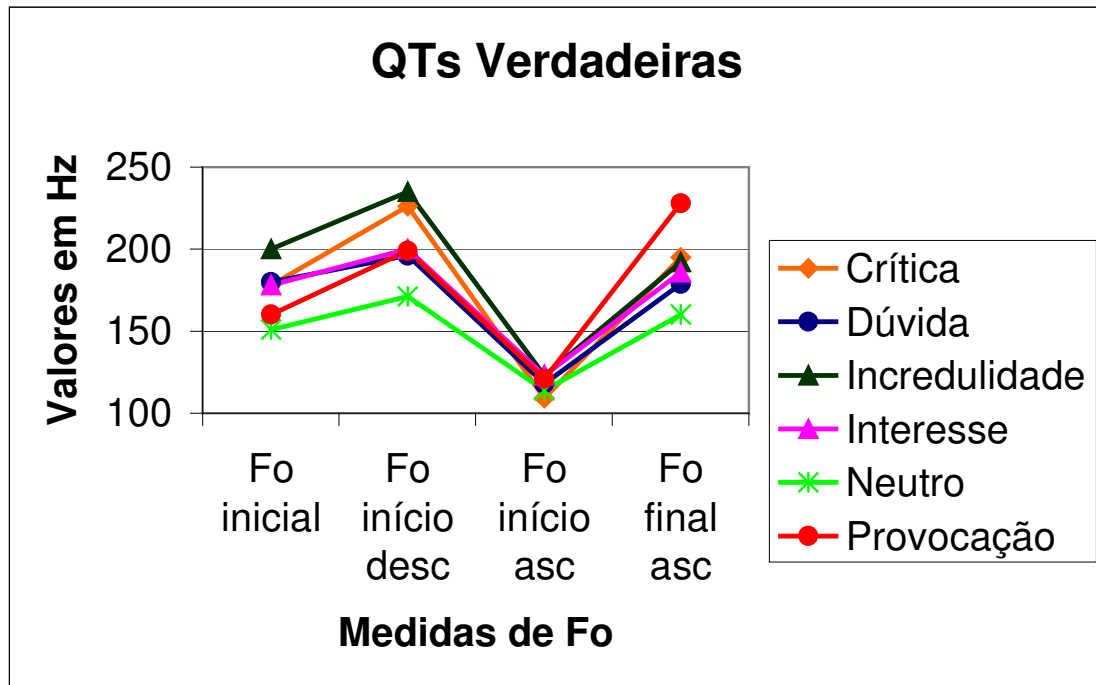
Para os pedidos de confirmação, podemos notar diferenças, em termos das atitudes, nos valores: início de F_0 (*incredulidade* > *indução*, *interesse*, *dúvida*); inicial do movimento descendente pretônico (*incredulidade* > *dúvida* > *interesse*, *indução*), inicial do movimento ascendenteônico (*incredulidade* > *dúvida*, *indução*, *interesse*) e final do movimento ascendenteônico (*incredulidade* > *interesse* > *dúvida*, *indução*).

A essas diferenças podemos acrescentar as seguintes, relativas à duração: valores de tempo médio por sílaba (com e sem pausa) (*incredulidade* > *indução*, *interesse*, *dúvida*).

4.6- Questões totais verdadeiras

As principais medidas de F_0 para QT verdadeiras podem ser vistas no gráfico abaixo:

Gráfico 6 – Atitudes nas questões totais verdadeiras



Para as questões totais verdadeiras, encontramos algumas dificuldades para caracterizar as atitudes, porque alguns valores são muito próximos para todas elas. Podemos ver, no entanto, algumas distinções, como: valor inicial de F_0 (*incredulidade* > *crítica*, *dúvida* *interesse* > *provocação*, *neutro*); valor do início do movimento descendente pretônico (*incredulidade* > *crítica* > *interesse*, *provocação*, *dúvida* > *neutro*); valor final do movimento ascendente tônico (*provocação* > *crítica* > *incredulidade* > *interesse* > *dúvida* > *neutro*).

Podemos acrescentar, a estas medidas, algumas diferenças referentes à duração: no tempo médio por sílaba, com ou sem pausa (*provocação* > *incredulidade* > *dúvida* > *crítica*, *interesse*, *neutro*), duração da TN (*crítica* > *dúvida* > *neutro*, *interesse* > *incredulidade* > *provocação*).

5- Discussão

Alguns pontos interessantes a discutir, a partir dos resultados obtidos, são as relações que se criam entre prosódia, atitudes e realização dos atos de fala.

A atitude *neutra*, apresenta, em todos os tipos de questão, uma base de entonação, que poderia ser utilizada como parâmetro para constituição das demais. Como exemplo, podemos compará-la ao *interesse*, em que alguns valores de F_0 seriam aumentados a fim de se dar a entender, ao alocutário, algo como “quero essa informação, ela me é interessante, por isso exagero na representação de sua interrogatividade, para que você não se negue a dá-la”.

Seguindo esse raciocínio, na *dúvida*, por o desejo de saber ser ainda maior, os valores de F_0 poderiam ser ainda mais altos. Isso não ocorreu em todos os tipos de questão, mas o valor de F_0 final, na *dúvida*, apresentou-se, de forma geral, mais alto que nas demais atitudes. Podemos interpretar, então, através dessa não finalização do enunciado (não chegando ao ponto de F_0 mais baixo possível) que o locutor quer deixar claro que têm uma *dúvida*.

Outro ponto interessante para a *dúvida*, que não nos foi possível abordar neste trabalho, é a quantidade de movimentos ascendentes-descendentes que ocorrem na QT com *dúvida*, antes do ascendente final. Tais movimentos parecem expressar a oscilação entre o sim e o não que se encontram na mente do locutor, quando este tem uma *dúvida*.

Retomando o raciocínio do uso de F_0 como expressão de uma escala de incerteza entre as atitudes nas frases interrogativas, a *incredulidade* apresentaria, então, os valores maiores que em outras atitudes, para sinalizar, ao locutor, que a questão posta, além de querer a resposta, pode apresentar uma segunda intenção: a de dizer “não acredito nisso”. Como a *crítica* e a *provocação*, a *incredulidade* também pode ter efeitos perlocucionários.

Seria interessante desenvolver, em trabalhos futuros, as relações que podem se formar a partir da junção dos estudos da função expressiva da prosódia com estudos pragmático-discursivos.

CONCLUSÕES

“on pose des questions (...) pour tuer le silence, pour arreter des regards agressifs, pour se montrer ‘intéressant’, ‘competent’, pour blesser, pour compromettre, pour charmer l’interlocuteur.”

A. Grésillon (1981)

Apresentamos, a seguir, as principais conclusões deste trabalho, assim como algumas sugestões de estudos posteriores que possam ser desenvolvidos a partir dele.

1- O papel geral da prosódia na expressão das atitudes

De uma forma geral, podemos dizer, ao final desse estudo, que a prosódia tem um papel muito importante na expressão de atitudes do locutor. Tanto nos valores de frequência fundamental quanto nos valores de duração que analisamos pudemos notar valores diferentes (alguns significativamente diferentes) na expressão das atitudes.

Retomando a hipótese que apresentamos na introdução desse trabalho, o papel da prosódia na expressão das atitudes, principalmente no que concerne à F_0 , é exercido em eventos locais. Todos os enunciados estudados neste trabalho são questões interrogativas. Em todas essas questões, independente do tipo sintático (se totais, parciais ou alternativas), o movimento melódico marcador da modalidade interrogativa se manteve. Então, para expressão das atitudes, foram feitos ajustes locais nos valores e nos movimentos de F_0 (aumentando-os, diminuindo-os, mudando seu tempo de realização ou sua taxa de variação), a fim de que funcionem como pistas para diferenciar as atitudes: neutra, crítica, condutividade, dúvida, incredulidade, interesse e provocação.

É importante ressaltar que, como fizemos a análise de atitudes por locutor e depois agrupamos todos os locutores a fim de generalizar os dados, observamos que os locutores têm maneiras diferentes de expressar cada atitude. Às vezes, o movimento feito com maior amplitude em uma atitude, em um locutor, pode ser feito com uma amplitude menor, na mesma atitude, para outro locutor. Ainda assim é possível apresentar conclusões gerais sobre o papel da prosódia na expressão de cada uma das atitudes aqui estudadas.

2- O papel da prosódia na expressão de cada uma das atitudes estudadas

Apresentamos, aqui, uma retomada das principais características prosódicas (de F_0 e duração) das atitudes estudadas.

2.1- Neutro

A atitude neutra pode ser definida como aquela que apresenta, em quase todos os tipos de questão os menores valores de F_0 e a menor amplitude de variação de tais movimentos (inclui-se, aqui, menor tessitura nos enunciados). Uma exceção vista foi o valor de F_0 inicial do movimento descendente das questões totais retóricas, em que a atitude neutra teve um valor maior que as demais. Mas no movimento final, para esse tipo de questão, a atitude neutra retomou o menor valor de F_0 .

Quanto à duração, definimos a atitude neutra como aquela que apresenta valores médios de duração, nem longos nem curtos, comparados às demais.

2.2- Crítica

A atitude de crítica aparece, em nosso trabalho, em dois tipos de questões: as parciais verdadeiras e as totais verdadeiras. Podemos caracterizar a atitude de crítica com valores de F_0 altos, principalmente no início dos enunciados. Nas questões verdadeiras, em que também aparece a atitude de incredulidade, só esta última atinge valores mais altos que a crítica.

Em termos de duração, a crítica tende a apresentar valores maiores, tanto no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa) quanto na duração das sílabas analisadas (TN e APT) que outras atitudes.

2.3- Indução

Pelo que foi visto neste trabalho, a indução pode ser caracterizada como a atitude principal dos pedidos de confirmação. Como neste tipo de questão o locutor espera por uma resposta que esteja de acordo com sua opinião, podemos caracterizar a condutividade como a atitude “neutra” dos pedidos de confirmação. Assim, suas características prosódicas são: valores mais baixos de F_0 e menor amplitude dos movimentos de F_0 que em outras atitudes dos Pedidos de Confirmação.

Para medidas de duração, caracterizamos a condutividade com duração média nas medidas que realizamos.

2.4- Dúvida

A dúvida se caracteriza por valores mais altos que os apresentados para a atitude neutra e para o interesse (podendo essa relação entre dúvida e interesse inverter-se, segundo o locutor), mas apresenta valores de F_0 mais baixos que as atitudes de crítica, incredulidade e provocação. Uma característica da dúvida que parece se manter em todas as questões que estudamos é o fato de os valores mínimos de F_0 , para dúvida, tenderem a ser maiores do que nas outras atitudes.

Quanto à duração, notamos uma tendência de a duração das sílabas estudadas (TN e APT) serem maiores na dúvida.

Faz-se necessário observar que as características prosódicas da atitude de dúvida são muito semelhantes às da atitude de interesse. Seria interessante desenvolver um estudo mais completo para distinção entre essas duas atitudes.

2.5- Incredulidade

Podemos caracterizar a incredulidade como a atitude, dentre as que estudamos, que apresenta os maiores valores de F_0 . Isso geralmente é feito por valores muito altos no início dos enunciados, mas também pode se manifestar através de valores altos em todo o enunciado ou no final do mesmo.

Quanto à duração, nas medidas referentes aos valores do tempo médio por sílaba, os valores para a incredulidade são maiores que nas demais atitudes, podendo também ser maiores na duração das sílabas TN e APT.

2.6- Interesse

O interesse apresenta valores de F_0 geralmente intermediários entre o neutro e a dúvida, mas, como já observado, podem apresentar, para alguns locutores, valores maiores que a dúvida, sendo, no entanto, menores que os apresentados para as atitudes de incredulidade, crítica e provocação.

Para duração, observamos valores médios para a atitude de interesse em todas as medidas realizadas, tendendo a TN a apresentar valores menores de duração que algumas atitudes.

2.7- Provocação

A provocação é uma atitude que tende a apresentar valores altos, no início dos enunciados, para questões parciais e no final do enunciado para questões totais. Seus valores são geralmente maiores que os da dúvida e do interesse, mas geralmente menores que os valores da crítica e da incredulidade.

Para medidas de duração, os valores encontrados no tempo médio por sílaba (com ou sem pausa) são médios, entretanto, os valores apresentados para as sílabas TN e APT tendem a ser menores que a média das outras atitudes.

3- Estudos a desenvolver posteriormente

Seria interessante, como proposta de estudo, desenvolver as relações da expressividade prosódica com a pragmática e o discurso. Inicialmente nos propusemos a fazer um estudo que trabalhasse mais com essas relações, mas devido à falta de descrição e caracterização da prosódia atitudinal para o português, o trabalho desenvolvido concentrou-se mais nesse aspecto e não pôde abordar, mais aprofundadamente, os aspectos discursivos. Fica esse tópico como sugestão para estudos posteriores.

Um outro estudo interessante que pode ser desenvolvido a partir deste é o teste perceptivo das atitudes estudadas através da síntese da fala com as características descritas neste estudo para cada uma das atitudes. Assim, esse estudo poderia contribuir de uma forma mais aplicada a diversas áreas.

Sugerimos, por último, a extensão deste estudo para outros atos de fala, e até mesmo para as questões em outras situações de comunicação, e também para o estudo do papel da prosódia na expressão das emoções e de outros estados afetivos do falante. A partir de outros estudos nessa área, poderíamos saber um pouco mais sobre o papel expressivo da prosódia no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana. O estudo entonativo da persuasão à luz da teoria dos atos de fala. In: MENDES, Eliana, OLIVEIRA, Paulo & BENN-IBLER, Veronika (orgs.) **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p. 247-255.

ANTUNES, Leandra Batista. **Análise da entonação de enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças**. 157f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Estudos Lingüísticos). Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ANTUNES, Leandra Batista. O conceito de atitudes do locutor na literatura prosódica. In: **Revista Asa Palavra**. Brumadinho, ano III, n. 5, jun/ 2006. p. 107-125.

APFELBAUM, Brigit et alii. Modalisation, marqueurs de modalisation et modalités. In: RUSSIER, Colette; STOFFEL, Henriette & VÉRONIQUE, Daniel. **Modalisations en langue étrangère**. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1991.

ARMSTRONG, L. & WARD, I. **A Handbook of English Intonation**. Cambridge: W. Heffer and Sons, 1931.

AUBERGÉ, Véronique. A Gestalt Morphology of Prosody Directed by Functions: the Example of a Step Model Developed at ICP. In: **Proceedings of the 1st Conference on Speech Prosody**. 2002a. p. 151-155.

AUBERGÉ, Véronique. **Prosodie et émotion**. In: Actes des XII^{èmes} Assises Nationales du GdR 13, [2002b]. p. 263-273. Disponível em: <<http://sis.univ-tln.fr/gdr13/fichiers/assises2002/papers/15-ProsodieEtEmotion.pdf>>. Acessado em 05/10/2003.

AUBERGÉ, V; GRÉPILLAT, T & RILLIARD, A. Can we perceive attitudes before the end of sentences? The gating paradigm for prosodic contours. In: **Proceedings of Eurospeech 97**, Rhodes (Greece), vol.2, 1997. p. 871-874.

AUBERGÉ, Véronique & LUDOVIC, L. The prosody of smile. In: **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion**. Newcastle, september, 2000.

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. [Original: How to do things with words, 1962]

AZEVEDO, Luciana Lemos. **Expressão da atitude através da prosódia em indivíduos com doença de Parkinson idiopática**. 318f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística). Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2007.

BAILLY, Danielle. Modulations sur la modalisation. In: RUSSIER, Colette; STOFFEL, Henriette & VÉRONIQUE, Daniel. **Modalisations en langue étrangère**. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1991. p. 31-32.

BAPTISTA, Patrícia. Ato de fala e prosódia: uma inter-relação, um casamento feliz. In: MENDES, Eliana, OLIVEIRA, Paulo & BENN-IBLER, Veronika (orgs.) **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p. 257-266.

BARTELS, C. **The intonation of English Statements and Questions**. New York: Garland Publishers Incorporation, 1999.

BELLER, Grégory et alii. Speech rates in french expressive speech. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

BENUS, Stefan et alii. Pauses in deceptive speech. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

BODOLAY, A. **Pragmática da Entonação: a relação prosódia/contexto em atos diretivos no português**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras: UFMG. Em andamento.

BOLINGER, Dwight. **Interrogative structures of American English**. Alabam: University of Alabama Press, 1957.

BOLINGER, Dwight. Yes-no-Questions are not alternative questions. In: HIZ, Henry (ed). **Questions**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1978. p. 87-105.

BOLINGER, Dwight. **Intonation and its Parts**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

BORILLO, A. **Structure et valeur de l'interrogation totale en français**. Thèse de Doctorat. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1978. apud PURSON, Alain. **Vers um modèle classificatoire des actes de question: étude intonative des demandes de confirmation**. Memoire de DEA. Aix-en-Provence, Université de Provence, 1996.

BREDVAD-JENSEN, Anne-Christine. Tonal interaction between attitude and grammar. In: FRETHEIM, Thorstein (ed). **Nordic Prosody II**. [s.l.]: Tapir, 1981. p. 51-62.

BRINCKMANN, C & BENZMÜLLER, R. The relationship between utterance type and F₀ contour in German. In: **Proceedings Eurospeech**. Budapeste, 1999. p. 21-24.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A Entoação do Português Brasileiro. In: **Estudos Lingüísticos n. 3**, GEL-UNESP, Campus de Araraquara, 1980. p. 308-329.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O Sistema Entoacional do Português do Brasil. In: **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. Tese de Livre Docência. Campinas, Unicamp, 1981. cap. XII.

CALCANHOTO, Adriana. Abril. In: PINHEIRO, Leila. **Na ponta da língua**. São Paulo: Emi, 1998. (1 Cd - inclui encarte).

CAMPBELL, Nick. Databases of emotional speech. In: **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion**. Newcastle, september, 2000. p. 34-38.

CAMPBELL, Nick. On the structure of spoken language. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

CAUBET, Dominique. Rapport. In: RUSSIER, Colette; STOFFEL, Henriette & VÉRONIQUE, Daniel. **Modalisations en langue étrangere**. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1991. p. 9-15.

CAVALCANTI, Péricles. Tema de Alice. In: Calcanhoto, Adriana. **A fábrica do poema**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994. (1 Cd – inclui encarte).

CHEN, Aoju. Interface between structure and intonation in Dutch WH-questions. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

CHUENWATTANAPRANITHI, Suthathip et alii. Expressing anger and joy with the size code. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

CHUNG, S. **Expression and perception of emotion extracted from the spontaneous speech in Korean and English**. ILPGA, Sorbonne Nouvelle University, Paris, available from: <<http://www.people.ne.mediaone.net/sangikoh/soojinchung.htm>>

COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An introduction to English Prosody**. Tübingen: Niemeyer, 1986.

COWIE, Roddy. Describing the emotional states expressed in speech. In: COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E & SCHRÖDER, M (eds). **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion**. Newcastle, september, 2000. p. 11 a 18.

CROCCO, Claudia. Prosodic and informational aspects of polar questions in Neapolitan Italian. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

CRUTTENDEN, Alan. Falls and rises, meanings and universals. **Journal of Linguistics**, 17, v. 1, 1979. Apud: BREDVAD-JENSEN, Anne-Christine. Tonal interaction between attitude and grammar. In: FRETHERM, Thorstein (ed). **Nordic Prosody II**. [s.l.]: Tapir, 1981. p. 51-62.

CRUTTENDEN, Alan. **Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CRYSTAL, David. **Prosodic Systems and Intonation in English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

CRYSTAL, David. **A dictionary of Linguistics and Phonetics**. 2nd ed. Oxford: Basil Blackwell Inc, 1985. p. 162; 254.

CRYSTAL, David. Encyclopedia of the English Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. Apud: WICHMANN, Anne. The attitudinal effects of prosody, and how they relate to emotion. In: COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E & SCHRÖDER, M (eds). **Proceedings ISCA, Workshop on speech and emotion**, 2000.

DIJKSTRA, Christel; KRAHMER, Emiel & SWERS, Marc. Manipulating uncertainty – the contribution of different audiovisual prosodic cues to the perception of confidence. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

DOUGLAS-COWIE, Ellen; COWIE, Roddy & SCHRÖDER, Marc. A new emotion database: considerations, sources and scope. In: COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E & SCHRÖDER, M (eds). **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion**. Newcastle, september, 2000. p. 39-44.

DUBOIS, Jean et alii. **Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage**. Paris: Larousse, 1994. p. 255.

DUCROT, Oswald. A quoi sert le concept de modalité? In: DITTMAR, Norbert & REICH, Astrid (eds). **Modality in Language Acquisition**. Berlim: Walter de Gruyter, 1993. p. 111-129

FAURE, G. Contribution à l'étude du statut phonologique des structures prosodématiques. Apud: COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An introduction to English Prosody**. Tübingen: Niemeyer, 1986.

FERNANDES, Norma Hochgreb. **Contribuição para uma Análise Instrumental da Acentuação e Intonação do Português**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio – sec. XXI**. 3. ed. (ed. rev e amp.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FÓNAGY, Ivan. As funções modais da entonação. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n° 25, jul/dez de 1993. p. 25-65.

FÓNAGY, Ivan. Des fonctions de l'intonation: essay de synthèse. In: **Flambeau**, Tokyo, n. 29, 2003. p. 1-20.

FÓNAGY, Ivan & BÉRARD, Eva. Questions totales simples et implicatives en français parisien. In: GRUNDSTROM, Allan & LÉON, Pierre (eds). **Studia Phonetica - Interrogation et Intonation**. Ottawa, n. 8, 1973. p. 53-97.

FÓNAGY, I. & BÉRARD, E. Bleu ou vert? – analyse et synthese des enoncés disjonctifs. In: WAUGH, Linda & SCHOONEVELD, C. (eds) **The melody of language – intonation and prosody**. Baltimore: University Park Press, 1980. p. 81-114.

FONTANEY, Louise. À la lumière de l'intonation. In: KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (ed). **La question**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991. p. 113-161.

FRIES, C. On the Intonation of 'Yes-No' Questions in English. In: ABERCROMBIE, D. et alii (eds). **In Honour of Daniel Jones**. London: Longmans, 1964. p. 242-254.

GEBARA, E. M. Scarpa. **Alguns Aspectos da Intonação no Português**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1976.

GELUYKENS, R. True to form: rising and falling declaratives as questions in English. *Journal of Pragmatics*, n. 12. p. 467-485. Apud: ŠAFÁŘOVÁ, Marie & SWERTS, Marc. On recognition of declarative questions in English. In: **Proceedings Speech Prosody 2004**, Nara (Japan), março, 2004. p. 313-316.

GOBL, C & NÍ CHASAIDE, A. The role of voice quality in communicating emotion, mood and attitude. **Speech communication**, n. 40, 2003. p. 189-212.

GRANDJEAN, Didier & SCHERER, Klaus. Examining the neural mechanisms involved in the affective and pragmatic coding of prosody. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

GREASLEY, P et alii. Representation of Prosodic and Emotional Features in a Spoken Language Database. In: **Proceedings ICPHS 95**, Stockholm, 1995. p. 242-245.

GRÉSILLON, A. Interrogation et Interlocution. 1981. Apud: KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (ed). **La question**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991.

GRIMM, Michael; KROSCHER, Kristian & NARAYANAN, Shrikanth. Modeling emotion expression and perception behavior in auditive emotion evaluation. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

GRUNDSTORM, Allan. L'intonation des questions em français standard. In: GRUNDSTROM, Allan & LÉON, Pierre (eds). **Studia Phonetica - Interrogation et Intonation**. Ottawa, n. 8, 1973. p. 19-52.

GUSSENHOVEN, Carlos. Intonation and Interpretation – Phonetics and Phonology. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. **Intonation and Grammar in British English**. Mouton: The Hague, 1967.

HALLIDAY, M. A. K. **A Course in Spoken English**. Oxford: Oxford University Press, 1970.

't HART, Johan, COLLIER, René. & COHEN, Antonie. **A Perceptual Study of Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HAZAEEL-MASSIEUX, Guy. Genese ou histoire de la modalité verbale en créole de guadeloupe. In: RUSSIER, Colette; STOFFEL, Henriette & VÉRONIQUE, Daniel. **Modalisations en langue étrangère**. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1991. p. 17-30.

HEDBERG, Nancy; SOSA, Juan & FADDEN, Lorna. Meanings and configurations of questions in English. In: **Proceedings Speech Prosody 2004**, Nara (Japan), março, 2004. p. 309-312.

HEDBERG, Nancy; SOSA, Juan & FADDEN, Lorna. Tonal constituents and meanings of yes-no questions in american english. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

HIRST, Daniel. Structures and categories in prosodic representations. In: CUTLER, A. & LADD, D. R. **Prosody: models and measurements**. Berlin: Heidelberg, 1983. p. 93-109.

HIRST, Daniel. **La Représentation Linguistique des Systèmes Prosodiques: une Approche Cognitive**. Thèse de Doctorat d'Etat. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1987.

HIRST, Daniel. Form and Function in the representation of speech prosody. **Speech communication**, v. 46, 2005. p. 334-347.

HIRST, Daniel & DI CRISTO, Albert. **Intonation Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HIRST, Daniel, DI CRISTO, Albert & ESPESSER, Robert. Levels of representation and levels of analysis for the description of intonation systems. In: HORNE, M. (ed). **Prosody: theory and experiment**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2000. p. 51-87.

HÍŽ, Henry (ed). **Questions**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1978.

HOCHGREB, Norma. **Análise Acústico-Perceptiva da Entoação do Português: A Frase Interrogativa**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1983.

HOLANDA, Chico Buarque de. Almanaque. In: HOLANDA, C. B. de. **O Sambista**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2000. (1 Cd).

IBRAKHIM, Inga. Universal and linguistic features of expressing emotional information: differentiation in the perception level. In: **Proceedings Speech Prosody 2004**, Nara (Japan), março, 2004. p. 659-662.

IMAZUMI, Satoshi et alii. Development of the brain mechanism for understanding speaker's intents from speech. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

KEHREIN, Roland. The prosody of authentic emotions. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em julho de 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Introduction. In: KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (ed). **La question**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991. p. 5-37.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. L'acte de question et l'acte d'assertion: opposition: discrète ou continuum? In: KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (ed). **La question**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1991. p. 87-112.

KLASMEYER, G & SENDLMEIER, W. Objective voice parameters to characterize the emotional content in speech. In: **Proceedings ICPHs 95**, Stockholm, 1995. p. 182-185.

KRAHMER, et alii. The dual of denial: two uses of disconfirmation dialogue and their prosodic correlates. In: **Speech Communication**, 36, 2002. p 133-145.

LADÁNYI, Peter. Zur logischen Analyse der Fragesätze. *Acta Linguistica*, 15. 1965. p-37-65. Apud FÓNAGY, Ivan. As funções modais da entonação. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n° 25, jul/dez de 1993. p. 25-65.

LADD, Robert. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LADD, Robert. The structure of intonational meaning. London: Indiana University Press, 1978. Apud: WICHMANN, Anne. The attitudinal effects of prosody, and how they relate to emotion. In: COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E & SCHRÖDER, M (eds). **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion**. Newcastle, september, 2000.

LADD, Robert; SCHERER, Klaus & SILVERMAN, Kim. An integrated approach to studying intonation and attitude. In: JOHNS-LEWIS, C (ed). **Intonation in Discourse**. London: Croom Helm, 1986. p. 125-138.

LANG, Ranier. Questions as epistemic requests. In: HIZ, Henry (ed). **Questions**. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1978. p. 301-318.

LANGACKER, Ronald. English Question Intonation. In: SADOCK, Jerrold & VANEK, Anthony (eds). **Studies presented to Robert B. Lees by his students**. Alberta: Linguistic Research Inc., 1970. p. 139-161.

LAUKKANEN, Anne-Maria et alii. On the perception of emotional content in speech. In: **Proceedings ICPHs 95**, Stockholm, 1995.

LEE, W. R. A point about the Rise-Endings and Fall-Endings of Yes-No-Questions. In: WAUGH, Linda & SHOONEVELD, C. (eds) **The melody of language – intonation and prosody**. Baltimore: University Park Press, 1980. p. 165-168.

LEHISTE, Ilse. **Suprasegmentals**. Massachusetts: MIT Press, 1970.

LEINONEN, Lea et alli. Expression of emotional-motivational connotations with a one-word utterance. In: **JASA**, 102 (3), setembro de 1997. p. 1853-1863.

LIEBERMAN, Philip & MICHAEL, Sheldon. Some aspects of fundamental frequency and envelope amplitude as related to the emotional content of speech. In: BOLINGER, D. **Intonation**. London: Penguin Books, 1972. [First published in Journal of the Acoustic Society of America, 1962].

LOPES, Mário Alexandre Garcia. **A prosódia da frase alternativa na fala de crianças**. 145f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Letras, 2001.

MADUREIRA, Sandra. Expressividade da fala. In: KYRILLOS, Leny (org.). **Expressividade – da teoria à prática**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 15-25.

MARI, Hugo. A teoria dos atos de fala entre convenções e intenções. In: MENDES, Eliana, OLIVEIRA, Paulo & BENN-IBLER, Veronika (orgs.) **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p. 79-87

MATTE, Ana Cristina Fricke. Neutral speech corpora – a test for neutrality. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

MEJVALDOVÁ, Jana & HORÁK, Petr. Synonymie et homonymie attitudinale en tchèque et en français. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em abril de 2006.

MENDES, Eliana, OLIVEIRA, Paulo & BENN-IBLER, Veronika (orgs.) **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001.

MIRANDA, Izabel. **Aspectos prosódicos da fala do idoso**. 139f. Dissertação. (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2001.

MORAES, João. **Recherches sur l'Intonation Modale du Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro**. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1984.

MORAES, João. A Entoação Modal Brasileira: Fonética e Fonologia. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas: IEL- Unicamp, 1993; n° 25, p. 25-66.

MORAES, João. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, Daniel & DI CRISTO, Albert. **Intonation Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 179-194.

MORAES, João Antônio de & STEIN, Cirineu Cecote. Attitudinal patterns in brazilian portuguese intonation: analysis and synthesis. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

MORLEC, Y., BAILLY, G. & AUBERGÉ, V. Synthesising attitudes with global rhythmic and intonation contours. In: **Proceedings of Eurospeech 97**, Rhodes (Greece), vol.1, 1997. p. 219-222.

MORLEC, Yann; BAILLY, Gérard & AUBERGÉ, Véronique; Generating prosodic attitudes in French: Data, model and evaluation. **Speech Communication**, n. 33, v. 4, 2001. p. 357-371.

MORTON, Katherine. Pragmatic Phonetics: acoustic correlates. In: **Proceedings ICPHS 95**, Stockholm, 1995. p. 254-257.

MOZZICONACCI, Sylvie. Pitch variations and emotions in speech. In: **Proceedings ICPHS 95**, Stockholm, 1995. p. 178-181.

MOZZICONACCI, Sylvie. **Speech variability and emotion: production and perception**. Doctoral Thesis. Eindhoven, Technische Universiteit Eindhoven, 1998.

MOZZICONACCI, Sylvie. Emotion and attitude conveyed in speech by means of prosody. In: **The 2nd workshop on attitude, personality and emotions in user**. Sonthofen, Germany, July, 2001.

MOZZICONACCI, Sylvie. Prosody and emotions. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em abril de 2006.

MOZZICONACCI, Sylvie & HERMES, D. A study of intonation patterns in speech expressing emotion or attitude: production and perception. In: **IPO Annual Progress Report**, n° 32, 1997. p. 154-160.

MOZZICONACCI, Sylvie & HERMES, D. Role of intonation patterns in conveying emotion in speech. In: **Proceedings of XIV ICPHS**, San Francisco, 1999. p. 2001-2004.

MOZZICONACCI, Sylvie & HERMES, D. Variations temporelles communiquant l'émotion dans la parole. In: **JEP**, Aussois, France, 2000. p. 145-148.

MUNBY, J. **Communicative Syllabus Design**. Cambridge, CUP, 1978. Apud: TENCH, Paul. **The roles of intonation in English Discourse**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1990. 534p.

NASCIMENTO, A. **Análise Prosódica do Vocativo na Fala de Crianças: uma Abordagem Fonética**. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: UFMG, 2000.

NICOLE, Julie, VINCENT, Diane & LAFOREST, Marty, Pour une analyse acoustique de l'étonnement dans le discours oral spontané. In: DOLBEC, Jean & OUELLET, Marise. Recherches en Phonétique et en Phonologie au Québec. 63^{ème} **Congrès de l'ACFAS à l'Université du Québec**. 1995. p. 1-7-122.

NIKOV, Michel. Des mecanismes de constitution du contour melodique dans les questions oui-non en français. In: **Proceedings of the XIth International Congress of Phonetic Sciences**. Tallinn, agosto/1987. v. 4, p. 259-262.

O'CONNOR J. D. & ARNOLD, G.F. **Intonation of Colloquial English**. London: Longman, 1961.

OHALA, John. Cross language use of pitch: an ethological view. **Phonetica**, v. 40, 1983. p. 1-18.

OHALA, John. An ethological perspective on common cross-language utilization of F₀ in voice. **Phonetica**, v. 41, 1984. p. 1-16.

PAKOSZ, Maciej. Prosodic features and emotive meaning. In: **Lingua**, v. 58, n^{os} 3/4, nov/dez 1982. p. 309-326.

PIERREHUMBERT, J. B. **The Phonology and Phonetics of English Intonation**. PhD Dissertation, MIT, 1980.

PIERREHUMBERT, Janet & HIRSCHBERG, Julia. The meaning of intonational contours in the interpretation of discourse. In: COHEN, Philip, MORGAN, Jerry & POLLACK, Martha. **Intentions in Communication**. Massachusetts: MIT Press, 1990. p. 271-311.

PIKE, K. **The Intonation of American English**. Michigan: University of Michigan Press, 1945.

PIOT, Olivier. Attitudes and Yes-No Questions in Standard French. In: **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion**. Newcastle, september, 2000. p. 81-85.

PIOT, Olivier & LYAGHAT, Mehdi. Expression et reconnaissance de onze attitudes assertives et interrogatives em persan satandard. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em abril de 2006.

PURSON, Alain. **Vers um modèle classificatoire des actes de question: étude intonative des demandes de confirmation.** Memoire de DEA. Aix-en-Provence, Université de Provence, 1996. 76f.

RANDO, Emily. Intonation in Discourse. In: WAUGH, Linda & SCHOONEVELD, C. (eds) **The melody of language – intonation and prosody.** Baltimore: University Park Press, 1980. p. 165-168.

REIS, César. **L'Interaction Entre l'Accent, l'Intonation et le Rythme en Portugais Brésilien.** Thèse de Doctorat. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1995.

REIS, César. A entonação no ato de fala. In: MENDES, Eliana, OLIVEIRA, Paulo & BENNIBLER, Veronika (orgs.) **O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias.** Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p. 221-229.

RIZZO, Josefa F. Pascual. **O Papel da Entoação do Português Brasileiro na Descrição dos Atos de Fala.** Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1981.

ROACH, P et al. Transcription of prosodic and paralinguistic features of emotional speech. **Journal of International Phonetic Association**, n. 28, 1998. p. 83-94.

ROULET, Eddy. Des formes et des emplois des modalisateurs de proposition dans l'interaction verbale. In: DITTMAR, Norbert & REICH, Astrid (eds). **Modality in Language Acquisition.** Berlin: Walter de Gruyter, 1993. p. 27-40.

SADOCK, Jerrold. Whimperatives. In: SADOCK, Jerrold & VANEK, Anthony (eds). **Studies presented to Robert B. Lees by his studentes.** Alberta: Linguistic Research Inc., 1970. p. 223-238. Apud COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An introduction to English Prosody.** Tübingen: Niemeyer, 1986.

ŠAFÁŘOVÁ, Marie & SWERTS, Marc. On recognition of declarative questions in English. In: **Proceedings Speech Prosody 2004**, Nara (Japan), março, 2004. p. 313-316.

SCHERER, K. R. Nonlinguistic vocal indicators of emotion and psychopathology. In: IZARD, C. E. (ed). **Emotions in Personality and Psychopathology.** New York: Plenum, 1979. p. 495-529. Apud: COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An introduction to English Prosody.** Tübingen: Niemeyer, 1986.

SCHERER, Klaus. Emotion expression in speech and music. In: SUNDBERG, Johan; NORD, Lennart & CARLSON, Rolf (eds). **Music, language, speech and brain.** London: Maximilian Press Ltd, 1991. p. 146-156.

SCHERER, K. Vocal Communication of emotion: a review of research paradigms. **Speech Communication**, v. 40, 2003. p. 227-256.

SCHERER, K. R. Toward a concept of 'modal emotions'. In: EKMAN, P & DAVIDSON, R. (eds.) **The Nature of Emotion**. Oxford: Oxford University Press, 1994. Apud: WICHMANN, Anne. Attitudinal Intonation and the Inferential Process. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em abril de 2006.

SCHERER, Klaus & BANZIEGER, Tanja. Emotional expression in prosody: a review and agenda for future research, In: **Proceedings Speech Prosody 2004**, Nara (Japan), março, 2004. p. 359-366.

SCHRÖDER, Marc; HEYLEN, Dirk & POGGI, Isabella. Perception of non-verbal emotional listener feedback. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

SEARLE, John. **Os actos de fala** – um ensaio de Filosofia da Linguagem. Tradução de Carlos Vogt et al. Coimbra: Livraria Almedina, 1981. [Original: **Speech Acts**, 1969]

SHOCHI, Takaaki; AUBERGÉ, Véronique & RILLIARD, Albert. How prosodic attitudes can be false friends: Japanese vs. French social affects. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

STANKIEWICZ, E. Problems of emotive language. In: SOBEOK, A et al (eds). **Approachs to Semiotics**. Mouton: The Hague, 1964. p. 239-264. Apud: COUPER-KUHLEN, Elizabeth. **An introduction to English Prosody**. Tübingen: Niemeyer, 1986.

TENCH, Paul. **The roles of intonation in English Discourse**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1990. 534p.

TROUVAIN, Jürgen et alii. Modeling personality features by changing prosody in synthetic speech. In: **Proceedings of III Speech Prosody**. Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

ULDALL, Elizabeth. Dimensions of meaning in intonation. In: BOLINGER, D. **Intonation**. London: Penguin Books, 1972. [First published in ABERCROMBIE, David (ed). In honour of Daniel Jones. London: Longman, 1964].

VADERVEKEN, D. **Meaning and Speech Acts**. Cambridge, CUP, 1990.

VÉRONIQUE, Daniel. Modalisation et modalités. In: GIACOMI, Alain; STOFFEL, Henriette & VÉRONIQUE, Daniel. **Appropriation du français par dès Marocains**

arabophones à Marseille. Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 2000. p. 113-128

VIGÁRIO, M. **Aspectos da prosódia do Português Europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica.** Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1998.

VION, Robert. Rapport. In: RUSSIER, Colette; STOFFEL, Henriette & VÉRONIQUE, Daniel. **Modalisations en langue étrangère.** Aix-en-Provence: Publications de l'Université de Provence, 1991. p. 83-89.

VON STUTTERHEIM, Christiane. Modality: function and form in discourse. In: DITTMAR, Norbert & REICH, Astrid (eds). **Modality in Language Acquisition.** Berlin: Walter de Gruyter, 1993. p. 3-26.

WALLBOTT, Harald & SCHERER, Klaus. Cues and Channels in Emotion Recognition. In: **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 51, n. 4, 1986. p. 690-699.

WERKEMA, Maria Cristina Catarino & AGUIAR, Sílvio. **Planejamento e análise de experimentos: como identificar as principais variáveis influentes em um processo.** Belo Horizonte: Fundação Christiano Ottoni (Escola de Engenharia da UFMG), 1996.

WICHMANN, Anne. The attitudinal effects of prosody, and how they relate to emotion. COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E & SCHRÖDER, M (eds). **Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion.** Newcastle, september, 2000.

WICHMANN, Anne. Attitudinal Intonation and the Inferential Process. In: **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, abril/2002. Disponível em: <<http://www.lpl.univ-aix.fr/sp2002/papers.htm>> Acessado em abril de 2006.

WILLIAMS, Carl & STEVENS, Kenneth. Emotions and speech: some acoustical correlates. In: **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 52, n. 4, parte 2, 1972. p. 1238-1250.

YANUSHEVSKAYA, Irena; GOBL, Christer & NÍ CHASAIDE, Ailbhe. Mapping voice to affect: japanese listeners. In: **Proceedings of III Speech Prosody.** Dresden, maio de 2006. CD-Rom.

APÊNDICE
Guia de faixas do CD

Faixa	Frase	Transcrição ortográfica	Página
01	08p08 – loc 8	Você começaria novamente como professor?	140
02	08p65 – loc 1	Será que tem alguém na banda, que tem cara de nadador, ali, Rogério, será?	140
03	10p47 – loc 1	Posso ir lá?	140
04	06p01 – loc 4	Ela é possível de ser recuperada no Brasil?	140
05	08p08 – loc 3	O que fazer para acabar com isso e para que as leis sejam realmente criadas a partir de demandas sociais?	140
06	06p42 – loc 1	O quê que você não gostou no filme?	140
07	10p31 – loc 1	Quê que cê tá fazendo?	141
08	13p31 – loc 1	Esse é de onde?	141
09	06p06 – loc 8	Cê acha que a inflação que tá aí é motivada pelo consumo?	146
10	20p01 – loc 1	Você gosta de mandar cartas?	157
11	08p02f – loc 8	Agora, sabe o quê que significa isso?	158
12	15p38 – loc 1	Pô, cês fazem de tudo lá?	165
13	06p28 – loc 1	Você já esteve na biblioteca?	168
14	08p56 – loc 1	Não é muito novo não?	168
15	08p14 – loc 3	Ela tem contemplado todos os segmentos sociais?	170
16	15p15 – loc 3	Quais são os objetivos desse programa?	172
17	09p09 – loc 7	Como é que você gostaria de comentar esses dois?	173
18	17p07 – loc 4	Como é que fica então? Nós já vamos entrar nesse debate com ele vencido?	173
19	16p07 – loc 8	Cê acha que isso é certo?	173
20	16p09 – loc 8	Pra quê vender áreas da Petrobrás? Por que continuar privatizando bancos? Por que fazer a transposição do São Francisco? Por quê?	173
21	06p55 – loc 1	Alguém já foi a alguma partida de vôlei?	173
22	17p02 – loc 7	E são duas formações que indiscutivelmente se emendam, né?	173
23	08p45 – loc 1	Quê que cê faz no projeto?	188
24	06p34 – loc 1	Tem muitos filmes nacionais em cartaz ou tá equilibrado?	210
25	13p08 – loc 5	Nos países desenvolvidos isso é uma prática ou não?	211
26	20p26 – loc 1	As inscrições tão abertas ainda ou já tão fechadas?	211
27	16p09 – loc 8	Pra que continuar privatizando bancos?	233
28	15p06 – loc 4	Como é que fica?	234
29	06p01 – loc 2	Como é que é esse artigo que você faz?	234
30	15p15 – loc 3	Quais são os objetivos desse programa?	235
31	06p39 – loc 1	Quem viu filme nacional aí no ano passado?	235
32	20p49 – loc 1	Turma rala demais, né?	273
33	07p05 – loc 5	Mais ou menos no dia dez de dezembro?	273
34	15p16 – loc 1	Cê acredita mesmo?	274
35	06p16 – loc 4	Professor da UNB, não é isso?	274
36	16p00 – loc 8	Será que o Lula até hoje não tem consciência?	276
37	16p02 – loc 6	Pode-se dizer isso em relação ao Lula?	276
38	06p06 – loc 4	É tão complicado assim?	277
39	07p08 – loc 5	Também já tem a sua opinião?	277
40	08p15 – loc 3	Elas têm lutado por todas as causas necessárias?	278
41	06p14 – loc 4	Vão encarar?	278